

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

NUBIA GRACIELLA MENDES MOTHÉ

**VARIAÇÃO E MUDANÇA AQUÉM E ALÉM MAR:
GERÚNDIO VERSUS INFINITIVO GERUNDIVO NO PORTUGUÊS DOS SÉCULOS XIX E XX**

**RIO DE JANEIRO
2007**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

NUBIA GRACIELLA MENDES MOTHÉ

**VARIAÇÃO E MUDANÇA AQUÉM E ALÉM MAR:
GERÚNDIO VERSUS INFINITIVO GERUNDIVO NO PORTUGUÊS DOS SÉCULOS **XIX** E **XX****

Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa apresentada à Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Língua Portuguesa.

Orientador: Professor Doutor Afranio Gonçalves Barbosa.

**RIO DE JANEIRO
2007**

Mothé, Nubia Graciella Mendes.

Varição e mudança aquém e além mar: *gerúndio* versus *infinitivo gerundivo* no Português dos séculos XIX e XX. / Nubia Graciella Mendes Mothé. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2007.
260 f.

Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de
Letras, 2007.

Orientador: Afranio Gonçalves Barbosa

1. Sociolinguística Histórica. 2. diacronia. 4. Infinitivo gerundivo 5. Gerúndio 6. Português Europeu 7. Português Brasileiro.

Curso de Pós-graduação em Letras Vernáculas. .

MOTHÉ, Nubia Graciella Mendes. *Variação e mudança aquém e além mar: gerúndio versus infinitivo gerundivo no Português dos séculos XIX e XX.* 2007. 260 p. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2007.

BANCA EXAMINADORA:

Professor Doutor Afranio Gonçalves Barbosa
(Departamento de Letras Vernáculas / UFRJ)
Orientador

Professora Doutora Dinah Maria Isensee Callou
(Departamento de Letras Vernáculas / UFRJ)

Professor Doutor Mario Eduardo Toscano Martelotta
(Departamento de Lingüística / UFRJ)

Professora Doutora Sílvia Rodrigues Vieira
(Departamento Letras Vernáculas / UFRJ)
Suplente

Professora Doutora Maria Maura da Conceição Cezario
(Departamento de Lingüística / UFRJ)
Suplente

Defendida a Tese:

Conceito:

Em: / / 2007.

*Dedico este trabalho aos meus pais, Nina Greice e Nilson,
não só por tudo que fizeram para que eu chegasse até aqui,
mas por tudo que representam em minha vida.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, ao meu orientador Afranio Gonçalves Barbosa, por toda dedicação nessa longa jornada de orientação, desde os tempos do Português IV, curso em que desenvolvi, graças ao seu ensinar, meu gosto já existente pela investigação acerca da História da Língua. Certamente cresci muito como pessoa e profissional nesses já quase cinco anos de convivência. Orgulho-me muito por ser sua orientanda, sua “filha acadêmica”. De fato sentia-me “orientada” toda vez que surgia uma dúvida, um desespero, um problema. Obrigada por sempre ter sido tão paciente e solícito. Você tem sido um exemplo pra mim.

Aos professores da graduação e pós-graduação por todos os ensinamentos, fossem lingüísticos ou não. De uma forma ou de outra, todos vocês me ajudaram a chegar onde estou. Agradeço em especial às professoras Célia Lopes e Sílvia Becher pelas conversas; à professora Dinah Callou pelas dúvidas solucionadas e pelos livros constantemente emprestados; à Sílvia Rodrigues e Márcia Machado pelas preciosas observações durante o curso sobre Sociolingüística; aos professores Mario Martelotta, Maria Maura Cezario, Violeta Virginia e Vera Paredes, também pelas importantes contribuições durante o curso de mestrado em Língua Portuguesa.

Ao CNPq, por ter financiado minha pesquisa quando a mesma começou, ainda na graduação, como Bolsista de Iniciação Científica durante dois anos consecutivos.

À FAPERJ, pelo financiamento no meu último ano de mestrado através da Bolsa Nota 10. Sem esse apoio, teria sido muito difícil dedicar-me integralmente ao labor acadêmico para execução deste trabalho.

À minha amiga Paula, por tudo, desde 2001/1, quando nos conhecemos ainda calouras na mesma turma. Graças a você, com seus exemplos “de dentro de casa”, aprendi o que é a vida acadêmica propriamente dita, o valor da pesquisa científica para a Universidade, para o país... Não fosse por você, talvez eu tivesse simplesmente “passado” pela Faculdade de Letras sem realmente aproveitar as oportunidades que me surgiram. A ela também agradeço pela atenção e presteza dispensadas ao revisar com carinho e por amizade este trabalho agora concluído.

Ao meu amigo Ivo, pelos “papos” acadêmicos durante os cursos freqüentados no mestrado. Admiro muito você, amigo. Pela postura, pela inteligência, pela integridade, pelo “fôlego” de trabalho e estudo, pela simpatia e docilidade. Também não poderia deixar de agradecer pela leitura e revisão atenta e cuidadosa deste trabalho, ainda que com pouco tempo, seguidas de sugestões valiosíssimas na reta final do processo.

Aos colegas de faculdade, de CLAC e de *Alfa e Ômega*, que me ajudaram a aproveitar ao máximo o que a Faculdade de Letras tinha a me oferecer: não só aulas e teoria, mas sentimento e amizade. Agradeço especialmente a Luiza e Márcia, pela amizade e apoio. Agradeço a Cristiane Prescila por ser, inexplicavelmente, essa amiga tão especial, pelas trocas de confidências, pelas orações, pelo carinho e solidariedade.

Aos colegas, mais que isso, amigos, da sala de pesquisa mais querida da Faculdade de Letras: a F-316. Certamente cumprir as 20 horas de pesquisa semanais era muito mais gostoso tendo vocês ao lado para trocar idéias, tirar dúvidas, refletir o fazer acadêmico e, claro, brincar e rir bastante quando o trabalho já não rendia tanto quanto esperado. Meus agradecimentos especiais a Alexandre, Aline, Felipe, Leonardo, Monique, Rosane e Sabrina. Além de tantos outros que vez por outra freqüentavam nossa salinha para compartilhar tudo isso conosco.

Aos amigos de fora da Faculdade de Letras, por terem tolerado minha ausência dos acontecimentos sociais nos últimos meses. Mesmo sabendo do “confinamento” para escrever esta dissertação, vocês jamais deixaram de me ligar, de me convidar, de me incluir nas programações. Era difícil, mas me esforçava para estar junto de vocês. Agora acabou essa fase. Quero matar as saudades que estou acumulando há meses de cada um de vocês. Babi, Paty e Nitty: vamos “marcar de dormir” em breve, certo?! Diego, Elias, Fernanda, Luis Gonzaga, Marcelo, Shirlei e aos demais amigos não mencionados aqui, obrigada pela compreensão e apoio nesse período.

Ao pessoal do *Projeto Constelação* e “agregados”. Meus mais novos amigos e companhia mais freqüente nesses últimos meses. Era a vocês que eu recorria nessa reta final quando precisava desopilar, aliviar a tensão... Com vocês a animação era garantida! Obrigada

especialmente ao Felipe por ter me apresentado a essas pessoas tão especiais com quem compartilhamos muitas coisas, inclusive o sonho por um Brasil mais justo e com oportunidades de educação para todos.

Aos meus tios Márcia e Márcio. Em todo momento vocês foram bênçãos de Deus na minha vida. Foi através de vocês que conheci as Boas Novas, o que tenho de mais precioso em mim. Obrigada por me acolherem como filha em sua casa durante três anos de faculdade, sem restrição alguma, deixando-me à vontade no meio de vocês. Vocês são, verdadeiramente, minha segunda família. Não fosse por vocês, não seria tão pontual nas aulas e nem teria como sair da Ilha do Fundão tantas vezes após as 19h00. Além disso, a qualquer hora havia uma comidinha caseira e o aconchego de familiares tão especiais me esperando. Obrigada por tudo.

À minha irmã querida, Nicole, por ser essa grande companheira que você é não importa a situação. Você não é só minha irmã, mas minha melhor amiga, minha “pequena” que quero ter ao lado em qualquer circunstância. Amo você demais.

Aos meus pais, Nina Greice e Nilson, pela educação que me deram e pelo empenho em me fornecer o melhor para que eu chegasse até aqui. Vocês não fazem idéia de como sempre me foi importante ver os seus olhinhos de aprovação e orgulho a cada conquista minha. Simplesmente não há palavras para expressar tudo que sinto e tudo que tenho a agradecer a vocês. Basta dizer que os amo do fundo do coração. Eu não poderia ter pais melhores que vocês.

A todos os demais familiares e amigos que ao longo dos anos contribuíram de alguma forma e torceram pelo meu bom desempenho.

Finalmente, sobretudo, a Deus, por ter aberto todas as portas que foram necessárias para que eu chegasse até aqui; por me ter concedido saúde, força e sabedoria para lidar com todos os problemas durante essa trajetória, sempre me confortando através do Consolador; por me ajudar a compreender sua boa, perfeita e agradável vontade, ensinando-me através de seus meios a confiar nEle em qualquer circunstância. Obrigada, Pai, por encher-me da tua paz, amor e maravilhosa graça.

“...dos portugueses dos séculos XVI e XVII uma parte ficou em Portugal e outra se foi para longes terras, entre elas as receptivas terras da América. Logo, os portugueses que nos cederam o idioma foram os que para cá se transportaram. Teriam os colonizadores perdido a propriedade da língua por se haverem expatriado? Ou por acaso seus filhos, nascidos em terra americana, falavam uma língua que, sendo a de seus pais e a que haviam aprendido com o leite das suas mães, não lhes era mais própria porque a sua propriedade a tiveram registrada os que permaneceram em Portugal? [...] Chega-se assim à evidência de que para a geração atual de brasileiros, de guineenses, de cabo-verdianos, angolanos, moçambicanos, etc., o português é uma língua tão própria, exatamente tão própria, como para os portugueses.”

Celso Cunha

“O que desejamos é que, através do ensino, se resguarde a atual unidade superior da língua portuguesa, os traços essenciais que ainda permitem a compreensão entre os seus usuários. E em lingüística a unidade não é incompatível com a variedade, antes a pressupõe.”

Celso Cunha

“E essa República do Português não tem uma capital demarcada. Não está em Lisboa, nem em Coimbra; não está em Brasília, nem no Rio de Janeiro. A Capital da Língua Portuguesa estará onde estiver o meridiano da cultura. [...] onde, por sobre o mundo material, o homem possa construir perpetuamente o mundo do espírito em busca da precária verdade científica, da esquiva verdade poética, das luminosas verdades de Deus.”

Celso Cunha

MOTHÉ, Nubia Graciella Mendes. *Variação e mudança aquém e além mar: gerúndio versus infinitivo gerundivo no Português dos séculos XIX e XX*. 2007. 260 p. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Curso de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2007.

RESUMO

Esta dissertação investiga, diacronicamente, a variação entre as formas nominais que indicam aspecto progressivo em Língua Portuguesa: o *gerúndio* e a construção *a + infinitivo*, chamada de *infinitivo gerundivo*. Com base nos pressupostos teóricos da Sociolingüística laboviana, aplicados aqui à pesquisa Sociolingüística Histórica, procuramos, através da análise quantitativa, chegar a fatores que condicionaram o avanço do infinitivo gerundivo. Nesse sentido, buscamos demonstrar em que época o uso dessa variante teria iniciado sua expansão de maneira significativa em Portugal, gerando a oposição que hoje caracteriza uma diferença clara entre o Português Brasileiro e o Português Europeu. O *corpus* de análise, parte do projeto Varport (www.lettras.ufrj.br/varport), é composto por anúncios, editoriais e notícias de jornais brasileiros e portugueses dos séculos XIX e XX, além de entrevistas de língua falada culta das décadas de 1970 e 1990. Os resultados revelam que o avanço do infinitivo gerundivo em Portugal é mais recente do que se imaginava, datando de meados do século XX e, ademais, favorecido principalmente pelo tipo de estrutura verbal em que se encontra, sendo mais freqüente em estruturas perifrásticas com os auxiliares *estar*, *andar*, *ficar* e *continuar*. A partir da observação de exemplos da amostra, fazemos, também, uma análise qualitativa dos dados, de modo a investigar se há uma possível gramaticalização da preposição *a*, que, precedendo infinitivo, parece se comportar como um prefixo aspectual no Português Europeu.

Palavras-chave. Sociolingüística Histórica. Mudança lingüística. Diacronia. Aspecto progressivo. Gerúndio. Infinitivo gerundivo.

MOTHÉ, Nubia Graciella Mendes. *Variação e mudança aquém e além mar: gerúndio versus infinitivo gerundivo no Português dos séculos XIX e XX*. 2007. 260 p. Dissertation (Master's in Portuguese Language) - Curso de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2007.

ABSTRACT

This dissertation investigates diachronically the variation between two forms used to indicate the progressive aspect in Portuguese: the *gerund* and *gerundial infinitive* (preposition “a” + *infinitive*). The research is based on the Sociolinguistic principles proposed by Labov that here are applied to a Historical Sociolinguistic view. By means of a quantitative analysis, we tried to get to the constraints that led to the increase of gerundial infinitive in European Portuguese and also to find out exactly when its growth caused the linguistic change that today distinguishes the Brazilian Portuguese from the European one. The *corpus*, which is part of the Varport Project (www.lettras.ufrj.br/varport), is composed of ads, editorials and news in Brazilian and Portuguese newspapers from the 19th and 20th centuries, as well as spoken interviews recorded in the 1970 and 1990 decades. The results show that the gerundial infinitive increase in Portugal is much more recent than thought. In addition, it is mainly influenced by the kind of verbal structure in which it occurs, being more frequent in periphrastic structures with the auxiliary verbs *estar* (to be), *andar* (to walk), *ficar* (to stay) and *continuar* (to continue). Moreover, by observing examples from the *corpus*, we did a qualitative analysis of the data in order to try to prove that the preposition “a” followed by the infinitive form is possibly in process of grammaticalization and seems to be changing into an aspectual prefix in European Portuguese.

Keywords. Historical Sociolinguistics. Linguistic change. Diachrony. Progressive aspect. Gerund. “Gerundial infinitive”.

LISTA DE FIGURAS, GRÁFICOS, QUADROS E TABELAS

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Tipologia aspectual, segundo Mateus <i>et alii</i> (2003)	54
Figura 2: Esquema de classificação semântica dos verbos segundo Halliday (1994)	116

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Percentuais de uso de infinitivo gerundivo ao longo dos séculos XIX e XX no <i>corpus</i> de língua escrita do Português Brasileiro	150
Gráfico 2: Percentuais de uso de infinitivo gerundivo ao longo dos séculos XIX e XX no <i>corpus</i> de língua escrita do Português Europeu	158
Gráfico 3: Distribuição do infinitivo gerundivo pelas diferentes faixas etárias no <i>corpus</i> de língua falada em Portugal	177
Gráfico 4: Distribuição de infinitivo gerundivo nas diferentes estruturas verbais no Português Europeu escrito	205

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Perífrases de gerúndio segundo Bosque & Demonte (1999)	50
Quadro 2: Diferença <i>tempo x aspecto</i> , segundo Mateus <i>et alii</i> (2003)	53
Quadro 3: Verbos de operação aspectual (MATEUS <i>et alii</i> , 2003, 151)	55
Quadro 4: Subcategorias verbais relacionadas a tempo e aspecto, Coseriu <i>apud</i> Bechara (2001)	58

Quadro 5: Valores semânticos das perífrases aspectuais em castelhano (BOSQUE & DEMONTE, 1999)	60
Quadro 6: <i>Aspecto sintático x aspecto lexical</i> (LACA, 2002)	61
Quadro 7: Grupos de fatores para análise variacionista dos dados	66
Quadro 8: Verbos leves <i>versus</i> verbos semiauxiliares, segundo Mateus <i>et alii</i> (2003)	91
Quadro 9: Perífrases aspectuais em cinco línguas românicas (LACA, 2002)	111
Quadro 10: Grupos selecionados como relevantes para a variação gerúndio x infinitivo gerundivo nas rodadas realizadas	203
Quadro 11: Orações subordinadas reduzidas de gerúndio de acordo com as gramáticas tradicionais	238

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Dados cambiáveis e ambíguos no <i>corpus</i> de língua escrita do Português Brasileiro.	142
Tabela 2: Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerundivo nos gêneros textuais do <i>corpus</i> de língua escrita do Português Brasileiro	143
Tabela 3: Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerundivo dos tipos sintáticos de oração do <i>corpus</i> de língua escrita do Português Brasileiro	144
Tabela 4: Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerundivo das estruturas verbais do <i>corpus</i> de língua escrita do Português Brasileiro	146

- Tabela 5:** Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerundivo ao longo dos séculos XIX e XX no *corpus* de língua escrita do Português Brasileiro 149
- Tabela 6:** Dados cambiáveis e ambíguos no *corpus* de língua escrita do Português Europeu .. 151
- Tabela 7:** Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerundivo dos tipos sintáticos de oração do *corpus* de língua escrita do Português Europeu 152
- Tabela 8:** Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerundivo das estruturas verbais do *corpus* de língua escrita do Português Europeu 154
- Tabela 9:** Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerundivo ao longo dos séculos XIX e XX no *corpus* de língua escrita do Português Europeu 156
- Tabela 10:** Números absolutos e percentuais dos dados de acordo com o tipo semântico dos verbos no *corpus* de língua escrita do Português Europeu 159
- Tabela 11:** Números absolutos e percentuais dos dados de acordo com o tipo texto no *corpus* de língua escrita do Português Europeu 161
- Tabela 12:** Dados cambiáveis e ambíguos nos *corpora* de língua escrita do Português Brasileiro e do Português Europeu 162
- Tabela 13:** Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerundivo no Brasil e em Portugal nos *corpora* de língua escrita do Português Brasileiro e do Português Europeu ... 163
- Tabela 14:** Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerundivo das estruturas verbais dos *corpora* de língua escrita do Português Brasileiro e do Português Europeu 164

Tabela 15: Dados cambiáveis e ambíguos no <i>corpus</i> de língua falada do Português Brasileiro	168
Tabela 16: Dados cambiáveis e ambíguos no <i>corpus</i> de língua falada do Português Europeu .	169
Tabela 17: Números absolutos e percentuais dos dados quanto aos tipos sintáticos de oração do <i>corpus</i> de língua falada do Português Europeu	170
Tabela 18: Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerundivo das estruturas verbais do <i>corpus</i> de língua falada do Português Europeu	171
Tabela 19: Números absolutos e percentuais dos dados nas décadas de 1970 e 1990 no <i>corpus</i> de língua falada do Português Europeu	173
Tabela 20: Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerundivo de acordo com o tipo semântico dos verbos no <i>corpus</i> de língua falada do Português Europeu	174
Tabela 21: Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerundivo de acordo com o tipo texto no <i>corpus</i> de língua falada do Português Europeu	175
Tabela 22: Números absolutos e percentuais da distribuição dos dados de acordo com a faixa etária dos informantes do <i>corpus</i> de língua falada do Português Europeu	176
Tabela 23: Dados cambiáveis e ambíguos nos <i>corpora</i> de língua falada do Português Brasileiro e do Português Europeu	179
Tabela 24: Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerundivo no Brasil e em Portugal nos <i>corpora</i> de língua falada do Português Brasileiro e do Português Europeu	179

Tabela 25: Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerundivo das estruturas verbais dos <i>corpora</i> de língua falada do Português Brasileiro e do Português Europeu	181
Tabela 26: Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerundivo de acordo com o tipo semântico dos verbos nos <i>corpora</i> de língua falada do Português Brasileiro e do Português Europeu	183
Tabela 27: Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerundivo de acordo com o tipo texto nos <i>corpora</i> de língua falada do Português Brasileiro e do Português Europeu	184
Tabela 28: Números absolutos e percentuais da distribuição dos dados de acordo com a faixa etária dos informantes dos <i>corpora</i> de língua falada do Português Brasileiro e do Português Europeu	185
Tabela 29: Dados cambiáveis e ambíguos nos <i>corpora</i> de língua escrita e de língua falada do Português Brasileiro	186
Tabela 30: Dados cambiáveis e ambíguos nos <i>corpora</i> de língua escrita e de língua falada do Português Europeu	189
Tabela 31: Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerundivo nos gêneros textuais dos <i>corpora</i> de língua escrita e de língua falada do Português Europeu	191
Tabela 32: Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerundivo dos <i>corpora</i> de língua escrita reunidos <i>versus corpus</i> de língua falada do Português Europeu	192
Tabela 33: Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerundivo das estruturas verbais dos <i>corpora</i> de língua escrita e de língua falada do Português Europeu	193

Tabela 34: Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerundivo de acordo com o tipo semântico dos verbos nos <i>corpora</i> de língua escrita e de língua falada do Português Europeu	195
Tabela 35: Dados cambiáveis e ambíguos nos <i>corpora</i> de língua escrita e de língua falada do Português Brasileiro e do Português Europeu	197
Tabela 36: Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerundivo no Brasil e em Portugal nos <i>corpora</i> de língua escrita e de língua falada do Português Brasileiro e do Português Europeu	198
Tabela 37: Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerundivo nos gêneros textuais dos <i>corpora</i> de língua escrita e de língua falada do Português Brasileiro e do Português Europeu	199
Tabela 38: Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerundivo das estruturas verbais dos <i>corpora</i> de língua escrita e de língua falada do Português Brasileiro e do Português Europeu	200
Tabela 39: Total de dados da pesquisa: cambiáveis e ambíguos nos <i>corpora</i> de língua escrita e de língua falada do Português Brasileiro e do Português Europeu	202
Tabela 40: Avanço do Infinitivo gerundivo em Portugal (Língua Escrita)	213
Tabela 41: Avanço do Infinitivo gerundivo em Portugal (Língua Oral)	214
Tabela 42: Avanço do Infinitivo gerundivo nas diferentes faixas etárias	215

SUMÁRIO

<u>INTRODUÇÃO</u>	20
1. <u>A PERSPECTIVA DESTE TRABALHO</u>	23
1.1. O tema	23
1.2. Objetivos	28
1.3. Justificativa	30
1.4. Hipóteses gerais	31
1.5. Quadro teórico-metodológico	32
1.6. Escolha e descrição do corpus	39
2. <u>REVISÃO BIBLIOGRÁFICA</u>	42
As formas nominais gerúndio e infinitivo gerundivo em gramáticas	42
2.2 O aspecto em gramáticas	51
2.2.1 <u>Na visão de Brenda Laca</u>	60

2. <u>PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E DELIMITAÇÃO DAS VARIÁVEIS</u>	66
3.1 Nação	68
3.2 Gênero textual	68
3.3 Tipo sintático de oração	70
3.4 Estrutura Verbal (sintética x analítica)	87
3.5 Tempo	108
3.6 Tipo semântico dos verbos / perífrases verbais	109
3.7 Tipo de texto	123
3.8 Faixa etária	129
3.9 Cambialidade	131
3. <u>ANÁLISE VARIACIONISTA DOS DADOS</u>	139
4.1 Dados de Língua Escrita	141
4.1.1 <u>Brasil</u>	141
4.1.2 <u>Portugal</u>	151
4.1.3 <u>Brasil + Portugal</u>	161
4.2 Dados de Língua Falada	167
4.2.1 <u>Brasil</u>	167
4.2.2 <u>Portugal</u>	168
4.2.3 <u>Brasil e Portugal</u>	178

4.3 Dados de Língua Escrita e de Língua Falada	186
4.3.1 <u>Brasil</u>	186
4.3.2 <u>Portugal</u>	189
4.3.3 <u>Brasil e Portugal</u>	196
4. <u>OUTRAS PERSPECTIVAS DE ANÁLISE</u>	208
5.1 Considerações acerca da gramaticalização do infinitivo gerundivo	208
5.2 Considerações acerca das orações subordinadas reduzidas de gerúndio	227
5. <u>CONCLUSÃO</u>	249
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	253

INTRODUÇÃO

A variação é inerente às línguas humanas. Não é necessário ser lingüista para perceber, pela simples observação, que os falares são diferentes. Um leigo é capaz de identificar que, em vários aspectos, uma criança usa a língua diferentemente de um adulto, uma pessoa com um alto grau de escolaridade fala diferente de uma outra que quase não tenha tido acesso a estudos, um nordestino se expressa diferente de um sulista, um brasileiro apresenta muitas diferenças no falar em relação a um português. As diferenças variam de caso a caso, podendo ser no nível fonológico, morfológico, sintático, lexical ou discursivo. Uma das incumbências dos lingüistas é tentar descrever porque as línguas mudam. Que fatores intra ou extralingüísticos influenciam no uso de uma ou outra “forma de dizer” algo.

Neste trabalho, nos propomos a investigar a variação entre as formas nominais que indicam aspecto contínuo em Língua Portuguesa, ou seja, o *gerúndio* e a forma infinitiva em equivalência funcional, doravante denominada *infinitivo gerundivo (a + infinitivo)* no Português do Brasil e no Português Europeu. Referimo-nos, por exemplo, ao uso de frases como:

“Eu estou **falando** com você”. (gerúndio)

x

“Eu estou **a falar** com você”. (infinitivo gerundivo)

Para isso, nos pautamos nos princípios da Sociolingüística de base laboviana (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968 e LABOV, 1972, 1994, 2003) assim como nos

resultados obtidos em pesquisas anteriores acerca do tema *aspecto progressivo* (LACA, 1998, 2002, s.d., 2004 e 2006) e sobre a variação em si entre *gerúndio* e *infinitivo gerundivo* (MALER, 1972 e BARBOSA, 1999). Dessa forma, almejamos verificar que fatores influenciam o uso de infinitivo gerundivo numa perspectiva diacrônica, ao longo dos séculos XIX e XX, e também em alguns recortes sincrônicos de nossos dados.

Além da análise variacionista, realizaremos também uma outra análise dos dados visando a avaliar se é possível afirmar que o infinitivo gerundivo esteja se gramaticalizando em Portugal como uma espécie de “prefixo aspectual” de aspecto contínuo. Baseamo-nos, para isso, na análise da frequência de ocorrências das variantes (BYBEE, 2003) e na observação de casos que permitem uma “leitura ambígua” (HEINE, 2003).

Finalmente, observaremos o que algumas gramáticas brasileiras de Língua Portuguesa (BECHARA, 1999; CUNHA & CINTRA, 2001; KURY, 2004; LUFT, 1978; ROCHA LIMA, 2002) afirmam sobre as *orações subordinadas reduzidas de gerúndio*, comparando com o que encontramos em nossos dados. O objetivo é verificar se há coincidência entre a descrição das gramáticas e os dados de “língua real em uso”.

Para realizar essa pesquisa, utilizamos o *corpus* escrito de anúncios, editoriais e notícias de jornais brasileiros e portugueses dos séculos XIX e XX, além do *corpus* de língua falada culta do Brasil e de Portugal. Esse material foi reunido pela equipe do projeto Varport, e será descrito em detalhe no item 1.6.

O trabalho está dividido em 6 capítulos. No capítulo 1, o qual chamamos “A perspectiva deste trabalho”, veremos as motivações que nos levaram a pesquisar sobre a variação entre *gerúndio* e *infinitivo gerundivo*: o tema, nossos objetivos, justificativas, hipóteses gerais, escolha e descrição do *corpus* e o quadro teórico-metodológico que nortearam nossa investigação.

O capítulo 2 destina-se à revisão bibliográfica acerca do tema da nossa pesquisa. Nele, expomos o que dizem algumas gramáticas a respeito das formas nominais *gerúndio* e *infinitivo gerundivo*. Além disso, também apresentamos algumas abordagens sobre o conceito de *aspecto*, em especial o *aspecto progressivo* (que nos interessa nesta pesquisa), também chamado de *aspecto contínuo, durativo* ou *cursivo*.

No capítulo 3, intitulado “Pressupostos teóricos e delimitação das variáveis”, apresentamos os grupos de fatores que elaboramos para este trabalho, bem como os pressupostos teóricos e as hipóteses que nos serviram de base para criá-los. A parte da presente pesquisa que se propõe variacionista possui oito variáveis independentes: 1- *nação*; 2- *gênero textual*; 3- *tipo sintático de oração*; 4- *estrutura verbal*; 5- *tempo*; 6- *tipo semântico do verbo*; 7- *tipo de texto*; 8- *faixa etária*.

O capítulo 4 diz respeito à análise variacionista dos dados, onde expomos os resultados obtidos na pesquisa variacionista e os avaliamos de acordo com as hipóteses que tínhamos ao iniciar esta investigação.

No capítulo 5 analisamos nossos dados com relação a dois aspectos: 1- a possível gramaticalização da construção “*a + infinitivo*” em Portugal como um prefixo aspectual, indicando aspecto progressivo; e 2- a classificação das chamadas *orações subordinadas reduzidas de gerúndio* em cinco gramáticas tradicionais brasileiras da Língua Portuguesa, que não contemplam, como veremos, a totalidade de tipos de orações gerundiais que encontramos em nossos dados.

Por fim, no capítulo 6, encontram-se as conclusões a que chegamos acerca da pesquisa realizada. Ao fazermos isso, procuramos retomar as hipóteses e os objetivos principais que direcionaram o trabalho, comparando-os aos resultados mais significativos que encontramos aqui.

1 A PERSPECTIVA DESTE TRABALHO

Em seguida, vejamos a perspectiva geral, o ponto de partida deste trabalho: o tema, os objetivos do trabalho, suas justificativas, hipóteses gerais, escolha e descrição do *corpus* e o quadro teórico-metodológico que direcionaram nossa investigação.

1.1 O tema

A idéia de estudar a variação entre o gerúndio e o infinitivo gerundivo surgiu da reavaliação da questão sobre *inovação x conservação* em Língua Portuguesa. Conforme diz Celso Cunha em seu artigo “Conservação e Inovação no Português do Brasil” (1986), sabemos que o Brasil, em vários fenômenos, apresenta características de inovação, enquanto Portugal é tido como mais conservador. Mas o autor também nos oferece diversos casos em que o Brasil tende à conservação e Portugal, por outro lado, à inovação. Um dos casos citados pelo próprio Celso Cunha como exemplo de conservação no Português Brasileiro é o uso de gerúndio. Ele diz que, enquanto os brasileiros continuaram usando a forma clássica e mais antiga no idioma (o gerúndio), os portugueses a foram, gradativamente, substituindo pela construção “*a + infinitivo*” (salvo em algumas exceções regionais, como nos dialetos centro-meridionais de Portugal, tais como no Alentejo e no Algarve e também nos Açores e nas ex-colônias africanas, onde se vê, ainda hoje, a predominância da forma nominal gerúndio).

A perífrase formada por *estar* (*andar, viver, etc.*) + gerúndio, que, em Portugal, desde o século XVIII, vem sendo progressivamente substituída por outra, constituída de *estar* (*andar, viver, etc.*) + infinitivo antecedido da preposição *a*. (CUNHA, 1986)

É fato percebido por qualquer falante do português que, atualmente, o Brasil emprega mais o gerúndio ao passo que Portugal, o infinitivo gerundivo, em vários contextos de uso, mas não é de conhecimento geral quem conserva o padrão de uso mais antigo.

Esse tema nos permite tecer algumas considerações sobre a distância que por vezes se estabelece entre o ensino de língua materna e a pesquisa científica, o que pode levar a falácias normativas. O artigo intitulado “O jovem tem a palavra” da revista *Época* (1999) exemplifica a discrepância entre *ensino* e *pesquisa*, conforme mostrado por Barbosa (2006, 108). O texto da revista aparece publicado em uma seção de cunho “científico” e “tecnológico” voltada para vestibulandos. Com isso, o leitor acredita que as informações veiculadas são fruto de uma consultoria científica e, assim, interpreta todas as sugestões como *verdades absolutas*. No entanto, esse artigo, ao destacar em hipertexto “*O uso do gerúndio empobrece o texto. Lembre que não existe gerúndio no Português falado em Portugal*”, parece deixar implícito outros “valores”, como diz Barbosa (2005, 109): “Mesmo que esse absurdo [não existir gerúndio em Portugal] fosse verdade, porque teríamos de considerar pobre o uso do gerúndio? Estaria havendo confusão entre origem geográfica de uma língua e legitimidade histórica? Estaria havendo subserviência colonial anacrônica?”.

Além disso, a matéria revela total desconhecimento do conceito de variação lingüística por parte de seus autores, conforme dizem Leite e Callou (2002):

Não se pode pensar no uso de uma língua em termos de “certo” e “errado” e em variante regional “melhor” ou “pior”, “bonita” ou “feia”. No ensino da língua escrita, contudo, procura-se neutralizar as marcas identificadoras de cada grupo social, a fim de atingir um padrão único abstrato e idealizado que seja supranacional. O paradoxo está em que cada falar, mesmo culto, tem sua norma, variantes que prevalecem estatisticamente, mas que não anulam a ocorrência de outras. (LEITE; CALLOU, 2002, 57).

É bem verdade que a postura normativa do artigo da revista *Época* é semelhante à postura seguida por alguns autores de livros didáticos. O uso da forma nominal gerúndio tem sido alvo de críticas e rechaços ao longo dos anos. Não são poucos aqueles que dedicam parte de suas obras a comentar os usos das estruturas gerundivas, muitas vezes criticando-as. Bagno (2005), por exemplo, cita a mesma reportagem da revista *Época*, criticando-a ao dizer:

Ora, se são dicas para *brasileiros* que querem escrever bem, por que motivos eles têm de lembrar do que existe ou não existe no *português de Portugal*? A dica, além de deixar à mostra sua inspiração neocolonialista, também afirma uma inverdade lingüística: no português de Portugal existe, sim, o gerúndio. [grifos do autor] (BAGNO, 2005, 28)

A afirmação **parece** indicar que o autor está a par das pesquisas acerca da variação existente tanto no Brasil quanto em Portugal entre essas formas. Entretanto, logo em seguida, Bagno menciona o seguinte: “O que não existe no português falado em Portugal é a construção do tipo *estou comendo, ela está telefonando, Pedro esteve trabalhando muito* – situações em que os portugueses usam a preposição *a* seguida do verbo no infinitivo” (BAGNO, 2005, 29). Esse trecho é, talvez, ainda pior do que o da revista *Época*, uma vez que provém de um livro que critica a veiculação de “normas” sem pesquisa prévia e sem considerar as divergências entre variantes lingüísticas. Antes o autor criticou a revista *Época* por dizer que “não há gerúndio em Portugal”. Agora, ele comete o mesmo erro da revista dizendo que não há construções analíticas (com verbos auxiliares) na língua falada em Portugal. Com base em que *corpus* de análise ele pode afirmar tão categoricamente que não há esse tipo de construções no Português Europeu? O autor investigou as diferenças dialetais em terras lusitanas? Parece que não, pois, como veremos em nossos dados a seguir, há **sim** gerúndio mesmo com essas construções no Português de Portugal.

Podemos citar também o exemplo de Carneiro (1996), que assume atitude prescritiva ao desabonar o uso do *gerúndio* em orações adjetivas, ao dizer: “o uso do gerúndio será tão mais impróprio quanto mais se aproxime da função adjetiva, ou da expressão de qualidades ou estados, ou quanto maior a distância entre o tempo da ação expressa por ele e o tempo da ação do verbo principal”. Mesmo esse caso, porém, não se confirma historicamente.

Textos do tipo “patrulha da norma culta” também demonstram ignorar o fato de que, como já mencionamos, no que concerne ao uso de estrutura gerundiva, o Português Brasileiro é o que mantém a forma dita clássica no idioma. O que está em ação nesse caso é a antiga crença de que a Língua Portuguesa pertence a Portugal e que, portanto, eles a usam melhor que nós, brasileiros. Tal ilusão permite o surgimento, sob a forma de *dicas*, de regras prescritivas sem qualquer respaldo. Mesmo hoje, entretanto, em certas variedades regionais do português de Portugal, usa-se o gerúndio em vez do infinitivo. Cunha & Cintra (2001, 396) apontam a vitalidade do gerúndio no Alentejo, no Algarve e nos Açores.

A construção *estar* (ou *andar*) + gerúndio, preferida no Brasil, é a mais antiga no idioma e ainda tem vitalidade em dialetos centro-meridionais de Portugal (principalmente no Alentejo e no Algarve), nos Açores e nos países africanos de língua oficial portuguesa. (CUNHA & CINTRA, 2001, 396).

Curioso é que, no parágrafo imediatamente seguinte desse destacado acima, Cunha & Cintra afirmam: “**No português padrão** e nos dialetos setentrionais de Portugal predomina hoje a construção, de sentido idêntico, formada de *estar* (ou *andar*) + PREPOSIÇÃO *A* + INFINITIVO, que parece, vez por outra na pena de escritores brasileiros” (grifo nosso). O uso da expressão “*português padrão*” para indicar onde o infinitivo gerundivo é privilegiado parece contrariar a informação veiculada no parágrafo anterior.

Lapa (1982) menciona que os puristas chamam o uso abusivo do gerúndio de “endorréia”. Ele critica tal preconceito daqueles que consideram esse uso pouco vernáculo e salienta o fato de o uso do gerúndio trazer vantagem estilística sobre outros processos. Segundo Lapa, “o argumento do ‘classicismo’ não serve: não podemos nem devemos escrever hoje como no tempo de Fr. Luís de Sousa.” (1982, 154). E completa:

Não há dúvida pois que o uso do gerúndio é em certos casos preferível à oração relativa, sobretudo quando não temos o recurso acertado, expressivo das preposições. Não abusemos dele, mas não hesitemos em empregá-lo, sempre que o reconheçamos superior a outros modos de escrever. [...] Para que havemos pois de banir da língua este instrumento expressivo, sob a acusação de que não era usado pelos nossos tresavós e nos veio diretamente do francês? O que aliás não é inteiramente verdadeiro, pois se apontam exemplos dessa construção em autores como o Pe. Manuel Bernardes e Alexandre Herculano. (LAPA, 1982, 154).

Após apresentar alguns exemplos em que o gerúndio é empregado em textos muito antigos da Língua Portuguesa, Bechara (2001) afirma:

Estes e muitíssimos outros exemplos atestam que tal emprego do gerúndio ocorre vitorioso na língua culta portuguesa, desde longos anos, dando-nos a impressão de se tratar de uma evolução normal, comum a mais de uma língua românica, e não de uma simples influência francesa. Entretanto, notáveis mestres condenam este uso como galicismo. (BECHARA, 2001).

Não é novidade o fato de que a variante brasileira da Língua Portuguesa conserva o uso de gerúndio, ao passo que o infinitivo gerundivo avançara na variante européia. Só não se sabe **quando** essa mudança se efetuara no Português Europeu, nem qual a proporção atual de uso do infinitivo gerundivo.

Pelo exposto, visto que o *gerúndio* é, inclusive, a forma mais antiga no idioma, cabe-nos não desabonar seu uso, mas, antes, assumi-lo como item vernáculo muito produtivo em diversos contextos da **Língua Portuguesa**.

1.2 Objetivos

O objetivo geral aqui almejado é estudar a mudança quantitativa que se processou em Língua Portuguesa a tal ponto que levou ao contraste hoje estabelecido entre o Português Brasileiro e o Português Europeu. Nesse sentido, a abordagem diacrônica que contemplamos neste trabalho tem por objetivo descrever e avaliar suas trajetórias de conservação e de inovação de padrões quantitativo-distribucionais com relação às variáveis *gerúndio* e *infinitivo gerundivo* nos séculos XIX e XX¹.

Com base em Maler (1972) (que investigou um *corpus* de peças portuguesas do final do século XVIII) e também em Barbosa (1999), sabemos que, até fim do século XVIII, os portugueses apresentavam cerca de 10% de uso de infinitivo gerundivo (taxa bastante próxima da que é vista hoje no Brasil – que varia entre 9% e 11%²). Com isso, vemos que a mudança em Portugal teria se desencadeado após o final do século XVIII, mas não se sabe se foi ao longo do XIX ou do XX. E, assim, chegamos a duas das principais questões do nosso trabalho:

1. Investigar **quando** efetivamente ocorreu o avanço do infinitivo gerundivo em Portugal, através da observação do papel da frequência de ocorrências dessa forma.

¹ Maler (1972) estudou a variação entre gerúndio e infinitivo gerundivo em textos literários brasileiros e portugueses dos séculos XVI, XVII e XVIII. Barbosa (1999) investigou a variação entre gerúndio e infinitivo gerundivo em cartas particulares, cartas de comércio e documentos oficiais escritos por portugueses no Brasil, no século XVIII.

² Segundo MOTHÉ (2004).

2. Investigar a variação em si entre gerúndio e infinitivo gerundivo e quais os **condicionamentos** dessa variação, tanto em Portugal, diacronicamente, quanto no Brasil, em sincronias passadas e na atual.

Para esse fim, foram levantadas ocorrências da forma nominal *gerúndio* e de *infinitivo gerundivo* em um *corpus* que reúne textos brasileiros e portugueses dos séculos XIX e XX. Analisando diferentes fases dentro de cada século, foi possível averiguar com maior detalhe a variação de uso entre essas formas durante o período em que parece ter se definido o afastamento, com relação a esse fenômeno, entre essas duas variantes da Língua Portuguesa. A realização de uma revisão bibliográfica sobre o tema em diferentes perspectivas tradicionais e descritivas serviu de base à procura de fatores que controlam a variação.

Ainda, como objetivo complementar a essa investigação central de cunho variacionista, observaremos o comportamento dos dados do Português Europeu para verificar se é pertinente afirmar que a construção “*a + infinitivo*” esteja em vias de gramaticalizar-se como um tipo de “prefixo aspectual” a indicar aspecto progressivo. Essa parte da pesquisa será pautada na análise da frequência de ocorrências (BYBEE, 2003) e na observação de casos que permitem uma “leitura ambígua” (HEINE, 2003).

Terminamos nossa avaliação do tema investigando as chamadas *orações subordinadas reduzidas de gerúndio* com objetivo de contrastar o que encontramos em nosso *corpus* com o que algumas gramáticas brasileiras da Língua Portuguesa afirmam existir (BECHARA, 1999; CUNHA & CINTRA, 2001; KURY, 2004; LUFT, 1978; ROCHA LIMA, 2002). Com isso,

visamos a observar se há discrepância entre o que é ensinado em nossas escolas e o que ocorre de fato em dados de língua em uso.

1.3 Justificativa

A abordagem do fenômeno, aqui empreendida, enquadra-se na pesquisa em Lingüística Histórica que vem sendo desenvolvida no Brasil por equipes regionais de oito localidades (BA, MG, PB, PR, PE, RJ, SC e SP) congregadas no *Projeto Nacional Para a História do Português Brasileiro* (Projeto PHPB) desde 1997. Após seis seminários nacionais, vários *corpora* diacrônicos foram constituídos de modo a propiciar à comunidade acadêmica material fidedigno e bem editado para descrever e estudar a formação do Português Brasileiro em contraste com as mudanças no Português Europeu. Vale destacar a página na rede mundial de computadores construída pela equipe carioca (www.lettras.ufrj.br/phpb-rj).

A pesquisa em Lingüística Histórica depende de uma *cadeia de qualidade* que envolve quatro passos, ou seja, 1) levantar e catalogar fontes, 2) editar essas fontes para 3) delas levantar dados de cada fenômeno lingüístico em foco e, ao fim, 4) publicar os resultados em artigos, atas, etc. O atual trabalho insere-se no item 3 dessa cadeia, ou seja, a partir de um *corpus* já editado, pretende prosseguir na descrição do fenômeno lingüístico em foco: a oposição entre *gerúndio* e *infinitivo gerundivo* nas variantes brasileira e europeia da Língua Portuguesa. Para isso tomaremos por base as considerações acerca do uso de estruturas gerundivas até o século XVIII nos trabalhos de Maler (1972) e de Barbosa (1999). Espera-se, assim, ao longo do tempo e com a colaboração do trabalho de inúmeros pesquisadores, chegar a construir o perfil da História do Português no e do Brasil.

O Projeto PHPB, como um todo, visa avaliar dados significativos em um determinado material em função de sua capacidade de esclarecimento do grau de influência de um dado fenômeno lingüístico na evolução do Português do Brasil durante sua História.

1.4 Hipóteses gerais

Nossas hipóteses iniciais partem dos resultados de Barbosa (1999), em sua investigação a respeito da variação entre gerúndio e infinitivo gerundivo em Língua Portuguesa. Assim:

- 1.A generalização da forma infinitivo gerundivo foi favorecida nas orações circunstanciais *temporais*, *condicionais* e *modais*, conforme resultado obtido com cartas de comércio do século XVIII (BARBOSA, 1999);
- 2.O infinitivo gerundivo teve como via de entrada as construções analíticas (*verbo auxiliar + a + infinitivo do verbo principal*), especialmente na fala, uma vez que temos como ponto de partida o fato de que a fala, em muitos fenômenos, tende à análise, enquanto a escrita, sendo mais conservadora, tende à síntese (WILLIAMS, 1961 e ILARI, 1997);
- 3.O avanço significativo do infinitivo gerundivo em Portugal se deu ao fim do século XIX ou ao longo do século XX, uma vez que não houve grande preocupação das gramáticas prescritivas brasileiras da época em registrarem rechaço ao uso do gerúndio na norma culta da língua. Isto porque nossa norma gramatical se fixou com base em textos literários do fim do século XIX, quando, possivelmente, o uso de gerúndio

versus infinitivo gerundivo não estava sofrendo restrições de ordem social. Se houve generalização do infinitivo gerundivo na sociedade portuguesa, de tal forma que, hoje, se apresenta como um dos contrastes mais patentes da variante europeia da Língua Portuguesa comparada à brasileira, é provável que isso tenha se dado fora do período de elaboração da Nomenclatura Gramatical Brasileira.

4. De acordo com a análise da frequência de ocorrências (BYBEE, 2003) e com a observação de casos que permitem uma “leitura ambígua” (HEINE, 2003), a preposição “a” que constitui o infinitivo gerundivo apresenta a tendência de gramaticalizar-se como prefixo aspectual, indicando aspecto progressivo em Língua Portuguesa;

Além dessas hipóteses gerais, na apreciação de dados da análise quantitativa que se dará através do modelo Variacionista e do pacote de programas Goldvarb, veremos a hipótese que norteia cada um dos grupos de fatores.

1.5 Quadro teórico-metodológico

O objeto de estudo deste trabalho é a variação no uso entre duas construções que indicam aspecto progressivo em Língua Portuguesa. Através da simples observação de falantes da sincronia atual, percebemos que Brasil e Portugal apresentam grande divergência quantitativa na distribuição de variantes quanto à expressão gerundial.

Segundo os pressupostos teóricos da Sociolingüística laboviana (ou Teoria da Variação), enunciados por William Labov, todas as línguas humanas apresentam em várias situações mais de uma forma de “dizer a mesma coisa”, ou seja, apresentam variação lingüística.

A condição normal da comunidade de fala é a da heterogeneidade: podemos esperar encontrar um grande leque de variantes, estilos, dialetos e falares usados pelos membros. [...] O caráter heterogêneo da comunidade aparece no fato de que há muitas formas alternáveis, semanticamente equivalentes de dizer “a mesma coisa”. (LABOV, 1982).³

As formas em variação recebem o nome de *variantes* e cada conjunto de variantes em oposição é denominado *variável (socio)lingüística*. Como já mencionamos, Portugal vem paulatinamente substituindo a variante *gerúndio* pela variante *infinitivo gerundivo*, apesar de ainda usar gerúndio em algumas localidades e/ou contextos específicos. Isso também é previsto pela Teoria da Variação, que pressupõe que

[...] nós identificamos mudança em progresso através da coexistência de variantes mais velhas e mais novas. Além disso, o progresso é raramente representado pela substituição categórica de uma forma pela outra, mas, normalmente, por mudanças na frequência relativa das variantes e mudanças em seus condicionamentos situacionais. (LABOV, 1982).⁴

A variação lingüística é, portanto, inerente às línguas naturais e não é caótica; antes, é condicionada por fatores estruturais (“internos” à língua, como os aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e discursivos) e/ou sociais (“externos” à língua, como idade, sexo, nível de escolaridade dos informantes).

³ The normal condition of the speech community is a heterogeneous one: we can expect to find a wide range of variants, styles, dialects and languages used by members. [...] The heterogeneous character of the community appears in the fact that there are many alternate, semantically equivalent ways of saying “the same thing”. (LABOV, 1982)

⁴ [...] we identify change in progress by the coexistence of older and younger variants. Furthermore, that progress is rarely represented by the categorical replacement of one form by another, but normally by changes in the relative frequencies of the variants and changes in their environmental constraints. (LABOV, 1982).

Para que a análise sociolingüística tivesse meios mais confiáveis de quantificar os dados lingüísticos, alguns modelos matemáticos foram elaborados desde quando Labov propôs a Teoria da Variação. Em 1969, o próprio Labov apresentou um *modelo aditivo* de quantificação, somando os fatores contextuais. O modelo, porém, revelou-se ineficaz para as pesquisas sociolingüísticas por ser bastante intuitivo e por apresentar problemas de natureza técnica: “[...] já que se trata de uma soma de números, não há como garantir que a soma não cresça acima de 100% ou abaixo de 0%, o que não corresponde à realidade” (NARO, 2004).

Assim, em 1974, os pesquisadores Henrieta Cadergen e David Sankoff propuseram um novo modelo de quantificação, chamado de *aplicativo de multiplicação*, com base em probabilidades e não em simples freqüência. Esse modelo mostrou-se com o tempo ainda menos adequado do que o modelo aditivo, pois, através da multiplicação, levava à interpretação de que a atuação conjunta de dois fatores altamente favoráveis ao uso de uma variante é menor do que a atuação de cada um deles separadamente. Tentou-se, então, substituir o modelo multiplicativo de aplicação para um *multiplicativo de não-aplicação*, mas, da mesma forma que os anteriores, este também apresentou problemas.

Com isso, chegou-se à conclusão de que cada modelo possuía pontos positivos e pontos negativos e, assim, em 1978, Pascale Rousseau e David Sankoff sugeriram um novo modelo quantitativo que congregava as boas características dos três primeiros: é o chamado *modelo logístico*. O diferencial desse modelo é “dar conta, de modo satisfatório, da desejada desvinculação de fatores” (NARO, 2004). O modelo logístico é amplamente usado em pesquisas sociolingüísticas ainda hoje e pode ser aplicado através do pacote de programas computacionais VARBRUL (do inglês “variable rules”).

Os dados levantados na presente pesquisa foram submetidos aos programas do pacote computacional VARBRUL em sua versão para Windows, o Goldvarb 2001 (ROBINSON,

LAWRENCE & TAGLIAMONTE, 2001), como instrumental usado para quantificar os dados e calcular o peso relativo da influência de cada variável no fenômeno estudado. Isso a serviço dos pressupostos teóricos da Sociolingüística de base laboviana, que, aqui, são aplicados à pesquisa Sociolingüística Histórica.

A investigação científica experimental, seja lingüística ou não, freqüentemente usa instrumentos da estatística para melhor conhecer, entender e medir seus dados. Qualquer ramo da ciência baseado em investigação empírica busca a manipulação de uma variável independente e verifica seus efeitos sobre uma variável dependente. A(s) *variável(is) independente(s)* pode(m) ser definida(s) como aquela(s) que influencia(m) a chamada *variável dependente*, ou seja, a variável dependente é afetada, medida ou explicada pela atuação da(s) variável(is) independente(s), variando de acordo com esta(s). Sendo assim, em uma pesquisa, a variável independente é o antecedente e a variável dependente, o conseqüente.

É necessário estabelecer o controle de variáveis independentes para verificar, em função dessas, os efeitos na variável dependente. Ao desenvolver a pesquisa, porém, o pesquisador pode descobrir que, entre as variáveis independentes, há aquelas que são relevantes e aquelas que são irrelevantes, mas todas devem ser controladas mesmo que não se saiba se são importantes ou não. A metodologia da investigação é, nesse sentido, muitas vezes, experimental, e cabe ao lingüista interpretar os resultados que lhe são apresentados através do uso do programa estatístico de regras variáveis.

As suas limitações são as do próprio lingüista, a quem cabe a responsabilidade de descobrir quais são os fatores relevantes, de levantar e codificar os dados empíricos corretamente, e, sobretudo, de interpretar os resultados numéricos dentro de uma visão teórica da língua. O progresso da ciência lingüística não está nos números em si, mas no que a análise pode trazer para nosso entendimento das línguas humanas. (NARO, 2004)

O objeto de estudo do presente trabalho contrasta as variantes *gerúndio* e *infinitivo gerundivo*, que constituem nossa *variável dependente*. As variáveis independentes que estabelecemos para tentar controlar os condicionamentos da variação serão explicitadas no capítulo 3.

Faz-se necessário, nesta seção de metodologia, comentar que uma das variáveis independentes opunha dados estritamente cambiáveis a dados de cambialidade ambígua, ou seja, dados em que poderíamos alternar o gerúndio e o infinitivo gerundivo com o mesmo valor de verdade e dados em que isso também era possível, porém não somente. Além da leitura gerundiva, os chamados “dados ambíguos” permitiam também uma leitura em que a preposição “a” possuía sentido de finalidade, por exemplo. São casos como “*Estava no barco a pescar.*”, em que não temos certeza se “a pescar” é uma ação em andamento (aspecto progressivo) ou se é a motivação de o indivíduo estar no barco (“para pescar”). Como o modelo variacionista pressupõe que as variantes possuam o “mesmo valor de verdade”, parece-nos forçoso mencionar que os dados de cambialidade ambígua serão isolados dos demais na análise variacionista propriamente dita. Exemplos e mais esclarecimentos sobre esse fator serão fornecidos na seção de delimitação das variáveis no capítulo 3.

Cabe aqui um questionamento a respeito do conceito de variável para a Teoria da Variação. Fiquemos com o conceito de variação segundo William Labov:

Variação social e estilística pressupõe a opção de dizer “a mesma coisa” de maneiras diferentes, isto é, as variantes são idênticas em valor de verdade, mas distintas em seu significado social e/ou estilístico. (1972, 271)⁵

⁵ Social and stylistic variation presuppose the option of saying ‘the same thing’ in several different ways: that is, the variants are identical in referential or truth value, but opposed in their social and/or stylistic significance. (LABOV, 1972, 271).

Há alguns pontos que precisam ser destacados nessa definição de Labov, a começar pela idéia de “falar a mesma coisa”. Beatriz Lavandera (1978) questiona a validade de analisar fenômenos que ultrapassam o âmbito fonológico à luz da Sociolinguística. Lavandera diz: “Eu acho que nós nos prejudicamos ao estender tanto o conceito de variável a ‘sempre que o falante tiver uma opção’” (1978, 173)⁶. Para ela, é bastante compreensível considerar que duas variantes fonológicas possuam o mesmo valor de verdade, mas, ao passar para níveis superiores, como o morfológico, o lexical e o sintático, torna-se difícil afirmar que as “formas alternantes” constituem “diferentes formas de dizer *a mesma coisa*”, uma vez que um morfema, um item lexical e mesmo uma construção sintática têm já em si um sentido próprio (ao contrário dos fonemas, que não possuem significado quando observados isoladamente). O que se questiona, na verdade, é a existência de sinônimos perfeitos na língua.

No caso do nosso objeto de estudo, dizer que nos versos da música “O Sol nascerá”, de Cartola⁷

“A sorrir eu pretendo levar a vida / pois chorando eu vi a mocidade perdida”,

trocar “a sorrir” por “sorrindo” reflete meramente uma escolha aleatória do falante seria ignorar o fato de que, no Português do Brasil, se atribui um valor muito mais estilizado, literário mesmo, ao

⁶ I think we are losing in extending so comprehensively the concept of variable to ‘whenever the speaker has an option (1978, 173).

⁷ Angenor de Oliveira (1908-1980), o mestre Cartola, foi compositor, cantor e poeta brasileiro. É considerado por muitos como o maior sambista de todos os tempos. Cartola não só fundou a escola de samba Estação Primeira de Mangueira, como lhe deu nome e as cores verde e rosa. Muito gravado pelos grandes cantores da década de 30, Cartola compôs, sozinho ou com parceiros, mais de quinhentas músicas.

infinitivo gerundivo que ao gerúndio. Sendo assim, essas formas NÃO informariam a “mesma coisa”, o que seria um impedimento segundo os pressupostos teóricos de Labov.

Mas então apenas fenômenos de variação fonológica devem ser investigados sob a Teoria da Variação? Esse ainda é um tópico que encontra posições a favor e contra dentre os lingüistas que se dizem variacionistas. Para um fenômeno de natureza sintática que, definitivamente, opõe duas construções que não “dizem a mesma coisa”, é claro que algumas concessões têm de ser feitas e uma das principais é o alargamento da noção de “sentido referencial”. Ao invés de aceitar como variáveis apenas variantes que “digam a mesma coisa”, passa-se a admitir a *compatibilidade funcional* entre as formas alternantes. Desta maneira, ainda que nos versos de Cartola substituir “a sorrir” por “sorrindo” poderia acarretar uma perda do conteúdo de efeito literário, não podemos negar que o valor funcional fora mantido, ou seja, ambas as construções indicam *aspecto progressivo*. É este, portanto, o tratamento dado à nossa variável dependente: são equivalentes, intercambiáveis **funcionalmente**.

Além dos pressupostos da Sociolingüística laboviana, para a seção em que analisamos a possível gramaticalização do infinitivo gerundivo em Portugal, usamos os fundamentos teóricos do Funcionalismo. O Funcionalismo se distingue das chamadas “abordagens formalistas” (estruturalismo e gerativismo) primeiramente por considerar a língua em seu contexto de uso, levando em conta sua função de interação social. Assim, “a abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso” (CUNHA, OLIVEIRA e MARTELOTTA, 2003, 29).

Um dos “braços” do Funcionalismo é o estudo de *gramaticalização*, ou seja, o estudo sobre a maneira como “formas gramaticais surgem e se desenvolvem no tempo e no espaço” (HEINE, 2003, 575). Com o objetivo de investigar sobre a possível gramaticalização do infinitivo

gerundivo como prefixo aspectual no Português Europeu, partimos dos princípios propostos por Heine (2003) conjugados à proposta de Bybee (2003) de verificação de **freqüência de tipo** (*type frequency*) e de **freqüência de ocorrência** (*token frequency*).

1.6 Escolha e descrição do *corpus*

Para tentar responder às questões do trabalho, contaremos como *corpus* com um material já disponível na *Internet*: as edições organizadas pelo *Projeto de Variação Contrastiva do Português* (Projeto VARPORT). Encontram-se ali reunidas as modalidades escrita e falada (cultura e popular) do Português do Brasil (PB) e do Português Europeu (PE).

Foi imprescindível para este trabalho a existência do *corpus* do Projeto Varport, visto que é o único que reúne as variantes portuguesa e brasileira da Língua Portuguesa em diacronia, com dados dos séculos XIX e XX. Não fosse por esses textos orais e escritos já disponíveis na página do projeto, ainda teria de ser feita uma etapa em geral muito longa e cansativa do processo de uma pesquisa científica: o levantamento do *corpus* de análise. O fenômeno aqui estudado visa a dar conta de uma variação entre o Português no Brasil e em Portugal já constatada na atualidade. Sendo assim, era mais do que necessário que fossem contrastados diacronicamente dados das duas localidades.

O *corpus* Varport foi construído não só pela junção de *corpora* já existentes de outros projetos brasileiros e portugueses, mas também por meio de uma complementação com textos escritos inéditos em *corpora* de pesquisa. Em outras palavras, membros da equipe no Rio de Janeiro e em Lisboa partiram para o “garimpo” nas bibliotecas nacionais para a referida tarefa “longa e cansativa”. O conteúdo oral europeu foi extraído do *Corpus do Português Fundamental*,

do *Corpus de Referência do Português Contemporâneo (CRPC)* e das elocuições livres do *Corpus do Atlas Lingüístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG)*, do Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa. Já o conteúdo oral brasileiro é constituído pelo Arquivo Sonoro do *Projeto Norma Urbana Culta (NURC)*, referente à fala de cinco capitais brasileiras; pelo *Corpus de Recontato do Rio de Janeiro*; pelo Arquivo Sonoro do *Projeto do Atlas Etnolingüístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro (APERJ)*; e pelo *Corpus do Português Clássico e Moderno*.

Congregando esses *corpora*, a equipe do Projeto *Para uma História do Português Brasileiro* (Projeto PHPB) ainda complementou o *corpus* Varport com jornais brasileiros dos séculos XIX e XX, material até então inédito enquanto *corpus*. Em Portugal, o levantamento dos textos jornalísticos para constituição do *corpus* escrito foi feito pela equipe do Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa (CLUL). Com o uso de critérios rigorosos, os textos foram agrupados respeitando um equilibrado número de palavras, gênero textual e localidade. Por isso, encontramos algumas células (“janelas” em que se encontram os textos) com textos inacabados, incompletos. Optou-se por perder parte do conteúdo do material em prol de manter a amostra uniforme em quantidade, atributo desejoso em estudos lingüísticos.

Outra característica importante do *corpus* é o critério de divisão em fases. Ao invés de apenas distribuir os textos em décadas ou outros períodos estanques de tempo, levaram-se em consideração eventos marcantes sócio-historicamente para ambos os países. Assim, as fases diferem no *corpus* brasileiro e no português, devido a diferenças na própria história desses países. Para efeito de quantificação reunindo dados do Brasil e de Portugal, uniformizamos aqui as fases do *corpus*. Ao focalizarmos, porém, em separado, os dados de uma ou de outra nação, voltamos a respeitar os critérios sócio-históricos que influenciaram a divisão dos textos.

Formou-se, então, o *corpus* do Projeto Varport, que reúne anúncios, editoriais e notícias de jornais brasileiros e portugueses dos séculos XIX (desde 1808) e XX (até 2000), além de gravações e respectivas transcrições de inquéritos de língua falada culta (décadas de 1970 e 1990) e popular (década de 1990). Na presente pesquisa, utilizamos todo esse *corpus*, exceto os dados de língua falada popular, uma vez que, por só conter dados da década de 1990, essa variante não poderia ser observada em diacronia, o que era almejado nesta investigação.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Em seguida, vejamos o que a literatura lingüística menciona a respeito das formas nominais *gerúndio* e *infinitivo* (quando precedido de preposição “a” equivalendo a gerúndio) e também a respeito da noção de *aspecto*.

As formas nominais *gerúndio* e *infinitivo gerundivo* em gramáticas

Perpassaremos, agora, pelo que dizem as principais gramáticas brasileiras de Língua Portuguesa, bem como a gramática portuguesa de Mateus *et alli* (2003) e uma gramática descritiva da língua espanhola, de Bosque & Demonte (1999) acerca do tema geral gerúndio e de seu equivalente funcional, o infinitivo gerundivo.

Cunha & Cintra (2001) afirmam que o verbo apresenta variações de *número*, *pessoa*, *modo*, *tempo*, *aspecto* e *voz*. No início da seção “**verbo**”, os autores declaram existir apenas três modos em português: *indicativo*, *subjuntivo* e *imperativo*. Apesar disso, logo em seguida, incluem na seção “**modos**” as formas nominais *infinitivo*, *gerúndio* e *particípio*. Em uma outra parte da mesma gramática, Cunha & Cintra declaram que as formas nominais se caracterizam por não poderem expressar sozinhas nem o tempo nem o modo. Antes, seu valor temporal e modal dependem do contexto em que aparecem. Com essas definições, não fica claro para o leitor se os autores consideram ou não as formas nominais como *modos* do verbo.

Eles mostram que cada uma dessas formas nominais se aproxima, devido a algumas características, a outra(s) classe(s) de palavras. Assim, o infinitivo assemelhar-se-ia a um *substantivo*; o gerúndio, a um *advérbio* ou a um *adjetivo*; e o particípio, a um *adjetivo*.

Como as formas nominais que nos interessam aqui são o gerúndio e o infinitivo (e não o particípio), vale apontar as especificidades dessas duas formas segundo Cunha & Cintra (2001). Uma delas é o fato de que ambas possuem uma forma composta que faz, em oposição à forma simples, o contraste entre *aspecto não-concluído* e *aspecto concluído*. Ex.: *Bebendo x Tendo bebido / Beber x Ter bebido*.

Especificamente sobre o infinitivo, eles mostram que pode ser flexionado ou não flexionado e fornecem exemplos de usos dos dois casos, buscando sistematizar este que é um dos tópicos de maior divergência nas gramáticas de Língua Portuguesa e deixando claro o seguinte:

O emprego das formas flexionada e não flexionada do INFINITIVO é uma das questões mais controvertidas da sintaxe portuguesa. Numerosas têm sido as regras propostas pelos gramáticos para orientar com precisão o uso seletivo das duas formas. Quase todas, porém, submetidas a um exame mais acurado, revelaram-se insuficientes ou irrealis. [...] Por tudo isso, parece-nos mais acertado falar não de regras, mas de tendências que se observam no emprego de uma ou de outra forma do INFINITIVO. (CUNHA & CINTRA, 2001, 485).

Para o infinitivo precedido da preposição *a*, equivalendo a um “gerúndio em locuções formadas com os verbos *estar, andar, ficar, viver* e semelhantes” (CUNHA & CINTRA, 2001, 486), ou seja, a nossa variável, os autores afirmam que é conservada a forma não flexionada. Em nossos dados, entretanto, encontramos vários casos que mostram o contrário, como em:

“[...] *De recordar que a afirmação frequente de que os planetas se movem, leva, com frequência, à suposição de que, olhando para o céu, os*

veríamos a moverem-se, o que não corresponde à realidade, mesmo no caso de Mercúrio ou Vénus, que se deslocam mais rapidamente.”

(E-P-95-Jn-011)

Conforme podemos observar, “*a moverem-se*”, nesse dado, possui sentido gerundivo; poderia ser substituído por “*movendo-se*” sem perda de sua informação básica de progressividade.

Algumas páginas após afirmarem que a construção “*a + infinitivo*” equivalendo a gerúndio mantém a forma não-flexionada, os próprios autores explicitam um exemplo de Aluísio Azevedo:

“Aqueles homens gotejantes de suor, bêbados de calor, desvairados de insolação, / a quebrarem, / a espicaçarem, / a torturarem a pedra, / pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante.”

(AZEVEDO apud CUNHA & CINTRA, 2001, 489)

como emprego da forma flexionada objetivando dar à frase maior ênfase ou harmonia. Com isso, parece que Cunha & Cintra não consideram gerundivo esse uso, talvez por não apresentar verbo auxiliar. O fato é que, para nós, o trecho de Aluísio Azevedo também demonstra equivalentes funcionais da forma nominal *gerúndio*, indicando que a variação entre forma flexionada ou não-flexionada do infinitivo ocorre igualmente quando este representa uma ação gerundial.

Ainda sobre usos do infinitivo, Cunha & Cintra denominam *infinitivo de narração* um infinitivo precedido de preposição *a* em “frase nominal de acentuado caráter afetivo”, com sentido narrativo ou descritivo. Este também tende a aparecer sob forma não-flexionada. Exemplos (2001, 486)⁸:

Mais dois dias. E Catarina a piorar.

(Jorge Amado, *Gabriela, Cravo e Canela*)

[...] *A mãe a fenecer em casa, a ouvir e a obedecer.*

(Óscar Ribas, *Uanga: feitiço*)

Paralelamente, vale mencionar aqui os casos que Barbosa (1999, 216) chamou de *gerúndio narrativo*, ou seja, “uma ou mais orações iniciadas por gerúndio, sem qualquer valor circunstancial ou relativo, mas sim em uma estrutura em coordenação funcionando como um encadeador discursivo”. Podemos observar exemplos desse uso do gerúndio no trecho:

“A parte historica da negociação é breve e clara. Em 31 de Agosto de 1835 fez-se um tractado, e desde então o governo portuguez demorou o negocio ora pedindo revisão do regulamento, - já dando-lhe o caracter de lei - para conseguir novas dilações nas camaras, já por ultimo fechando a legislatura e suspendendo a discussão quando estava quasi toda concluida, despresando as reclamações do nosso governo, e faltando á sua palavra tantas vezes empenhada.”

⁸ Os exemplos de obras literárias brasileiras e/ou portuguesas aqui apresentados encontram-se nas próprias gramáticas às quais estamos nos referindo.

(E-P-82-Jn-008)⁹

Sobre esse uso, Barbosa (1999, 217) afirma:

[...] o desenvolvimento dessas orações reduzidas não explicita qualquer vínculo a um nome, nem a um verbo, sob circunstância de tempo, modo, causa, etc. A permuta válida para as formas nominais em foco deve ser feita por uma forma verbal indicativa, presente ou perfeita.

A respeito do gerúndio, Cunha & Cintra afirmam ser invariável. Quanto ao tempo, eles ressaltam que a forma simples (e não a composta) do gerúndio indica uma ação em progresso, que pode ser imediatamente anterior, posterior ou contemporânea à ação do verbo da oração principal. Segundo os autores, esse sentido depende, em geral, da posição do gerúndio na frase.

Assim:

- O gerúndio situado no início do período expressa uma ação realizada imediatamente antes ou ainda uma ação que começou antes (e ainda continua) da indicada na oração principal.

Exemplos: ***Ganhando*** a praça, o engenheiro suspirou livre. (Aníbal M. Machado)

Estremecendo, vejo um casal de sessenta anos. (Augusto Abelaira)

- O gerúndio colocado ao lado do verbo principal denota uma ação concomitante, equivalendo a um adjunto adverbial de modo.

Exemplos: *Maciel ouvia **sorrindo***. (Machado de Assis)

Chorou¹⁰ soluçando sobre a cabeça do chão. (Castro Soromenho)

⁹ Os exemplos retirados de nosso *corpus* de análise mantêm a referência com que são encontrados no *site* do Projeto Varport (www.lettras.ufjf.br/varport).

¹⁰ Vê-se que, nesse exemplo, o gerúndio está no início do período, mas aqui, prevalece o fato de estar ao lado de o que os autores chamam de “*verbo principal*” (Como veremos a seguir, essa noção de verbo principal não está de acordo com a nossa concepção. Casos como “Chorou soluçando” seriam classificados nessa pesquisa como dois verbos plenos independentes, sem que um fosse considerado principal em relação ao outro).

- O gerúndio posposto à oração principal exprime uma ação posterior e, frequentemente, corresponde a uma oração coordenada iniciada pela conjunção *e*.

Exemplos: *No quintal as folhas fugiam com o vento, **dançando** no ar em reviravoltas de brinquedo.* (Luís Jardim)

Outros usos do gerúndio mencionados por Cunha & Cintra são:

- Idéia de progressão indefinida, especialmente quando a forma aparecer em repetição.

Exemplo: ***Viajando, viajando**, esquecia-se o mal e o bem.* (Adonias Filho)

- Sentido de *imperativo*, ordem.

Exemplo: ***Andando!***

Os autores mostram, ainda, em seção intitulada “*O gerúndio na locução verbal*”, o comportamento dessa forma nominal em construções perifrásticas. Nela, afirmam que o gerúndio pode se combinar com os auxiliares *estar*, *andar*, *ir* e *vir*, sem incluir, como fazem na unidade sobre verbos auxiliares, o auxiliar *ficar*. Os quatro auxiliares citados nessa seção exprimem uma ação durativa, com diferentes nuances de acordo com o verbo:

⇒ *Estar*: ação ocorrendo no momento exato da enunciação.

Exemplo: *Estas delongas **estão afligindo** a curiosidade de quem me ler.* (Camilo Castelo Branco)

⇒ *Andar*: idéia de intensidade ou de ação repetitiva.

Exemplo: *A população **andava** agora **vivendo** dias de chuva [...].* (Manuel Ferreira)

⇒ *Ir*: ação realizada progressivamente ou em fases sucessivas.

Exemplo: *Vagaroso, o tempo foi passando.* (Miguel Torga)

⇒ *Vir*: ação que se desenvolve gradativamente em direção ao momento ou ao lugar em que se encontra o enunciador.

Exemplo: *A noite vem chegando de mansinho.* (Fernando Namora)

Passando a Rocha Lima (2002), vemos o mesmo afirmar que o verbo é “a parte da oração mais rica em variações de forma ou acidentes gramaticais” (2002, 122). O autor diz ainda que o verbo muda de forma para expressar cinco idéias: *modo, tempo, número, pessoa e voz*. Como se pode observar, a noção de *aspecto* é ignorada pelo autor. Para ele, existem apenas três modos verbais: *indicativo, subjuntivo e imperativo* e critica os autores que afirmam que as formas de *infinitivo, participio e gerúndio* representam modos do verbo. Segundo o autor, tais formas sequer são verbos, pois “não possuem *função* exclusivamente verbal”. Sendo assim, ele classifica-as como:

- *infinitivo*: é um *substantivo*, podendo exercer função de sujeito, complemento verbal etc.
- *participio*: possui valor de *adjetivo*, modificando substantivos.
- *gerúndio*: equivale a um *advérbio*, por exprimir valores circunstanciais, tais como: tempo, modo, lugar, condição etc.

Bechara, em sua *Moderna Gramática Portuguesa* (2001), apresenta informação semelhante em relação às formas nominais do verbo (assim chamadas por poderem desempenhar função de nomes).

Quanto ao emprego das formas nominais, Bechara também menciona o *infinitivo histórico* ou *de narração*, que descreve uma ação em curso no passado e não no presente (assim

como já havíamos visto em Cunha & Cintra (2001) e seu equivalente em gerúndio em Barbosa (1999). Exemplos:

*E os médicos **a insistirem** que saísse de Lisboa.* (Júlio Diniz)

*Ela **a voltar** as costas, e o reitor **a pôr** o chapéu na cabeça.* (Júlio Diniz)

*E ele **a rir-se**, ele **a regalar-se**.* (Eça de Queiroz)

O que Bechara acrescenta de diferente em relação aos demais já citados é mencionar que, na função adjetiva (como em *água fervendo*), o gerúndio é, geralmente, considerado galicismo. O autor, contudo, parece discordar dessa posição ao afirmar que tal construção é antiga no idioma, tendo ocupado o “lugar vago deixado pelo particípio presente, que desapareceu do quadro verbal português para ingressar no quadro nominal” (2001, 224).

Mateus *et alli* (2003) não mencionam nada específico sobre formas nominais. Só tratam de gerúndio sintaticamente, ao descreverem as orações gerundiais, que serão analisadas aqui em momento oportuno, no capítulo 4.

Em contrapartida, Bosque & Demonte (1999) fazem uma descrição bastante detalhada, especialmente das perífrases e construções (em geral) de gerúndio, que ganham, em sua gramática, capítulo exclusivo. Os autores elencam os verbos que podem aparecer seguidos de gerúndio formando perífrases verbais na língua espanhola. São eles:

PERÍFRASE	DESCRIÇÃO
<i>Estar</i> + gerúndio (<i>Estar</i> + gerundio)	É a perífrase de gerúndio mais usada. Apresenta a ação em curso durante um período de tempo breve ou longo no passado, no presente ou no futuro, de acordo com o tempo do auxiliar <i>estar</i> .
<i>Ir</i> + gerúndio (<i>Ir</i> + gerundio)	Transmite uma ação gradual e prospectiva, de acordo com o tempo do auxiliar. Não aceita advérbios temporais de duração concreta, específica.
<i>Vir</i> + gerúndio (<i>Venir</i> + gerundio)	Expressa a ação em curso que parte de um ponto anterior e se dirige a um ponto coincidente com o momento designado pelo auxiliar. É a chamada “visão retrospectiva”.
<i>Andar</i> + gerúndio (<i>Andar</i> + gerundio)	Caracteriza-se por representar a ação mediante uma série de conotações subjetivas de natureza diversa, em especial, uma visão modalizadora da ação (ênfase, solicitude, ansiedade, ironia, humor...). Bosque & Demonte mencionam que, segundo Spaulding, essa é uma perífrase mais coloquial do que <i>estar</i> + <i>gerúndio</i> .
<i>Ficar</i> + gerúndio (<i>Quedar(se)</i> + gerundio)	Exprime uma ação cujo desenvolvimento é captado a partir de seu momento inicial, com certa noção de começo brusco. Segundo Bosque & Demonte, muitos autores não a consideram perífrase.
<i>Sair</i> + gerúndio (<i>Salir</i> + gerundio)	Expressa o início de uma ação vista em seu transcurso, que pressupõe um processo anterior (explícito ou não) (BOSQUE & DEMONTE, 1999, 3421). Ao menos no que tange ao castelhano, diz-se que essa construção é “meio-perífrase” e “meio-locação”, pois o verbo principal quase sempre é um “verbo de dizer” (ex.: <i>Sair dizendo; sair falando, sair contando...</i>)
<i>Seguir, continuar e prosseguir</i>	Exprime uma noção continuada da ação em curso, que começa em um momento anterior e se prolonga até o momento designado pelo auxiliar, sem especificar o momento desde o passado (como acontece com as

+ gerúndio (<i>Seguir, continuar e proseguir</i> + gerúndio) ¹¹	perífrases com <i>vir</i> ou <i>levar</i> + <i>gerúndio</i>), nem até o futuro (como faz a perífrase <i>ir</i> + <i>gerúndio</i>).
<i>Acabar, terminar</i> + gerúndio (<i>Acabar, terminar</i> + gerúndio)	Descrevem uma ação progressiva vista como uma culminação final de um processo ou série de processos anteriores (visão “ <i>culminativo-finalizativa</i> ”, segundo os autores). Também pode indicar uma ação inesperada ou difícil e pode conter, às vezes, um sentido de impaciência.
<i>Iniciar, começar</i> + gerúndio (<i>Empezar, comenzar</i> + gerúndio)	É usado no início de um processo visto em seu “desenrolar-se”, que se relaciona com outro processo ou série de processos posteriores, explícitos ou implícitos (visão “ <i>iniciativo-sucessiva</i> ”, de acordo com Bosque & Demonte).
<i>Levar</i> + gerúndio (<i>Llevar</i> + gerúndio)	Só é empregada em tempos perfectivos, enquanto as demais perífrases também admitem os tempos compostos e o perfeito simples. Não expressa <i>desde quando</i> dura uma ação, mas sim <i>quanto</i> a mesma dura.

Quadro 1: Perífrases de gerúndio segundo Bosque & Demonte (1999)

O aspecto em gramáticas

Nosso trabalho abrange, basicamente, as construções que indicam ações em geral chamadas de **progressivas** da Língua Portuguesa. As características mais marcantes dessas perífrases são a *duração* e a *incompletude*, visto que representam uma ação em curso. Frequentemente, o **aspecto progressivo**, também denominado **aspecto contínuo**, indica um tempo

¹¹ Bosque & Demonte (1999) afirmam que, ao menos para o castelhano, a perífrase *seguir* + *gerúndio* é muito freqüente na fala atual, enquanto a perífrase *continuar* + *gerúndio* é muito menos freqüente, em especial na fala coloquial. Essa informação não se aplica (na verdade, podemos até dizer que é inversa) em relação à Língua Portuguesa, em que sabemos que a perífrase *continuar* + *gerúndio* é bastante usada, inclusive na língua falada coloquial.

coincidente com o momento da enunciação da ação¹². Assim, tendo em vista o fato de ser um elemento fundamental em nossa pesquisa, faz-se necessário mencionar algumas das acepções acerca do tema “*aspecto*” em diversas gramáticas tradicionais e descritivas e também nas abordagens desenvolvidas por pesquisas lingüísticas.

Mateus et alii (2003) apontam três formas de marcar o tempo na língua: através dos *tempos verbais*, dos *advérbios* e das *expressões adverbiais de tempo*. As autoras afirmam que, em português, assim como em muitas outras línguas, vários fatores podem influir na determinação do valor aspectual de uma frase. Deve-se considerar que, essencialmente, **a aspectualidade é componencial**. Os tempos verbais, por exemplo, podem veicular informação aspectual sem que a distinção *tempo x aspecto* possa ser feita morfológicamente.

Ainda segundo *Mateus et alii*, o aspecto é definido como aquilo que “fornece informações sobre a forma como é perspectivada ou focalizada a estrutura temporal interna de uma situação descrita pela frase, em particular, pela sua predicação” (2003, 129). Pode-se, com base nas autoras, estabelecer o seguinte quadro comparativo:

TEMPO	ASPECTO
Ordenação linear de unidades temporais atômicas (instantes) ou densas (intervalos)	Destaque para a estrutura interna, focalizando as situações a partir do seu

¹² Apesar disso, sabemos que as mesmas construções também podem indicar outras idéias. Exemplo disso é o uso do *Presente Progressivo* para falar acerca do tempo futuro, conforme mostram *Mateus et alii* (2003, 155):
Dentro de uma semana a Maria está a viver em Paris.
Dentro de uma semana a Maria está a ser simpática com os colegas.

Esses exemplos podem nos soar estranhos, talvez pelo fato de as autoras, portuguesas, buscarem representar a variante lusitana da Língua Portuguesa, a qual não nos é tão familiar em alguns casos.

Elas destacam o fato de essa construção ser diferente da expressão com o *Progressivo Futuro* de outras línguas, tais como o inglês:
I'm traveling next month.

que se podem suceder ou sobrepor.	interior, sendo, portanto, subatômico.
Categoria relacional (dêitica ou anafórica).	Por se concentrar na perspectiva interna, não precisa se relacionar com outros elementos.

Quadro 2: Diferença *tempo x aspecto*, segundo Mateus *et alii* (2003)

As autoras ressaltam que, quando usamos uma determinada expressão temporal, geralmente, estamos nos referindo ao intervalo de tempo da situação e não apenas a um ponto isolado no tempo. Isso ocorre porque associamos o tempo à dimensão de *duração*.

Para elas, a noção de aspecto pode comunicar três tipos de informação: *concluído*, *terminado* e *em curso*. Elas recordam uma distinção feita pelos neogramáticos, no século XIX, entre *aspecto*, de natureza gramatical e realizado em muitas línguas (como o português) através de morfemas flexionais e *aktionsart* (ou modo de ação), que é de natureza lexical. As autoras são contra tal diferenciação, pois acreditam ser possível transmitir informação aspectual através de diferentes processos lingüísticos, tais como:

- Afixos;
- Construções com auxiliares e semiauxiliares;
- Combinação de vários elementos na frase associados a esses dois primeiros processos.

Mateus *et alii* (2003) estabelecem ainda uma tipologia aspectual, como segue:

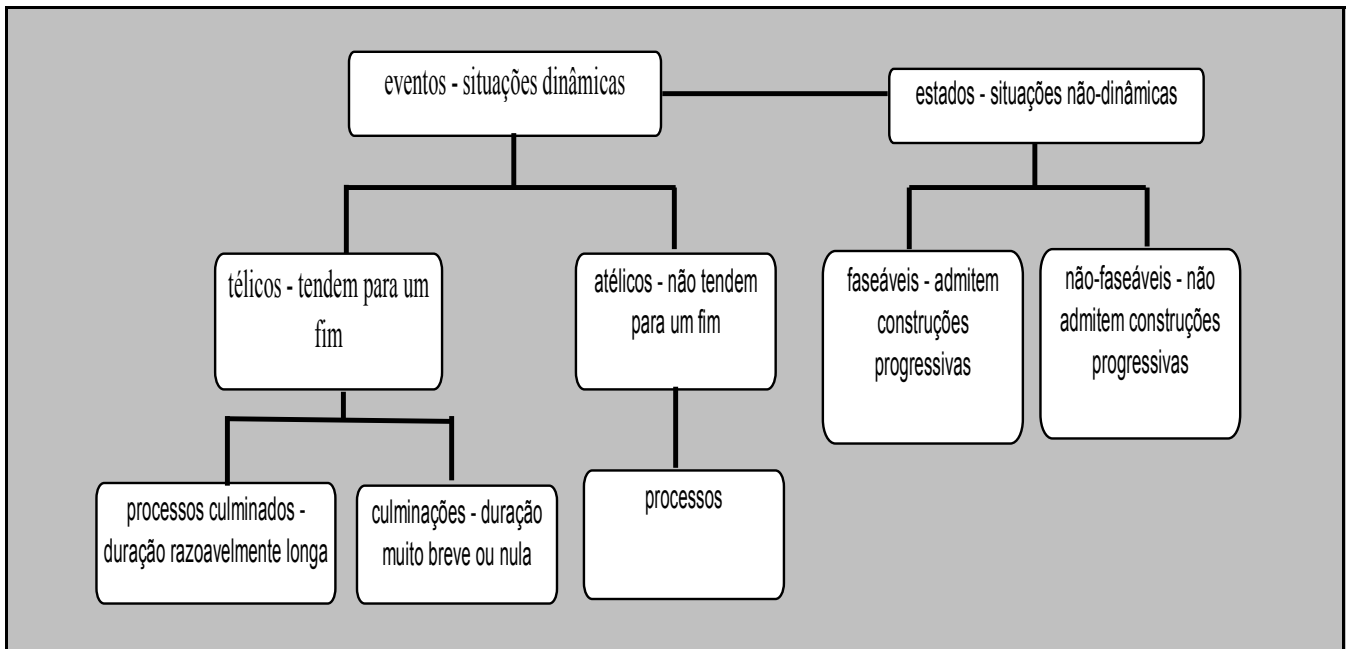


Figura 1: Tipologia aspectual, segundo Mateus *et alii* (2003)

Em seguida, as autoras analisam mais detalhadamente os fatores responsáveis por mudança aspectual: os tempos gramaticais, os operadores aspectuais e a natureza semântica dos complementos. Em relação ao tema do nosso trabalho, o *progressivo*, elas o enquadram na seção sobre operadores aspectuais, dizendo que se trata da construção mais debatida em língua portuguesa, de uso muito freqüente. Para elas, todas as situações podem ocorrer no progressivo, exceto os chamados *estados não-faseáveis* (ex.: *Pedro *está a estar a comer* sopa.).

Após descrever algumas perífrases aspectuais, as autoras explicitam o seguinte quadro resumidor:

<i>Estar a</i> ¹³	Estados faseáveis	Estado progressivo
------------------------------	-------------------	--------------------

¹³ A preposição, nesse caso, é mostrada como participante da perífrase verbal com valor aspectual, exprimindo idéia de duração. Elas não citam, aqui, a construção formada por *estar + gerúndio* indicando a mesma idéia. Mostram apenas o verbo seguido de preposição “a”, levando o leitor a subentender que estão se referindo à construção de

	Eventos	
<i>Andar a</i>	Estados faseáveis Eventos	Estado habitual ou freqüentativo
<i>Começar a</i> ¹⁴	Estados faseáveis Eventos	Estado pontual
<i>Continuar a</i>	Estados Eventos	Estado não faseável Processo
<i>Deixar de</i>	Estados Eventos	Estado não faseável Evento pontual + estado cessativo
<i>Parar de</i>	Processos Processos culminados	Evento pontual / (estado cessativo)
<i>Acabar de</i>	Processos Processos culminados	Culminação / (processo culminado)

Quadro 3: Verbos de operação aspectual (MATEUS *et alii*, 2003, 151)

No âmbito das descrições tradicionais, em **Rocha Lima** (2002) a categoria *aspecto* é pouquíssimo desenvolvida. Não há sequer uma seção específica dentro de algum capítulo para tratar do assunto.

Já **Cunha & Cintra** definem *aspecto* como “uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo” (CUNHA & CINTRA, 2001, 382). Nesse sentido, os autores fazem a oposição de quatro tipos de variação aspectual:

1- Formas *perfeitas* e *mais-que-perfeitas* versus formas *imperfeitas*

infinitivo gerundivo.

¹⁴ É interessante notar que, no quadro, Mateus *et alii* “juntam” verbos que selecionam obrigatoriamente preposição e verbos que não o fazem. Elas, além de não mencionarem que pode haver perífrases de aspecto progressivo seguidas de *gerúndio* no lugar de *preposição + infinitivo* com quase todos os verbos do quadro, também não citam a possível alteração de sentido entre *começar + a + infinitivo* e *começar + gerúndio*. Essa postura parece ser incoerente com o que apresentam no capítulo 11 (2003, 400-401), quando afirmam que, com verbos que não exigem complementos preposicionados, “as preposições ou locuções prepositivas têm um importante papel na interpretação”.

2- Valores semânticos dos verbos:

- a) Aspecto pontual / aspecto durativo – de acordo com a extensão de tempo da ação;
- b) Aspecto contínuo / aspecto descontínuo – de acordo com o processo de desenvolvimento da ação;
- c) Aspecto incoativo / aspecto conclusivo – de acordo com a fase em que se encontra a ação.

3- **Forma simples versus perífrase durativa**

Quanto a essa oposição, Cunha & Cintra afirmam que a perífrase *estar + gerúndio* (ou *infinitivo* precedido de preposição *a*, ou seja, o infinitivo gerundivo), pode ser usada em todos os modos e tempos verbais. Além disso, no lugar do verbo *estar*, podem aparecer outros verbos auxiliares: os de movimento (*andar, ir, vir* etc.) ou os de implicação (*continuar, ficar* etc.).

4- **Ser versus estar** – Diferentes tipos de passividade

Bechara é o gramático que se mostra mais diferente dos demais analisados até então. Ele apresenta algumas considerações acerca das características gerais dos verbos a partir de Roman Jakobson e de Eugenio Coseriu. Como categorias gerais do sistema verbal enunciadas por Jakobson, Bechara aponta: **gênero, número, pessoa, voz, modo, estado, aspecto, tempo, taxis e evidência**.

As categorias que nos interessam mais de perto para a descrição e compreensão das formas nominais em análise neste trabalho são: **aspecto, tempo** (ou nível temporal) e **taxis**. Eis a definição destas em Bechara (2001, 212-213):

⇒ **Aspecto**: Seguindo a orientação de Jakobson, Bechara acredita que a ação, quanto ao aspecto, só pode ser conclusiva (**perfeita**) ou inconclusiva (**imperfeita**). O autor ressalta, então, que

características como *durativa*, *incoativa (ingressiva)*, *terminativa*, *iterativa* etc., que muitos autores consideram como aspectuais, são, na verdade, subdivisões dessa categoria.

- ⇒ **Tempo** (ou nível temporal): Diz respeito à relação temporal entre a realização da ação e o momento do enunciado: no *presente* são concomitantes; no *passado*, a ação é anterior ao enunciado; e, no *futuro*, posterior.
- ⇒ **Taxis**: É uma categoria que não aparece nas outras gramáticas estudadas aqui. É semelhante ao *tempo*, no sentido de que marca a posição de uma ação em relação à outra. Esta, porém, não considera o momento do enunciado. É, ao contrário, “simples série de ações” (2001, 213). Nas línguas românicas, em geral, pode ser observada em determinadas construções impessoais formadas por alguma das formas nominais (ex.: *correr cantando*, *fugir pulando* etc.).

Já Eugenio Coseriu *apud* Bechara destaca as categorias de *tempo* e *aspecto*, que costumam aparecer associadas no português e nas demais línguas românicas (tanto na forma simples quanto na perifrástica, em locução verbal). Para ele, o termo “*temporal*” faz referência “à posição da ação verbal no percurso”, enquanto “*aspectual*” denota “a maneira de considerar a ação no tempo” (2001, 213).

Coseriu *apud* Bechara (2001) apresenta as seguintes subcategorias verbais relacionadas às categorias de *tempo* e *aspecto*:

SUBCATEGORIAS	TIPO DE AÇÃO	EXEMPLO
1. <u>Nível temporal</u> :	Nível <i>atual</i> – presente;	<i>Presente</i>
	Nível <i>inatual</i> – Todos os outros tempos que não se encontram no presente.	<i>Imperfeito</i>

2. <u>Perspectiva</u> : É concernente à posição do falante em relação à ação verbal.	Paralela – uma ação em curso (<i>cursiva</i>) no presente;	<i>Faço</i>
	Retrospectiva – uma ação fora do curso (<i>complexiva</i>) no passado;	<i>Fiz</i>
	Prospectiva – uma ação fora do curso (<i>complexiva</i>) no futuro.	<i>Farei</i>
3. <u>Duração</u> : Diz respeito ao período de tempo em que acontece a ação verbal.	Durativa;	<i>Olhar</i>
	Momentânea;	<i>Chegar</i>
	Intermitente (mistura de ambas, ou seja, uma ação formada por vários atos breves).	<i>Saltitar</i>
4. <u>Repetição</u> :	Semelfática (uma ação única – somente este tipo pode se apresentar na forma de perífrases ou por processos de formação de palavras);	<i>Voltar a + infinitivo</i>
	Frequêntativa (uma ação repetida singular ou indeterminada).	<i>Andar + gerúndio</i>
5. <u>Conclusão</u> : As ações podem ser <i>terminativas</i> (de conclusão subjetiva) ou <i>completivas</i> (de conclusão objetiva).	Conclusa;	“O português não tem nesse terreno, como também suas irmãs românicas, nenhum aspecto como categoria.” (2001, 215)
	Inconclusa;	
	Sem traço de conclusão.	
6. <u>Resultado</u> :	Resultativa (com resultado) – pode ser subjetiva (quando afeta o sujeito) ou objetiva (quando afeta o objeto).	<i>Estar + participio (está feito)</i> <i>Ter + participio + concordância com o objeto</i>
	Não-resultativa (sem resultado)	
7. <u>Visão</u> : Pode observar a ação verbal parcialmente, em fragmentos ou entre dois pontos de seu curso.	Comitativa – observa a ação em diversos momentos de seu curso;	<i>Andar + gerúndio</i>
	Prospectiva – vê a ação desde seu curso até um futuro indeterminado	<i>Ir + gerúndio</i>
	Retrospectiva – vê a ação a partir de um passado indeterminado até o presente;	<i>Vir + gerúndio</i>
	Continuativa – é uma combinação entre a visão retrospectiva e a visão prospectiva;	<i>Seguir + gerúndio</i> <i>Continuar + gerúndio</i>
	Global – compreende o conjunto da ação vista de maneira parcial. ¹⁵	<i>Estar + gerúndio</i>

<p>8. Fase.¹⁶</p> <p>É a relação entre o momento da observação e o grau de desenvolvimento da ação verbal observada. (2001, 217)</p>	Iminente (ingressiva) – marca o começo, a “preparação” da ação;	<i>Estar por / para + infinitivo</i>
	Inceptiva – descreve o ponto exato inicial da ação;	<i>Começar a + infinitivo</i> <i>Pôr-se a + infinitivo</i> <i>Sair + gerúndio</i>
	Progressiva – observa a ação em seu desenvolvimento;	<i>Ir + gerúndio</i>
	Continuativa – diz respeito ao período medial do desenvolvimento da ação;	<i>Seguir + gerúndio</i> <i>Estar + gerúndio</i> <i>Continuar a + infinitivo</i>
	Regressiva e conclusiva – descreve a ação em seu estágio final. Expressa-se exclusivamente por perífrases verbais;	<i>Terminar de + infinitivo</i>
	Egressiva – vê a ação após seu término.	<i>Acabar de + infinitivo</i>

Quadro 4: Subcategorias verbais relacionadas a tempo e aspecto, Coseriu *apud* Bechara (2001)

Dentre todas essas subcategorias, Bechara declara que as únicas que estão presentes em todas as ações verbais em língua portuguesa são o *nível do tempo* e a *perspectiva*. As outras podem não ser expressas (ficando “indeterminadas”) ou então se amalgamarem em duas.

Na *Gramática Descritiva de la Lengua Española*, Bosque & Demonte (1999) dizem que as perífrases aspectuais vinculam-se fortemente com a ação verbal em si mesma, determinando diferentes nuances aspectuais, que são:

ASPECTO	VALOR SEMÂNTICO	EXEMPLOS
<i>Incoativas</i>	Indicam o início da ação	<i>Começar a; pôr-se a; romper</i>

¹⁵ Bechara afirma que tais construções poderiam ser “dispensadas”, já que podem ser desempenhadas por outros meios na língua. E cita como exemplos: *Estou lendo x Leio*, onde o presente, como se generalizou no francês, pode expressar ações em curso.

¹⁶ Bechara mostra que pode haver um “sincretismo” das subcategorias “visão” e “fase” na fase progressiva, correlacionando-se com a visão comitativa, gerando uma ação dinâmica (*ando fazendo*) ou um progressivo retrospectivo (*venho fazendo*).

		<i>a + infinitivo</i>
<i>Ingressivas</i>	Indicam o ponto imediatamente anterior ao início da ação	<i>Estar a ponto de + infinitivo</i>
<i>Durativas</i>	Indicam o transcurso da ação	-
<i>(Re)iterativas</i>	Indicam a repetição da ação	<i>Andar a, costumar;</i> <i>voltar a + infinitivo</i>
<i>Perfectivas</i>	Indicam o final da ação	<i>Acabar de, parar de, deixar de + infinitivo</i>
<i>Pontuais</i>	Indicam um ponto qualquer da ação, sem considerar estágios anteriores ou posteriores	-

Quadro 5: Valores semânticos das perífrases aspectuais em castelhano (BOSQUE & DEMONTE, 1999)

2.2.1 Na visão de Brenda Laca

Após ter comentado, resumidamente, sobre o que dizem algumas gramáticas tradicionais e descritivas a respeito do quesito *aspecto*, faremos menção, agora, ao trabalho de Brenda Laca, uma lingüista que investiga o assunto em diversas línguas românicas. Em vários artigos da autora, vemos uma distinção crucial acerca das perífrases aspectuais. Laca afirma existirem dois tipos destas, as ***perífrases de situação*** (ou *de aspecto lexical* ou '*Aktionsart*') e as ***perífrases de ponto de vista*** (ou *de aspecto gramatical* ou *sintático*), que são diferentes tanto semântica como sintaticamente. Unificá-las não seria, então, desejável para os estudos lingüísticos.

Em seu artigo "Spanish 'Aspectual' Periphrases: Ordering Constraints and the Distinction Between Situation and Viewpoint Aspect" (2002), Laca cita uma proposta de Cinque (CINQUE, 1998, 1999 e 2000 *apud* LACA, 2002) na qual o autor tenta solucionar a questão do *status* sintático e semântico do verbo principal da perífrase. Após analisar seus argumentos, contudo, Laca afirma que a hierarquia de Cinque não oferece resposta totalmente satisfatória para a questão do *status* e dos condicionamentos de ordem das perífrases aspectuais. Mas, apesar

disso, não deixa de admitir que há condicionamentos quanto à ordem das construções perifrásticas, sendo um dos fatores que as diferencia, juntamente com a possibilidade de combinações dos constituintes.

Com o objetivo de apreender e descrever o fenômeno, Laca enuncia que a ordem das perífrases é determinada tanto por condicionamentos extrínsecos, como por condicionamentos intrínsecos e a diferença entre esses domínios é o que caracteriza a distinção entre *aspecto sintático* e *aspecto lexical* (2002, 8). Assim:

PERÍFRASES ASPECTUAIS	
Afixos de flexão	Afixos de derivação
Mais periféricos (longe da raiz)	Menos periféricos
Elementos extrinsecamente ordenados (ordem mais rígida)	Elementos intrinsecamente ordenados (mais “liberdade”)
Afixação sintática	Afixação lexical
<i>Viewpoint</i>	<i>Situation aspect</i>

Quadro 6: *Aspecto sintático x aspecto lexical* (LACA, 2002)

Ou seja, segundo sua hipótese, há correlação entre *aspecto de ponto de vista* – posição periférica – ordem extrínseca *versus* *aspecto de situação* – posição interna – ordem intrínseca.

De acordo com Smith, em *The Parameter of Aspect* (SMITH, 1991 *apud* LACA, 2002), o *aspecto sintático* (ou “*de ponto de vista*”) corresponde à relação entre o intervalo de tempo da situação (SitT) e o intervalo de tempo do enunciado (AssT). Laca (2002, 10) propõe, então, três possibilidades de *aspectos de ponto de vista*:

- AssT ANTES SitT – *prospectiva* (ex.: *ir + gerúndio*);
- AssT DEPOIS SitT – *retrospectiva* (ex.: *acabar de + infinitivo*);
- AssT DURANTE SitT – *progressiva* (ex.: *estar + gerúndio / a + infinitivo*).

A autora afirma haver muitos fatores semânticos e distribucionais que mostram que, com verbos de movimento, as perífrases de gerúndio não representam *aspecto progressivo*, uma vez que este deve incluir AssT em SitT, ou seja, o ponto final da ação não pode coincidir com o ponto final da enunciação. E cita o exemplo

*A las tres / Cuando llegaba a casa, María **estava poniendo** la mesa.*

em que, segundo a autora, não há aspecto progressivo, e sim “telicidade suspensa”¹⁷. Talvez essa sutileza não valha para o Português. De qualquer modo, mesmo não havendo condições nesse trabalho de controle quantitativo distinguindo essa abordagem de cunho progressivo *versus* de telicidade suspensa, a diferença poderá servir para uma análise qualitativa dos dados.

Segundo Bybee & Dahl *apud* Laca (1998, 217), o aspecto progressivo indica:

- Uma atividade que está em continuidade no momento da fala;
- Uma atividade realmente em progresso no momento do evento;
- Atividades realmente em progresso no momento de referência¹⁸.

Laca (2002, 13) menciona as várias interpretações para a construção *estar + gerúndio*:

- *Estar + gerúndio + “semelfactives”* = atividades repetidas (ex.: *Ela **estava tossindo***);

¹⁷ Em outro artigo, os objetivos da autora são justamente provar que as perífrases com verbos de movimento pertencem ao domínio de aspecto “mais baixo”, enquanto as verdadeiras perífrases de aspecto progressivo seriam aquelas constituídas pelo verbo STARE (Laca: 2004).

¹⁸ “an activity that is ongoing at speech time; activity actually [...] in progress at event time; activities [...] actually in progress at reference time”.

- *Estar* + *gerúndio* + “*achievements*” = “*accomplishments*” cuja atividade corresponde ao estágio inicial da “conquista” (ex.: *O trem estava chegando à estação*);
- *Estar* + *gerúndio* + *estados / hábitos* = interpretações dinâmicas e temporárias. (ex.: *Pablo está indo muito frequentemente ao teatro.*).

Baseada em Dahl (1985), a autora afirma que “os gramemas temporais e aspectuais tendem a expressar um pequeno número de categorias temporais e aspectuais cujo conteúdo típico é, essencialmente, análogo em muitas línguas”¹⁹ (1998, 207).

O foco de Laca no artigo “Aspect – Periphrase – Grammaticalisation. A propôs du ‘Progressif’ dans les langues ibero-romanes” (1998) é o estudo do aspecto sob a perspectiva da gramaticalização. A autora declara que as “perífrases surgem como resultado de processos de gramaticalização e diferenças entre elas podem até indicar diferentes fases do processo”²⁰ (2002, 24). Por isso, contrasta o surgimento de diversas perífrases aspectuais (em especial as que indicam aspecto progressivo), visando a mostrar que há muitas semelhanças entre elas. As línguas românicas constituiriam um bom campo para os estudos de gramaticalização por, na maioria dos casos, serem muitas (pelo menos duas e, às vezes, seis) perífrases “concorrentes” com nuances de diferenciação muito sutis. O acúmulo de construções alternativas semanticamente muito próximas caracterizam um dos ambientes favoráveis à gramaticalização.

É difícil diferenciar as perífrases de gerúndio, pois costumam se comportar de maneira muito semelhante em relação às possíveis estratégias usadas para distinguir perífrases: caráter fixo ou não dos constituintes; possibilidade de introduzir ou não material lexical ou gramatical

¹⁹ Les grammèmes temporels et aspectuels ont tendance à exprimer un petit nombre de catégories temporelles et aspectuelles dont les contenus prototypiques sont en essence analogues dans beaucoup de langues. (LACA, 1998)

²⁰ Now, it is an uncontroversial fact that periphrases arise as a result of grammaticalization processes. It is thus tempting to assume that the differences we have just discussed correspond to different stages in such processes. (LACA, 2002, 24)

entre o auxiliar e o gerúndio; e a ordem dos clíticos junto com tais construções. Sendo assim, Laca aponta a necessidade de encontrar índices semânticos de caracterização para identificar a gramaticalização que ocorre nessas perífrases (1998, 209). Entretanto, Laca ressalta o perigo de ocorrerem descrições “impressionistas” e, por isso, destaca a importância de se estabelecer uma metodologia o mais objetiva possível para a descrição. A bem da verdade, em etapas iniciais, ainda mais com dados de sincronias passadas, é inevitável partirmos de “impressionismos” para, conscientes das diferenças, chegarmos a construir metodologias mais objetivas. Em outras palavras, muitas vezes, a metodologia mais eficaz é fruto de uma etapa em princípio “impressionista”, porém ordenada e crítica.

Dentro da oposição aspectual *perfectivo versus imperfectivo*, Laca diz que a construção *estar + gerúndio*, a qual estuda mais especificamente, pertence ao domínio do imperfectivo. Em termos gerais, a autora mostra que o caminho de gramaticalização seguido pelas perífrases é: *copulativo/locativo > progressivo > imperfectivo*.

Laca pauta em três partes sua defesa em favor da gramaticalização da construção *estar + gerúndio*: há generalização da distribuição de *estar + gerúndio* em espanhol e em catalão; houve a multiplicação dos valores contextuais; e ocorreu o aumento da frequência da construção.

Com relação à generalização da distribuição da perífrase, Laca aponta que, até o século XV, esta se combinava com “verbos agentivos que indicassem uma ação controlada ou voluntária de um sujeito animado”. Hoje, em contrapartida, também se combina com sujeitos não-animados, verbos estativos (não-agentivos), predicções atributivas e verbos de movimento (1998, 218).

Já quanto à multiplicação dos valores contextuais, os dados da pesquisa citada mostram *estar + gerúndio* aparecendo em predicções com o valor de uma “disposição, aptidão” ou de um “hábito temporário”. Para dados da atualidade, Bybee afirma que há uso dessa construção com sentido imperfectivo, embora isso ainda não seja comprovado para as línguas românicas.

Quanto à frequência, Laca mostra que, no espanhol contemporâneo, *estar + gerúndio* é de duas a três vezes mais frequente do que *ir e andar + gerúndio*, em um *corpus* de textos narrativos posteriores a 1950 e língua oral. Ela menciona o trabalho de Yllera (YLLERA, 1979 *apud* LACA, 2002) que conclui que, até o século XIV, o quadro era inverso e que *estar + gerúndio* começou a “tomar o lugar” de *ir e andar + gerúndio* somente a partir de então.

Essas investigações acerca do comportamento das perífrases aspectuais em outras línguas românicas podem nos indicar caminhos para o estudo das construções gerundiais em Língua Portuguesa. É o que tentaremos observar nos dados encontrados em nossos *corpora*.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E DELIMITAÇÃO DAS VARIÁVEIS

Para o controle dos fatores que condicionam a variação entre gerúndio e infinitivo gerundivo, foram construídos oito grupos de fatores (variáveis independentes): **1- nação**; **2- gênero textual**; **3- tipo sintático de oração**; **4- estrutura verbal**; **5- tempo**; **6- tipo semântico do verbo**; **7- tipo de texto**; **8- faixa etária**. Para o *corpus* escrito foram usados apenas os sete primeiros grupos, visto que não tínhamos como determinar a faixa etária dos autores dos textos jornalísticos. Para o *corpus* falado, todos os oito grupos de fatores foram investigados.

A tabela abaixo mostra todos os grupos de fatores com seus respectivos fatores:

GRUPO	FATORES
Nação	↪ Brasil;

	↵ Portugal.
Gênero textual	<ul style="list-style-type: none"> ↵ Anúncios; ↵ Editoriais; ↵ Notícias; ↵ Língua falada culta;
Tipo sintático de oração	<ul style="list-style-type: none"> ↵ Absoluta; ↵ Oração principal; ↵ Coordenada sindética; ↵ Coordenada assindética; ↵ Causal; ↵ Comparativa; ↵ Concessiva; ↵ Condicional; ↵ Conformativa; ↵ Consecutiva; ↵ Final; ↵ Modal; ↵ Proporcional; ↵ Temporal; ↵ Relativa; <ul style="list-style-type: none"> • <i>Acusativo + forma nominal</i> (regido por verbo de “sentido” ou com significado de “encontrar”) • <i>Com + substantivo + forma nominal</i> ↵ Apositiva; ↵ Completiva nominal; ↵ Objetivas (direta ou indireta); ↵ Predicativa; ↵ Subjetiva; ↵ Marcador discursivo.
Estrutura verbal	<ul style="list-style-type: none"> ↵ Estrutura sintética (com verbo pleno); ↵ Estrutura perifrástica com verbo auxiliar <i>andar</i>; ↵ Estrutura perifrástica com verbo auxiliar <i>estar</i>; ↵ Estrutura perifrástica com verbo auxiliar <i>ficar</i>; ↵ Estrutura perifrástica com verbo auxiliar <i>ir</i>; ↵ Estrutura perifrástica com verbo auxiliar <i>vir</i>; ↵ Estrutura perifrástica com verbo auxiliar <i>ser</i>; ↵ Estrutura perifrástica com semiauxiliar <i>continuar</i>; ↵ Estrutura perifrástica com demais verbos “<i>semiauxiliares</i>”; ↵ Estrutura perifrástica com forma nominal no auxiliar; ↵ Estrutura com <i>verbo leve</i>; ↵ Estrutura perifrástica com forma nominal em verbo modal; ↵ Expressões fixas.

Tempo (cronológico)	<p>Língua Escrita:</p> <ul style="list-style-type: none"> ↪ 1808 a 1840; ↪ 1841 a 1870; ↪ 1871 a 1900; ↪ 1901 a 1924; ↪ 1925 a 1949; ↪ 1950 a 1969; ↪ 1970 a 1985; ↪ 1986 a 2000. <p>Língua Falada:</p> <ul style="list-style-type: none"> ↪ Década de 1970; ↪ Década de 1990.
Tipo semântico de verbo	<ul style="list-style-type: none"> ↪ Processos materiais (processos de <i>fazer</i>); ↪ Processos mentais (processos de <i>sentir</i>); ↪ Processos relacionais (processos de <i>ser</i>); ↪ Processos comportamentais; ↪ Processos verbais; ↪ Processos existenciais.
Tipo de texto	<ul style="list-style-type: none"> ↪ Narrativo; ↪ Expositivo; ↪ Argumentativo; ↪ Descritivo; ↪ Injuntivo.
Faixa etária (na amostra de língua falada)	<ul style="list-style-type: none"> ↪ Faixa A (de 25 a 35 anos); ↪ Faixa B (de 36 a 55 anos); ↪ Faixa C (acima de 56 anos).

Quadro 7: Grupos de fatores para análise variacionista dos dados

Vejamos, a seguir, cada um dos grupos de fatores com as hipóteses que os nortearam e exemplos extraídos do *corpus* de análise.

3.1 Nação

Grupo de controle diatópico, que opõe **Brasil a Portugal**. Esse grupo é de controle básico em uma pesquisa que visa a contrastar as variantes brasileira e européia da Língua Portuguesa.

3.2 Gênero Textual

Esse grupo tem como objetivo checar se havia, ou não, o uso de alguma forma predominante por estilização ou por norma de uso caracterizando “tradições discursivas”, ou seja, fórmulas fixas, estruturas e estratégias que se repetem ao longo do tempo identificando um determinado gênero textual.

Na literatura especializada a nomenclatura para o que seriam esses textos “concretamente” realizados varia bastante. Alguns autores chamam de *gênero textual*, outros de *gênero do discurso* e outros, ainda, de *tipo de texto*. A variedade de definições reflete, na verdade, os diferentes posicionamentos teóricos de cada autor. Assim, é necessário estabelecer aqui a nomenclatura e a distinção entre os conceitos de *gênero textual* e de *tipo textual* que utilizaremos neste trabalho. Marcuschi (2005) os diferencia da seguinte forma:

Usamos a expressão *tipo textual* para designar uma espécie de seqüência teoricamente definida pela natureza lingüística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Em geral, os *tipos textuais* abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: *narração, argumentação, exposição, descrição, injunção*.

Usamos a expressão *gênero textual* como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam *características sócio-comunicativas* definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros textuais seriam: *telefonema, reportagem jornalística, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete [...]* (MARCUSCHI, 2005, 22-23)

De acordo com essas definições, vemos que há *gêneros textuais* tanto de língua escrita quanto de língua falada. O conceito de *texto* independe da modalidade. Em nosso trabalho, analisamos os gêneros *anúncios*, *editoriais* e *notícias* de jornais brasileiros e portugueses dos séculos XIX e XX, comparando-os entre si e também os contrastando à *língua falada culta*. Esses gêneros, assim como qualquer texto, podem se apresentar em um ou mais dos cinco tipos de texto existentes (*narração*, *argumentação*, *exposição*, *descrição* e *injunção*). Se tivéssemos de estabelecer uma escala de formalidade entre os gêneros de que dispomos, a escala seria:

- formal	-----	+ formal
<i>língua falada culta</i>	<i>anúncios</i>	<i>notícias</i>
		<i>editoriais</i>

Esse grupo foi analisado mesmo nos dados do Brasil, onde, em princípio, não houve mudança quantitativa em favor do infinitivo gerundivo. Queremos, com isso, verificar se, em algum momento da história (ao longo dos séculos XIX e XX), houve uma “lusitanização” artificial nos jornais, conforme ocorreu com os clíticos na escrita de alguns gêneros textuais do século XIX estudados por Emílio Gozze Pagotto (PAGOTTO: 1999).

A nossa hipótese é de que o infinitivo gerundivo tende a ser usado no Brasil em contextos de maior formalidade, pois, para um cidadão comum, sem conhecimentos sobre variação lingüística, é freqüente a idéia de que Portugal é o “detentor oficial” da Língua Portuguesa. Sendo assim, com relação a um fenômeno em que há variação diatópica entre Brasil e Portugal, costuma-se pensar que a variante europeia é “a mais certa”, “a legítima” etc. E, quanto mais formal um texto é, mais o autor tenta estilizá-lo, torná-lo “elegante”. Conseqüentemente, uma forma de atingir essa estilização é talvez através do uso “artificial” da variante lusitana da Língua Portuguesa.

3.3 Tipo Sintático de Oração

Nesse grupo, separamos os dados em diferentes tipos de oração (absolutas, relativas, circunstanciais e completivas e suas respectivas subdivisões), visando a verificar se algum desses tipos de oração favorecia o uso de uma ou de outra forma de estrutura gerundiva em cada sincronia passada, determinando a *frequência de tipo (type frequency)* de uma dada estrutura. Isso pode ser relevante na avaliação do processo de gramaticalização do infinitivo gerundivo (BYBEE: 2003) vinculado a um ambiente mais ou menos independente em suas relações entre orações. Além disso, este grupo procura verificar se houve uma maior penetração, inicialmente, em tal ou qual estrutura na diacronia do fenômeno de mudança quantitativa em favor do infinitivo gerundivo em Portugal. Para tanto, não foi preciso ir além da classificação da gramática tradicional em um apanhado de vários autores. Acrescentamos, por exemplo, o grupo das modais às circunstanciais, só encontrado em Rocha Lima (2002) e Kury (2004), indispensáveis em um fenômeno que envolve aspecto verbal. A hipótese ao investigar esse grupo é, na verdade, confirmar os resultados obtidos por Barbosa (1999), que encontrou nas cartas de comércio do século XVIII a predominância de infinitivo gerundivo nas circunstanciais temporais, condicionais e modais.

Vejamos exemplos dos tipos de oração, em gerúndio e em infinitivo gerundivo, encontrados no *corpus* de análise:

- ***Absoluta:***

“Estão **sendo** distribuidas em toda a cidade as novas embalagens do maravilhoso pó de arroz da SERIE B de «RUTHER».”

(E-P-92-Ja-015)

“No craneo do sr. Beirão a cabelleira de Metternich ficaria positivamente **a dançar**.”

(E-P-83-Je-005)

- **Oração principal:**

“As competentes((SIC)) autoridade((SIC)) estão **fazendo** todas as diligencias para descobrirem o perpetrador, ou perpetradores de tão barbaro assassinio.”

(E-P-81-Jn-020)

“[...] Paiz vastíssimo, inculto, despo/voado, onde tudo ainda se acha/ por fazer, o Brasil está **a exigir**/ de seus filhos, de todos quantos/ aqui encontram nova patria, que/ dêem exemplo de actividade quasi/ sobre-humana, multiplicando suas/ forças, aproveitando avaramente/ o tempo, hora por hora, minuto/ por minuto./”

(E-B-91-Jn-012)

- **Coordenada sindética:**

*“Ao que parece, não achou em todo o ministerio docilidade bastante para lhe servir de instrumento. Decompondo-o e **recompondo-o**, esperava achar mais facilidade.”*

(E-P-82-Je-001)

*“Parabens, contribuintes! Um imposto de cinco por cento não é pesado, é leve; ficareis com menos roupa; mas ahi está **a chegar** o verão.”*

(E-P-82-Je-004)

- **Coordenada assindética:**

*“O Dr. Eduardo França responde gra- | tuitamente a qualquer consulta sobre | o uso e modo de applicação da Lu- | golina, **observando** a maxima reser- | va.”*

(E-B-91-Ja-008)

*“[...], houve, houve uma altura que estava... muito vento. Nós estávamos **a fazer** a costa, e depois os policias mandaram-nos, eh, mandaram-nos seguir um trajecto diferente. que nós não estávamos a pensar... **fazê-lo**.”*

(Oc-P-90-2F-008)

- **Causal:**

“A praça Edgard Beranger, que/ tambem se achava em forma, der/ramando lagrimas por ver seu/ irmão ser castigado /apagado/ ouviu

*do tentente-coronel-com/mandante as seguintes palavras/ "Tambem
queres /apagado/" ao que respondeu outra praça:/ "Edgard tem razão
para chorar,/ porque esta **vendo** seu irmão so/frer./"*

(E-B-91-Jn-002)

*"[...], mantinha o sistema da porta aberta e quem queria batia à porta e
perguntava mas a partir de certa altura dizia-me 'eu já não posso mais,
porque estou **a fazer** uma coisa, mesmo que não tenha importância, levo
três quartos de hora a fazer uma coisa que eu fazia em cinco minutos."*

(Oc-P-70-1M-002)

- **Comparativa:**

*" [...] acho que hoje as crianças... de classes médias se divertem muito
mais com... com vídeo-games... coisas desse tipo... do que... **jogando**
futebol na rua... agora a... situação da rua hoje... também está
completamente diferente da situação da rua quando eu era criança...
[...]"*

(Oc-B-9C-1M-002)

*"[...] Então era o terror imposto pelo crime; e, agora, a explosão de
civismo **a demolir** uma patota."*

(E-B-91-Je-001)

- **Concessiva:**

“E, deste modo, a atenção das crianças será retida por aquilo que, **parecendo** banal, tem uma importância imensa na formação da sua personalidade.”

(E-P-94-Jn-002)

#I - a pessoa ter trinta pessoas em casa, depois lavar a loiça e etecétera, etecétera. é muito diferente

#D - é.

#I - do que ir a casa do outro. sendo assim, um dia, depois de uma grande almoçarada no Lavre, eh, que é

#D - hum.

#I - onde normalmente se faz em agosto, nos meus anos, e ainda **a continuar a comer**, alegremente, os restos, tivemos a bela ideia de organizar uma sociedade, entre aspas”

(Oc-P-90-1F-007)

- **Condicional:**

“Os passageiros deverão tomar os seus bilhetes na estação da companhia na vespera da partida até às 10 horas da manhã, fazendo ((SIC)) conduzir para ali as suas bagagens, cuja condução ficará a cargo da companhia **querendo** o passageiro.”

(E-P-82-Ja-007)

*“Depois da ordem do dia, o sr./ Honorio Gurgel referiu-se á noticia publicada por um jornal/ accusando um desfalque nas ren/das municipaes. Tal noticia, **a ser/** falsa, como julga, deve ser des/mentida.”*

(E-B-91-Jn-001)

- **Conformativa**²¹:

*“[...] Bem cedo começam a sentir as agruras da vida os pobres inocentes que nenhuma culpa teem nos conflitos de que são vitimas. [...] Essa leva apenas, como se está **vendo**, á miseria negra, aos prejuizos incalculaveis e á ruina economica das regiões onde se dá. [...]”*

(E-P-91-Jn-012)

- **Consecutiva:**

*“[...] n'um percurso de algumas dezenas de metros precipitam-se ainda as aguas em corrente impetuosa, favorecida pelo rapido declive do leito, **formando** multiplicadas catadupas, em consequencia do avultado numero e da grandeza dos penedos, que encontram na sua passagem.”*

(E-P-83-Jn-003)

²¹ Não foram encontrados exemplos de *orações subordinadas adverbiais conformativas* com infinitivo gerundivo em nossos dados.

*“He provavel que os destinem os @iInglezes@i para povoar antes as suas proprias colonias que o novo reino do @iBrasil@i; e a **supprir** assim as dificuldades que o commercio da escravatura encontra diariamente.”*

(E-P-81-Jn-016)

- **Final:**

“DOC - e quanto à questão dos transportes ... o que é mais utilizado em cada um desses países ?

*LOC - na cidade de Sidney ... o trem aéreo passa por cima da cabeça da gente a toda hora ... ah ... o transporte de ôn/ há poucos ônibus relativamente ... mas/é uma cidade de tráfego pesado ... tráfego pesado porque ... a maioria das pessoas mora FORA do centro ... atualmente se constróem alguns edificios **procurando** atrair gente para morar no centro não sei a razão ... mas... o tráfego é pesado no final da TARDE ...
[...]”*

(Oc-B-9C-3F-001)

*“As mizeras crianças não | se podendo conter, coagidas pelas necessidades | do estamago, aproveitando algum momento de | distracção das pobres mãis, metião os dedinhos | nas panellas ferventes, **a ver** se conseguão co- | lher alguma migalha, sacrificando-se á dôr que | sentirião pelas queimaduras!”*

(E-B-83-Je-004)

- **Modal:**

“[...] hoje em dia eu acho que você não consegue atravessar a rua Visconde Silva... a qualquer hora do dia... a não ser no sinal... e mesmo assim... **tomando** um certo cuidado porque há o perigo do... dos carros ultrapassarem o sinal... e eu sempre morei por aqui... é muito engraçado isso... [...]”

(Oc-B-70-2M-002)

#I – [...] viemos para o Porto, pfu, cinco e tal, quase seis da manhã, meu, pfu, escuro, escuro, escuro, escuro. eu bêbado, cheio de sono, o outro comigo, vinha a falar comigo [...], já ali a moer as palavras. os outros vinham no porta-bagagens, **a rressonar**.

(Oc-P-90-1M-005)

- **Proporcional²²:**

“Á medida que as ideias democraticas se vão **desenvolvendo** no proprio seio do regime monarchico representativo, cada vez mais surgem novas ambições insaciaveis. [...]”

(E-P-83-Je-008)

²² Não foram encontrados exemplos de *orações subordinadas adverbiais proporcionais* com infinitivo gerundivo em nossos dados.

- **Temporal:**

“Certa vez, **folheando** uma revista, | encontrei uma revista, | encontrei um artigo que me in- | teressou.”

(E-B-93-Ja-009)

“#I - o respeito pelo trabalho dos outros. ah, as pessoas não se convencem que nós, quando estamos **a trabalhar** estamos com um raciocínio. e, eh, este nosso povo latino - que não somos só nós, é o povo latino, eh, é telefones, é pessoas que interrompem, porque é sempre tudo urgente, e nós acabamos por nos dispersar, quer dizer, o, hoje, o gerente de empresa, o administrador, o, o técnico, que tem qualquer coisa sobre si, há-de fatalmente ser um mau profissional.”

(Oc-P-70-1M-002)

- **Relativa:**

“DOC - e o namoro era diferente também o senhor não acha não?...

LOC – [...] a:... a mais velha que: já é falecida mas hoje seria uma senhora talvez de:... (eh) **beirando** uns cinquenta anos quarenta e poucos anos...”

(Oc-B-70-3M-001)

“#I - agora também acho inconcebível porem-se, portanto, colocarem-se, ah, monumentos de

#D - *hum hum.*

#D2 - *hum hum.*

#I - *de que países forem, eu não sei de que países serão, nas notas e não aparecer, eh, al, eh, uma notazinha **a dizer** é ponte, de não sei de onde”*

(Oc-P-90-1F-008)

Além da classificação geral de orações subordinadas relativas (também chamadas de adjetivas), criamos mais dois subgrupos desse tipo de oração como fatores para nossa análise. Isso se deve ao fato de Maler (1972) ter mencionado que, no Português moderno, a estrutura *substantivo + com + forma nominal* é bastante freqüente com infinitivo gerundivo. O autor cita também, separadamente das demais, estruturas de *acusativo + forma nominal*, que podem aparecer tanto com gerúndio quanto com infinitivo gerundivo. Um terceiro tipo mencionado por Maler (1972) diz respeito a uma oração relativa em que a forma nominal é usada em estrutura de comparação (ex.: “Era como um coração **a bater / batendo**, como uma pedra preciosa que respirava.”). Não encontramos, porém, nenhum dado desse último tipo em nosso *corpus*. Assim, temos os seguintes casos:

⇒ *Acusativo + forma nominal* (regido por verbo de “sentido” ou com significado de “encontrar”)

*“Para alli partiram os inspecto/res Moss, Nigro e Pinheiro, que/ já encontraram **dando** as necessa/rias providencias os seus colle/gas da 4a, Thiban, Florindo de/ Carvalho, o 1o supplente capitão/ Pedro de Souza e o agente Ro/drigues./”*

(E-B-91-Jn-005)

“Muitos dos meus clientes tinham problemas até que se decidiram a vir falar comigo. [...] V. já viu alguns, por certo, a praticar desporto, aparecendo na TV, mas a maioria cruza-se consigo, diariamente, nas ruas; gente perfeitamente anónima e de todas as classes sociais.”

(E-B-95-Ja-001)

⇒ Com + substantivo + forma nominal

“De um lado ficam suas longas praias de | areia alva, batidas pelo alto mar, de outro, a Lagoinha, com seu | espelho d’água refletindo as m o n t a n h a s do fundo; [...] O RECREIO | está sendo disputado, também, porque é um grande, um excelente | negócio para a proveitosa aplicação de pequenas economias.”

(E-B-93-Ja-012)

“@t@bA "guerrilha económica" que vai moendo o nosso Governo@b@t Num país onde a macroeconomia vai tão bem, com a inflação estável e rasteirinha como há muito não se via, com o desemprego a descer, a taxa de câmbio segura e a taxa de juro serena e a baixar lentamente, não deixa de ser motivo de alguma perplexidade que os maiores problemas do Governo sejam económicos. [...]”

(E-B-95-Jn-009)

- **Apositiva²³:**

*“Três audaciosos e perigosos gatunos introduziram-se, esta manhã, numa residência da Amadora, na rua 9 de Abril, 37, cave, e, depois de amarrarem e amordaçarem a locatária, que estava na altura ainda deitada, revolveram toda a casa, apoderando-se de objectos vários, ainda não totalmente inventariados, e da quantia de 2500 escudos. Separaram ainda outros artigos, **incluindo** o aparelho de televisão, um secador de cabelo, uma máquina fotográfica, dois cortes de fato e de vestido e fatos do marido da vítima, mas não os chegaram a levar, talvez por, entretanto, se haver intensificado o movimento na rua e terem receio de despertarem suspeitas.”*

(E-P-94-Jn-004)

- **Completiva nominal:**

*“Depois, fica com uma vontade ainda maior de continuar | **provando** que é possível fazer melhor | a cada dia.”*

(E-B-94-Ja-002)

“#I2 - é, eu, eu estou absolutamente convencida disto.

*#I - e note, e eu, e eu tenho, uma, uma certa fé, ah, neste aspecto, é que isso está **a mudar**.”*

²³ Não foram encontrados exemplos de *orações subordinadas substantivas apositivas* com infinitivo gerundivo em nossos dados.

(Oc-P-70-3F-004)

- **Objetivas (direta ou indireta):**

*“Estes dois individuos costumam fornecer queijos á dona da taberna e com essa intenção ali entraram, na ocasião em que viram que um grupo de maltezes estava **maltratando** um amigo d’elles, chamado Francisco Moreira.”*

(E-P-91-Jn-002)

*“#I - e como eu estou velha nem sequer pode ser uma, uma, uma defesa ou, ou um recalçamento, porque é juventude, não. eu tenho a impressão, eu lido muito com gente nova, portanto tenho a impressão que infelizmente não é tanto quanto se poderia desejar mas eu acho que está **a mudar** num sentido melhor, mais positivo.”*

(Oc-P-70-3F-004)

- **Predicativa:**

*“LOC - Ah... sim... bom... porque antigamente a princípio é tempo mítico né... a gente não sabe exatamente como é... bom... com relação a minha... infância... na minha juventude... na minha... na minha infância eu me divertia sobretudo brincando... né... a diversão era essa... e aí era **jogando** futebol...”*

(Oc-B-9C-1M-002)

*“[...] é um bocado por isso que nós, nós por exemplo, neste trabalho até, nós temos por, por horário o estarmos à disposição, porque isto é, é, isto é uma frioloeira, no fundo, não é, para quem está **a trabalhar**, portanto, quando quiser e tiver um cantinho, a gente está, às vezes imenso tempo à espera, mas não nos sentimos nada ofendidos, porque consideramos que é isto, não é, e que é assim mesmo, [...]”*

(Oc-P-70-IM-002)

- **Subjetiva:**

*“E é exatamente assim que o | Bradesco está se **sentindo**, ao ser indicado pela revista | Carta Capital como a empresa mais admirada no setor | financeiro em pesquisa realizada com empresários | e executivos de todo o Brasil.”*

(E-B-94-Ja-002)

*“Na villa da Lousã, camara de Coimbra, foram condemnados em audiencia de 2 de junho proximo preterito pelo respectivo juiz de direito substituto, a pena ultima dois facinorosos, que infestaram por largo tempo os concelhos de Penacova, e Poiares, perpetrando varios assassínios e frequentes roubos. [...] Já depois da sentença foi capturado um outro consocio, e é provavel que mais outros venham **a cahir** debaixo da acção das leis.”*

(E-P-81-Jn-011)

- **Marcador discursivo:**

Os marcadores discursivos não foram considerados cambiáveis, visto que são estruturas fixas. Não entendemos, por exemplo, que “*sendo que*” possa ser substituído por “*a ser que*”. Dados como o seguinte foram, portanto, excluídos da presente análise.

“*Na queda, alguns passageiros fo- | ra jogados para fora do veículo | sendo que três deles acabaram por | ser esmagados pelo próprio ônibus.*”.

(E-B-94-Ja-001)

- **Subordinadas aditivas:**

O último fator do grupo *tipo sintático de oração* corresponde a um tipo de oração que não aparece em nenhuma das gramáticas tradicionais aqui estudadas. A observação dos dados que se nos apresentavam nos deixava muitas vezes em dúvida quanto à sua classificação sintática. Em muitos casos, a oração gerundial parecia possuir uma semântica de coordenação, com uma idéia aditiva, porém com encaixe de subordinação. Muitas vezes ficávamos entre a classificação de *coordenada assindética* e *subordinada adverbial modal*, por exemplo, já que parece ser inerente ao próprio gerúndio o sentido de *modo, maneira*. Eram casos como os seguintes:

*“Fornece-se comidas para fóra, de casa de familia, com proptidão e asseio, tanto á portuguesa como á brasileira, **mandando**-se conduzir em casa; na rua do Rosario, número 46, sobrado.”*

(E-B-83-Ja-028)

No período acima, “**mandando**” poderia ser interpretado como o **modo** como se “*fornece as comidas*”, mas, ao mesmo tempo, também pode ser compreendido como uma informação adicional, ou seja, “*fornece-se comidas **E** manda-se conduzi-las em casa*”.

*“E, por isto, sentimos a necessidade de tambem formular um protesto a bem da Ordem, **declarando** urbi et orbi que de nenhuma sorte lhe somos infensos, mas antes adoradores seus, exactamente como os sensatos collegas.”*

(E-B-91-Je-001)

Da mesma forma, no período acima, pode-se entender que a maneira como o protesto será feito é “*declarando urbi et orbi que...*” ou pode-se interpretar como: “*um protesto será feito **E** será declarado urbi et orbi que...*”.

Casos desse tipo nos levaram a buscar em outras literaturas alguma classificação que pudesse bem descrevê-los. Azeredo (2001) afirma sobre a distinção entre coordenação e subordinação:

Procurou-se formular a distinção subordinação / coordenação em seu aspecto básico e em função de exemplos suficientemente claros e simples. Como muitas distinções feitas a propósito dos fatos das línguas, porém, subordinação e coordenação não correspondem sempre a conceitos claros e inconfundíveis. Tradicionalmente, é comum identificar unidades coordenadas com unidades independentes e unidades subordinadas com unidades dependentes. Esta identificação nada esclarece até que se defina a natureza dessa dependência, que para uns é puramente sintática, mas para outros deve dizer respeito antes ao sentido. (AZEREDO, 2001, 50-51).

Isso mostra que, para o autor, em alguns casos de “língua real” (e não hipotética e ideal), a diferenciação entre coordenação e subordinação é de fato dúbia e depende do tipo de critério utilizado para a classificação: se sintático ou semântico. Não é o objetivo deste trabalho tecer longas discussões teóricas acerca dessa distinção. Procuramos, então, observar a proposta de Azeredo e verificar se era possível aplicá-la aos nossos dados.

Na seção acerca da sintaxe das construções gerundiais, Azeredo (2001) afirma que os sintagmas adverbiais cuja base é um gerúndio, podem ocorrer como “*circunstancializadores*”, modificando orações ou predicados. Há os que costumam preceder a oração que modificam, denotando a idéia de *tempo*, *causa*, *concessão*, *condição* ou *meio*; e há os que costumam suceder o verbo da oração principal, exprimindo a idéia de *oposição*, *adição*, *conseqüência* e *modo*. Ao observarmos os exemplos fornecidos pelo autor para os “*circunstancializadores*” que indicam *adição*, percebemos que se tratavam de casos muito semelhantes aos que nos causavam dúvida em nosso *corpus* de análise. Assim, em

“*Os demais conjurados desfilavam, agrilhoados, desaparecendo pela saída dos fundos.*” (SABINO, 1979, 72 apud AZEREDO, 2001, 108)

também fica implícita uma idéia de adição, nesse caso, confundida com a noção de resultado, conseqüência, ou seja, “*os demais conjurados desfilavam ATÉ QUE desapareciam pela saída dos fundos*”. E sobre a possibilidade de dupla interpretação das orações, diz:

É natural que às vezes não se distingam com toda a clareza as noções de *causa e condição, causa e tempo, adição e conseqüência, meio e modo*. Na expressão da anterioridade de um fato a outro, o contexto ou o conhecimento da realidade pode ‘recomendar’ uma interpretação *causal, condicional ou temporal*; da mesma forma, a concomitância dos fatos pode privilegiar uma interpretação *modal* ou de *meio*, e a subseqüência de um fato a outro permite que nessa relação se perceba uma simples *adição* ou uma *conseqüência*. (AZEREDO, 2001, 108)

Como Azeredo apresentou essa possibilidade de interpretação para os dados que mencionamos, optamos por adotar sua classificação chamando as orações desse tipo de ***subordinadas aditivas***, para não correremos o risco de rotulá-las como *coordenadas* juntamente com as “*coordenadas categóricas*”.

3.4 Estrutura Verbal (sintética x analítica)

Esse grupo opôs formas analíticas (ou perifrásticas) (com verbo auxiliar) à forma sintética (com verbo pleno). Para ilustrar tais ocorrências, mostramos os seguintes dados extraídos de nosso *corpus* de análise:

- ***Forma analítica com gerúndio (com auxiliar estar):***

“*Para um observador estrangeiro, estaria ocorrendo um fenômeno raro em política partidária: um Partido não contaria em seu quadros (SIC) figuras com ambições legítimas e ostensivas.*”

(E-B-94-Je-001)

- **Forma analítica com infinitivo gerundivo (com auxiliar estar)**

“«Actualmente, quando as relações entre o Leste e o Oeste se agravaram, é muito importante que as pessoas saibam a verdade sobre os acontecimentos que **estão a ocorrer** no mundo e no Afeganistão, em particular»”

(E-P-95-Jn-001).

- **Forma sintética com gerúndio:**

“[...] o Senhor D. Pedro não quiz resistir, abdicou a Coroa, e veio para a Europa desaffrontar-se nobremente da ingratição e injuria immerecida, **capitaneando** em pessoa contra o maior tyranno dos tempos modernos um punhado de gente escolhida, e fiel á causa mais liberal e mais nobre de quantas a historia se recorda.”

(E-P-81-Je-001)

- **Forma sintética com infinitivo gerundivo:**

“Declaram-se eles victimas, quando esta patente que eles são os aggressores, dominados pela inveja, por verem (como eles mesmos dizem) a casa dos fenianos com 300\$ **a vender** premios de continuo.”

(E-B-83-Ja-005)

A noção de *verbo auxiliar* é algo bastante controverso entre as gramáticas. Os autores, em geral, adotam critérios diferenciados para classificar determinado verbo como auxiliar ou principal. Mais complexas ainda são as análises acerca dos verbos que apresentam características híbridas, ora de verbo pleno, ora de verbo auxiliar. Temos consciência de que as classificações variam muito. Foi preciso, entretanto, definir uma dessas como o melhor parâmetro descritivo das principais propriedades e, assim, podermos atribuir um padrão uniforme à codificação dos dados recolhidos em nosso *corpus*.

Segundo **Mateus et alii** (2003), existem três grandes subclasses de verbos: os *principais*, os *copulativos* e os *auxiliares*. Os *verbos principais* (também chamados de *verbos plenos*) são o núcleo semântico de uma oração. Os *copulativos* são aqueles também chamados de *predicativos*, *de cópula* ou *de ligação* pela tradição gramatical. E os *verbos auxiliares*, que nos interessam mais de perto neste estudo, são aqueles presentes em orações que possuem, pelo menos, dois verbos: um auxiliar e um auxiliado (= verbo principal).

Os verbos auxiliares não têm significado lexical. Por isso, não selecionam argumentos que, por sua vez, devem ser selecionados pelo verbo principal. Ao invés de argumentos, os verbos auxiliares subcategorizam um complemento de natureza verbal (o próprio verbo auxiliado) e não frásica. Para as autoras, as construções que possuem dois verbos podem ser formadas por:

- *verbo auxiliar* + *verbo principal* (que formam uma unidade sintática, um sintagma verbal único);
- ou *verbo principal* + *verbo principal* (que mantêm uma relação de complementação verbal de natureza frásica).

Com isso, Mateus *et alii* enunciam seus “critérios” para a identificação de um verbo auxiliar (2003, 404-409). São eles:

- 1) Os auxiliares não têm propriedades de seleção semântica ou temática. O responsável pela seleção do argumento do sujeito é o verbo principal;
- 2) Por pertencer a uma oração simples, o complemento de um verbo auxiliar não pode ser substituído por uma completiva finita (precedida de complementizador *que*);
- 3) Em frases com verbos auxiliares, só é possível haver um advérbio de negação frásica numa posição à esquerda do verbo auxiliar (de maneira que toda a oração seja modificada).
- 4) Em frases com verbos auxiliares, só pode ocorrer um advérbio de tempo de cada tipo, uma vez que só existe uma oração;
- 5) Em frases com verbos auxiliares, os pronomes clíticos ocorrem adjacentes ao verbo auxiliar;
- 6) Em frases com verbos auxiliares, não é possível substituir o verbo principal e seus complementos pelo clítico verbal demonstrativo *–o* ou pelo demonstrativo *isso*.

Para elas, só existem oito verbos que preenchem todos esses critérios:

- *Ter* e *haver*: seguidos de particípio (auxiliares de tempos compostos);
- *Andar*, *estar*, *ficar*, *ir* e *vir*: seguidos de gerúndio (auxiliares aspectuais);
- *Ser*: seguido de particípio passado (auxiliar da voz passiva).

Entre os verbos principais e os verbos auxiliares, porém, as autoras afirmam existir outros dois tipos de verbos: os *leves* (que também podem ser chamados de *verbo operador* ou de

verbo suporte) e os *semiauxiliares*. Ambos têm em comum o fato de formarem um predicado complexo (diferentemente dos “verdadeiros” auxiliares). De maneira a compará-los, elaboramos o seguinte quadro, com base no proposto por Mateus *et alii* (2003, 311-316):

VERBOS LEVES	VERBOS SEMIAUXILIARES
Geralmente, são classificados como principais, mas não se comportam como tais em certas construções.	Geralmente, são classificados como auxiliares, mas não respondem afirmativamente a todos os critérios de auxiliaridade.
Sofreram um processo de gramaticalização por esvaziamento lexical.	São esvaziados de significado lexical e não selecionam argumentos.
O centro semântico da frase passa a ser uma expressão nominal (e não um verbo) que, freqüentemente, pode ser substituída por verbos principais de significado equivalente. Tal expressão nominal funciona como um argumento do verbo leve.	Os semiauxiliares mais próximos dos “verdadeiros auxiliares” são: - <i>Ir</i> + infinitivo (indicando futuro) - Verbos aspectuais construídos pela preposição <i>a</i> + <i>infinitivo</i> do verbo principal (= infinitivo gerundivo).
Exemplos: <i>dar uma contribuição x contribuir; fazer queixas x queixar-se, ter influência x influenciar.</i>	Exemplos de semiauxiliares aspectuais: <i>chegar, começar, continuar, tornar, estar, acabar.</i>

Quadro 8: Verbos leves *versus* verbos semiauxiliares, segundo Mateus *et alii* (2003)

Já Rocha Lima (2002) diz, sobre os verbos auxiliares:

A fim de melhor se expressarem certos aspectos especiais não traduzíveis pelas formas simples já estudadas, possuem os verbos alguns *tempos compostos*, nos quais uma das formas nominais (infinitivo, particípio, ou gerúndio) é acompanhada de outro verbo, chamado AUXILIAR. São numerosos os auxiliares em português: querer, ficar, ir, etc. (2002, 134)

Ele destaca dos demais apenas três verbos (aos quais chama “auxiliares fundamentais”):

- os que formam tempos compostos (*ter e haver*);
- o que forma a voz passiva (*ser*).

Cunha & Cintra (2001) chamam de *locuções verbais* as construções formadas por um verbo auxiliar e um verbo principal. Os autores apresentam os verbos *ter, haver, ser e estar* como sendo os auxiliares mais freqüentes. Em nota, eles ainda levantam a questão da grande variedade de verbos que costumam ser apresentados nas gramáticas como auxiliares. Citando vários trabalhos sobre o tema, Cunha & Cintra afirmam que o elenco de verbos auxiliares varia muito de gramática para gramática por não haver “uniformidade de critério lingüístico para determinação dos limites da auxiliaridade”.

Em sua *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, ainda citam alguns outros verbos auxiliares comuns em Língua Portuguesa: *ir, vir, andar, ficar e acabar* (2001, 397).

⇒ ***Ir*** emprega-se com:

- ***Gerúndio***: “para indicar que a ação se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas”. Ex.: *O navio ia encostando no cais.*
- Cunha & Cintra não cogitam a possibilidade de o verbo ***ir*** aparecer numa construção de infinitivo gerundivo.

⇒ ***Vir*** emprega-se com:

• *Gerúndio*: “para indicar que a ação se desenvolve gradualmente”. Ex.: ***Venho tratando desse assunto.***

• Cunha & Cintra admitem a construção *vir + a + infinitivo*, porém não indicando aspecto progressivo. Para eles, tal perífrase indica apenas o resultado final de uma ação.²⁴

Ex.: ***Vim a saber dessas coisas muito tarde.***

⇒ ***Andar*** emprega-se com:

• *Gerúndio* e “*a + infinitivo*”: “para indicar uma ação durativa, continuada”. Ex.: ***Ando lendo os clássicos / Ando a ler os clássicos.***

⇒ ***Ficar*** emprega-se com:

• *Gerúndio* e “*a + infinitivo*”: “para indicar uma ação durativa costumeira ou mais longa do que a expressa por *estar*”. Ex.: ***Ficava cantando no chuveiro. / Ficava a cantar no chuveiro.***

⇒ ***Acabar***, na concepção dos autores, não é usado nem com *gerúndio* nem com “*a + infinitivo*”, ignorando casos que vemos freqüentemente em uso na língua, como: ***Acabei fazendo o que não deveria.***

²⁴ Maler (1972, 257), ao descrever os usos de gerúndio e infinitivo gerundivo, destaca quatro auxiliares: *estar*, *andar*, *ir* e *vir*. Entretanto, ele afirma que, desses, devemos separar da discussão geral os auxiliares *ir* e *vir*, pois, com esses verbos, o gerúndio quase não cede lugar ao infinitivo gerundivo.

Laca (2002), ao descrever as perífrases aspectuais de cinco línguas românicas (francês, catalão, espanhol, português e italiano), expõe num quadro resumindo as perífrases dessas línguas. No quadro, a autora aponta as combinações possíveis em gerúndio e infinitivo gerundivo para o Português. Assim, há as perífrases: *estar + ger./ a+ inf.*; *andar + ger. / a + inf.*; *continuar + ger. / a + inf.*. No mesmo quadro, Laca também menciona as perífrases com ***ir*** e ***vir***, porém, essas só aparecem com gerúndio, e não com *a + infinitivo*.

É interessante ressaltar essa informação, pois, como veremos no capítulo da análise dos dados, essa configuração não parece se manter até os dias de hoje, quando o infinitivo gerundivo tem aparecido inclusive com os auxiliares *ir* e *vir*.

Já na *Moderna Gramática do Português* (2001), Bechara divide os verbos em “grupos” de auxiliares de acordo com sua aplicação, seu uso. Assim, existem:

1) *ter*, *haver* e *ser*: combinados com o particípio, formam os tempos compostos;

2) *ser*, *estar*, *ficar*: combinados com o particípio, formam a voz passiva;

3) auxiliares **acurativos**: são aqueles que se combinam com o infinitivo ou com o gerúndio do verbo principal para indicar nuances de aspecto que não podem ser expressas apenas pelos tempos passado, presente e futuro. Exemplos:

a-início de ação (*começar a + infinitivo*, *pôr-se a + infinitivo* etc.)

b-iminência de ação (*estar para/por + infinitivo* etc.)

c-continuidade da ação (*continuar + gerúndio / infinitivo gerundivo*²⁵)

d-desenvolvimento gradual da ação, duração (*estar + a + infinitivo*, *andar + gerúndio*, *vir + gerúndio*, *ir + gerúndio*)

e-repetição de ação

f-término de ação

4) auxiliares **modais**: combinados com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para indicar o modo como se realiza uma ação verbal.

a-necessidade, obrigação, dever (*ter de*, *dever*, *precisar* etc. + *infinitivo*)

b-possibilidade ou capacidade (*poder*, *dever* etc. + *infinitivo*)

c-vontade ou desejo (*querer*, *desejar*, *odiar* etc. + *infinitivo*)

²⁵ Bechara destaca que a forma com gerúndio é a mais antiga no idioma. Em nota, o autor aponta que a construção com gerúndio é a preferida no Brasil, ao passo que, em Portugal, a forma em infinitivo é a mais comum, apesar de não ser a única.

d-tentativa ou esforço (*buscar, pretender, tentar, atrever-se a + infinitivo*)

e-consecução (*conseguir, lograr + infinitivo etc.*)

f-aparência, dúvida (*parecer + infinitivo etc.*)

g-movimento para realizar um intento futuro (*ir + infinitivo etc.*)

h-resultado (*vir a, chegar a + infinitivo etc.*)

5)auxiliares **causativos** e **sensitivos**: são aqueles que, combinados com infinitivo ou com gerúndio, não formam locução verbal, apesar de se comportarem sintaticamente como tal. Exemplos de causativos: *deixar, mandar, fazer* e sinônimos; exemplos de sensitivos: *ver, ouvir, sentir* e sinônimos.

Como podemos observar, Bechara estende em muito a lista dos auxiliares em relação aos demais autores. Semelhante abordagem fazem, para o castelhano, Bosque & Demonte (1999) que citam muitas perífrases com verbos no lugar de auxiliar que não são, em geral, considerados auxiliares. A respeito desse tipo de perífrases, Bechara faz uma observação que é pertinente ao nosso trabalho para a análise sintática dos dados de gerúndio e de infinitivo gerundivo. Diz que “nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal; a intenção da pessoa que fala ou escreve é que determinará a existência ou inexistência da locução.” (2001, 233). E cita um trecho de Oiticica:

Só o sentido pode indicar se se trata de expressão verbal. Por exemplo, na frase *Queríamos colher rosas*, os verbos *queríamos colher* constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher *rosas* e não outra flor, sendo *rosas* o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era *colher rosas* e não fazer outra coisa, o objeto da declaração é *colher rosas* e a declaração principal se contém incompletamente em *queríamos*. (Oiticica, 1945, 202-203)

Assim como o conceito de *auxiliaridade*, o conceito de *perífrase verbal* apresenta, em certas ocasiões, um caráter claramente contextual. Seguindo a observação de Bechara (2001), faz-se necessário definir os conceitos de *perífrase / locução verbal*, também muito importantes em um fenômeno que envolve formas nominais, visto que estas freqüentemente aparecem associadas a outros verbos. Bosque & Demonte (1999) definem:

Uma perífrase verbal é a união de dois ou mais verbos que constituem um só ‘núcleo’ do predicado. O primeiro verbo, chamado ‘auxiliar’, comporta as informações morfológicas de número e pessoa, e se conjuga em todas (ou em parte de) as formas ou tempos da conjugação. O segundo verbo, chamado ‘principal’ ou ‘auxiliado’, deve aparecer no infinitivo, gerúndio ou participio, ou seja, em uma forma impessoal. (1999, 3325)^{26 27}

Essa definição das perífrases verbais do castelhano pode ser aplicada igualmente às perífrases verbais da Língua Portuguesa. Os autores destacam, ainda, o fato de as perífrases comporem um predicado simples, e não complexo. Sendo assim, **nenhum dos verbos desempenha função complementar ou coordenadora com relação ao outro**. Além disso, o significado da perífrase surge da junção do auxiliar com o auxiliado e não se reduz à soma do significado dos componentes. Assim, se um gerúndio, por exemplo, está subordinado ao verbo flexionado como um complemento circunstancial (adverbial), os dois verbos em questão não constituem perífrase. Isso é coerente com a maioria das definições de verbos auxiliares vistas até aqui nas gramáticas de Língua Portuguesa.

²⁶ Una perífrasis verbal es la unión de dos o más verbos que constituyen un solo ‘núcleo’ del predicado. El primer verbo, llamado ‘auxiliar’, comporta las informaciones morfológicas de número y persona, y se conjuga en todas (o en parte de) las formas o tiempos de la conjugación. El segundo verbo, llamado ‘principal’ o ‘auxiliado’, debe aparecer en infinitivo, gerundio o participio, es decir, en una forma no personal. (1999, 3325)

²⁷ Vale ressaltar que, para os autores, perífrase verbal não é sinônimo de locução verbal, embora algumas locuções verbais possam ter sido formadas por usos lexicalizados de perífrases verbais. Algumas diferenças entre as duas construções são: as locuções são formadas por várias palavras e possuem como centro um único verbo; são unidades léxicas fixas e, por isso, seus componentes não podem ser substituídos. Além disso, o primeiro verbo da locução não é um auxiliar, e sim um verbo pleno; o primeiro verbo da locução não carrega valores modais, nem aspectuais, nem temporais nem expressivos; e, em geral, a expressão toda equivale a um verbo simples. (BOSQUE & DEMONTE, 1999, 3342-3343).

Conseqüentemente, podemos dizer que duas características básicas que permitem a identificação de uma perífrase verbal são:

- a) A formal impessoal deve possuir carga exclusivamente **verbal** e não nominal (como às vezes pode acontecer, quando, por exemplo, o gerúndio possui carga adverbial ou o particípio, adjetival).
- b) Não deve haver sujeitos distintos para cada verbo da construção.

Além dessas características primordiais, os autores mencionam ainda outras “estratégias” que podem ajudar a identificar uma perífrase verbal:

- ao transformar a frase na voz passiva, observamos que as verdadeiras perífrases verbais nunca podem ter o primeiro verbo (auxiliar) na forma passiva;
- na voz passiva, se o sujeito aparece no plural, o verbo auxiliar também deve estar no plural;
- as perífrases verbais não admitem estruturas enfáticas de relativo (ex.: *João tem que ler meu livro.* x **João tem que é ler meu livro.*);
- os clíticos devem ser posicionados antes do verbo principal e depois da forma nominal nas construções perifrásticas;
- todas as perífrases verbais admitem tanto a anteposição quanto a posposição, mas nem todas as construções que admitem anteposição e posposição são perifrásticas.

Na opinião dos autores, o fenômeno perifrástico é **gradual**, uma vez que cada perífrase pode possuir mais ou menos das características supracitadas. Eles acreditam que este seja um dos motivos para que haja tanta divergência entre os estudiosos do tema quanto ao número de

perífrases existentes na língua. Por isso, também, não faz sentido tentar determinar com exatidão o momento em que uma determinada construção começa a ser considerada como perífrase.

Para Bosque & Demonte (1999), as perífrases verbais são diferentes dos tempos compostos por permitirem a intercalação de elementos como advérbios, locuções adverbiais ou seqüências nominais entre os verbos auxiliar e principal. Isso mostra que a maioria das perífrases possui um grau de conexão mais fraco do que os tempos compostos (à exceção de algumas perífrases que possuem o auxiliar fortemente gramaticalizado junto ao verbo principal).

Isto posto, aí sim Bosque & Demonte (1999) se debruçam sobre a questão dos verbos auxiliares, julgando que tal discussão deva ser feita a *posteriori* em relação à definição de perífrases verbais. Assim, se as construções de gerúndio, infinitivo e particípio estão de acordo com os processos formais propostos pelos autores para a identificação de perífrases verbais, o verbo que precede a forma impessoal é um verbo auxiliar²⁸.

[...] um verbo auxiliar é aquele que forma parte de uma perífrase verbal como verbo conjugado, quer dizer, com os morfemas que carregam informação modal, temporal, aspectual, de pessoa e de número e que se encontra incapaz de seleccionar sujeitos e complementos, pois sua função é meramente de ser uma ferramenta morfossintática. (BOSQUE & DEMONTE, 1999, 3345).²⁹

Nesse sentido, os autores se mostram diferentes de todos os outros estudiosos citados até então neste trabalho. Enquanto os demais gramáticos enumeram listas de verbos auxiliares e procedimentos para identificá-los, estabelecendo, grosso modo, que verbo auxiliar é aquele que seleciona um sintagma verbal como complemento, Bosque & Demonte fazem o contrário:

²⁸ Quando a perífrase verbal possui mais de dois verbos, diz-se que há, no âmbito sintático, orações simples segmentáveis em um auxiliar (toda a cadeia) e um principal (auxiliado). Nesses casos, apenas o primeiro auxiliar permite flexão de pessoa. Exemplo: *Vamos ter de voltar a começar a trabalhar.*

²⁹ [...] un verbo auxiliar es aquel que forma de una perífrasis verbal como verbo conjugado, es decir, con los morfemas que aportan información modal, temporal, aspectual, de persona y de número, y que se encuentra inhabilitado para seleccionar sujetos y complementos, pues su misión es la de ser un mero útil morfossintático. (BOSQUE & DEMONTE, 1999, 3345).

deduzem o verbo auxiliar a partir da perífrase verbal. Para eles, é imprescindível detectar se há ou não uma perífrase verbal através dos procedimentos mencionados. Se houver, automaticamente se pode dizer que o verbo flexionado que acompanha um verbo na forma impessoal é um auxiliar. Sendo assim, os autores defendem o ponto de vista de que se deve falar em “*usos auxiliares de certos verbos*” e não em verbos essencialmente auxiliares.

Mais uma vez, se confirma, nessa concepção, o fato de a auxiliaridade ser algo definido pelo contexto. E dizem: “quando o contexto não é suficientemente rico podem ocorrer casos de ambigüidade” (1999, 3344). Na língua falada, os aspectos pragmáticos (contexto, situação, entonação...) são, em geral, suficientes para evitar a ambigüidade. Mas em nossos dados de língua escrita (em especial os de sincronias passadas) tal determinação costuma ser bastante complexa.

Na *Gramática Descritiva de la Lengua Española*, os autores classificam as perífrases de infinitivo em três diferentes grupos:

- Perífrases modais (e temporais);
- Perífrases aspectuais (e temporais);
- E “outras perífrases”.

Bosque & Demonte (1999) mostram que algumas perífrases poderiam se encaixar em mais de uma classificação, como, por exemplo, *ir + a + infinitivo*, que ora é aspectual, ora, modal ou temporal. Esse caráter híbrido de algumas perífrases confirma que as noções de *aspecto*, *tempo* e *modo* nem sempre possuem limites nítidos, mesmo porque, não há perífrases temporais, propriamente ditas (1999, 3338).

Mais especificamente sobre as perífrases de gerúndio, vale destacar uma questão terminológica abordada pelos autores. Em sua gramática, eles não usam a nomenclatura “durativas”, pois esta parece aludir à “duração”, excluindo as ações breves. Semelhantemente, eles não concordam com o termo “progressivas” porque, além de vir do inglês, ele só caracteriza algumas das construções de gerúndio. Por isso, os autores preferem adotar o nome de *cursivas* para as perífrases de gerúndio.

Depois de investigar essa bibliografia acerca de “verbos auxiliares” e perífrases verbais, definimos que o controle deste fator seguirá, basicamente, a classificação de verbos de Mateus *et alii* (2003) somada a algumas especificidades da classificação de Bechara (2001). Assim, separamos as construções com **verbos plenos** (na forma sintética, sem verbo auxiliar) das construções com verbos auxiliares *andar, estar, ficar, ser, ir* e *vir* (nesse caso, formando uma perífrase, forma analítica). Assim como Mateus *et alii* (2003), também separamos dos demais as construções com os chamados *verbos leves*.

À exceção dos verbos plenos e das perífrases com *auxiliar estar*, para os quais já fornecemos exemplos no início desta seção sobre estruturas verbais, cabe aqui mostrar dados de cada uma das demais construções:

- *Andar:*

“Muito capitalista, sabendo de que a Inspectoria, anda relacionando quaes os depositantes, prefere, temeroso guardar em casa os seus haveres.”

(E-B-92-Je-004)

“Andaram os portugueses, nas suas naus e nas suas caravelas, a rasgar oceanos e a descobrir ilhas, arquipelagos e continentes, enquanto os outros povos, metidos nas suas proprias conchas, olhavam para o mar, senão com pavor, pelo menos com indiferença.”

(E-P-92-Je-006)

- **Ficar:**

*“[...] a gente num pode também **ficar pensando** nisso né?... senão a gente não faz nada né?... se você **ficar pensando** nisso em assalto aí... num sei quê cê num... sai na rua pô... né?... (...)”*

(Oc-B-9C-2M-002)

*“[...]nós europeus não fazemos. eh, nós contentamo-nos e ficamos muito satisfeitos porque descobrimos o raio laser. depois **ficamos** contemplativamente **a pensar** que foi uma descoberta notável que pode vir a ter grandes aplicações, mas não a aplicamos.”*

(Oc-P-70-3M-001)

- **Ser:**³⁰

³⁰ Não foram encontrados dados com auxiliar *ser* em infinitivo gerundivo. Estes são casos de construções sintéticas em voz passiva, ou seja, construções em que, na voz ativa, não há qualquer verbo auxiliar. Quando se tratava de construções perifrásticas na voz passiva, separamos em um fator à parte para opor construções sintéticas a analíticas, em geral. Exemplo de estrutura verbal analítica (no caso, com auxiliar **estar**) em voz passiva, classificado em grupo separado:

*“Hontem, de madrugada, os secretarios do sr. governador civil percorreram de automovel os mercados, informando-se da maneira como **estavam sendo dirigidos** os serviços de abastecimentos da cidade.” (E-P-91-Jn-011)*

“Ha dias na villa do Torrão foi praticado um roubo no valor de 3.000\$000 réis, a um proprietario de nome Antonio Carneiro Langorito, suppondo-se haver sido praticado por 3 hespanhoes, que foram presos dois d'elles: Domingos Megia Ribeiro e Miguel Buáles Ruédas, sendo conduzidos a esta cidade pela policia.”

(E-P-91-Jn-003)

- **Ir:**

*“Nas mesmas lojas se faz a Subscrição dos seis numeros, por 6\$000 reis: e a ellas mandarão os respectivos Assignantes procurar os documentos que **forem sahindo.**”*

(E-B-81-Ja-032)

*“**Foram a imprimir** o parecer,/ concedendo tres mezes de licença/ ao commissario de hygiene dr./ Monteiro Manso, e a redacção do/ projecto n.102./”*

(E-B-91-Jn-001)

- **Vir:**

*“Para obterem isso é | que Von Papen e Hugenberg, a | conselho dos quaes os financiado- | res do movimento hitlerista **vi-** | **nham diminuindo** as subvenções | aos "nazis", resolveram aprovei- | tar-se destesultimos*

*como de | uma milicia político-policial a | serviço de um governo de "col-
| ligação" direitista."*

(E-B-92-Jn-001)

*"Há, segundo parece, o desejo de convencer os povos ainda longe da guerra de que, quando essa mesma guerra terminar, se torna imprescindível proceder a uma revisão meticulosa dos conceitos de independencia e de soberania, para que a paz possa **vir a assentar** em bases de inabalavel solidez."*³¹

(E-P-92-Je-007)

- **Verbos leves:**

*"Festividade|Consta-nos que a devoção de Sant'Anna de Icharay festejará seu orago nos dias 27 e 28 do corrente, com alguma pompa, **dando principio** [= principiando] no dia 21, com uma ladainha na sua capella havendo nessa tarde levantamento do mastro com painel."*

(E-B-82-Ja-063)

"[...] é importante por, porque fornece exactamente o, eh, o, o material de reflexão, digamos, e, e permite tirar provas e repetir experiências, etecétera, reproduzir resultados, por aí fora, não é. e... a pessoa estando limitada numa actividade destas a, a ler o que os outros fizeram e depois

³¹ Em nosso *corpus* só foram encontrados dois casos de construções perifrásticas com o auxiliar *vir* com *a* + *infinitivo*. Os dois dados são do tipo ambíguo. Neste, como podemos ver, a interpretação da preposição "*a*" pode ser de idéia futura, com a expressão *vir a* + *infinitivo* (não gerundivo), bem como pode indicar uma ação gerundial cambiável por *vir assentando*.

a estabelecer, a fazer sínteses [= a sintetizar] e tal é, é, é uma outra actividade também com piada, mas que, que não, que é incompleta, não é.”

(Oc-P-70-1M-001)

Já seguindo a orientação de Bechara (2001), ao invés de considerarmos o verbo **continuar** em perífrase como um verbo *semiauxiliar*, conforme o fazem Mateus *et alii* (2003), preferimos separá-lo em um fator à parte, chamando-o de *auxiliar*. Isso se deve ao fato de este verbo ser bastante característico das construções de aspecto contínuo, como visto anteriormente, bem como ao fato de ter comportamento diferente dos outros quanto à sua cambialidade ser muitas vezes ambígua, como veremos adiante. Ainda conforme Bechara (2001), separamos os verbos **modais** em um fator específico para construções perifrásticas dessa natureza.

- **Modais:**

“Pela Thesouraria provincial do Rio de já- | neiro se faz publico que, tendo-se de pro- | ceder á construção de uma ponte sobre o Rio-Preto, no logar denominado – Passagem | das Flores –, recebem-se propostas nesta | thesouraria para o referido fim, até o dia 10 | de novembro proximo futuro, devendo os | pretendentes nellas declarar minuciosamen- | te todas as condições com que se acham promptos a tomar a dicta empreza.”

(E-B-82-Ja-035)

*“Corrigem-se dentaduras defeituosas **a poder-se** comer com elas, quem não ficar satisfeito nada pagará.”*

(E-P-92-Ja-005)

Outros verbos diferentes destes foram considerados *semiauxiliares* e codificados separadamente dos auxiliares canônicos, para fins de leitura do programa Goldvarb, como em:

*“Hoje em dia você é quase que mal-tratado e quando você encontra uma pessoa delicada você **chega a agradecer**, pois uma coisa que devia ser normal hoje em dia não é”.*

(Oc-B-70-2F-002).

*“[...] só que o trabalho é tanto, e a confusão é tanta que, e o cansaço neste momento, ah, as remodelações e os papéis, a burocracia, ah, e a fadiga que os professores têm neste momento, em relação ao ensino, também, **começa a ser** de tal, de tal maneira forte, que, que as pessoas não querem.”*

(Oc-P-90-1F-008)

Semelhante a *chegar* e a *começar* são os verbos *tornar*, *levar*, *passar* etc. A maioria desses casos de “*semiauxiliares*”, porém, foi descartada de nossa análise variacionista, uma vez que foi considerada não-cambiável. Embora seja “possível” substituir “*chega a agradecer*” por “*chega agradecendo*” e “*começa a ser*” por “*começa sendo*”, entendemos que essas expressões

não são intercambiáveis com o mesmo valor de verdade. Dizer “*chega a agradecer*” é bastante diferente de dizer “*chega agradecendo*”. A preposição “*a*” seguida de infinitivo, nesses casos, não indica informação gerundial, ou seja, infinitivo gerundivo, mas corresponde somente à preposição requerida pela regência de tais verbos. Sendo assim, esses casos foram considerados não cambiáveis e foram excluídos de nossa análise.

Os dados com *verbos semiauxiliares* utilizados em nossa análise variacionista são casos do tipo:

“[...] nos meses de julho... e... princípio de... agosto eu viajei trinta dias... ah.... divididos entre a Nova Zelândia... a Austrália... e a África do Sul... **passei**... exatamente um mês **viajando**... não vi uma garrafa... não vi um copo plástico... não vi um papel nem um saco plástico no chão... em nenhum desses três países...”

(Oc--B-70-3F-002)

em que temos verbos como *passar*, que não são auxiliares, mas que, acompanhando outros verbos no gerúndio funcionam como “*semiauxiliares*”.

Além disso, também excluimos do cálculo de pesos relativos, na análise variacionista, as expressões fixas com formas nominais, pois entendemos que, por terem se cristalizado na língua com *gerúndio*, é bastante improvável que um falante venha a utilizá-las com a variante *infinitivo gerundivo*. São casos como:

“[...] o pouco tempo que sobra a gente sempre tem alguma coisa pra fazer e não se preocupa muito em aprender mais alguma coisa...né? bom... em se tratando assim de reuniões sociais... né... normalmente a gente se reúne os amigos.. os parentes em casos de aniversário assim... [...]”

(Oc-B-9C-1M-001)

“A construção de barragens, canais e outros elementos de rega impõem a simultânea consideração de outras necessidades: trabalhos de adaptação dos terrenos a regar; determinação das culturas mais próprias e dos produtos mais rendosos, tendo em vista os reflexos noutras regiões; a estrutura fundiária da propriedade que precisa de correcção, tendo em conta os consumos e os fins sociais das obras, e a acção educativa junto dos futuros proprietários e trabalhadores.”

(E-P-93-Je-003)

O objetivo desse grupo de fatores é investigar se as estruturas sintéticas ou se as estruturas analíticas privilegiavam o uso de uma variante ou de outra. E, ainda, se as estruturas perifrásticas de fato favoreceram o avanço do infinitivo gerundivo (o que é a nossa hipótese), pretendemos observar quais verbos auxiliares especificamente contribuíram para tal avanço. Este é mais um fator que visa a observar a *frequência de tipo* (*type frequency*) (em relação às estruturas verbais), analisando se há relevância de algum tipo específico de estrutura para o processo de gramaticalização do infinitivo gerundivo.

3.5 Tempo

Esse grupo visa a responder uma das principais questões deste trabalho: em que momento (século XIX ou XX?) teria se dado efetivamente o avanço do infinitivo gerundivo em Portugal?

O *corpus* é subdividido em fases e não apenas em séculos. Temos assim, para os dados de língua escrita, três fases no século XIX (**1808-1840**; **1841-1870**; e **1871-1900**) e cinco, no século XX (**1901-1924**; **1925-1949**; **1950-1969**; **1970-1985**; e **1986-2000**). Com relação ao *corpus* de língua falada, tivemos apenas duas diferentes fases: **década de 1970** e **década de 1990**.

Seguimos, majoritariamente, a subdivisão já preestabelecida no *corpus* disponível no *site* do Projeto Varport. A única exceção foi com relação às duas últimas fases, que re-dividimos devido a divergências entre os *corpora* do Brasil e de Portugal. Como dito anteriormente, o critério adotado pelas equipes brasileira e portuguesa do Projeto Varport para a divisão das fases do *corpus* foi a relevância sócio-histórica de determinados eventos nesses países. Por isso, a divisão não é a mesma nos *corpora* brasileiro e europeu. Esse critério é desejoso em uma série de pesquisas lingüísticas na medida em que separa os dados de acordo com importantes mudanças sociais no país, o que pode gerar alguma influência lingüística na população. Mas, em princípio, para fins de comparação entre Brasil e Portugal, uniformizamos as fases.

3.6 Tipo semântico dos verbos / perífrases verbais

Esse grupo de fatores se justifica pelo fato de algumas pesquisas de Laca (s.d.) apontarem o tipo semântico dos verbos como relevante para o uso de uma variante de perífrase aspectual em italiano, que é uma língua românica, assim como o português. Sendo assim, a partir da configuração românica em que encontramos convergências e divergências funcionais para estruturas semelhantes, julgamos pertinente criar um grupo de fatores que controlasse a semântica da perífrase de *gerúndio* ou de “*a + infinitivo*”, para verificar se algum grupo semântico possa ter favorecido o uso de um ou outro tipo de construção gerundial em nossos dados. Com esse procedimento, poderemos, também, observar se houve expansão de ocorrências de perífrases gerundivas nos diferentes contextos semânticos na diacronia.

Segundo Laca (s.d.), as diversas perífrases aspectuais das línguas românicas não podem ser denominadas indistintamente de “aspectuais”, como costumam fazer as tradições gramaticais. Antes, precisam ser divididas em dois grandes grupos: as de *aspecto gramatical* (ou sintático) e as de *aspecto lexical* (ou *Aktionsart*). Estas são formadas por verbos, afixos e partículas que produzem situações derivadas correspondentes a partes do tempo da situação-base e especificam a estrutura temporal de um verbo parcialmente indeterminado. Aquelas são o “ponto de vista aspectual”, conforme chama a autora, que indicam a relação entre o intervalo de tempo da situação e o intervalo de enunciação do “locutor”, podendo tal relação ser: *prospectiva* (enunciação antes do tempo da situação), *retrospectiva* (enunciação depois do tempo da situação) ou *progressiva* (enunciação durante o tempo da situação). Esses dois tipos de perífrase se diferenciam, basicamente, pelas possibilidades de combinações e pela posição relativa na frase.

Para a autora, existe variação no que concerne às perífrases nas línguas românicas³² que pode ser observada na diacronia relativamente recente de algumas línguas e na sincronia atual de outras. Isso evidencia que as mudanças são recentes ou que ainda estão em curso.

Laca (s.d.) registra, por exemplo, em italiano, a existência da perífrase com *stare + a + infinitivo* que parece ser bastante próxima de *stare + gerúndio*. Entretanto, diferente do que ocorre no português, *stare + gerúndio* não é intercambiável por *stare + a + infinitivo* na maioria dos contextos. Em italiano a perífrase com infinitivo é incompatível com *situações pontuais, estados e situações habituais*. Além disso, segundo Laca, *stare + a + infinitivo* constitui uma perífrase de aspecto lexical com destaque na **duração** da situação. Já em português, ambas as construções, com gerúndio e com infinitivo, indicam aspecto gramatical progressivo. Isso mostra que, mesmo entre línguas românicas, construções equivalentes podem estar em estágios diferentes de gramaticalização ainda em curso, como acredita Laca (1998 e s.d.).

A autora afirma que “perífrases estreitamente relacionadas semântica e etimologicamente podem ter *status* diferentes em relação à distinção entre aspecto gramatical ou aspecto lexical”³³ (s.d. : 39).

Em Laca (2002), encontramos um quadro onde a autora sistematiza as perífrases aspectuais nas línguas românicas. Nele, podemos observar construções equivalentes em cinco dessas línguas. Eis o quadro:

FRANCÊS	CATALÃO	ESPAÑHOL	PORTUGUÊS	ITALIANO
	soler+INF	soler+INF	costumar+INF	solere+INF
	tornar a+INF	volver a+INF	voltar a+INF	tornare a+INF
être en train de+INF	estar+GER	estar+GER	estar+GER/ a+ INF	stare+GER

³² Laca mostra em seus trabalhos exemplos do francês, catalão, espanhol, italiano e português.

³³ [...] périphrases étroitement apparentées du point de vue sémantique et/ou étymologique peuvent avoir des status différents par rapport à la distinction entre point de vue aspectuel et aspect lexical.

	anar+GER	ir+GER	ir+GER	andare+GER
		andar+GER	andar+GER/ a+INF	
		venir+GER	vir+GER	venire+GER
aller+INF	anar a+INF	ir a+INF	ir+INF	
être sur le point de+INF	estar a punt de+INF	estar por+INF	estar para/por +INF	stare per+INF
commencer à+INF, se mettre à+ INF	començar a/de+INF, posar-se a+INF	empezar a+INF, ponerse a+INF	começar a+INF, pôr-se a+INF	cominciare a+INF, mettersi a+INF
cesser de+INF, arrêter de+INF## finir de+INF	deixar de+INF, parar de+INF## acabar de+INF ₁	dejar de+INF, parar de+INF## acabar de+ INF ₁ , terminar de INF	deixar de+INF, parar de+INF## acabar de+INF ₁ , terminar de+INF	smettere di+INF, cessare di+INF## finire di+INF
venir de+INF	acabar de+INF ₂	acabar de+INF ₂	acabar de+INF ₂	
continuer à+INF	continuar+GER seguir+GER	continuar+GER seguir+GER	continuar+GER/ a+INF	

Quadro 9: Perífrases aspectuais em cinco línguas românicas (LACA, 2002)

É interessante ressaltar que, nessas construções, o verbo finito (ou verbo auxiliar) é sempre um “*aspectualizador*” (verbos que denotam uma estrutura temporal de qualquer tipo de situação) ou então um verbo de movimento ou de localização³⁴ (2002, 2). Como se vê, esses verbos que constituem perífrases têm algo em comum: seu *significado*, o fato de indicarem movimento ou localização.

Muitos são os autores que destacam o fato de os verbos poderem se agrupar não apenas quanto às suas diferentes estruturas argumentais ou ao seu caráter de verbo principal ou auxiliar ou ainda à sua morfologia regular ou irregular. Além desses parâmetros, os verbos também

³⁴ The finite verb in such constructions is either an “aspectualizer”, i.e. a superlexical verb denoting not a situation type but a part of the temporal structure of any situation type, or a verb of motion or location. Superlexical verbs correspond to notions such as USE (*soler(e)/ costumar*), BEGIN (*commencer/ empezar/ cominciare* etc.), FINISH (*finir(e)/ acabar/ terminar*). Among the verbs of motion or location, we find (RE)TURN (*tornar/ volver/ voltar*), LOCATIVE BE (*être/ estar/ stare*), GO (*aller/ anar/ ir/ andare*), WALK (*andar*), COME (*venir(e)/ vir*), PUT (*mettre/ posar/ poner* etc.), LEAVE (*deixar/dejar*), FOLLOW (*seguir*), STOP (*arrêter/ parar*).

podem ser classificados em grupos conforme seu *significado*. Citaremos, aqui, algumas abordagens para essa possibilidade de classificação verbal.

De acordo com Maria Helena de Moura Neves (2000), os verbos constituem os predicados das orações. “Só não constituem predicados os verbos que modalizam (*poder, dever, precisar, etc.*), os que indicam aspecto e os que auxiliam a indicação de tempo e de voz.” (2000, 25). Em sua abordagem, os verbos que constituem predicados podem ser subdivididos em três grupos: segundo sua *semântica*; segundo a *integração de componentes*; e segundo a *transitividade*.

Quanto à semântica, a autora explicita três tipos verbais: dois dinâmicos (as *ações* e os *processos*) e um não-dinâmico (os *estados*). Já com relação à integração dos componentes, os verbos se dividem quanto a vários parâmetros, tais como *dinamismo, controle, perfectividade* e *telicidade*. Por fim, há a classificação segundo a transitividade, baseada na estrutura argumental dos verbos.

Apesar de haver declaradamente em Neves (2000) uma proposta de classificação semântica, esta se mostra bastante restrita, mostrando apenas três grupos (*ações, processos* e *estados*). Por isso, nos ateremos a uma das subdivisões dentro do grupo *transitividade* que diz respeito aos verbos com complementos oracionais. Esses nos interessam na medida que cada conjunto de verbos é classificado conforme algumas características semânticas e/ou estruturais em comum. Os subgrupos são:

1-) *Verbos factivos*

- *Verbos de cognição*
- *Alguns verbos de elocução*

2-) *Verbos implicativos*

- *Verbos de modalidade*
- *Verbos de manipulação*
- *Alguns verbos de elocução*

Uma outra classificação mencionada por Neves (2000) permite agrupar os verbos como *causativos* e verbos “*somente se*”.

Já Halliday (1994) propõe outra classificação para os tipos verbais. Para rotular um verbo como representante de um ou outro dos processos a seguir, é necessário observar o processo em si, os participantes dos processos e, quando há, as circunstâncias associadas ao processo. Isso significa que a classificação está estreitamente ligada à teoria dos papéis temáticos. O autor explicita três tipos principais de processos verbais:

1-) ***Processos materiais (processos de fazer)***: São aqueles relacionados ao mundo físico. Expressam a ideia de que “algo/alguém” (ator) “faz” alguma coisa para “algo/alguém” (alvo). Exemplos: *matar, pegar, acariciar*.

2-) ***Processos mentais (processos de sentir)***: Dizem respeito à experiência interior do indivíduo, a seus sentimentos (*affection*), pensamentos (*cognition*) e percepções (*perception*). Na nomenclatura de Halliday, os envolvidos nesse tipo de processo são o “experenciador” (*senser*), aquele que “sente”, “pensa”, “percebe” e o fenômeno (*phenomenon*), aquilo que é “sentido”, “pensado”, “percebido”. Exemplos: *gostar, contentar-se, considerar*.

3-) **Processos relacionais (processos de ser):** Referem-se ao mundo das abstrações. São processos que estabelecem relação entre duas entidades distintas, podendo ser essa relação de atribuição de algo a outra ou de identificação de uma pela outra. Em inglês, as construções possíveis nesse tipo de processo são:

- Intensiva (equativa): *x é/está y.*
- Circunstancial: *x está em/com/sobre/dentro... y.*
- Possessiva: *x tem/possui y.*

Além desses três tipos básicos, Halliday cita, ainda, outros tipos secundários de processo:

4-) **Processos comportamentais:** Descrevem processos acerca dos estados fisiológicos e de consciência de um indivíduo (geralmente humano). Encontram-se “na fronteira” entre os processos materiais e os processos mentais. Exemplos: *sorrir, sonhar, respirar, tossir.*

5-) **Processos verbais:** São processos de “dizer”. Denotam ações constituídas através da linguagem. Halliday denomina o participante desse processo de “*sayer*” (aquele que diz), que pode ser humano, ou não. Outros possíveis participantes são: “*receiver*” (para o que/quem se diz algo), “*verbiage*” (o que é dito) e “*target*” (sobre o que/quem se diz algo). Exemplos: *dizer, elogiar, declarar.*

6-) **Processos existenciais:** Fazem referência à existência ou ao acontecimento de algo. O elemento que se diz “existir” é chamado “existent” e pode ser qualquer tipo de fenômeno, coisa, pessoa, abstração etc. Exemplos: *haver, existir, surgir, aparecer*.

Halliday menciona, ainda, o que seria um “sétimo” tipo de processo (embora não o enumere como tal). São os **processos meteorológicos**, que estariam no limite entre os processos existenciais e os materiais. Halliday não os “conta” como uma das categorias por afirmar que podem ser construídos de diversas maneiras dentre as já citadas. Assim, em *O vento está soprando*, existe um processo material; já em *Houve uma tempestade*, um processo existencial; e em *Está frio*, um relacional. Também pode haver processos meteorológicos constituídos apenas pelo processo, sem participantes (*Está chovendo*).

Os processos verbais de Halliday são ilustrados no seguinte esquema:

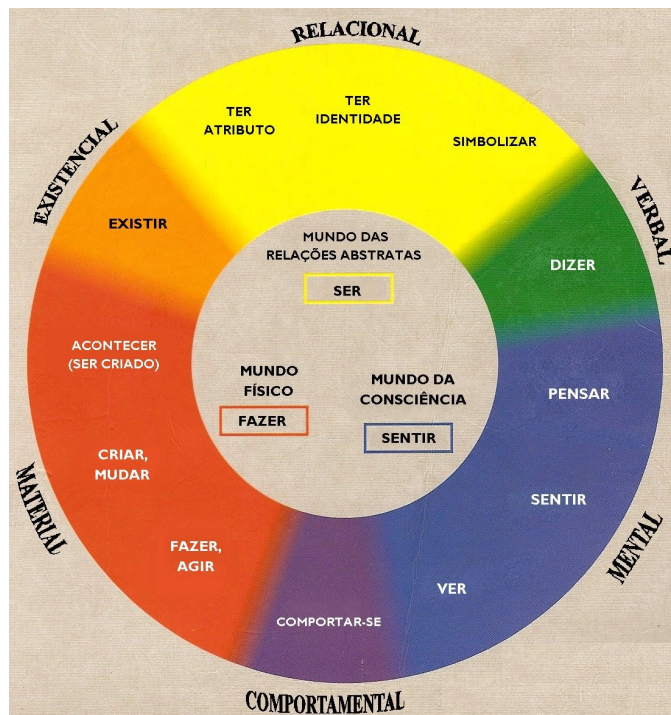


Figura 2: Esquema de classificação semântica dos verbos segundo Halliday (1994)

Ainda acerca de classificações semânticas para os verbos, Mateus *et alii* (2003) dividem os verbos em:

1-) *Estados e verbos estativos*

- Existenciais (ex.: *haver, existir, ser*)
- Locativos de dois lugares (ex.: *morar, residir, pertencer*)
- Epistêmicos (ex.: *saber, conhecer*)
- Perceptivos (ex.: *ver*)
- Psicológicos não-causativos (ex.: *gostar*)
- Copulativos – são “verbos desprovidos de estrutura argumental, que constituem mera lexicalização de valores têmico-aspectuais” (2003) (ex.: *ser, andar*)

2-) *Processos e verbos de processo*

- Meteorológicos (ex.: *chover, nevar*)
- Inergativos de atividade física (ex.: *chorar, dançar*)
- de movimento (ex.: *correr, nadar*)

3-) *Processos culminados e verbos de processo culminado*

- Causativo ou agentivo (ex.: *destruir, comprar, deslocar, escrever*)

4-) *Culminações e verbos de culminação*

- de movimento “aparecimento-desaparecimento” e mudança de estado (ex.: *chegar, sair, nascer, morrer, rejuvenescer, enegrecer, murchar*)
- Processo pontual (ex.: *ganhar, descobrir, concluir, pedir*)

5-) *Pontos e verbos pontuais*

- Valor aspectual de pontos (ex.: *espirrar, suspirar*)

Esses autores supracitados não divergem do ponto de vista teórico. O problema é que, muitas vezes, no trabalho empírico com *corpora* diacrônicos, encontram-se dados pouco “compatíveis” com as “macro-classificações”.

Oiticica (1945), mostrando uma abordagem talvez mais “impressionista” à primeira vista, apresenta uma classificação mais detalhada, que pode se adequar melhor quando há muitos dados de língua real a serem analisados. O autor propõe classificar os verbos quanto à significação, quanto à conjugação (regulares, irregulares e anômalos), quanto à integridade (defectivos, indefectivos e abundantes) e quanto à modalidade (principal ou auxiliar). No que tange à significação, os verbos podem ser:

- 1-) de ação (ativos) (ex.: *quebrar, matar*);
- 2-) de conveniência (ex.: *convir, cumprir, importar, relevar*);
- 3-) de estado (passagem e permanente) (ex.: *Passageiro: estar, continuar, achar-se, encontrar-se, mostrar-se; Permanente: ser*);
- 4-) de mudança de estado (ex.: *ficar, fazer-se, tornar-se*);
- 5-) de fenômenos naturais (ex.: *existir, ser, viver, chover, respirar*);
- 6-) de fenômenos mentais (volitivos) (ex.: *querer, tencionar, supor*);

7-) de passividade (passivos) (ex.: *agüentar, sofrer, suportar, padecer, apanhar*);

8-) de dúvida (ex.: *parecer, constar*);

9-) de semelhança (ex.: *parecer, assemelhar-se*);

10-) de carência (ex.: *faltar, carecer, precisar, necessitar*);

11-) de ocorrência (ex.: *ocorrer, acontecer, suceder, sobrevir, dar-se*);

12-) de suficiência (ex.: *bastar, chegar*);

13-) de acidente (ex.: *achar, perder, surgir*).

Oiticica destaca em nota que a classificação do verbo, fator importante em análise, depende do seu sentido na frase, podendo o verbo se enquadrar numa ou noutra classe conforme sua significação contextual.

Depois de investigar essas propostas de classificação semântica, deveríamos optar por uma delas ou, talvez, por uma combinação delas. Uma classificação detalhada serviria melhor na medida em que são muitos dados em contextos diferentes que não se encaixam nem se aproximam de exemplos fornecidos em classificações mais abrangentes, que refletem princípios gerais. Com muitos dados, há várias ocorrências de “exceções”. O problema do excesso de detalhamento é que nunca há dados o suficiente para as rodadas quantitativas (no programa computacional para cálculo de pesos relativos). A escolha dentre elas, fora Oiticica que se afasta das demais propostas, não se faz por divergência teórica, em última instância. A escolha é mais prática.

Analisando esses prós e contras, optamos por uma classificação que não fosse tão detalhada e específica, de modo que pudéssemos observar com maior clareza o peso relativo dos fatores criados. Assim, elegemos a classificação de Halliday como aquela que norteará nossa

classificação semântica dos verbos. Os fatores que traduzem essa classificação formam o seguinte grupo:

- **Processos materiais (processos de fazer):**

*“@dTORRES VEDRAS, 12.@d - Hoje, á tarde, proximo da Quinta do Incesto, propriedade da familia Vilela, junto ao rio Incesto, ao Turcifal, um((SIC)) criança encontrou uma bomba de dinamitar pedreiras, com a qual se pôs a brincar inconscientemente, **arremessando-a** ao chão.”*

(E-P-92-Jn-008)

*“Foram estes que, terminada a busca que fizeram a toda a casa, abrindo e despejando gavetas (deixaram tudo num completo reboição, saíram primeiro da casa, ficando o «chefe» **a vigiar** a vítima, que estava deitada na cama, atada com os lençóis e com um pijama do marido, [...]”*

(E-P-94-Jn-004)

- **Processos mentais (processos de sentir):**

*“A França, que não teve conhecimento da resolução do governo hespanhol senão depois della publicada, e que receia ficar entre dous fogos, Prussia e Hespanha, **lembrando-se** ainda do reinado de Carlos V, protestou contra o facto, pedi (o/u) explicações, **considerando-o** como *casus belli*”*

(E-B-82-Jn-022)

*“[...] quer dizer, vai-se para uma reunião, ninguém interrompe, a pessoa só está **a pensar** naquilo, ah, diz-se o menos possível, mas diz-se o que é necessário.”*

(Oc-P-70-1M-002)

- **Processos relacionais (processos de ser):**

*“O Brigue Piedade do Loje de 18\$000 Arrobas, **achando-se** pronto / a seguir viagem para Lisboa, tem muito bons commodos para passa- / geiros, e sahe infalivelmente no dia 10 de Junho;”*

(E-B-81-Ja-068)

*“No caso do relatório sobre os serviços secretos militares - e **a ser** verdade que a fuga de informação partiu de membros do Parlamento - deve considerar-se que o seu comportamento foi irresponsável e lesivo dos interesses do Estado.”*

(E-B-95-Je-007)

- **Processos comportamentais:**

*“A praça Edgard Beranger, que/ tambem se achava em forma, **der/ramando** lagrimas por ver seu/ irmão ser castigado /apagado/ ouviu do tentente-coronel-com/mandante as seguintes palavras/ "Tambem queres /apagado/" ao que respondeu outra praça:/ "Edgard tem razão para chorar,/ porque esta **vendo** seu irmão so/frer./”*

(E-B-91-Jn-002)

*“[...] A electricidade continua como uma boa fada perdulária a atirar aos homens os seus dons maravilhosos, assim a radiofonia ontem, hoje a televisão((SIC)) Sentados à nossa mesa **a comer** o prato da sopa, ouvimos e vemos o que se passa pelo vasto orbe.”*

(E-P-93-Je-001)

- **Processos verbais:**

*“[...] Outro, a Cidade do Rio, atenuou o facto como naturalissimo mesmo em paizes civilizados, **citando** adequados precedentes da culta Europa...”*

(E-B-91-Je-001)

*“[...] Esses estão sempre **a con/fessar** que isto não é a republica/ dos seus sonhos: e quando, por/ventura, em assembléa política, al/gum delles, já hoje de cabellos/ brancos, se mette a fallar de pro/grammas e de idéas, são quasi/ vaiado e soh os torvos olhares do/ sectarismo convencional./”*

(E-B-91-Jn-006)

- **Processos existenciais:**

*“A preta Maria , escrava do espolio/ do capitão-tenente Barros Torreão , / não compreendendo bem a lei de / 23 de Setembro, e suppondo que por/ morte de seu senhor podia por-se/ no fresco , assim o fez; **havendo** po/rém, quem a isso se opuzesse foi a /preta Maria refrescar-se no xadrez.”*

(E-B-83-Jn-015)

*“«Actualmente, quando as relações entre o Leste e o Oeste se agravaram, é muito importante que as pessoas saibam a verdade sobre os acontecimentos que estão **a ocorrer** no mundo e no Afeganistão, em particular»”*

(E-P-95-Jn-001)

3.7 Tipo de texto

Como vimos no item 3.2, em que descrevemos o grupo *gênero textual*, a definição que usamos nesta pesquisa para *tipo textual* é a de Marcuschi (2005):

Usamos a expressão *tipo textual* para designar uma espécie de seqüência teoricamente definida pela natureza lingüística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Em geral, os *tipos textuais* abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: *narração, argumentação, exposição, descrição, injunção*. (MARCUSCHI, 2005, 22)

Esse grupo tem por objetivo verificar se há maior uso de infinitivo gerundivo em alguns dos tipos textuais referidos. Sabemos que os gêneros textuais se distinguem por uma série de características, dentre elas o *tipo de texto* predominante. Assim, por exemplo, os *anúncios* costumam ser argumentativos, visando convencer o leitor a comprar algo; os *editoriais* tendem a ser expositivos e/ou argumentativos, expondo uma idéia e/ou procurando convencer o leitor a ficar a favor da mesma; e, por sua vez, as *notícias* freqüentemente aparecem sob forma de narração, relatando um fato ocorrido. Se essa equivalência fosse constante, talvez não houvesse necessidade de estudar tipos e gêneros separadamente nesta investigação. Mas casos como:

“Ônibus cai no barranco, mata três e fere trinta

*Um ônibus que vinha de São | João de Meriti, com destino à Praça |
Mauá, teve a barra de direção parti- | da, na altura do Km 6 da Via
Dutra, precipitando-se num barranco de | 15 metros de altura.*

*Na queda, alguns passageiros fo- | ra jogados para fora do veículo |
sendo que três deles acabaram por | ser esmagados pelo próprio ônibus.*

*Os outros trinta passageiros feri- | dos. Alguns gravemente, foram
removidos para o Hospital Nossa Se- | nhora das Neves.*

*Na Delegacia de Meriti, o moto- | rista lamentou a morte dos três |
passageiros, declarando que antes | da queda avisou a todos para que se
| segurassem porque o ônibus ia rolar | o barranco. Um diretor da
empresa, que não quis se identificar para a reportagem, declarou que o
seguro indenizaria as famílias das vítimas, | bem como as despesas de
hospi- | talização.*

QUANDO VOCÊ LER UMA NOTÍCIA SOBRE UM ACIDENTE QUE ENVOLVE | TERCEIROS, PARE E PENSE NO SEGURO OBRIGATÓRIO.

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS EMPRESAS DE SEGUROS PRIVADOS E CAPITALIZAÇÃO – FENASEG”

(E-B-94-Ja-001)

nos levam a inferir que nem sempre um texto apresenta o mesmo tipo predominando em sua realização do início ao fim. Como se pode ver, o exemplo acima é um anúncio cujo objetivo é “vender” a idéia de que é bom ter seguro, pois nunca se sabe quando se pode sofrer um acidente etc. Toda a argumentação em favor dessa idéia, entretanto, é construída basicamente através da narração de um acidente. Poderíamos dizer, portanto, que o texto é essencialmente narrativo.

Além disso, outra motivação para esse grupo é devido a Barbosa (1999) ter encontrado em seu *corpus* uma grande freqüência do que ele chamou de “*gerúndio narrativo*” e também devido a Cunha & Cintra (2001) e Bechara (2001) fazerem menção à estrutura de *infinitivo de narração*, como já citamos no item 2.1. Isso nos levou a querer observar se a freqüência de uso de gerúndio e infinitivo gerundivo teria sido maior em textos narrativos do que nos demais. Assim, além de classificar os textos quanto ao seu gênero, classificamos os mesmos em relação aos tipos textuais.

O grupo opõe os cinco tipos de texto apontados por Marcuschi (2005). São eles:

- ***Narrativo:***

“[...] eu conheci é eu conheci... eu conheci minha mulher quando eu estava **fazendo** CPOR... CPOR se vocês não sabem é o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva...”

(Oc-B-70-3M-001)

“[...] admiti portanto que dentro dum determinado prazo, que era perfeitamente normal essa insistência e procurar que realmente a miúda fosse. passado uns dias verificou-se a insistência do conf[...], enfim, dessa como que alergia talvez ou a miúda **a entrar** numa fase de angústia e nessa altura fui à escola procurar tra[...], enfim, em colaboração com a direcção da escola e com a própria professora, ah, procurámos investigar o que é que teria havido para [...]”

(Oc-P-70-2M-001)

- **Expositivo:**

“Scientificamos aos excelentíssimos amigos que nos honraram, **subscrevendo** acções para a fundação da empresa Atirador Franco, que até o dia 15 deste mez deverão ser realizadas as ultimas prestações respectivas.”

(E-B-83-Ja-010)

“No craneo do sr. Beirão a cabelleira de Metternich ficaria positivamente **a dançar**. E quantos outros exemplos!”

(E-P-83-Je-005)

- **Argumentativo:**

“Este prodigioso sabonete phenico glycerinado, aprovado pela Inspectoria Geral de Hygiene, e que pelos seus reaes efeitos é considerado o melhor do mundo, faz desaparecer em poucos dias as manchas do rosto, espinhas, pannels, sardas, caspa empigens, darthrs, erupções cutaneas, signaes de bexigas, etc., **tornando a pelle agradavelmente fresca e assetinada, dando-lhe especial belleza, fazendo a ezalar o mais suave e duravel aroma.**”

(E-B-91-Ja-006)

“Com mais molas, a cama DUX envolve as curvas naturais do seu corpo permitindo à sua coluna descansar numa posição natural durante o seu sono. Tomando uma decisão abalizada sobre como você gasta uma terça parte da sua existência, estará **a mudar** a sua vida para melhor. [...]”

(E-B-95-Ja-040)

- **Descritivo:**

“[...] essa depressão é um pequeno valle fechado por tres lados, **tendo** 30 a 40 metros na sua dimensão transversal, e é ladeado por elevadas trincheiras, cuja altura vae successivamente **diminuindo** para juzante do rio.”

(E-P-83-Jn-003)

“@t@bA "guerrilha económica" que vai moendo o nosso Governo@b@t
 Num país onde a macroeconomia vai tão bem, com a inflação estável e
 rasteirinha como há muito não se via, com o desemprego **a descer**, a taxa
 de câmbio segura e a taxa de juro serena e **a baixar** lentamente, não
 deixa de ser motivo de alguma perplexidade que os maiores problemas
 do Governo sejam económicos. [...]"

(E-B-95-Jn-009)

- **Injuntivo:**

“@iModo de tirar a si mesmo a medida de uma cabelleira.@i

1º A circunferencia da cabeça.

2º Da parte superior da testa á nuca por cima da cabeça.

3º De uma orelha á outra **passando** por cima da cabeça.

4º De uma orelha á outra **passando** pela testa.

5º De uma orelha á outra **passando** por detraz da cabeça.”

(E-P-82-Ja-005)

“O ácido úrico em excesso, poderá ser a causa das dores nas costas
 sempre que se baixa ou curva. Kruschen, uma combinação de sais
 minerais, auxiliaram a suavisar os seus padecimentos. Principie hoje
 mesmo **a tomar** Kruschen.”

(E-P-94-Ja-003)

Vale ressaltar que, muitas vezes, nos deparamos com “tipos híbridos”. Isso era muito freqüente, por exemplo, nos anúncios, onde víamos uma espécie de descrição que servia, na verdade, como argumentação para convencer o leitor das boas qualidades de um determinado produto e levar o mesmo a comprá-lo. Exemplo:

“Alugam-se| as grandes lojas do prédio da rua da Gambôa número119, tendo gaz e agua em abundancia, proprias para um grande estabelecimento ou diversos, tendo nos fundos quartos com entradas independentes;”

(E-B-83-Ja-056)

Em casos como esse, consideramos o texto como *argumentativo*, visto que a intenção de descrever é fornecer mais elementos para convencer o leitor acerca de algo. Apenas quando a descrição indicava mera indicação de características para identificação de algo classificávamos o texto como pertencente a esse tipo.

3.8 Faixa Etária

Este grupo de fatores serviu para contrastar o texto oral de três diferentes faixas etárias: 25 a 35 anos (*faixa A*), 36 a 55 anos (*faixa B*) e acima de 56 anos (*faixa C*).

A hipótese subjacente a esse grupo está relacionada com o que se chama em Sociolinguística de estudos de *mudança em tempo aparente* e de *mudança em tempo real*. O

conceito de *mudança*, de acordo com Labov (1994) segue os princípios do *uniformitarismo* (e não do “catastrofismo”). Essa é uma analogia com estudos da área de Geologia que afirmam que os fenômenos geológicos podem ser explicados como fruto de processos que atuam de maneira uniforme. A partir dessa idéia, Labov (1994) desenvolve para a Lingüística a hipótese de que, ao observarmos diferentes faixas etárias de uma comunidade de fala (sincrônica ou diacronicamente), podemos inferir se a mudança está em curso ou não. Assim:

A predominância de uma determinada variante lingüística na fala de pessoas mais jovens coloca o pesquisador frente a duas possibilidades: a) trata-se da instalação gradual de uma nova variante na língua (mudança lingüística propriamente); b) trata-se de uma diferenciação lingüística etária que se repete a cada geração. Isto é, os falantes de uma língua alternam seu comportamento lingüístico ao longo do seu percurso de vida, sem que se observem alterações no sistema (mudança geracional) [...]. (PAIVA; DUARTE, 2004, 179)

Quando a pesquisa é feita com informantes de uma comunidade e, após alguns anos, volta-se a essa mesma comunidade para realizar nova investigação, estamos diante de um estudo de *mudança em tempo real*, que pode ser *de longa duração* (com dados de intervalos de tempo longos) ou *de curta duração* (com dados de intervalos de tempo curtos). O estudo em tempo real pode ser realizado com amostras de recontato dos mesmos informantes em diferentes momentos (*estudo de painel*) ou através da “comparação de amostras aleatórias da mesma comunidade de fala, estratificadas com base nos mesmos parâmetros sociais, em dois momentos de tempo” (MONTEIRO, 2000, 188) (*estudo de tendência*). Em ambos os casos, portanto, temos estudos relacionados ao aspecto diacrônico da língua.

Já quando analisamos em uma determinada sincronia o uso da língua de pessoas de diferentes faixas etárias, estamos realizando um estudo em *tempo aparente*, ou seja, espera-se tirar conclusões acerca da variação lingüística através da observação dos falares das pessoas mais

idosas comparados aos dos mais jovens. Quando há mudança em curso, é natural que os jovens usem uma variante diferente das dos mais velhos.

Como o próprio Labov (1994) e outros (MONTEIRO, 2000; PAIVA; DUARTE, 2004; CALLOU; MORAES; LEITE, 1998) mostraram, entretanto, ambos os tipos de investigação apresentam vantagens e desvantagens. O ideal seria conjugar resultados obtidos em estudos de mudança em tempo aparente a resultados de estudos de mudança em tempo real. Foi isso que buscamos nesta pesquisa.

Realizamos um *estudo de tempo aparente* na medida em que comparamos os resultados das diferentes faixas etárias do período entre 1970 e 1990, considerado como um todo, ou seja, sincronicamente. Por outro lado, também fizemos um *estudo de tendência de mudança de tempo real de curta duração*, comparando as amostras das três faixas etárias na década de 1970 e de 1990, separadamente. Se o infinitivo gerundivo apresentou avanço em Portugal nas últimas décadas do século XX, o esperado é que os informantes portugueses mais idosos mantenham uma taxa de uso dessa forma inferior aos mais jovens, tanto sincrônica quanto diacronicamente.

3.9 Cambialidade

Apesar de não ser um “grupo de fatores” propriamente dito (na medida em que não é observado como possível “condicionador” do uso de uma ou de outra variante e, logo, não faz parte da análise de pesos relativos), consideramos adequado incluir o item a respeito da discussão da cambialidade nesta seção. Durante a análise dos dados, observamos que nem sempre nossa intuição para a identificação do que seria variável, ou não, funcionava indubitavelmente. Nossa projeção de que um determinado uso de “*a + infinitivo*” no lugar de *gerúndio* nunca seria

possível caía por terra ao encontrarmos um uso variante. O mesmo ocorria para nossas projeções de variantes para o *gerúndio*. Nunca esperaríamos, por exemplo, encontrar um dado de verbo modal com “*a + infinitivo*” como o seguinte:

“Corrigem-se dentaduras defeituosas a poder-se comer com elas, quem não ficar satisfeito nada pagará.”

(E-P-92-Ja-005)

Tivemos, então, de separar as ocorrências em três diferentes tipos de dados no que tangia à possibilidade de comutação entre *gerúndio* e “*a + infinitivo*”. A isto demos o nome de “*cambialidade*”. Essa classificação foi gerada a partir da própria disposição em que os dados que continham *gerúndio* ou “*a + infinitivo*” apareceram em nosso *corpus*. Na verdade, observamos que nem todos os *gerúndios* bem como nem todas as ocorrências de “*a + infinitivo*” são, de fato, gerundiais, ou seja, nem sempre essas estruturas indicam *aspecto contínuo*. E, no caso de não constituírem informação gerundial, não formariam pares em equivalência funcional e, logo, não seriam dados variáveis para o VARBRUL. No entanto, não quisemos dispensar sua recolha para, por um lado, testarmos a variação sem misturar o indubitável com nossas “dúvidas” de intuição; e, por outro lado, marcarmos para, posteriormente, separar nas rodadas os de fato não-variáveis e descrevermos sua distribuição e tipologia em estudo qualitativo. Fez-se, portanto, necessária a devida classificação das ocorrências de *-ndo* e “*a + infinitivo*”, de maneira que não houvesse mistura de dados de naturezas distintas, o que poderia levar à má interpretação dos resultados. Opusemos, portanto:

• **Dados cambiáveis:**

São os casos alternáveis com o mesmo valor de verdade ou, segundo Lavandera, em compatibilidade funcional. Nesses dados, ao alternar *gerúndio* por “*a + infinitivo*”, temos seguramente um “*a*” característico de infinitivo gerundivo, ou seja, esvaziado de sentido de preposição, funcionando, ao que parece, como um tipo de afixo do verbo que serve para formar aspecto progressivo.

☞ Exemplo de gerúndio cambiável por infinitivo gerundivo:

*“Ella recebe pen- | sionistas até o numero de 30, meias-pen- | sionistas até 20, e externas segundo a | capacidade das salas, que se estão **aprom- | ptando.**”*

(E-B-82-Ja-009)

Como se vê, poderíamos substituir “*que se estão **aprontando***” por “*que se estão **a aprontar***”.

☞ Exemplo de infinitivo gerundivo cambiável por gerúndio:

*“Andaram os portugueses, nas suas naus e nas suas caravelas, **a rasgar** oceanos e **a descobrir** ilhas, arquipelagos e continentes, enquanto os outros povos, metidos nas suas proprias conchas, olhavam para o mar, senão com pavor, pelo menos com indiferença. [...]”*

(E-P-92-Je-006)

Dados variáveis possivelmente cambiáveis por “*Andaram os portugueses, nas suas naus e nas suas caravelas, **rasgando** oceanos e **descobrindo** ilhas [...]”*.

•**Dados ambíguos:**

Esses reúnem os casos em que, na alternância *gerúndio x a + infinitivo*, há possibilidade de uma dupla leitura para tal “a” (1- vazio de sentido; ou também 2- com o sentido de preposição “para”, “junto a”, etc.). A hipótese para a separação desses dados é de que o avanço do infinitivo gerundivo nos casos ambíguos pode estar a apontar para uma possível gramaticalização da preposição “a” como um “prefixo aspectual” (HEINE, 2003). Ainda que essa hipótese não seja confirmada em trabalhos futuros, foi imprescindível a separação desses dados de modo a fazer uma descrição adequada das ocorrências das estruturas em *-ndo* e em “*a + infinitivo*”, proporcionando uma contribuição para futuros trabalhos sobre o tema e evitando resultados obtidos a partir de uma codificação não criteriosa dos dados.

A grande maioria dos dados considerados ambíguos são de estruturas com “*a + infinitivo*” (91 dos 105 dados ambíguos). Os poucos dados de gerúndio classificados como ambíguos (14 dentre 105) dizem respeito àqueles em que nossa dúvida quanto à possibilidade de ser cambiável ou não por infinitivo gerundivo superavam as projeções habituais. O ideal em uma pesquisa como esta talvez fosse submeter os dados de gerúndio a testes de atitude com “juízes”, informantes portugueses, para avaliar se um determinado dado seria possível ou não com infinitivo gerundivo³⁵, seguindo os devidos critérios para não haver influência sobre seus “julgamentos”. Na impossibilidade de realizar tal feito, partimos do princípio de que todo gerúndio pode, em potencial, ser realizado como infinitivo gerundivo, visto que são

³⁵ Esse procedimento é frequente em trabalhos cuja fundamentação teórica está na gramática gerativa, por exemplo, baseados na competência lingüística. Em trabalhos com língua em uso, com dados reais (como a presente pesquisa), esse método pode não ser adequado, pois um determinado juiz, usuário de uma variante lingüística *x*, pode apontar como impossível uma realização lingüística que já foi difundida em região, segmento ou situação de uso de uma variante lingüística *y*, diferente da dele. Assim, utilizar um informante português como juiz poderia ser útil à pesquisa, porém não resolveria definitivamente nosso problema ante à possibilidade ou não de trocar um gerúndio por infinitivo gerundivo, pois continuaríamos a não poder afirmar que um dado de gerúndio pode ou não pode ser usado como infinitivo gerundivo em todas as variantes da Língua Portuguesa.

equivalentes funcionais. Somente quando a alternância por “*a + infinitivo*” parecia realmente “estranha” ao nosso julgamento classificávamos o dado como ambíguo.

☞ Exemplo de ambigüidade entre gerúndio e infinitivo gerundivo:

*“Ficou adiado por seis dias, a/ requerimento do sr. Smith de/ Vazconceilos, em virtude de ra/zões apresentadas pelo sr. Ho/norio Gurgel, o projecto n. 137,/ de 1904, concedendo ao engenheiro/ G Tegliani, ou á empreza que/ organizar, o direito de abrir uma/ grande avenida que, **partindo** da/ praça da R publica, vá desem/bocar na rua Primeiro de Março./”*

(E-B-91-Jn-001)

Apesar da grande difusão do infinitivo gerundivo em muitas variantes de Portugal, nos pareceu de certa forma estranho substituir “**partindo**” por “**a partir**”.

☞ Exemplos de ambigüidade entre infinitivo gerundivo e gerúndio:

*“O ácido úrico em excesso, poderá ser a causa das dores nas costas sempre que se baixa ou curva. Kruschen, uma combinação de sais minerais, auxiliaram **a suavizar** os seus padecimentos. Principie hoje mesmo **a tomar** Kruschen.”*

(E-P-94-Ja-003)

No caso de “*a + infinitivo*”, vemos que a ambigüidade se dá na dupla possibilidade de leitura do trecho. Poderíamos interpretar a construção “*auxiliarem a suavizar*” como sendo o verbo “*auxiliar*” + seu

complemento (sua preposição de regência “a” seguida do verbo “suavizar”); ou como o verbo “auxiliar” sendo intransitivo e seguido do infinitivo gerundivo “a + suavizar” indicando o *modo* como o referido remédio pode “auxiliar”. O mesmo vale para “a tomar”, que pode ser mero complemento de “*princípio*”, bem como pode representar a *maneira como* se deve iniciar o tratamento.

“Sempre se teve o ar como um inimigo dos que n'elle querem navegar, agora, porém, parece que está a caminho de ser enfreado e governado, e não só por aquelles que em balão sulcam o oceano aereo, egualmente((SIC)), pelos @ihomens-aves@i que se lançam a voar no espaço, realizando essa façanha de fazer fluctuar e mover-se no ar @io mais pesado do que o ar@i.”

(E-P-91-Je-001)

No dado acima, não temos como afirmar com certeza qual interpretação deve ter a preposição “a” seguida do infinitivo *voar*. Não sabemos se se trata de um caso de infinitivo gerundivo (com sentido de aspecto contínuo, substituível por “*voando*”) ou se a ação descrita indica uma finalidade, ou seja, “*os homens-aves se lançam para voar, com a intenção de voar*”.

Vale destacar que mais de 90% dos dados considerados como ambíguos são referentes a casos de perífrases de *gerúndio* ou “a + infinitivo” com o auxiliar *continuar*.

Separamos como ambíguas as perífrases com esse verbo, pois é inerente à sua semântica o sentido de *continuidade* e, ao mesmo tempo, a preposição que o rege é “a”. Assim, quando nos deparávamos com dados de *continuar + a + infinitivo*, não podíamos afirmar com certeza se essa preposição era ou não parte do infinitivo gerundivo.

☞ Exemplo de cambialidade ambígua em construções com verbo auxiliar *continuar*:

“Ora, pode um homem nestas condições continuar a ser Presidente dos Estados Unidos?”

Terá ainda a figura de Clinton a respeitabilidade suficiente para continuar a ser o líder da maior potência mundial?

Continuará a ser Clinton olhado como o homem cujas decisões os americanos estão dispostos a seguir?”

(E-P-95-Je-005)

Com se pode ver, a construção *continuar a ser* pode ser substituída sem alteração de sentido por *continuar sendo*. Não sabemos, entretanto, se essa preposição “a” presente nos dados indica infinitivo gerundivo ou se é somente a preposição que rege o verbo *continuar*.

•Dados não cambiáveis:

Esses são dados em que não era possível a alternância *gerúndio x “a + infinitivo”*, nem mesmo com uma outra preposição.

☞ Exemplo de dados de gerúndio não cambiáveis com infinitivo gerundivo:

“As lampadas EDISON-MAZDA satisfazem | perfeitamente às duas primeiras condições | sendo que a ultima depende sómente do | systema de installação usado.”

(E-B-92-Ja-015)

Uma construção, nesse contexto, do tipo *“As lampadas EDISON-MAZDA satisfazem | perfeitamente às duas primeiras condições | a ser que a ultima depende sómente do | systema de installação usado”* não estaria bem formada. Mesmo porque, percebemos que “sendo”, nesse período, funciona como um “conectivo”, um marcador discursivo (*sendo que*).

☞ Exemplo de dados de “*a + infinitivo*” não cambiáveis com gerúndio:

“Não deve expor-se a saude ao perigo negligenciando os cuidados a ter com os rins provàvelmente os mais importantes orgãos e dos quais em grande parte depende uma boa disposição((SIC))”.

(E-P-93-Ja-001)

Da mesma forma que o dado anterior, também não seria aceitável uma formação do tipo *“Não deve expor-se a saúde ao perigo negligenciando os cuidados tendo com os rins”*.

Em nossa análise, descartamos os dados não cambiáveis, uma vez que é um pré-requisito para o modelo variacionista que as formas variantes sejam alternativas de dizer “a mesma coisa” com o mesmo valor de verdade. Como mencionado anteriormente, em caso de fenômenos morfossintáticos, 1) as formas alternantes devem ser ao menos passíveis de ocorrer nos mesmos

contextos estruturais; e 2) as variantes têm de apresentar o mesmo significado e/ou ser compatíveis funcionalmente. Já os ambíguos foram mantidos no cálculo de percentuais. Excluimos, porém, o “grupo” *cambialidade*, que opunha estritamente cambiáveis a ambíguos do cálculo de pesos relativos. Mais adiante, nos ateremos com maior profundidade ao questionamento do uso de variantes de alternância ambígua em nossa análise.

4 ANÁLISE VARIACIONISTA DOS DADOS

Como já fora mencionado na seção anterior, a presença de dados de “*a + infinitivo*” cuja interpretação do “a” era ambígua (podendo, numa segunda leitura, equivaler à preposição “a” com sentido de “para”, “junto a” etc.) nos fez, por um rigor metodológico, separar esses dados dos demais e controlar as diferenças. O número de dados dessa natureza, entretanto, é bastante pequeno se comparado aos chamados estritamente *cambiáveis*, mas, ainda assim, julgamos pertinente fazer rodadas *sem* e *com* esses dados para observar se eles poderiam ou não enviesar os resultados.

Na verdade, o próprio “enviesamento” é relativo, pois, se esses ambíguos não forem preposições, na verdade, não haveria enviesamento, mas sim um número maior de dados. A separação serve-nos para podermos afirmar com segurança sobre o fenômeno com as rodadas para os rotulados como cambiáveis e para podermos projetar possibilidades outras para o caso de termos nos ambíguos uma hipótese de uso do gerundivo, o que só o redator poderia nos dizer.

Com a divisão de rodadas com ou sem os dados ambíguos, dezoito diferentes conjuntos de dados de língua escrita e falada foram submetidos ao programa Goldvarb em rodadas distintas.

São eles:

- De língua escrita:

I) Apenas os dados cambiáveis de jornais brasileiros;

II) Dados cambiáveis juntamente com os dados ambíguos de jornais brasileiros;

III) Apenas os dados cambiáveis de jornais portugueses;

IV) Dados cambiáveis juntamente com os dados ambíguos de jornais portugueses.

V) Apenas os dados cambiáveis de jornais brasileiros e portugueses;

VI) Dados cambiáveis juntamente com os dados ambíguos de jornais brasileiros e portugueses;

- De língua falada:

VII) Apenas os dados cambiáveis de entrevistas de língua falada no Brasil;

VIII) Dados cambiáveis juntamente com os dados ambíguos de entrevistas de língua falada no Brasil;


IX) Apenas os dados cambiáveis de entrevistas de língua falada em Portugal;

X) Dados cambiáveis juntamente com os dados ambíguos de entrevistas de língua falada em Portugal;

XI) Apenas os dados cambiáveis de entrevistas de língua falada no Brasil e em Portugal;

XII) Dados cambiáveis juntamente os com dados ambíguos de entrevistas de língua falada no Brasil e em Portugal;

- De línguas escrita e falada juntas:

XIII) Apenas os dados cambiáveis de jornais brasileiros das fases 7 e 8 e de entrevistas de língua falada no Brasil, 

- XIV) Dados cambiáveis juntamente os com dados ambíguos de jornais brasileiros das fases 7 e 8 e de entrevistas de língua falada no Brasil;
- XV) Apenas os dados cambiáveis de jornais portugueses das fases 7 e 8 e de entrevistas de língua falada em Portugal;
- XVI) Dados cambiáveis juntamente com os dados ambíguos de jornais brasileiros das fases 7 e 8 e de entrevistas de língua falada em Portugal;
- XVII) Apenas os dados cambiáveis de jornais brasileiros e portugueses das fases 7 e 8 e de entrevistas de língua falada no Brasil e em Portugal;
- XVIII) Dados cambiáveis juntamente com dados ambíguos de jornais brasileiros e portugueses das fases 7 e 8 e de entrevistas de língua falada no Brasil e em Portugal.

Na análise que em seguida faremos, para os grupos não selecionados como relevantes para a variação, não é necessário indicar seus pesos relativos. Entretanto, para fins de estabelecer o “perfil” dos dados analisados na variação real, quer dizer, sem a virtualidade das projeções estatísticas, expomos os resultados referentes ao número de ocorrências e ao percentual de uso desses grupos quando julgarmos pertinente. São resultados que podem servir de pontos de partida para futuras comparações em trabalhos com novos *corpora*.

A seguir, vejamos os resultados obtidos em cada uma dessas rodadas além dos comentários interpretando os números fornecidos pelo programa Goldvarb.

4.1 Dados de Língua Escrita

4.1.1 Brasil

Sabemos, de antemão, que o uso de infinitivo gerundivo no Brasil é muito menor do que em Portugal. Contudo, não se sabe se, em sua pequena variação, haveria fatores que condicionassem esse uso no português brasileiro. O número de dados do *corpus* de língua escrita do Brasil de que dispusemos é:

DADOS	Nº DE OCORRÊNCIAS DE INFINITIVO GERUNDIVO / Nº TOTAL DE DADOS	PERCENTUAL DE INF. GERUNDIVO / PERCENTUAL TOTAL
Cambiáveis	27 / 893	3% / 96%
Ambíguos	27 / 37	72% / 4%
TOTAL	54 / 930	5% / 100%

Tabela 1: Dados cambiáveis e ambíguos no *corpus* de língua escrita do Português Brasileiro

Como se pode ver, apenas 4% do total de dados é considerado ambíguo. Outro fator que merece destaque é que a taxa geral de uso de infinitivo gerundivo nesse *corpus*, de Português Brasileiro, é de apenas 5%.

Na rodada em que havia apenas os dados brasileiros cambiáveis, somente um grupo de fatores foi selecionado como relevante para a variação pelo programa: o *tipo sintático de oração*. Na outra rodada de dados brasileiros escritos, somamos aos 892 dados cambiáveis os 37 dados classificados como ambíguos, por não podermos estabelecer, com certeza, se a construção de “*a* + *infinitivo*”, por exemplo, dizia respeito ao infinitivo gerundivo propriamente dito, em que a preposição “*a*” é “esvaziada de sentido” ou se se tratava de uma construção onde “*a*” indicava finalidade (equivalendo a *para*) ou correspondia à preposição de regência do verbo a que estava ligada. Aqui, os grupos selecionados foram: *estrutura verbal*; *tempo*; *tipo sintático de oração*; e *gênero textual*, nessa ordem de seleção.

A tabela abaixo exhibe os dados do grupo de fatores *gênero textual*.

GÊNERO TEXTUAL	(SÓ CAMBIÁVEIS)N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL	N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL (CAMBIÁVEIS + AMB.)	(SÓ CAMBIÁVEIS)P <small>PERCENTUAL</small>	(CAMBIÁVEIS + AMB.)P <small>PERCENTUAL</small>	(SÓ CAMBIÁVEIS)(NÃO SELECIONADO)P <small>PESO RELATIVO</small>	(CAMBIÁVEIS + AMB.)(NÍVEL DE SELEÇÃO)P <small>PESO RELATIVO</small>
Anúncios	3 / 218	10 / 230	1%	4%	³⁶	.28
Editoriais	11 / 266	17 / 275	4%	6%	-	.56
Notícias	13 / 408	27 / 425	3%	6%	-	.57
TOTAL	27 / 892	54 / 930	3%	5%	-	-

Tabela 2: Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerundivo nos gêneros textuais do *corpus* de língua escrita do Português Brasileiro

Como podemos ver, esse grupo não foi selecionado na rodada apenas com dados cambiáveis e o foi na rodada com dados cambiáveis + ambíguos. Apesar de ter sido selecionado nessa segunda rodada, vemos, pelos resultados, que a relevância desse grupo não é muito significativa, na medida em que não possui grande discrepância entre os fatores, à exceção dos anúncios, que se mostram como desfavoráveis ao uso de infinitivo gerundivo.

³⁶ As colunas que não apresentam qualquer valor de peso relativo dizem respeito a rodadas em que o referido grupo de fatores não foi selecionado como relevante para a variação.

Pelo que observamos, os editoriais são tão propícios quanto as notícias para o uso de infinitivo gerundivo no Brasil, com pesos relativos de .56 e .57, respectivamente. Outras rodadas com dados escritos do Brasil podem confirmar ou negar essa hipótese, mas, em princípio, podemos arriscar dizer que talvez esse favorecimento esteja ligado ao grau de formalidade desses dois gêneros ser maior do que a dos anúncios. Sendo mais formais, o normal é que se procure o “não-comum”, que, no Brasil, é a construção “a + *infinitivo*”. Além disso, em contextos mais formais, em geral, os brasileiros procuram usar, forçadamente, a variante lusitana da língua portuguesa, considerada prestigiosa.

Em seguida, podemos observar os números referentes ao grupo *tipo sintático de oração*:

TIPO SINTÁTICO DE ORAÇÃO	(SÓ CAMBIÁVEIS) N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL	N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL (CAMBIÁVEIS + AMB.)	(SÓ CAMBIÁVEIS) P _{PERCENTUAL}	(CAMBIÁVEIS + AMB.) P _{PERCENTUAL}	(SÓ CAMBIÁVEIS) (NÍVEL DE SELEÇÃO) P _{ES} O RELATIVO	(CAMBIÁVEIS + AMB.) (NÍVEL DE SELEÇÃO) P _{ES} O RELATIVO
Absolutas	0 / 25	4 / 31	0%	12%	-.37	.41
Coordenadas sindéticas	0 / 37	2 / 39	0%	5%	-	.40
Coordenadas assindéticas	0 / 16	4 / 20	0%	20%	-	.81
Principais	5 / 44	7 / 48	11%	14%	.87	.74
Subjetivas	0 / 4	0 / 4	0%	0%	-	-
Objetivas	3 / 20	10 / 27	15%	37%	.87	.93

³⁷ Os fatores que apresentam “-” na coluna referente ao peso relativo não atingiram valores necessários para serem selecionados. São dados que apresentaram 100% de ocorrências em gerúndio ou em infinitivo gerundivo.

Predicativas	0 / 2	0 / 2	0%	0%	-	-
Apositivas	0 / 2	0 / 2	0%	0%	-	-
Completivas nominais	0 / 2	0 / 2	0%	0%	-	-
Relativas	3 / 156	7 / 162	1%	4%	.51	.53
Relativas do tipo <i>COM + substantivo + forma nominal</i>	1 / 3	1 / 3	33%	33%	.96	.99
Relativas do tipo <i>acusativo + forma nominal</i>	0 / 2	0 / 2	0%	0%	-	-
Causais	1 / 56	1 / 56	1%	1%	.50	.41
Comparativas	1 / 4	1 / 4	25%	25%	.94	.93
Concessivas	0 / 11	0 / 12	0%	0%		-
Condicionais	3 / 18	4 / 19	16%	21%	.91	.89
Conformativas	0 / 1	0 / 1	0%	0%	-	-
Consecutivas	0 / 29	0 / 30	0%	0%	-	-
Finais	4 / 21	4 / 21	19%	19%	.92	.85
Modais	1 / 88	2 / 89	1%	2%	.38	.47
Proporcionais	0 / 1	0 / 1	0%	0%	-	-
Temporais	3 / 112	4 / 116	2%	3%	.60	.51
Subordinadas aditivas	2 / 238	3 / 239	0%	1%	.27	.27
TOTAL	27 / 892	54 / 930	3%	5%	-	-

Tabela 3: Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerundivo dos tipos sintáticos de oração do *corpus* de língua escrita do Português Brasileiro

Como podemos observar, dentre os diversos tipos sintáticos de oração, poucos apareceram nos dados brasileiros cambiáveis. São eles: orações principais, orações objetivas, orações relativas e alguns poucos tipos de orações circunstanciais (causais, comparativas, condicionais, finais, modais e temporais), além das subordinadas aditivas. Dentre esses, os que possuem maior peso relativo, favorecendo, portanto, o uso da variante *infinitivo gerundivo*, são (em ordem decrescente de relevância): as relativas do tipo *com + substantivo + forma nominal* (.96), as comparativas (.94), as finais (.92) e as condicionais (.91).

Semelhantemente, muitos tipos de oração também não apareceram com a forma “*a + infinitivo*” nos dados brasileiros mesmo ao somarmos os dados ambíguos. Além dos tipos já existentes (principais, objetivas, relativas, circunstanciais causais, comparativas, condicionais,

finais, modais e temporais e subordinadas aditivas), vemos também a ocorrência de absolutas e coordenadas (sindéticas e assindéticas). Dentre esses, assim como na rodada apenas de dados cambiáveis, os que possuem maior peso relativo continuam sendo as relativas do tipo *com + substantivo + forma nominal* (que passaram de .96 para .99), as comparativas (que baixaram de .94 para .93), as finais (que tiveram seu peso relativo reduzido de .92 para .85), as condicionais (que também abaixou ligeiramente, de .91 para .89) e as principais (com o maior decréscimo: de .87 para .74).

Além desses, nessa rodada, o peso relativo das objetivas, que já era alto, subiu de .87 para .93. Entre os tipos que apareceram pela primeira vez na rodada com dados ambíguos, o que mais se destaca é o de coordenadas assindéticas, com peso relativo de .81.

Esses resultados não deixam de ser interessantes, pois, apesar de pequena, a variação se encontra condicionada a ponto de, com poucos dados e ao longo da história, haver a seleção refinada do programa de ponderação estatística. Quer dizer, mesmo que não haja mudança no tempo, existem lugares sintáticos onde a construção “*a + infinitivo*” ocorre com maior facilidade no Brasil. Além disso, eles mostram que a presença ou ausência dos dados ambíguos não acarretou mudanças radicais na relevância dos fatores desse grupo. Na verdade, funcionaram como um simples aumento de dados que proporcionou uma imagem mais clara da realidade variável, confirmando que o tipo sintático de oração é um fator relevante para o favorecimento do uso de infinitivo gerundivo no português brasileiro.

Em seguida, observamos os resultados referentes ao grupo *estrutura verbal*.

ESTRUTURA VERBAL	(SÓ CAMBIÁVEIS) N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL	N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL (CAMBIÁVEIS + AMB.)	(SÓ CAMBIÁVEIS) PERCENTUAL	(CAMBIÁVEIS + AMB.) PERCENTUAL	(SÓ CAMBIÁVEIS) (NÃO SELECIONADO) PESO RELATIVO	(CAMBIÁVEIS + AMB.) (NÍVEL DE SELEÇÃO) PESO RELATIVO
Verbos plenos	20 / 679	26 / 690	2%	3%	-	.48
Auxiliar <i>estar</i>	4 / 69	4 / 70	5%	5%	-	.28
Auxiliar <i>andar</i>	0 / 3	0 / 3	0%	0%	-	-
Auxiliar <i>ficar</i>	0 / 5	0 / 5	0%	0%	-	-
Auxiliar <i>ir</i>	2 / 24	2 / 24	8%	8%	-	.59
Auxiliar <i>ser</i>	0 / 7	1 / 8	0%	12%	-	.57
Auxiliar <i>vir</i>	0 / 13	0 / 14	0%	0%	-	-
Auxiliar <i>continuar</i>	0 / 1	20 / 25	0%	80%	-	.99
Semiauxiliares	1 / 11	1 / 11	9%	9%	-	.93
Verbos leves	0 / 12	0 / 12	0%	0%	-	-
Construções na voz passiva	0 / 7	0 / 7	0%	0%	-	-
Construções com <i>gerúndio</i> ou “ <i>a + infinitivo</i> ” no auxiliar	0 / 40	0 / 40	0%	0%	-	-
<i>Gerúndio</i> ou “ <i>a + infinitivo</i> ” em verbos modais	0 / 20	0 / 20	0%	0%	-	-
Expressões fixas	0 / 1	0 / 1	0%	0%	-	-
TOTAL	27 / 892	54 / 930	3%	5%	-	-

Tabela 4: Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerúndio das estruturas verbais do *corpus* de língua escrita do Português Brasileiro

Na rodada em que esse grupo foi selecionado como relevante, ou seja, a que incluía os dados ambíguos, podemos ver que as estruturas gerúndivas com verbos plenos são muito mais abundantes nos dados do que as estruturas perifrásticas. Entretanto, como observamos através dos

pesos relativos, o uso de infinitivo gerundivo é bastante favorecido pelas estruturas com verbos auxiliares, sendo superior a .57 em todas as construções analíticas, exceto as com verbo *estar*.

A estrutura com maior peso relativo favorecendo o uso de “*a + infinitivo*” foi a com auxiliar *continuar* (.99). Vale ressaltar, que 24 dos 25 dados de *continuar + gerúndio / “a + infinitivo*” são casos ambíguos. Isso ocorre dada a dupla possibilidade de leitura que essa construção pode oferecer. Por exemplo:

*“Continua-se **a fazer** subscrição para o Jornal de Coimbra na mesma loja de Manoel Joaquim da Silva Porto, na rua da Quitanda, á esquina da de São Pedro,...”*

(E-B-81-Ja-033)

No dado acima, poderíamos, sem dúvida, substituir *a fazer* por *fazendo* sem alteração de significado. Apesar disso, também sabemos que a preposição que rege o verbo *continuar* é *a*. Com isso, não podemos afirmar, com certeza, se *a fazer* em *continua-se a fazer* indica aspecto progressivo (que seria o caso de ser infinitivo gerundivo) ou se é apenas o verbo *continuar* seguido de seu complemento.

A semântica do verbo *continuar* favorece a interpretação de aspecto progressivo, visto que indica a própria continuidade de uma ação.³⁸ A taxa de uso de infinitivo gerundivo no Brasil, porém, é tão pequena que nos faz acreditar que se trata simplesmente de verbo + preposição de regência. Diferentemente, se fosse um dado ocorrido em Portugal, por exemplo, a hipótese seria inversa: acreditaríamos estar quase que seguramente diante de um exemplo típico de infinitivo

³⁸ Azeredo (2001) destaca que, em alguns casos (como com o verbo *continuar*), o aspecto é uma propriedade inerente ao conteúdo lexical dos verbos. Assim, o verbo *continuar*, por exemplo, sempre indicará aspecto *permansivo*, como ele chama. (AZEREDO, 2001, 84)

gerundivo. Por tudo isso é que preferimos marcar como ambíguos casos desse tipo, separando esses dados daqueles que chamamos somente de cambiáveis.

De uma forma ou de outra, não deixa de ser pertinente mostrar que o uso de “*a + infinitivo*” é maior com construções analíticas do que com construções sintéticas.

Deve-se destacar também a presença da variante com o infinitivo com o auxiliar *ir*, como no exemplo:

*“Foram **a imprimir** o parecer,/ concedendo tres mezes de licença/ ao commissario de hygiene dr./ Monteiro Manso, e a redacção do/ projecto n.102./”*

(E-B-91-Jn-001)

Se com *estar* já era esperável haver uma entrada mínima, com o auxiliar *ir* parece que o uso de “*a + infinitivo*” representa uma espécie de estilização, ou seja, um uso mais marcado promovido pela variante mais rara. Falamos em estilização e não em condicionamento da variação em função do peso relativo mediano (.59) observado na rodada com os dados ambíguos. Quer dizer, com a ponderação, parece que o efeito localizado nos poucos dados reais não implica uma projeção de condicionamento.

Na tabela abaixo, vemos os usos de infinitivo gerundivo ao longo do tempo.

TEMPO	(SÓ CAMBIÁVEIS) N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL	N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL (CAMBIÁVEIS + AMB.)	(SÓ CAMBIÁVEIS) PERCENTUAL	(CAMBIÁVEIS + AMB.) PERCENTUAL	(SÓ CAMBIÁVEIS) (NÃO SELECIONADO) PESO RELATIVO	(CAMBIÁVEIS + AMB.) (NÍVEL DE SELEÇÃO) PESO RELATIVO
Fase 1 (1808 – 1840)	4 / 118	9 / 123	3%	7%	-	.57
Fase 2 (1841 – 1870)	1 / 114	8 / 122	0%	6%	-	.44
Fase 3 (1871 – 1900)	3 / 130	4 / 131	2%	3%	-	.40
Fase 4 (1901 – 1924)	8 / 177	10 / 180	4%	5%	-	.68
Fase 5 (1925 – 1949)	5 / 131	10 / 139	3%	7%	-	.63
Fase 6 (1950 – 1969)	1 / 95	3 / 99	1%	3%	-	.25
Fase 7 (1970 – 1985)	0 / 59	1 / 62	0%	1%	-	.04
Fase 8 (1986 – 2000)	5 / 68	9 / 74	7%	12%	-	.83
TOTAL	27 / 892	54 / 930	3%	5%	-	-

Tabela 5: Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerundivo ao longo dos séculos XIX e XX no *corpus* de língua escrita do Português Brasileiro

Com base nos dados analisados aqui, percebemos que o valor percentual de uso de infinitivo gerundivo no Brasil manteve-se relativamente constante ao longo dos séculos XIX e XX, com um aumento fora do comum na última fase do século XX.

Conforme podemos observar, a taxa de uso de infinitivo gerundivo não sofreu nenhum aumento significativo em uma ou outra fase, exceto a última fase das duas rodadas. Essa linearidade, sua queda nas sexta e sétima fases e o aumento na oitava são confirmados pela ponderação, que torna bem mais significativa a probabilidade de uso do infinitivo gerundivo na última fase brasileira.

Podemos, assim, posteriormente refletir sobre o que possa ter ocasionado o aumento na fase final dos dados, para 7% e 12%, respectivamente na rodada com dados cambiáveis apenas e na com o acréscimo dos ambíguos. Entretanto, não deixa de ser relevante o fato de que, até então, em nenhuma das duas rodadas, nenhuma das outras fases ultrapassou a marca de 7% de uso de infinitivo gerundivo no Brasil. Conforme veremos em rodadas posteriores, o maior valor percentual de uso de infinitivo gerundivo no Brasil é bastante menor do que a que temos hoje em Portugal. Podemos observar melhor essa evolução ao longo do tempo por meio de um gráfico:

Infinitivo Gerundivo no Brasil nos séculos XIX e XX – Língua Escrita

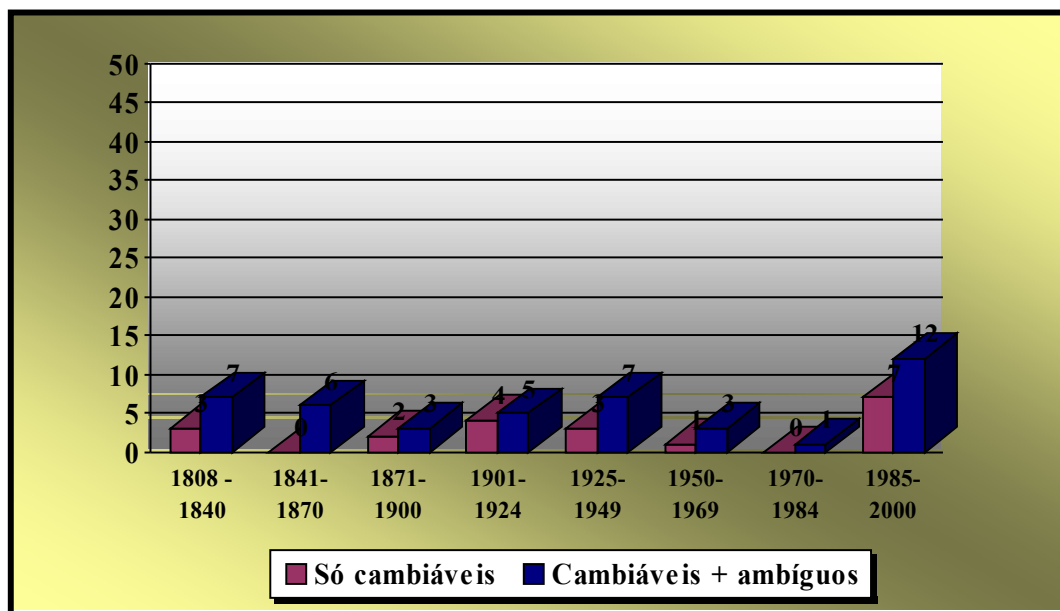


Gráfico 1: Percentuais de uso de infinitivo gerundivo ao longo dos séculos XIX e XX no *corpus* de língua escrita do Português Brasileiro

Os grupos de fatores *tipo semântico de verbo* e *tipo de texto* não foram selecionados como relevantes para o uso de “*a + infinitivo*” em nenhuma das duas rodadas. Em se tratando de dados da variante brasileira da língua, não julgamos necessário expor tabelas com os valores

referentes a esses grupos. Como não foram selecionados, basta (para esta pesquisa) dizer que os grupos *tipo semântico do verbo* e *tipo de texto*, ao alcance desses dados, não condicionam o uso de infinitivo gerundivo no Brasil.

4.1.2 Portugal

Passando aos dados do Português Europeu, sobre os quais *a priori* sabemos, pela observação empírica da língua, ter havido aumento de infinitivo gerundivo em determinados contextos, os grupos selecionados como relevantes para emprego de “*a + infinitivo*” na rodada apenas com dados cambiáveis foram: *estrutura verbal*, *tempo*, *tipo semântico do verbo* e *tipo de texto*, nessa ordem de seleção. Ao juntarmos os 48 dados ambíguos aos cambiáveis, três grupos foram selecionados como relevantes na seguinte ordem de seleção: *tipo sintático de oração*, *estrutura verbal* e *tempo*.

A quantidade de dados desse *corpus* é a que segue:

DADOS	Nº DE OCORRÊNCIAS DE INFINITIVO GERUNDIVO / Nº TOTAL DE DADOS	PERCENTUAL DE INF. GERUNDIVO / PERCENTUAL TOTAL
Cambiáveis	45 / 662	6% / 93,3%
Ambíguos	46 / 48	95% / 6,7%
TOTAL	91 / 710	12% / 100%

Tabela 6: Dados cambiáveis e ambíguos no *corpus* de língua escrita do Português Europeu

Como vemos, apenas 6,7% dos dados são considerados ambíguos. Quanto ao percentual de uso de infinitivo gerundivo, observamos que é mais que o dobro do que a taxa do *corpus*

brasileiro. Enquanto lá o percentual era de 5%, aqui esse é de 12%, mesmo sendo no *corpus* de língua escrita, que é mais resistente, em geral, às “inovações” lingüísticas.

Com relação às rodadas, o grupo *gênero textual* não foi selecionado como relevante em nenhuma das duas rodadas. O percentual de uso de infinitivo gerundivo mostrou-se relativamente semelhante nos anúncios, editoriais e notícias analisados nesse *corpus*, (respectivamente, 4%, 8% e 7%, na rodada com dados cambiáveis apenas e 8%, 15% e 13%, na rodada em que os dados ambíguos foram incluídos) Não há, portanto, ao alcance de nossos dados, predominância de um gênero sobre o outro quanto a esse fenômeno. Esse resultado está de acordo com os resultados obtidos por Barbosa (1999), que constatou que os gêneros textuais estudados por ele (cartas de comércio e cartas pessoais) também não apresentavam predominância de uma ou de outra das formas nominais estudadas.

A tabela abaixo mostra os resultados referentes ao grupo *tipo sintático de oração*.

TIPO SINTÁTICO DE ORAÇÃO	(SÓ CAMBIÁVEIS) N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL	N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL (CAMBIÁVEIS + AMB.)	(SÓ CAMBIÁVEIS) PERCENTUAL	(CAMBIÁVEIS + AMB.) PERCENTUAL	(SÓ CAMBIÁVEIS) (NÃO SELECIONADO) PESO RELATIVO	(CAMBIÁVEIS + AMB.) (NÍVEL DE SELEÇÃO) PESO RELATIVO
Absolutas	4 / 25	13 / 34	16%	38%	-	.79
Coordenadas sindéticas	2 / 15	3 / 16	13%	18%	-	.79
Coordenadas assindéticas	2 / 9	3 / 10	22%	30%	-	.74
Principais	8 / 20	16 / 29	40%	55%	-	.84
Subjetivas	0 / 1	2 / 3	0%	66%	-	.90
Objetivas	5 / 14	14 / 23	35%	60%	-	.92
Predicativas	0 / 0	0 / 0	0%	0%	-	-
Apositivas	0 / 1	0 / 1	0%	0%	-	-
Completivas nominais	0 / 1	0 / 1	0%	0%	-	-
Relativas	7 / 129	12 / 134	5%	8%	-	.68
Relativas do tipo <i>COM + substantivo + forma nominal</i>	2 / 2	2 / 2	100%	100%	-	-
Relativas do tipo <i>acusativo + forma nominal</i>	1 / 4	1 / 4	25%	25%	-	.88
Causais	1 / 38	1 / 38	2%	2%	-	.36
Comparativas	1 / 4	1 / 4	25%	25%	-	.82
Concessivas	0 / 15	0 / 15	0%	0%	-	-
Condicionais	2 / 21	3 / 22	9%	13%	-	.79
Conformativas	0 / 1	0 / 1	0%	0%	-	-
Consecutivas	2 / 38	2 / 38	5%	5%	-	.52
Finais	3 / 7	6 / 10	42%	60%	-	.90
Modais	1 / 83	7 / 89	1%	7%	-	.67
Proporcionais	0 / 1	0 / 1	0%	0%	-	-
Temporais	4 / 59	4 / 59	6%	6%	-	.63
Subordinadas aditivas	0 / 174	1 / 176	0%	0%	-	.07
TOTAL	45 / 662	91 / 710	6%	12%	-	-

Tabela 7: Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerundivo dos tipos sintáticos de oração do *corpus* de língua escrita do Português Europeu

Apesar de não ter sido selecionado como relevante em uma das rodadas, ao analisarmos o quadro desse grupo e compararmos com a tabela de tipo sintático das duas rodadas com dados brasileiros, vemos que os percentuais de uso de cada tipo de oração são muito próximos nos dados do Brasil e nos dados de Portugal. Os pesos relativos nos resultados de Brasil e de Portugal (rodada com ambíguos) também são muito semelhantes. Há coincidência até mesmo nos casos de não-ocorrência de certos tipos de oração nos dois *corpora*. As orações que possuem maior peso relativo são, em ordem de relevância, as objetivas, com .92 (semelhante ao .93 dos dados do Brasil), as finais, com .90 (também próximo de .85 da variante americana da Língua Portuguesa) e as principais e comparativas, cada uma com, respectivamente, .84 e .82.

Vale destacar que as duas orações relativas do tipo *com + substantivo + forma nominal* que apareceram nesses dados ocorrem com infinitivo gerundivo, caracterizando um uso categórico dessa forma com infinitivo gerundivo e impedindo, portanto, a mesma de aparecer no cálculo de pesos relativos. Entretanto, esse resultado está de acordo com o peso relativo de .99 ocorrido nos dados brasileiros para uso de infinitivo gerundivo com esse tipo de oração. Assim, as relativas do tipo *com + substantivo + forma nominal* parecem ser, apesar da escassez de dados, um ambiente bastante propício tanto no Brasil quanto em Portugal para a ocorrência de “*a + infinitivo*”.

A seguir, observamos os dados segundo o grupo *estrutura verbal*.

ESTRUTURA VERBAL	(SÓ CAMBIÁVEIS)Nº DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL	Nº DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL (CAMBIÁVEIS + AMB.)	(SÓ CAMBIÁVEIS)PERCENTUAL	(CAMBIÁVEIS + AMB.)PERCENTUAL	(SÓ CAMBIÁVEIS)(NÍVEL DE SELEÇÃO)PESO RELATIVO	(CAMBIÁVEIS + AMB.)(NÍVEL DE SELEÇÃO)PESO RELATIVO
Verbos plenos	16 / 483	29 / 497	3%	5%	.36	.40
Auxiliar <i>estar</i>	13 / 37	18 / 42	35%	42%	.93	.78
Auxiliar <i>andar</i>	3 / 6	3 / 6	50%	50%	.98	.92
Auxiliar <i>ficar</i>	4 / 12	4 / 12	33%	33%	.97	.76
Auxiliar <i>ir</i>	3 / 37	3 / 37	8%	8%	.69	.32
Auxiliar <i>ser</i>	0 / 9	0 / 9	0%	0%	-	-
Auxiliar <i>vir</i>	0 / 1	2 / 3	0%	66%	-	.96
Auxiliar <i>continuar</i>	4 / 6	27 / 30	66%	90%	.99	.98
Semiauxiliares	0 / 0	2 / 2	0%	100%	-	-
Verbos leves	0 / 10	1 / 11	0%	9%	-	.49
Construções na voz passiva	0 / 9	0 / 9	0%	0%	-	-
Construções com <i>gerúndio</i> ou “ <i>a + infinitivo</i> ” no auxiliar	1 / 33	1 / 33	3%	3%	.45	.36
<i>Gerúndio</i> ou “ <i>a + infinitivo</i> ” em verbos modais	1 / 14	1 / 14	7%	7%	.64	.67
Expressões fixas	0 / 5	0 / 5	0%	0%	-	-
TOTAL	45 / 662	91 / 710	6%	12%	-	-

Tabela 8: Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerundivo das estruturas verbais do *corpus* de língua escrita do Português Europeu

Conforme podemos observar, assim como nos dados do Português Brasileiro, há um favorecimento ao uso de infinitivo gerundivo com formas verbais perifrásticas. Dentre os auxiliares que ocorreram na amostra de dados, os que possuem menor peso relativo em ambas as rodadas são as estruturas com o auxiliar *ir*, com .69 e .32, respectivamente e as estruturas com

verbos plenos, com peso relativo de .36 e .40, em cada uma das rodadas. Com isso ambas se mostram as mais resistentes ao avanço do infinitivo gerundivo, ou seja, permanecem um “redução” da variante gerúndio em terras portuguesas.

Quanto às estruturas com auxiliar *ir*, esse resultado é, de certa forma, esperado, pois as gramáticas, como já mencionamos, indicam que, com o auxiliar *ir*, se deve usar gerúndio e não infinitivo gerundivo. Isso provavelmente gerou uma resistência artificial, porém até então eficiente, para o avanço do infinitivo gerundivo nesses contextos.

Além disso, à semelhança dos resultados com dados do Brasil, destaca-se que o maior peso relativo é o das construções com auxiliar *continuar* (.99 e .98).

A grande diferença entre os dados brasileiros e os portugueses diz respeito aos auxiliares *estar*, *andar* e *ficar*. Na rodada com todos os dados do português do Brasil, o auxiliar *estar* apresentou um peso relativo bastante baixo (.28) e sequer houve ocorrências de infinitivo gerundivo com os auxiliares *andar* e *ficar*, sendo, portanto, o peso relativo dessas construções nulo. Em contrapartida, nas rodadas com dados de Portugal, observamos que as taxas de uso de infinitivo gerundivo com esses auxiliares foram significativas: 35% e 42% para o auxiliar *estar*, 50% para o auxiliar *andar* nas duas rodadas e 33% para o auxiliar *ficar*, também nas duas rodadas. As projeções em pesos relativos desses valores percentuais de *estar*, *andar* e *ficar* são, respectivamente, .93, .98 e .97, apenas com dados cambiáveis e .78, .92 e .76, somando os dados ambíguos. Isso indica que, muito provavelmente, as construções com esses três verbos auxiliares foi uma importante via de entrada para o infinitivo gerundivo em Portugal.

Em seguida, vemos a tabela que delinea o avanço do infinitivo gerundivo em nosso *corpus*, em Portugal, durante os séculos XIX e XX. Esse é um dos pontos-chave de nossa investigação.

TEMPO	(SÓ CAMBIÁVEIS)N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL	N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL (CAMBIÁVEIS + AMB.)	(SÓ CAMBIÁVEIS)P <small>ERCENTUAL</small>	(CAMBIÁVEIS + AMB.)P <small>ERCENTUAL</small>	(SÓ CAMBIÁVEIS)(NÍVEL DE SELEÇÃO)P <small>ESO RELATIVO</small>	(CAMBIÁVEIS + AMB.)(NÍVEL DE SELEÇÃO)P <small>ESO RELATIVO</small>
Fase 1 (1808 – 1840)	6 / 104	9 / 107	5%	8%	.59	.54
Fase 2 (1841 – 1870)	6 / 124	14 / 132	4%	10%	.34	.43
Fase 3 (1871 – 1900)	2 / 109	11 / 118	1%	9%	.25	.36
Fase 4 (1901 – 1924)	4 / 109	9 / 115	3%	7%	.28	.30
Fase 5 (1925 – 1949)	7 / 62	9 / 64	11%	14%	.77	.63
Fase 6 (1950 – 1969)	3 / 66	9 / 73	4%	12%	.48	.51
Fase 7 (1970 – 1985)	6 / 36	7 / 37	16%	18%	.85	.69
Fase 8 (1986 – 2000)	11 / 52	23 / 64	21%	35%	.91	.84
TOTAL	45 / 662	91 / 710	6%	12%	-	-

Tabela 9: Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerundivo ao longo dos séculos XIX e XX no *corpus* de língua escrita do Português Europeu

Percebemos que o peso relativo do uso de infinitivo gerundivo, nos dados de Portugal, ao longo dos séculos delineia um padrão basicamente ascendente. A única informação que nos causa estranhamento é a fase 1 (1808-1840) apresentar peso relativo de .59 e de .54, mesmo com os percentuais baixos de 5% e 8%, respectivamente, nas duas rodadas de dados. Mas isso é algo que devemos investigar com maior detalhe nas próximas rodadas.

Essa tabela nos mostra que o primeiro avanço significativo do infinitivo gerundivo em Portugal se deu entre 1925-1949. Depois disso houve uma pequena baixa no período que engloba

as duas décadas seguintes (1950-1969) e, em seguida, a taxa de uso volta a subir, atingindo 21% apenas com dados seguramente cambiáveis e 35% com os dados ambíguos somados aos demais na última fase do século XX. Esse “salto” também é refletido nos pesos relativos, que passam de .28 e .30 na fase 4 para .77 e .63 na fase 5. A diferença entre as duas fases é bastante significativa nas duas rodadas.

Na fase seguinte, de 1950-1969, há um leve decréscimo, mas, logo depois, os números que refletem a relevância do uso de infinitivo gerundivo nesse *corpus* voltam a subir para .85 e .69, na fase 7 (1970-1985) e .91 e .84, respectivamente, na última fase do século XX. O padrão crescente pode indicar que o fenômeno talvez ainda se alastre por mais contextos onde ainda costuma aparecer gerúndio em Portugal. Tudo isso, claro, se nossos dados “ambíguos” tiverem sido usados na leitura cambiável, o que nunca saberemos ao certo; só nos resta controlar.

Observe-se o padrão visivelmente crescente ao longo dos anos cobertos em nosso *corpus* no gráfico com os valores percentuais dessa trajetória.

Infinitivo Gerundivo em Portugal nos séculos XIX e XX – Língua Escrita

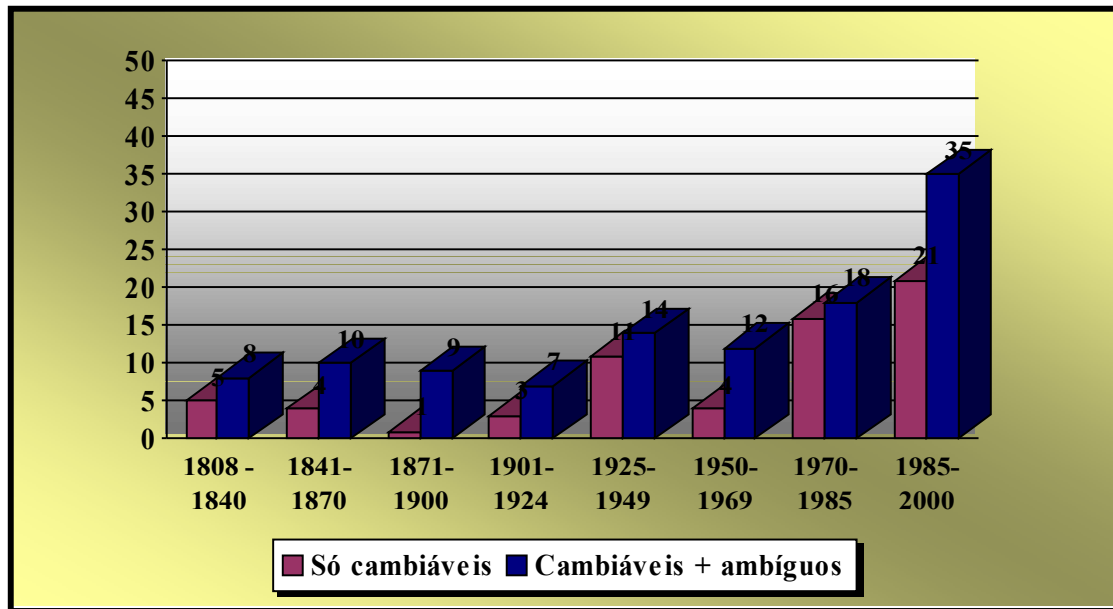


Gráfico 2: Percentuais de uso de infinitivo gerundivo ao longo dos séculos XIX e XX no *corpus* de língua escrita do Português Europeu

Analisando essas taxas de ocorrência de infinitivo gerundivo, constatamos o mesmo padrão já mencionado quanto aos pesos relativos. Até a fase 4, ou seja, até 1924, a taxa de uso do infinitivo gerundivo em Portugal não ultrapassou 10% (considerando, inclusive, a fase 1, que mostrou um peso relativo alto, conforme comentado após a análise da tabela 9). Isso equivale dizer que, até 1924, o percentual de uso de infinitivo gerundivo em Portugal, de acordo com nossos dados, era muito semelhante ao que observamos no Brasil ao longo de toda a diacronia dos séculos XIX e XX e até os dias de hoje. Sendo assim, a mudança no português europeu teria se dado de 1925 em diante. Rodadas futuras de dados confirmarão ou não essas conclusões.

Quanto ao grupo *tipo semântico do verbo*, observamos que foi selecionado como relevante para a mudança quantitativa na rodada apenas com dados cambiáveis. Vejamos o comportamento dos dados das duas rodadas na tabela 10:

TIPO SEMÂNTICO DO VERBO	(SÓ CAMBIÁVEIS) N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL	N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL (CAMBIÁVEIS + AMB.)	(SÓ CAMBIÁVEIS) PERCENTUAL	(CAMBIÁVEIS + AMB.) PERCENTUAL	(SÓ CAMBIÁVEIS) (NÍVEL DE SELEÇÃO) PESO RELATIVO	(NÃO SELECIONADO) (CAMBIÁVEIS + AMB.) PESO RELATIVO
Processos materiais	32 / 341	58 / 369	9%	15%	.67	-
Processos mentais	3 / 51	7 / 55	5%	12%	.60	-
Processos relacionais	2 / 157	14 / 169	1%	8%	.10	-
Processos comportamentais	2 / 32	5 / 35	6%	14%	.55	-
Processos verbais	3 / 67	4 / 68	4%	5%	.64	-
Processos existenciais	3 / 14	3 / 14	21%	21%	.75	-
TOTAL	45 / 662	91 / 710	6%	12%	-	-

Tabela 10: Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerundivo de acordo com o tipo semântico dos verbos no *corpus* de língua escrita do Português Europeu

Como podemos ver, a freqüência de *verbos de fazer*, que indicam processos materiais, segundo a nomenclatura de Halliday (1994), é muito superior a todos os outros tipos semânticos de verbo. Apesar disso, o percentual de uso de infinitivo gerundivo com esse tipo de verbo é de apenas 9%. Em contrapartida, os verbos que indicam processos existenciais são os menos freqüentes, mas apresentam a maior taxa de uso de infinitivo gerundivo: 21%. Assim, os

processos existenciais possuem o maior peso relativo (.75) de todos os tipos semânticos de verbo, na rodada em que este fator foi selecionado, mostrando-se relevante para o avanço de infinitivo gerundivo nos dados escritos do nosso *corpus* do Português Europeu.

O comportamento dos demais fatores foi diferente. Os valores percentuais, em geral, praticamente dobraram de uma rodada para outra. Os *verbos de fazer* acumulavam 9% das ocorrências na primeira rodada e, depois, são 15%; os *verbos de sentir*, entre os dados cambiáveis, totalizam 5%, e entre os cambiáveis somados aos ambíguos são 12%; os *verbos de ser* mantinham 1% dos casos e, em seguida, 8%; os *processos comportamentais* correspondiam a 6% e, ao somarmos os dados ambíguos, contabilizam 14%; os *processos verbais* eram 4% antes e agora são 5%. O esperado, com isso, era que a relevância talvez até aumentasse para o uso de infinitivo gerundivo. Mas, ao contrário, algo fez com que o programa descartasse esse grupo na segunda rodada de dados. Continuaremos investigando esse grupo de fatores nas próximas rodadas para verificarmos se esse padrão se confirma ou não.

Finalmente, o último grupo a ser comentado é o *tipo de texto*. Conforme observamos na codificação dos dados, um dado gênero textual não apresenta, necessariamente, o mesmo tipo de texto do início ao fim. Se pudéssemos afirmar, por exemplo, que os anúncios são sempre argumentativos, que os editoriais são expositivos e que as notícias são narrativas, isso resultaria em uma provável seleção ou não-seleção de ambos os grupos em função de uma sobreposição de grupos de fatores. Mas, ao contrário disso, vemos que o grupo *tipo de texto* foi selecionado ao menos na primeira rodada, apenas com dados cambiáveis, e o grupo *gênero textual*, não, em nenhuma das duas rodadas de dados.

Como podemos analisar a partir da tabela 11, abaixo, na coluna referente ao peso relativo dos dados somente cambiáveis, os textos *descritivos* e os *expositivos*, com pesos relativos

de .66 e .65, respectivamente, constituem ambientes mais propícios para o aparecimento de infinitivo gerundivo do que os textos narrativos e argumentativos.

TIPO DE TEXTO	(SÓ CAMBIÁVEIS)N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL	N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL (CAMBIÁVEIS + AMB.)	(SÓ CAMBIÁVEIS)PERCENTUAL	(CAMBIÁVEIS + AMB.)PERCENTUAL	(SÓ CAMBIÁVEIS)(NÍVEL DE SELEÇÃO)PESO RELATIVO	(NÃO SELECIONADO) (CAMBIÁVEIS + AMB.)PESO RELATIVO
Narrativo	18 / 242	36 / 261	7%	13%	.31	-
Expositivo	21 / 272	43 / 295	7%	14%	.65	-
Argumentativo	2 / 44	5 / 47	4%	10%	.28	-
Descritivo	4 / 81	6 / 83	4%	7%	.66	-
Injuntivo	0 / 23	1 / 24	0%	4%	-	-
TOTAL	45 / 662	91 / 710	6%	12%	-	-

Tabela 11: Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerundivo de acordo com o tipo texto no *corpus* de língua escrita do Português Europeu

Assim como no grupo anterior, também vemos nos tipos de texto quase o dobro de uso de infinitivo gerundivo na rodada de dados cambiáveis + ambíguos em relação à rodada sem os casos ambíguos. Os infinitivos gerundivos em textos narrativos passaram de 7% a 13%; nos expositivos, de 7% a 14%; nos argumentativos, de 4% a 10%; e nos descritivos, de 4% a 7%. Além disso, o percentual de uso de infinitivo gerundivo em textos injuntivos, que era nulo, passou a 4%.

Passemos agora à rodada em que somamos os dados de língua escrita do Brasil e de Portugal.

4.1.3 Brasil + Portugal

Ao juntarmos os dados de Brasil e de Portugal, objetivamos observar se há condicionamentos comuns às duas variantes da Língua Portuguesa no que tange ao uso de infinitivo gerundivo. A hipótese é que os condicionamentos que aparecerem nessa rodada são bastante “marcados”, uma vez que conseguem se destacar apesar da mistura de dados brasileiros (nos quais o uso de infinitivo gerundivo não é tão significativo, conforme vimos até agora) com dados portugueses (em que ocorre o oposto).

Abaixo, vemos a distribuição dos dados cambiáveis e ambíguos.

DADOS	Nº DE OCORRÊNCIAS DE INFINITIVO GERUNDIVO / Nº TOTAL DE DADOS	PERCENTUAL DE INF. GERUNDIVO / PERCENTUAL TOTAL
Cambiáveis	72 / 1555	4% / 94,8%
Ambíguos	73 / 85	85% / 5,2%
TOTAL	145 / 1640	8% / 100%

Tabela 12: Dados cambiáveis e ambíguos nos *corpora* de língua escrita do Português Brasileiro e do Português Europeu

Na rodada de dados exclusivamente cambiáveis, os grupos selecionados como influentes para uso de “a + infinitivo” foram: *estrutura verbal, tipo sintático de oração, nação e tempo*,

nessa ordem de seleção. Já na rodada que incluía também os dados ambíguos, os grupos selecionados são os seguintes: *estrutura verbal, nação, tipo sintático de oração, tempo e tipo de texto*, igualmente nessa ordem de seleção.

Comparando as ocorrências de Brasil e de Portugal, podemos observar a diferença entre os percentuais e os pesos relativos do uso de infinitivo gerundivo nas duas nações, ao alcance de nossos dados.

NAÇÃO	(SÓ CAMBIÁVEIS)N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL	N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL (CAMBIÁVEIS + AMB.)	(SÓ CAMBIÁVEIS)PERCENTUAL	(CAMBIÁVEIS + AMB.)PERCENTUAL	(SÓ CAMBIÁVEIS)(NÍVEL DE SELEÇÃO)PESO RELATIVO	((CAMBIÁVEIS + AMB.)(NÍVEL DE SELEÇÃO)PESO RELATIVO
Brasil	27/892	54 / 930	3%	5%	.38	.37
Portugal	45/662	91 / 710	6%	12%	.64	.66
TOTAL	72 / 1554	145 / 1640	4%	8%	-	-

Tabela 13: Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerundivo no Brasil e em Portugal nos *corpora* de língua escrita do Português Brasileiro e do Português Europeu

A tabela acima nos mostra que a taxa de uso de infinitivo gerundivo em Portugal é, em média, o dobro da do Brasil, tanto na rodada só com dados cambiáveis (6% em Portugal contra

3% no Brasil) quanto na rodada que também conta com os dados ambíguos (12% em Portugal e 5% no Brasil). Em ambas as rodadas, esse grupo foi selecionado pelo programa estatístico de regras variáveis, indicando que de fato os usos são diferenciados no Brasil e em Portugal. Semelhantemente, os pesos relativos de Portugal, nas duas rodadas, foram cerca de duas vezes maiores do que os do Brasil (.64 e .66, nas duas rodadas, respectivamente, contra .38 e .37).

Os grupos *gênero textual* e *tipo semântico do verbo* não foram selecionados como relevantes para emprego de “*a + infinitivo*” em nenhuma das duas rodadas. Por isso, não os comentaremos detalhadamente através de tabelas.

O grupo *tipo sintático de oração* foi selecionado como relevante nas duas rodadas que fizemos com dados escritos brasileiros e lusitanos. Além disso, verificamos que os tipos de oração com maior peso relativo tanto para os dados cambiáveis somente, quanto para estes somados aos ambíguos são, basicamente, os mesmos que antes se destacaram nas rodadas com os dados separados de Brasil e de Portugal. Confirmamos então, para os nossos dados escritos, o favorecimento do uso de infinitivo gerundivo, tanto no Brasil quanto em Portugal, nas orações relativas do tipo *com + substantivo + forma nominal* (na rodada com cambiáveis .99 e na rodada com cambiáveis + ambíguos .98); finais (.94 e .91); comparativas (.93 e .85); relativas do tipo *acusativo + forma nominal* (.92 e .85); objetivas (.85 e .87); principais (.88 e .77); e condicionais (.87 e .80, respectivamente).

A seguir, vemos os resultados quanto ao tipo de estrutura verbal dessas duas rodadas que reúnem dados das duas variantes da Língua Portuguesa estudadas aqui.

ESTRUTURA VERBAL	(SÓ CAMBIÁVEIS)Nº DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL	Nº DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL (CAMBIÁVEIS + AMB.)	(SÓ CAMBIÁVEIS)PERCENTUAL	(CAMBIÁVEIS + AMB.)PERCENTUAL	(SÓ CAMBIÁVEIS)(NÍVEL DE SELEÇÃO)PESO RELATIVO	(CAMBIÁVEIS + AMB.)(NÍVEL DE SELEÇÃO)PESO RELATIVO
Verbos plenos	36 / 1162	55 / 1187	3%	4%	.46	.45
Auxiliar <i>estar</i>	17 / 106	22 / 112	16%	19%	.66	.67
Auxiliar <i>andar</i>	3 / 9	3 / 9	33%	33%	.93	.84
Auxiliar <i>ficar</i>	4 / 17	4 / 17	23%	23%	.85	.77
Auxiliar <i>ir</i>	5 / 61	5 / 61	8%	8%	.59	.41
Auxiliar <i>ser</i>	0 / 16	1 / 17	0%	5%	-	.33
Auxiliar <i>vir</i>	0 / 14	2 / 17	0%	11%	-	.59
Auxiliar <i>continuar</i>	4 / 7	47 / 55	57%	85%	.95	.98
Semiauxiliares	1 / 11	3 / 13	9%	23%	.62	.76
Verbos leves	0 / 22	1 / 23	0%	4%	-	.44
Construções na voz passiva	0 / 16	0 / 16	0%	0%	-	-
Construções com <i>gerúndio</i> ou “ <i>a + infinitivo</i> ” no auxiliar	1 / 73	1 / 73	1%	1%	.33	.25
<i>Gerúndio</i> ou “ <i>a + infinitivo</i> ” em verbos modais	1 / 34	1 / 34	2%	2%	.53	.40
Expressões fixas	0 / 6	0 / 6	0%	0%	-	-
TOTAL	72 / 1554	145 / 1640	4%	8%	-	-

Tabela 14: Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerúndio das estruturas verbais dos *corpora* de língua escrita do Português Brasileiro e do Português Europeu

Optamos por mostrar a tabela desse grupo de fatores para mostrar como a reunião dos dados tornou difusa a leitura do programa computacional no que diz respeito ao peso relativo. Juntando os dados brasileiros aos portugueses, observamos que a diferença entre os pesos

relativos das estruturas analisadas se torna muito mais sutil do que com os dados separados por nação. Isso ocorre justamente porque os dados do Brasil são menos sensíveis à variação com relação a esse grupo de fatores.

Na rodada com dados ambíguos do *corpus* brasileiro, temos um peso relativo muito baixo, de .28, para o uso de “*a + infinitivo*” com verbo *estar*, por exemplo, e pesos relativos nulos devido a nenhuma ocorrência de infinitivo gerundivo com verbos *andar* e *ficar*. Já em Portugal, ao contrário, o grupo estrutura verbal foi selecionado como relevante para a variação nas duas rodadas e com pesos relativos bastante altos (todos acima de .76) para esses três verbos. Esses resultados conflitantes geraram uma amenização nos pesos relativos dessas rodadas com dados das duas variantes, especialmente quanto ao verbo *estar*, bastante freqüente (em números absolutos) tanto no Brasil quanto em Portugal, porém com formas nominais diferentes.

O resultado foram pesos relativos de .66 e .67 para o auxiliar *estar* e um peso relativo ainda consideravelmente alto para os auxiliares *andar* e *ficar*, respectivamente com .93 / .84 e .85 / .77. Os pesos relativos de *andar* e *ficar* se mantiveram altos provavelmente por ocorrerem majoritariamente nos dados de Portugal, que são, por conseguinte, aqueles que mais aparecem com “*a + infinitivo*”.

A única construção que manteve o peso relativo alto em todas as rodadas em que o grupo foi selecionado é a com auxiliar *continuar*, mostrando favorecer o uso de “*a + infinitivo*” (seja gerundivo ou não, conforme já citamos) tanto no Brasil quanto em Portugal.

O grupo *tempo* também não mostrou resultados significativos pelo mesmo motivo, pois misturou dados com freqüência de “*a + infinitivo*” de variantes diferentes. Assim, nessas duas rodadas com dados de Brasil + Portugal, o percentual de uso de infinitivo gerundivo não passou

de 9% até a penúltima fase (até 1985) e apresentou aumento para 13% na rodada com dados cambiáveis apenas e para 23% na rodada com dados também ambíguos.

Por fim, o grupo *tipo de texto* só foi selecionado na rodada que possuía os dados ambíguos. O padrão de relevância foi o mesmo observado na única das rodadas anteriores em que esse grupo também foi selecionado: a com dados apenas cambiáveis de Portugal, em que vimos que o maior peso relativo para uso de infinitivo gerundivo foi nos textos expositivos, que lá era de .65 e aqui foi de .59. O menor peso relativo, assim como na outra rodada referida, foi a dos textos argumentativos, que antes foi de .28 e agora, de .11. Devido a essas semelhanças e à pouca seleção do grupo diante de todas as rodadas efetuadas até então, também julgamos desnecessário expor a tabela com o detalhamento dos dados.

4.2 Dados de Língua Falada

Como sabemos, de acordo com a Teoria da Variação, as mudanças que ocorrem na língua partem da língua falada, menos conservadora, para depois se expandir pela língua escrita. Infelizmente, só temos registros de língua falada a partir do século XX e, no caso de nosso *corpus*, apenas a partir da década de 1970. Por isso, os pesquisadores que investigam fenômenos variáveis em diacronia com momentos anteriores aos que há registros de língua falada têm de trabalhar com projeções, hipóteses, probabilidades nascidas da observação da sincronia atual somada a observação do comportamento dos dados na língua escrita em sincronias passadas.

Por isso, achamos bastante desejável, apesar de serem poucos dados em relação aos de língua escrita, fazer rodadas de dados de língua falada separadas dos demais para verificar o *status* da variação na sincronia atual na modalidade que, conforme dissemos, é mais permeável à mudança do que a modalidade escrita. Começemos, assim, pela rodada de dados brasileiros.

4.2.1 Brasil

Da mesma forma como fizemos nas rodadas de língua escrita, separamos também os de língua falada em duas rodadas diferentes: uma apenas com os dados seguramente cambiáveis e outra somando estes aos considerados ambíguos. Vejamos a distribuição dos dados quanto a serem certamente cambiáveis ou ambíguos.

DADOS	Nº DE OCORRÊNCIAS DE INFINITIVO GERUNDIVO / Nº TOTAL DE DADOS	PERCENTUAL DE INF. GERUNDIVO / PERCENTUAL TOTAL
Cambiáveis	0 / 108	0% / 95,5%
Ambíguos	3 / 5	60% / 4,5%
TOTAL	3 / 113	2% / 100%

Tabela 15: Dados cambiáveis e ambíguos no *corpus* de língua falada do Português Brasileiro

Como podemos observar na tabela acima, há apenas cinco dados considerados ambíguos entre os dados de língua falada do *corpus* brasileiro. Desses cinco, três são na forma de infinitivo gerundivo. Os três dados ambíguos de infinitivo gerundivo correspondem a 2% do total de dados.

Algo bastante interessante ocorreu nessas duas rodadas. Não foi possível chegar ao cálculo de pesos relativos, visto que não houve ocorrências de infinitivo gerundivo dentre os dados cambiáveis analisados e, juntando com os ambíguos, passou a haver três somente, ou seja, não o suficiente para rodar ivarb³⁹. Além disso, os três casos ambíguos encontrados eram construções com “*continuar a + infinitivo...*”. Sendo assim, concluímos que em nossos dados de língua falada no Brasil não há qualquer dado típico de infinitivo gerundivo, o que é um resultado muito significativo para nossa pesquisa, mostrando que, em nossos dados, a língua falada no Brasil é praticamente categórica quanto ao uso de gerúndio.

Sendo assim, passemos às duas rodadas com dados de língua falada em Portugal nas décadas de 1970 e 1990.

4.2.2 Portugal

Essas rodadas com dados portugueses de língua falada são centrais em nossa pesquisa, uma vez que vão mostrar a situação atual da variação na modalidade falada da língua, que é, como já dissemos, a mais sensível à mudança.

A tabela abaixo apresenta o número de dados cambiáveis e ambíguos.

DADOS	Nº DE OCORRÊNCIAS DE INFINITIVO GERUNDIVO / Nº TOTAL DE DADOS	PERCENTUAL DE INF. GERUNDIVO / PERCENTUAL TOTAL
Cambiáveis	84 / 117	71% / 88,6%
Ambíguos	15 / 15	100% / 11,4%

³⁹ Como é chamado o programa responsável pelo cálculo de pesos relativos do pacote de programas Goldvarb.

TOTAL	99 / 132	75% / 100%
--------------	-----------------	-------------------

Tabela 16: Dados cambiáveis e ambíguos no *corpus* de língua falada do Português Europeu

Como se pode ver, em um total de 132 dados com formas nominais, há 99 dados de “a + infinitivo” e, desses, apenas 15 (ou 11,4%) são ambíguos. Cabe ressaltar que, mesmo sendo poucos, esse percentual de dados ambíguos é o maior de todas as rodadas que realizamos, mostrando que é na fala que costumam ocorrer casos desse tipo mais frequentemente.

Na rodada que continha apenas os dados cambiáveis, três grupos foram selecionados como favorecedores do uso de infinitivo gerundivo, na seguinte ordem de seleção: *estrutura verbal*, *tipo de texto* e *tipo semântico do verbo*. Quanto à rodada em que havia tanto dados cambiáveis quanto dados ambíguos, um grupo a menos foi selecionado, tendo permanecido a seguinte ordem de seleção: *estrutura verbal* e *tipo de texto*.

A seguir está a tabela com os resultados referentes ao grupo *tipo sintático de oração*.

TIPO SINTÁTICO DE ORAÇÃO	Nº DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL	Nº DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL (CAMBIÁVEIS + AMB.)	(SÓ CAMBIÁVEIS)PERCENTUAL	((CAMBIÁVEIS + AMB.)PERCENTUAL	(SÓ CAMBIÁVEIS)(NÃO SELECIONADO)PESO RELATIVO	(NÃO SELECIONADO)PESO RELATIVO
--------------------------	--	---	---------------------------	--------------------------------	---	--------------------------------

	(SÓ CAMBIÁVEIS)					(CAMBIÁVEIS + AMB.)
Absolutas	32 / 41	32 / 41	78%	78%	-	-
Coordenadas sindéticas	7 / 8	8 / 9	87%	88%	-	-
Coordenadas assindéticas	3 / 3	5 / 5	100%	100%	-	-
Principais	7 / 9	8 / 10	77%	80%	-	-
Subjetivas	2 / 2	2 / 2	100%	100%	-	-
Objetivas	3 / 4	4 / 5	75%	80%	-	-
Predicativas	1 / 1	1 / 1	100%	100%	-	-
Apositivas	0 / 0	0 / 0	0%	0%	-	-
Completivas nominais	1 / 1	1 / 1	100%	100%	-	-
Relativas	17 / 21	17 / 21	80%	80%	-	-
Relativas do tipo <i>COM + substantivo + forma nominal</i>	2 / 2	2 / 2	100%	100%	-	-
Relativas do tipo <i>Acusativo + forma nominal</i>	0 / 0	0 / 0	0%	0%	-	-
Causais	1 / 3	1 / 3	33%	33%	-	-
Comparativas	1 / 1	1 / 1	100%	100%	-	-
Concessivas	1 / 2	3 / 4	50%	75%	-	-
Condicionais	0 / 2	2 / 4	0%	50%	-	-
Conformativas	0 / 0	0 / 0	0%	0%	-	-
Consecutivas	1 / 1	1 / 1	100%	100%	-	-
Finais	0 / 0	1 / 1	0%	100%	-	-
Modais	1 / 2	3 / 4	50%	75%	-	-
Proporcionais	0 / 1	0 / 1	0%	0%	-	-
Temporais	4 / 11	5 / 12	36%	41%	-	-
Subordinadas aditivas	2 / 3	2 / 3	66%	66%	-	-
TOTAL	86 / 119	99 / 132	72%	75%	-	-

Tabela 17: Números absolutos e percentuais dos dados quanto aos tipos sintáticos de oração do *corpus* de língua falada do Português Europeu

Como podemos observar, não foi possível fazer o cálculo de pesos relativos em nenhuma dessas duas rodadas. Mesmo assim, optamos por apresentar essa tabela para mostrar que o cálculo de pesos relativos não foi possível porque a maioria dos tipos de oração teve todas

as suas ocorrências na forma de “*a + infinitivo*”, ao contrário do que ocorreu nas rodadas com os dados brasileiros. Apesar da relativa pouca quantidade de dados, percebemos que estes estão bastante bem distribuídos pelos diferentes lugares sintáticos. Sendo assim, vemos casos de apenas um dado de um determinado tipo de oração e esse único dado sendo de infinitivo gerundivo.

Ser *corpus* de língua falada também influenciou no fato de o número absoluto de orações independentes ser muito maior do que os demais tipos de oração. Isso ocorre porque, em geral, a língua falada é muito mais sintética do que a escrita, que tende à análise, ou seja, as orações subordinadas, como esperado, ocorrem aqui em número bastante menor do que as absolutas.

A tabela abaixo mostra os resultados do grupo *estrutura verbal*:

ESTRUTURA VERBAL	(SÓ CAMBIÁVEIS) N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL	N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL (CAMBIÁVEIS + AMB.)	(SÓ CAMBIÁVEIS) PERCENTUAL	(CAMBIÁVEIS + AMB.) PERCENTUAL	(SÓ CAMBIÁVEIS) (NÍVEL DE SELEÇÃO) PESO RELATIVO	(CAMBIÁVEIS + AMB.) (NÍVEL DE SELEÇÃO) PESO RELATIVO
Verbos plenos	26 / 44	27 / 45	59%	60%	.09	.24
Auxiliar <i>estar</i>	57 / 60	57 / 60	95%	95%	.87	.78
Auxiliar <i>andar</i>	0 / 0	0 / 0	0%	0%	-	-
Auxiliar <i>ficar</i>	1 / 4	1 / 4	25%	25%	.02	.03
Auxiliar <i>ir</i>	0 / 9	0 / 9	0%	0%	-	-
Auxiliar <i>ser</i>	0 / 0	0 / 0	0%	0%	-	-

Auxiliar <i>vir</i>	0 / 0	0 / 0	0%	0%	-	-
Auxiliar <i>continuar</i>	1 / 1	11 / 11	100%	100%	-	-
Semiauxiliares	0 / 0	2 / 2	0%	100%	-	-
Verbos leves	1 / 1	1 / 1	100%	100%	-	-
Construções na voz passiva	0 / 0	0 / 0	0%	0%	-	-
Construções com <i>gerúndio</i> ou “ <i>a + infinitivo</i> ” no auxiliar	0 / 0	0 / 0	0%	0%	-	-
<i>Gerúndio</i> ou “ <i>a + infinitivo</i> ” em verbos modais	0 / 0	0 / 0	0%	0%	-	-
Expressões fixas	0 / 0	0 / 0	0%	0%	-	-
TOTAL	86 / 119	99 / 132	72%	75%	-	-

Tabela 18: Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerúndio das estruturas verbais do *corpus* de língua falada do Português Europeu

Os resultados mostram que houve ocorrência de pouca variedade de construções gerúndiais no *corpus* português de língua falada. Além da ocorrência com verbo leve e das com auxiliar *continuar*, que apareceram categoricamente com “*a + infinitivo*”, as estruturas que ocorrem no *corpus* e que foram objeto do cálculo de pesos relativos foram as com os verbos plenos e com os auxiliares *estar* e *ficar*.

Os pesos relativos de .09 e .24, bastante baixos, das estruturas com verbos plenos já eram esperados até mesmo devido aos resultados das rodadas anteriores, que mostraram que essas estruturas ainda são relativamente resistentes ao uso de infinitivo gerúndio em Portugal. Os altos valores dos pesos relativos quanto ao uso de infinitivo gerúndio em construções com o auxiliar *estar* é consoante com os das rodadas anteriores. Nessas duas rodadas de dados de língua oral, os pesos relativos foram de .87 na rodada apenas com os dados cambiáveis e .78 na que agregava também os ambíguos.

Já as estruturas com auxiliar *ficar* apresentaram aqui pesos relativos surpreendentemente baixos para o que vinha mostrando até então: .02 e .03, respectivamente. Inferimos que isso tenha se dado devido às poucas ocorrências dessas construções nesse *corpus*. Até mesmo no *corpus* de

língua escrita, que é menos transparente à variação, a seleção revelou pesos relativos altos para o auxiliar *ficar*, mas com um universo total de dados muito maior. Talvez numa amostra maior de dados de língua falada as estruturas com esse auxiliar apresentassem um peso relativo mais elevado, assim como as com auxiliar *andar* e, além disso, outros talvez também pudessem ser selecionados como relevantes para o uso da variante com infinitivo.

Em seguida, vemos a distribuição dos dados através das décadas de 1970 e 1990.

TEMPO	(SÓ CAMBIÁVEIS) N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL	N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL (CAMBIÁVEIS + AMB.)	(SÓ CAMBIÁVEIS) P PERCENTUAL	(CAMBIÁVEIS + AMB.) P PERCENTUAL	(SÓ CAMBIÁVEIS) (NÃO SELECIONADO) P PESO RELATIVO	((CAMBIÁVEIS + AMB.) (NÃO SELECIONADO) P PESO RELATIVO
Fase 7 (década de 1970)	47 / 68	53 / 74	69%	71%	-	-
Fase 8 (década de 1990)	39 / 51	46 / 58	76%	79%	-	-
TOTAL	86 / 119	99 / 132	72%	75%	-	-

Tabela 19: Números absolutos e percentuais dos dados nas décadas de 1970 e 1990 no *corpus* de língua falada do Português Europeu

Conforme podemos observar, esse grupo não foi selecionado em nenhuma das duas rodadas. Entretanto, isso não é um “problema” para nossa pesquisa, uma vez que sabemos que os

resultados de duas sincronias tão próximas poderiam não apresentar diferenças significativas para a variação.

Apesar disso, através dos resultados das duas rodadas, vemos que o percentual de uso de infinitivo gerundivo na década de 1990 é pelo menos sete pontos percentuais maior do que na década de 1970 (76% e 79% contra 69% e 71%, respectivamente). O aumento da frequência de ocorrências de uma determinada construção pode ser relevante para sua gramaticalização, como veremos no capítulo 5.

Na tabela abaixo, vemos os números relacionados ao grupo *tipo semântico do verbo*.

TIPO SEMÂNTICO DO VERBO	(SÓ CAMBIÁVEIS) N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL	N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL (CAMBIÁVEIS + AMB.)	(SÓ CAMBIÁVEIS) PERCENTUAL	(CAMBIÁVEIS + AMB.) PERCENTUAL	(SÓ CAMBIÁVEIS) (NÍVEL DE SELEÇÃO) PESO RELATIVO	(CAMBIÁVEIS + AMB.) (NÃO SELECIONADO) PESO RELATIVO
Processos materiais	45 / 54	50 / 59	83%	84%	.65	-
Processos mentais	10 / 15	10 / 15	66%	66%	.40	-
Processos relacionais	9 / 23	15 / 29	39%	51%	.09	-
Processos comportamentais	11 / 12	12 / 13	91%	92%	.73	-
Processos verbais	11 / 13	12 / 14	84%	85%	.69	-
Processos existenciais	0 / 2	0 / 2	0%	0%	-	-
TOTAL	86 / 119	99 / 132	72%	75%	-	-

Tabela 20: Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerundivo de acordo com o tipo semântico dos verbos no *corpus* de língua falada do Português Europeu

A tabela explicita que esse grupo só foi selecionado como relevante para a variação na rodada que possuía apenas os dados cambiáveis. Isso nos causa certa estranheza, na medida em que observamos que os valores percentuais não são tão diferentes de uma rodada para outra. Com exceção do fator *processos relacionais*, que aumentou de 39% para 51% na rodada com os ambíguos incluídos, os percentuais dos demais fatores mantiveram-se estáveis.

Na rodada apenas com dados cambiáveis, na qual o grupo foi selecionado, o uso de infinitivo gerundivo parece ser favorecido nos chamados *processos comportamentais*, com peso relativo de .73, e desfavorecido nos *processos relacionais*, com peso relativo de .09.

O grupo *tipo de texto*, como se pode observar na tabela abaixo, foi apontado como relevante para a variação nas duas rodadas feitas com os dados de língua falada de Portugal.

TIPO DE TEXTO	(SÓ CAMBIÁVEIS)N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL	N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL (CAMBIÁVEIS + AMB.)	(SÓ CAMBIÁVEIS)P <small>ERCENTUAL</small>	(CAMBIÁVEIS + AMB.)P <small>ERCENTUAL</small>	(SÓ CAMBIÁVEIS)(NÍVEL DE SELEÇÃO)P <small>ESO RELATIVO</small>	(CAMBIÁVEIS + AMB.)(NÍVEL DE SELEÇÃO)P <small>ESO RELATIVO</small>
Narrativo	56 / 72	63 / 79	77%	79%	.61	.58
Expositivo	23 / 39	29 / 45	58%	64%	.22	.31
Argumentativo	0 / 0	0 / 0	0%	0%	-	-
Descritivo	7 / 8	7 / 8	87%	87%	.87	.76
Injuntivo	0 / 0	0 / 0	0%	0%	-	-
TOTAL	86 / 119	99 / 132	72%	75%	-	-

A tabela 21 mostra que não houve ocorrências de textos *argumentativos* e *injuntivos* nesse *corpus*. Dentre os tipos de textos que apareceram nos dados, o que se revela mais propício ao uso de infinitivo gerundivo é o *descritivo*. Apesar da pouca incidência de casos em números absolutos em relação aos demais, vemos que os valores percentuais de infinitivo gerundivo entre os dados são altos. Sete entre oito dados são de infinitivo gerundivo, ou seja, 87% das ocorrências nas duas rodadas, e o peso de relativo é de .87 com dados apenas cambiáveis e .76 com cambiáveis + ambíguos. Em contrapartida, os textos expositivos são os menos favoráveis ao uso de infinitivo gerundivo, com um peso relativo de .22 na primeira rodada e .31 na segunda.

Em seguida vemos os resultados relativos ao grupo *faixa etária*.

FAIXA ETÁRIA	(SÓ CAMBIÁVEIS)N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL	N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL (CAMBIÁVEIS + AMB.)	(SÓ CAMBIÁVEIS)P <small>ERCENTUAL</small>	(CAMBIÁVEIS + AMB.)P <small>ERCENTUAL</small>	(SÓ CAMBIÁVEIS)(NÃO SELECIONADO)P <small>ESO RELATIVO</small>	(CAMBIÁVEIS + AMB.)(NÃO SELECIONADO)P <small>ESO RELATIVO</small>
Faixa A (de 25 a 35 anos)	41 / 46	44 / 49	89%	89%	-	-
Faixa B (36 a 55 anos)	30 / 46	35 / 51	65%	68%	-	-
Faixa C (a partir de 56 anos)	15 / 27	20 / 32	55%	62%	-	-
TOTAL	86 / 119	99 / 132	72%	75%	-	-

Conforme constatamos observando a tabela acima, o grupo *faixa etária* não foi selecionado como relevante para a variação em quaisquer das duas rodadas com dados orais do português lusitano. Apesar disso, vemos, pela avaliação dos valores percentuais, que a frequência de ocorrências de infinitivo gerundivo se mostra gradiente nas diferentes faixas etárias. Na rodada com dados somente cambiáveis, os mais velhos (faixa C) apresentam um valor de 55% de uso de infinitivo gerundivo e 62% na rodada que acrescentava os dados ambíguos. Já os informantes da faixa B, de idade intermediária, possuem valores um pouco maiores de infinitivo gerundivo: 65% e 68%, nas duas rodadas, respectivamente. Finalmente, os falantes mais jovens entre todos, os da faixa A, apresentam percentuais de uso de infinitivo gerundivo sensivelmente mais altos que os demais, com 89% nas duas rodadas, como podemos ver no gráfico a seguir:

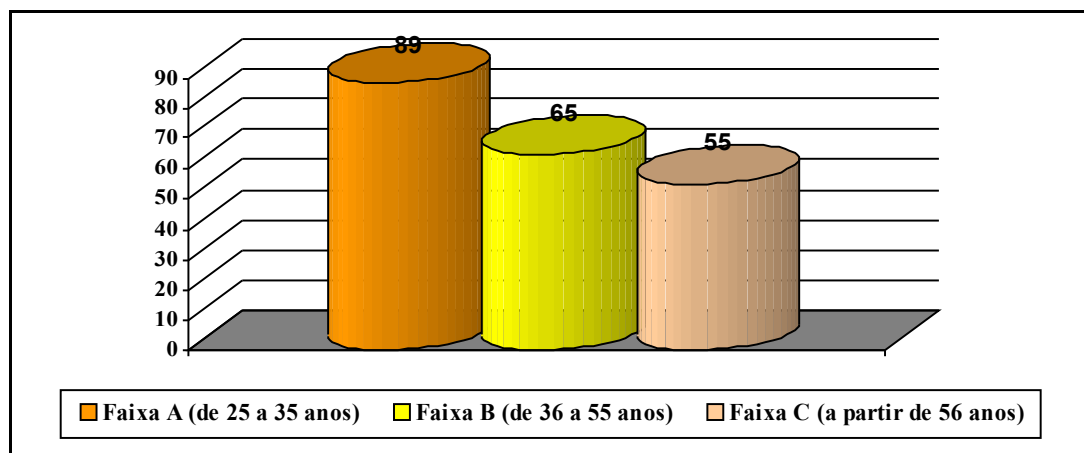


Gráfico 3: Distribuição do infinitivo gerundivo pelas diferentes faixas etárias no *corpus* de língua falada em Portugal

Com isso, apesar da pouca quantidade de dados e da não-seleção do grupo, observando esses resultados que podem ser identificados como um estudo de mudança em tempo aparente, podemos afirmar que, ao menos nessa amostra de dados, o infinitivo gerundivo é mais freqüente entre os mais jovens, podendo ser um sinal de mudança lingüística, conforme Labov (1994).

Para tornar essa afirmação mais confiável, como já mencionamos no item 3.8 ao fornecermos as bases teóricas do grupo *faixa etária*, verificamos também os valores percentuais de uso de infinitivo gerundivo nas três faixas etárias em função do tempo real, ou seja, contrastando os resultados da década de 1970 com os da década de 1990. Ao fazermos isso, entretanto, não confirmamos a hipótese de que o uso de infinitivo gerundivo esteja crescendo especialmente entre os mais jovens. Os resultados mostraram que, na década de 1970, os mais jovens tinham taxa de 91% de uso de “*a + infinitivo*”, a qual abaixou levemente para 87% na década de 1990. Já os informantes da faixa B, ou seja, os de idade intermediária, aumentaram seu uso de infinitivo gerundivo: de 54% na década de 1970 para 80% na década de 1990. Por fim, os mais idosos também apresentaram queda no uso de “*a + infinitivo*”, passando de 63% na década de 70 para 38% na década de 90.

Esses resultados da investigação em tempo real de curta duração vão contra a nossa hipótese. Isso pode ser fruto de dois fatores: indica que a variação é geracional, ou seja, os mais jovens mantêm sempre uma taxa de uso mais alta do que a dos mais velhos e isso se repete por gerações sem, necessariamente, provocar mudança no sistema lingüístico; ou nossos dados são poucos ou não transparentes o suficiente para retratar a mudança em curso. Além disso, pode ser que a distância entre as décadas de 1970 e 1990 não seja suficiente para retratar a configuração da mudança. Em qualquer variação, mesmo naquelas que resultam em mudança, a freqüência de ocorrências de uma variante ou outra ao longo do processo é oscilante (LABOV, 1982), ou seja,

pode ser que nesses dois recortes de tempo de nossos dados, especificamente, não tenha havido aumento no uso de infinitivo gerundivo. Resta-nos, portanto, afirmar que, de acordo com nossos dados, sincronicamente, vemos que os mais jovens utilizam mais infinitivo gerundivo do que os mais velhos, apesar de isso não se confirmar na diacronia dos dados de que dispomos das décadas de 1970 e 1990.

4.2.3 Brasil + Portugal

Assim como fizemos com os dados de língua escrita, fizemos duas rodadas juntando os dados de língua falada do Brasil e de Portugal, especialmente para verificar os diferentes pesos relativos do uso de infinitivo gerundivo nas duas localidades.

Segundo observamos na tabela abaixo, há aqui um total de 245 dados, sendo, desses, 102 de infinitivo gerundivo, ou seja, 41% do total. Dentre os 245, apenas 20 foram considerados como de interpretação ambígua, ou seja, 8,1%.

DADOS	Nº DE OCORRÊNCIAS DE INFINITIVO GERUNDIVO / Nº TOTAL DE DADOS	PERCENTUAL DE INF. GERUNDIVO / PERCENTUAL TOTAL
Cambiáveis	84 / 225	37% / 91,9%
Ambíguos	18 / 20	90% / 8,1%
TOTAL	102 / 245	41% / 100%

Tabela 23: Dados cambiáveis e ambíguos nos *corpora* de língua falada do Português Brasileiro e do Português Europeu

Os grupos apontados nas referidas rodadas como relevantes na variação foram os seguintes, de acordo com sua ordem de seleção: *nação, estrutura verbal, faixa etária e tipo*

semântico do verbo na rodada apenas de dados cambiáveis; e *nação*, *estrutura verbal*, *tipo semântico do verbo* e *tipo de texto* na rodada com cambiáveis e ambíguos.

Na tabela a seguir há os valores fornecidos pelo programa Goldvarb acerca do grupo *nação*, que contrapunha o uso de infinitivo gerundivo no Brasil e em Portugal.

NAÇÃO	(SÓ CAMBIÁVEIS) N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL	N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL (CAMBIÁVEIS + AMB.)	(SÓ CAMBIÁVEIS) P PERCENTUAL	(CAMBIÁVEIS + AMB.) P PERCENTUAL	(SÓ CAMBIÁVEIS) (NÍVEL DE SELEÇÃO) PESO RELATIVO	((CAMBIÁVEIS + AMB.) (NÍVEL DE SELEÇÃO) PESO RELATIVO
Brasil	0 / 108	3 / 113	0%	2%	-	.005
Portugal	86 / 119	99 / 132	72%	75%	-	.988
TOTAL	86 / 227	102 / 245	37%	41%	-	-

Tabela 24: Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerundivo no Brasil e em Portugal nos *corpora* de língua falada do Português Brasileiro e do Português Europeu

Como podemos ver, na rodada apenas com dados cambiáveis, o grupo *nação* não foi selecionado porque não houve uso de infinitivo gerundivo no Brasil, como já mencionamos anteriormente. O uso de gerúndio no Brasil mostrou-se categórico nesses dados, impedindo que o

grupo fosse selecionado no cálculo de pesos relativos. Ao contrário, vemos que, em Portugal, o uso de infinitivo gerundivo chega a 72% na rodada de dados somente cambiáveis.

Já na rodada que inclui os dados ambíguos, houve a ocorrência de 3 dados de “*a + infinitivo*” no Português do Brasil, permitindo, dessa vez, que o peso relativo de infinitivo gerundivo fosse calculado. Percentualmente, observamos que 2% dos dados brasileiros são de infinitivo gerundivo, ao passo que, em Portugal, esse número é de 75%. Assim, nos confrontamos com o fato de o uso de infinitivo gerundivo apresentar em Portugal um peso relativo de .988, enquanto no Brasil o peso relativo dessa forma verbal é de .005.

Esses resultados confirmam a impressão que temos com a observação empírica da realidade. Em Portugal, especialmente na língua falada, o uso de infinitivo gerundivo é bastante maior do que no Brasil.

O grupo *tipo sintático de oração* não foi selecionado como relevante para a variação em nenhuma das duas rodadas, apesar de a “junção” dos *corpora* brasileiro e português ter ajudado a deixar não-nulo o número de ocorrências de quase todos de tipos de oração.

Em seguida, vemos os resultados do grupo *estrutura verbal*, que foi selecionado como influente no uso de infinitivo gerundivo nas duas rodadas feitas com os dados brasileiros e portugueses.

ESTRUTURA VERBAL	(SÓ CAMBIÁVEIS)N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL	N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL (CAMBIÁVEIS + AMB.)	(SÓ CAMBIÁVEIS)PERCENTUAL	(CAMBIÁVEIS + AMB.)PERCENTUAL	(SÓ CAMBIÁVEIS)(NÍVEL DE SELEÇÃO)PESO RELATIVO	(CAMBIÁVEIS + AMB.)(NÍVEL DE SELEÇÃO)PESO RELATIVO
Verbos plenos	26 / 91	27 / 92	28%	29%	.30	.08
Auxiliar <i>estar</i>	57 / 92	57 / 92	61%	61%	.76	.76
Auxiliar <i>andar</i>	0 / 0	0 / 0	0%	0%	-	-
Auxiliar <i>ficar</i>	1 / 8	1 / 8	12%	12%	.16	.02
Auxiliar <i>ir</i>	0 / 22	0 / 22	0%	0%	-	-
Auxiliar <i>ser</i>	0 / 0	0 / 0	0%	0%	-	-
Auxiliar <i>vir</i>	0 / 0	0 / 0	0%	0%	-	-
Auxiliar <i>continuar</i>	1 / 3	14 / 18	33%	77%	.27	.99
Semilauxiliares	0 / 4	2 / 6	0%	33%	-	.82
Verbos leves	1 / 2	1 / 2	50%	0%	.46	.69
Construções na voz passiva	0 / 0	0 / 0	0%	0%	-	-
Construções com <i>gerúndio</i> ou “ <i>a + infinitivo</i> ” no auxiliar	0 / 0	0 / 0	0%	0%	-	-
<i>Gerúndio</i> ou “ <i>a + infinitivo</i> ” em verbos modais	0 / 3	0 / 3	0%	0%	-	-
Expressões fixas	0 / 2	0 / 2	0%	0%	-	-
TOTAL	86 / 227	105 / 247	37%	42%	-	-

Tabela 25: Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerúndio das estruturas verbais dos *corpora* de língua falada do Português Brasileiro e do Português Europeu

A tabela 25 mostra, pela primeira vez, um peso relativo baixo para construções com o auxiliar *continuar*, na rodada apenas com dados cambiáveis (.27). Esse resultado nos causa surpresa, pois até então esse fator não havia apresentado peso relativo inferior a .95 em todas as

rodadas nas quais foi selecionado. O valor é mais surpreendente ao observarmos o peso relativo de .99 com os dados cambiáveis + ambíguos. Esse é o resultado que revela pesos relativos mais discrepantes entre rodadas sem e com dados ambíguos.

O peso relativo de .76 do auxiliar *estar* se repete nas duas rodadas. Não é tão alto quanto nas rodadas com dados exclusivamente lusitanos, mas também não é tão baixo quanto os pesos relativos com dados somente da variante americana da Língua Portuguesa.

O padrão dos dados com verbos plenos manteve-se semelhante ao que encontramos até então, com pesos relativos baixos: .30 na rodada com cambiáveis e .08 na rodada com cambiáveis + ambíguos. Os resultados confirmam que as construções sintéticas são resistentes ao uso de infinitivo gerundivo tanto no Brasil quanto em Portugal.

O grupo *tempo*, assim como nas rodadas com os dados brasileiros e portugueses separadamente, não foi selecionado pelo programa estatístico Goldvarb em nenhuma das duas presentes rodadas. Semelhantemente, os valores percentuais de uso de infinitivo gerundivo se mostraram equilibrados nas duas décadas analisadas aqui. Isso talvez seja, como já citamos, fruto do fato de serem décadas muito próximas entre si, em que, com a quantidade de dados de que dispomos nessas rodadas, não estejam configuradas diferenças significativas com relação ao fenômeno estudado.

A tabela a seguir retrata os valores relativos ao grupo *tipo semântico do verbo*.

TIPO SEMÂNTICO DO VERBO	(SÓ CAMBIÁVEIS)N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL	N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL (CAMBIÁVEIS + AMB.)	(SÓ CAMBIÁVEIS)PERCENTUAL	(CAMBIÁVEIS + AMB.)PERCENTUAL	(SÓ CAMBIÁVEIS)(NÍVEL DE SELEÇÃO)PESO RELATIVO	(CAMBIÁVEIS + AMB.)(NÍVEL DE SELEÇÃO)PESO RELATIVO
Processos materiais	45 / 111	51 / 118	40%	43%	.54	.62
Processos mentais	10 / 26	10 / 26	38%	40%	.57	.32
Processos relacionais	9 / 45	17 / 54	20%	31%	.28	.15
Processos comportamentais	11 / 19	12 / 20	57%	60%	.62	.74
Processos verbais	11 / 24	13 / 26	45%	50%	.54	.74
Processos existenciais	0 / 2	0 / 2	0%	0%	-	-
TOTAL	86 / 227	105 / 247	37%	42%	-	-

Tabela 26: Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerundivo de acordo com o tipo semântico dos verbos nos *corpora* de língua falada do Português Brasileiro e do Português Europeu

O padrão dessa tabela é semelhante ao que observamos nas rodadas com dados apenas portugueses. Assim como antes, aqui o fator que mais favorece o uso de infinitivo gerundivo são as construções verbais que indicam *processos comportamentais*, com peso relativo de .62 na rodada de dados somente cambiáveis e .74 na rodada que unia a estes os dados ambíguos. Da mesma forma, o contexto menos propício ao uso de infinitivo gerundivo é em *processos relacionais*, que apresentam peso relativo de .28 na primeira rodada e de .15 na segunda.

Quanto ao grupo, *tipo de texto*, vemos através da tabela 27, abaixo, que só foi selecionado na rodada que reunia dados cambiáveis e dados ambíguos.

TIPO DE TEXTO	(SÓ CAMBIÁVEIS)N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL	N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL (CAMBIÁVEIS + AMB.)	(SÓ CAMBIÁVEIS)P <small>ERCENTUAL</small>	(CAMBIÁVEIS + AMB.)P <small>ERCENTUAL</small>	(SÓ CAMBIÁVEIS)(NÃO SELECIONADO)P <small>ESO RELATIVO</small>	(CAMBIÁVEIS + AMB.)(NÍVEL DE SELEÇÃO)P <small>ESO RELATIVO</small>
Narrativo	56 / 129	66 / 140	43%	47%	-	.60
Expositivo	23 / 80	31 / 89	28%	34%	-	.28
Argumentativo	0 / 0	0 / 0	0%	0%	-	-
Descritivo	7 / 15	7 / 15	46%	46%	-	.83
Injuntivo	0 / 3	0 / 3	0%	0%	-	-
TOTAL	86 / 227	105 / 247	37%	42%	-	-

Tabela 27: Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerundivo de acordo com o tipo texto nos *corpora* de língua falada do Português Brasileiro e do Português Europeu

Apesar de ter sido selecionado somente na segunda rodada, constatamos que o padrão também se manteve semelhante aos resultados das rodadas com dados somente portugueses. Assim como lá, aqui os textos descritivos se mostram mais favoráveis ao uso de infinitivo gerundivo, com peso relativo igual a .83. Da mesma forma, os textos expositivos são aqueles que aparentam ser menos propícios ao surgimento de infinitivo gerundivo, com o baixo peso relativo de .28.

Em seguida analisamos os números relacionados ao grupo *faixa etária*.

FAIXA ETÁRIA	(SÓ CAMBIÁVEIS)N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL	N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL (CAMBIÁVEIS + AMB.)	(SÓ CAMBIÁVEIS)P <small>PERCENTUAL</small>	(CAMBIÁVEIS + AMB.)P <small>PERCENTUAL</small>	(SÓ CAMBIÁVEIS)(NÍVEL DE SELEÇÃO)P <small>PESO RELATIVO</small>	(CAMBIÁVEIS + AMB.)(NÃO SELECIONADO)P <small>PESO RELATIVO</small>
Faixa A (de 25 a 35 anos)	41 / 79	47 / 85	51%	55%	.81	-
Faixa B (36 a 55 anos)	30 / 84	35 / 89	35%	39%	.35	-
Faixa C (a partir de 56 anos)	15 / 64	22 / 73	23%	30%	.25	-
TOTAL	86 / 227	105 / 247	37%	42%	-	-

Tabela 28: Números absolutos e percentuais da distribuição dos dados de acordo com a faixa etária dos informantes dos *corpora* de língua falada do Português Brasileiro e do Português Europeu

Talvez pela maior quantidade de dados, com os *corpora* brasileiro e português, o grupo *faixa etária* foi selecionado ao menos na rodada com dados cambiáveis. Confirmando as hipóteses que levantamos nas rodadas anteriores, com dados portugueses apenas, aqui vemos os pesos relativos crescentes partindo dos informantes mais idosos para os mais jovens. A faixa C, de informantes mais velhos, por exemplo, apresenta percentual de uso de infinitivo gerundivo na rodada com dados cambiáveis e peso relativo de .25. Já a faixa B, de falantes de idade intermediária, possui 35% de taxa de uso de infinitivo gerundivo e peso relativo de .35 para

essa construção. Em contrapartida, os informantes da faixa A, a mais jovem, demonstram os valores mais altos tanto em percentual quanto em peso relativo: 53% e .81, respectivamente. Mesmo que os dados brasileiros acrescentem apenas 3 dados de infinitivo gerundivo ao número total de dados, esses resultados mostram que nossa hipótese de que esses dados reflitam uma mudança em tempo aparente provavelmente tenha sido acertada, pois, com mais dados como um todo, a leitura do programa é facilitada, ficando mais clara.

4.3 Dados de Língua Escrita e de Língua Falada

Finalmente, nesse último conjunto de rodadas, reunimos os dados de língua escrita aos de língua falada.

Para essas rodadas, eliminamos os dados das fases 1 a 6 do *corpus* de língua escrita e deixamos apenas os dados das fases 7 e 8, correspondentes ao período da década de 1970 em diante. Isso foi feito para que pudéssemos comparar línguas escrita e oral em um mesmo período.

Assim, passemos, primeiramente, às duas rodadas (apenas cambiáveis e cambiáveis + ambíguos) dos dados dos *corpora* escrito e falado do Brasil.

4.3.1 Brasil

O número total de dados do Brasil de que dispomos está exposto na tabela 29 abaixo.

DADOS	Nº DE OCORRÊNCIAS DE INFINITIVO GERUNDIVO / Nº TOTAL DE DADOS	PERCENTUAL DE INF. GERUNDIVO / PERCENTUAL TOTAL
Cambiáveis	5 / 236	2% / 94,7%
Ambíguos	8 / 13	61% / 5,3%
TOTAL	13 / 249	5% / 100%

Tabela 29: Dados cambiáveis e ambíguos nos *corpora* de língua escrita e de língua falada do Português Brasileiro

Como vemos, dentre os 249 dados, apenas 13 (ou seja, 5%) deles são de “*a + infinitivo*”. Além disso, em um universo de 249 dados, também só contamos com 13 casos ambíguos, sendo, destes, 8 (ou 61%) de “*a + infinitivo*”.

Na rodada de dados somente cambiáveis, não foi possível chegar ao cálculo de pesos relativos, devido à pouca quantidade de dados de “*a + infinitivo*”. Já quanto à rodada com cambiáveis + ambíguos, os três grupos selecionados foram: *tipo sintático de oração*, *estrutura verbal* e *tempo*, nessa ordem de seleção. Os valores percentuais de uso de cada fator desses grupos mostraram-se bastante equilibrados entre si e, por essa razão, nos abstermos de mostrá-los em tabelas. Antes, apenas comentaremos os resultados dos grupos selecionados.

Com relação ao grupo *gênero textual*, que era, na verdade, o foco de observação dessas rodadas reunindo os *corpora* escrito e falado, verificamos que o uso de infinitivo gerundivo, como esperado para os dados brasileiros, é baixo em todos os quatro gêneros investigados. O grupo não foi selecionando.

O grupo *tipo sintático de oração* foi selecionado como relevante e, dentre as orações indicadas como aquelas em que mais ocorre infinitivo gerundivo estão as *condicionais*, com .96

de peso relativo, as *coordenadas assindéticas*, com .81 e as *temporais*, com .70. Aquelas em que o uso de “*a + infinitivo*” era menos provável foram as *absolutas* e as *subordinadas aditivas*, com .28 e .38, respectivamente.

O grupo *estrutura verbal* foi selecionado na rodada com dados cambiáveis junto aos dados ambíguos. Mesmo nessa rodada, entretanto, à exceção das construções com o auxiliar *continuar* (com peso relativo de .99), todos os demais apresentaram pesos relativos medianos, variando entre .43 (verbos plenos) a .66 (construções com semiauxiliares). Sendo assim, não podemos dizer com clareza que uma ou outra estrutura que não a com o auxiliar *continuar* favoreça o uso de “*a + infinitivo*” nos dados de que dispomos do Brasil.

O grupo *tempo*, surpreendentemente, foi selecionado como relevante para uso de infinitivo gerundivo na rodada que agrupava todos esses dados brasileiros. O estranhamento se deve ao fato de o uso de infinitivo gerundivo ter se mantido relativamente estável na variante brasileira da língua portuguesa, com valores percentuais de 2% e 7%, nas fases 7 e 8, respectivamente, na rodada com dados cambiáveis + ambíguos. O peso relativo, apesar disso, foi relativamente discrepante entre as duas fases: .25 na fase 7 e .69 na fase 8. Pode ser que, nesse caso, os dados ambíguos estejam influenciando a leitura do programa, visto que, na rodada com dados apenas cambiáveis a taxa de uso de infinitivo gerundivo foi de 0% na fase 7 e apenas 3% na fase 8. É possível que, especificamente para os dados brasileiros (em que sabemos que quase não há infinitivo gerundivo comparando à difusão da mesma construção em Portugal), aquilo que chamamos “*ambíguos*” não sejam de fato cambiáveis, mas apenas “*a + infinitivo*”. Ainda assim, optamos por manter nosso critério metodológico tanto para Brasil quanto para Portugal,

justamente pela possibilidade de que sejam cambiáveis. Como já mencionamos antes, não temos como afirmar se nesses casos se tratava ou não de “*a + infinitivo*” gerundial.

De qualquer forma, cabe lembrar aqui aquilo que Labov (1982) afirma:

[...] o progresso é raramente representado pela substituição categórica de uma forma pela outra, mas, normalmente, por mudanças na frequência relativa das variantes e mudanças em seus condicionamentos situacionais. (LABOV, 1982).⁴⁰

Isso significa que, diferentemente de Portugal, mesmo que no Brasil não vejamos, empiricamente, o avanço da construção “*a + infinitivo*” em muitos contextos, existe variação. O uso de gerúndio não é categórico em terras brasileiras. E, como qualquer variação, há oscilações quanto à frequência de ocorrência das variantes. Pode ser que, em nosso recorte, tenhamos analisado dados da década de 1990 em que houve um aumento dos dados de infinitivo gerundivo no Brasil, sem que isso represente mudança lingüística nos nossos padrões de uso gerais da variável estudada.

Os grupos *tipo semântico de verbo* e *tipo de texto* também não foram selecionados como relevantes para o uso de infinitivo gerundivo no Brasil.

4.3.2 Portugal

Agora, reunimos os dados da variante europeia da Língua Portuguesa. O total de dados e sua distribuição entre cambiáveis e ambíguos podem ser conferidos na tabela a seguir.

⁴⁰ [...] progress is rarely represented by the categorical replacement of one form by another, but normally by changes in the relative frequencies of the variants and changes in their environmental constraints. (LABOV, 1982).

DADOS	Nº DE OCORRÊNCIAS DE INFINITIVO GERUNDIVO / Nº TOTAL DE DADOS	PERCENTUAL DE INF. GERUNDIVO / PERCENTUAL TOTAL
Cambiáveis	101 / 205	49% / 87,9%
Ambíguos	28 / 28	100% / 12,1%
TOTAL	129 / 233	55% / 100%

Tabela 30: Dados cambiáveis e ambíguos nos *corpora* de língua escrita e de língua falada do Português Europeu

Temos, ao todo, 233 dados de formas nominais *gerúndio* e *infinitivo gerundivo* no Português Europeu. Desses, 129, ou 55%, são de infinitivo gerundivo, percentual bastante superior aos 5% dos dados brasileiros, onze vezes mais dados de “*a + infinitivo*” do que no Brasil. Entre os 233 dados, 28 são ambíguos, ou seja, aproximadamente 12% do total. Nesse recorte do *corpus*, todos os dados ambíguos são de “*a + infinitivo*”.

A respeito dos grupos selecionados como influentes na variação, a rodada de dados cambiáveis possui três: *gênero textual*, *tipo sintático de oração* e *tipo semântico do verbo*, nessa ordem de seleção. Já a rodada de dados cambiáveis junto aos ambíguos apresentou os mesmos grupos selecionados e mais dois: *gênero textual*, *tipo sintático de oração*, *estrutura verbal*, *tipo semântico do verbo* e *tipo de texto*, também nessa ordem de seleção.

A seguir, vemos os resultados referentes ao grupo *gênero textual*, que foi selecionado como relevante tanto na rodada com dados apenas cambiáveis quanto na rodada com dados cambiáveis + ambíguos.

GÊNERO TEXTUAL	(SÓ CAMBIÁVEIS)N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL	N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL (CAMBIÁVEIS + AMB.)	(SÓ CAMBIÁVEIS)PERCENTUAL	(CAMBIÁVEIS + AMB.)PERCENTUAL	(SÓ CAMBIÁVEIS)(NÍVEL DE SELEÇÃO)PESO RELATIVO	(CAMBIÁVEIS + AMB.)(NÍVEL DE SELEÇÃO)PESO RELATIVO
Anúncios	2 / 21	2 / 21	9%	9%	.10	.00
Editoriais	4 / 22	11 / 29	18%	37%	.19	.54
Notícias	11 / 45	38 / 286	24%	33%	.30	.48
Língua falada culta	86 / 119	17 / 51	72%	75%	.72	.76
TOTAL	103 / 207	129 / 233	49%	55%	-	-

Tabela 31: Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerundivo nos gêneros textuais dos *corpora* de língua escrita e de língua falada do Português Europeu

Ao contrário dos resultados do Brasil, como podemos observar na tabela acima, na variante portuguesa, o gênero com maior peso relativo para uso de infinitivo gerundivo é a língua falada culta, com .72 na rodada com dados cambiáveis apenas e .76 na rodada com dados cambiáveis somados aos ambíguos. Dentre os três gêneros de língua escrita, os *anúncios* aparecem como aqueles mais resistentes ao uso de infinitivo gerundivo, com pesos relativos de .10 e .00, nas duas rodadas, respectivamente. Os *editoriais* e as *notícias*, especialmente na rodada com dados cambiáveis e ambíguos juntos, apresentaram pesos relativos semelhantes entre si, ou seja, nenhum se mostrou mais favorecedor ao uso do infinitivo gerundivo em relação ao outro.

Esses resultados nos levaram a querer investigar como se comportariam os dados de língua escrita reunidos (*anúncios, editoriais e notícias*) em oposição aos dados de língua falada. Realizamos então uma rodada com esses mesmos dados reagrupados quanto ao grupo *gênero textual* para observar esse grupo especificamente. Os valores foram os seguintes:

GÊNERO TEXTUAL	(SÓ CAMBIÁVEIS)N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL	N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL (CAMBIÁVEIS + AMB.)	(SÓ CAMBIÁVEIS)PERCENTUAL	(CAMBIÁVEIS + AMB.)PERCENTUAL	(SÓ CAMBIÁVEIS)(NÍVEL DE SELEÇÃO)PESO RELATIVO	(CAMBIÁVEIS + AMB.)(NÍVEL DE SELEÇÃO)PESO RELATIVO
Língua escrita (anúncios, editoriais e notícias)	17 / 88	30 / 100	19%	29%	.23	.26
Língua falada culta	86 / 119	100 / 133	72%	75%	.70	.68
TOTAL	103 / 207	129 / 233	49%	55%	-	-

Tabela 32: Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerundivo dos *corpora* de língua escrita reunidos *versus* corpus de língua falada do Português Europeu

Vemos que, de fato, a diferença entre fala e escrita é grande nos dados analisados. Percentualmente, há 19% de infinitivo gerundivo nos dados de língua escrita só cambiáveis e 29% nos cambiáveis somados aos ambíguos. Em contrapartida, há muito mais ocorrências de infinitivo gerundivo na língua oral: 72% nos dados somente cambiáveis e 75% nos cambiáveis

junto aos chamados ambíguos. Essa diferença se revelou nos pesos relativos da seguinte maneira: .23 na língua escrita contra .70 na língua oral na rodada com cambiáveis apenas e .26 contra .68 na outra rodada, respectivamente. Os resultados mostram que o avanço de infinitivo gerundivo em Portugal, como prevê a Teoria da Variação para os fenômenos lingüísticos, primeiro toma lugar na oralidade, para, depois, de forma gradativa, possivelmente alcançar a língua escrita.

O grupo *tipo sintático de oração* foi selecionado apenas na rodada que reunia dados cambiáveis e ambíguos. Em ordem decrescente de relevância para o uso de infinitivo gerundivo, estão: *principais* (.93), *coordenadas assindéticas* (.90), *objetivas* (.89) e *condicionais* (.82). Em contrapartida, os lugares sintáticos que menos favorecem uso de “*a + infinitivo*” são: *subordinadas aditivas* (.06), *causais* (.13) e *modais* (.35).

Vale ressaltar, também, que as relativas do tipo *com + substantivo* não aparecem no cálculo de pesos relativos porque se apresentaram em 100% das ocorrências com infinitivo gerundivo, ou seja, assim como na variante brasileira, em Portugal esse é um tipo de oração bastante propício ao aparecimento de “*a + infinitivo*”.

A tabela seguinte mostra os resultados relativos ao grupo *estrutura verbal*, que foi selecionado como importante para variação em questão tanto na rodada com dados somente cambiáveis, quanto na rodada com dados cambiáveis e ambíguos.

ESTRUTURA VERBAL	(SÓ CAMBIÁVEIS)Nº DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL	Nº DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL (CAMBIÁVEIS + AMB.)	(SÓ CAMBIÁVEIS)PERCENTUAL	(CAMBIÁVEIS + AMB.)PERCENTUAL	(SÓ CAMBIÁVEIS)(NÍVEL DE SELEÇÃO)PESO RELATIVO	(CAMBIÁVEIS + AMB.)(NÍVEL DE SELEÇÃO)PESO RELATIVO
Verbos plenos	33 / 111	37 / 115	29%	32%	.19	.19
Auxiliar <i>estar</i>	63 / 67	66 / 70	94%	94%	.91	.92
Auxiliar <i>andar</i>	0 / 0	0 / 0	0%	0%	-	-
Auxiliar <i>ficar</i>	4 / 8	4 / 8	50%	50%	.50	.07
Auxiliar <i>ir</i>	0 / 11	0 / 11	0%	0%	-	-
Auxiliar <i>ser</i>	0 / 0	0 / 0	0%	0%	-	-
Auxiliar <i>vir</i>	0 / 0	0 / 0	0%	0%	-	-
Auxiliar <i>continuar</i>	2 / 2	19 / 19	100%	100%	-	-
Semilauxiliares	0 / 0	2 / 2	0%	100%	-	-
Verbos leves	1 / 2	1 / 2	50%	50%	.34	.94
Construções na voz passiva	0 / 1	0 / 1	0%	0%	-	-
Construções com <i>gerúndio</i> ou “ <i>a + infinitivo</i> ” no auxiliar	0 / 4	0 / 4	0%	0%	-	-
<i>Gerúndio</i> ou “ <i>a + infinitivo</i> ” em verbos modais	0 / 1	0 / 1	0%	0%	-	-
Expressões fixas	0 / 0	0 / 0	0%	0%	-	-
TOTAL	103 / 207	129 / 233	49%	55%	-	-

Tabela 33: Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerúndio das estruturas verbais dos *corpora* de língua escrita e de língua falada do Português Europeu

A tabela acima confirma os resultados obtidos nas rodadas somente de língua escrita e somente com língua falada com relação ao auxiliar *estar*. Tanto nessas outras como aqui, as estruturas verbais com o auxiliar *estar* favorecem fortemente a ocorrência de “*a + infinitivo*”,

com pesos relativos respectivamente iguais a .91 na rodada de dados cambiáveis e .92 na rodada com dados cambiáveis somados aos de interpretação ambígua. Vale destacar que o auxiliar *continuar*, que na rodada com dados escritos apresentou elevado peso relativo de .98, não foi selecionado aqui justamente por ter ocorrido categoricamente com “*a + infinitivo*”.

Como há poucos dados nessa rodada (visto que aqui só analisamos os dados das fases 7 e 8), não houve muita variedade de ocorrências de formas nominais em outras estruturas verbais. Não podemos, portanto, comparar esses resultados aos das rodadas de língua escrita quanto aos auxiliares *andar*, *ficar* etc. Os resultados aqui alcançados, porém, assemelham-se bastante aos resultados das rodadas do *corpus* falado do Português Europeu, tanto com relação ao auxiliar *estar*, quanto com relação ao auxiliar *ficar*.

Ressaltamos também que, apesar de não ser o mais baixo, o uso de infinitivo gerundivo com verbos plenos continua sendo um dos mais baixos entre todos, com pesos relativos iguais a .19 nas duas rodadas que realizamos aqui. Esse resultado é consoante com os que temos encontrado nas outras rodadas de dados.

O grupo *tempo*, um dos centrais em nossa pesquisa, não foi selecionado pelo programa Goldvarb em qualquer das duas rodadas com dados de língua escrita e falada do Português Europeu.

Quanto ao *tipo semântico do verbo*, vemos através da tabela abaixo que o programa estatístico computacional Goldvarb o indicou como influente no emprego de infinitivo gerundivo nas duas rodadas realizadas aqui.

TIPO SEMÂNTICO DO VERBO	(SÓ CAMBIÁVEIS) N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL	N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL (CAMBIÁVEIS + AMB.)	(SÓ CAMBIÁVEIS) PERCENTUAL	(CAMBIÁVEIS + AMB.) PERCENTUAL	(SÓ CAMBIÁVEIS) (NÍVEL DE SELEÇÃO) PESO RELATIVO	(CAMBIÁVEIS + AMB.) (NÍVEL DE SELEÇÃO) PESO RELATIVO
Processos materiais	58 / 101	64 / 107	57%	59%	.72	.66
Processos mentais	11 / 19	11 / 19	57%	57%	.27	.25
Processos relacionais	10 / 45	26 / 61	22%	42%	.09	.19
Processos comportamentais	11 / 16	14 / 19	68%	73%	.72	.82
Processos verbais	12 / 21	13 / 22	57%	59%	.65	.66
Processos existenciais	1 / 5	1 / 5	20%	20%	.21	.10
TOTAL	103 / 207	129 / 233	49%	55%	-	-

Tabela 34: Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerundivo de acordo com o tipo semântico dos verbos nos *corpora* de língua escrita e de língua falada do Português Europeu

Assim como nas rodadas anteriores, os verbos que indicam *processos relacionais* permanecem sendo aqueles que menos favorecem o uso de infinitivo gerundivo. Na rodada com dados cambiáveis apenas, seu peso relativo foi de .09 e, na rodada com dados cambiáveis e ambíguos, .19. Outros tipos semânticos que não favorecem o uso de infinitivo gerundivo são os que indicam *processos existenciais*, com pesos relativos de .21 na rodada só com cambiáveis e .10 na rodada com cambiáveis + ambíguos; e os que denotam *processos mentais*, com pesos relativos de .27 e .25 em cada uma das rodadas, respectivamente. Os demais tipos semânticos de verbo não apresentaram valores tão destoantes entre si, de maneira que não podemos dizer que

um ou outro seja o grande favorecedor do uso de “*a + infinitivo*”, pois os três apresentam altos índices de pesos relativos. Os que têm pesos relativos levemente superiores aos demais são os *processos comportamentais*, com .72 na rodada só com estritamente cambiáveis e .82 com cambiáveis e ambíguos juntos.

O grupo *tipo de texto* foi selecionado como influente no uso de infinitivo gerundivo somente na rodada que somava os dados ambíguos aos cambiáveis. Em valores percentuais, os tipos de texto onde mais ocorreu “*a + infinitivo*” como forma nominal gerundial foi o *narrativo*, com 58% na rodada com dados cambiáveis apenas e 61% na rodadas com cambiáveis e ambíguos e o *descritivo*, com 56% e 61%, respectivamente. Em contrapartida, o que houve menor índice de infinitivo gerundivo foi o tipo *injuntivo* de texto, com 0% tanto entre os dados cambiáveis quanto quando somados os dados ambíguos. Em se tratando do cálculo dos pesos relativos, porém, os que se mostraram mais relevantes para o uso de infinitivo gerundivo foram os tipos de texto *argumentativo* e *descritivo*, com pesos relativos iguais a .97 e .71, respectivamente.

4.3.3 Brasil + Portugal

Por fim, fazemos agora as duas últimas rodadas de dados da presente pesquisa: as com dados de língua escrita e falada tanto do Brasil quanto de Portugal, primeiramente apenas com os dados cambiáveis e, em seguida, com estes somados aos ambíguos.

A tabela abaixo explicita o número total de dados que dispusemos nessas duas últimas rodadas.

DADOS	Nº DE OCORRÊNCIAS DE INFINITIVO GERUNDIVO / Nº TOTAL DE DADOS	PERCENTUAL DE INF. GERUNDIVO / PERCENTUAL TOTAL
Cambiáveis	106 / 441	24% / 91,5%
Ambíguos	36 / 41	87% / 8,5%
TOTAL	142 / 482	29% / 100%

Tabela 35: Dados cambiáveis e ambíguos nos *corpora* de língua escrita e de língua falada do Português Brasileiro e do Português Europeu

Como se pode ver, há 482 dados de formas nominais *gerúndio* e *infinitivo gerundivo* nesse *corpus*. Desses, 142 são de infinitivo gerundivo, ou seja, 29%. Dentre os 482 dados, 41 são ambíguos (cerca de 8,5%) e, desses, a grande maioria é de “*a + infinitivo*” (36 casos, ou 87%).

Na rodada com dados somente cambiáveis, os grupos de fatores indicados como relevantes para a variação foram, na seguinte ordem: *nação*, *gênero textual*, *estrutura verbal* e *tipo semântico do verbo*. Finalmente, a rodada com dados cambiáveis e ambíguos teve os seguintes grupos selecionados (nessa ordem): *nação*, *gênero textual*, *estrutura verbal* e *tempo*.

Na tabela a seguir, vemos a distribuição diatópica dos dados.

NAÇÃO	(SÓ CAMBIÁVEIS)Nº DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL	Nº DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL (CAMBIÁVEIS + AMB.)	(SÓ CAMBIÁVEIS)PERCENTUAL	(CAMBIÁVEIS + AMB.)PERCENTUAL	(SÓ CAMBIÁVEIS)(NÍVEL DE SELEÇÃO)PESO RELATIVO	(CAMBIÁVEIS + AMB.)(NÍVEL DE SELEÇÃO)PESO RELATIVO
Brasil	5 / 235	13 / 249	2%	5%	.10	.12
Portugal	103 / 207	130 / 234	49%	55%	.91	.88
TOTAL	108 / 442	143 / 483	24%	29%	-	-

Tabela 36: Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerundivo no Brasil e em Portugal nos *corpora* de língua escrita e de língua falada do Português Brasileiro e do Português Europeu

A tabela revela que, mesmo juntando os *corpora* brasileiro e português, o que poderia tornar a imagem dos resultados um pouco difusa em relação à realidade, o grupo foi selecionado como relevante nas duas rodadas e Portugal continua com um peso relativo de uso de infinitivo gerundivo muito maior do que o Brasil (.91 contra .10 na rodada de dados cambiáveis e .88 contra .12 na rodada de dados cambiáveis + ambíguos).

O grupo *gênero textual*, como também imaginávamos, foi apontado como influente na variação entre gerúndio e infinitivo gerundivo nas duas rodadas. É o que nos mostra a tabela a seguir.

GÊNERO TEXTUAL	(SÓ CAMBIÁVEIS)N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL	N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL (CAMBIÁVEIS + AMB.)	(SÓ CAMBIÁVEIS)PERCENTUAL	(CAMBIÁVEIS + AMB.)PERCENTUAL	(SÓ CAMBIÁVEIS)(NÍVEL DE SELEÇÃO)PESO RELATIVO	(CAMBIÁVEIS + AMB.)(NÍVEL DE SELEÇÃO)PESO RELATIVO
Anúncios	2 / 49	4 / 52	4%	7%	.13	.23
Editoriais	6 / 58	14 / 68	10%	20%	.35	.37
Notícias	14 / 108	22 / 117	12%	18%	.40	.41
Língua falada culta	86 / 227	103 / 246	37%	41%	.67	.63
TOTAL	108 / 442	143 / 483	24%	29%	-	-

Tabela 37: Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerundivo nos gêneros textuais dos *corpora* de língua escrita e de língua falada do Português Brasileiro e do Português Europeu

A *língua falada culta*, como vimos nas rodadas anteriores, foi o ambiente menos propício no Brasil e o mais propício em Portugal para uso de infinitivo gerundivo. Nessa rodada que reunia as duas variantes da Língua Portuguesa, o peso relativo desse fator manteve-se alto, seguindo o padrão lusitano, porém não tão alto quanto nas rodadas com dados exclusivamente do português europeu. Ao invés de .72 e .76 como antes, agora os valores são de .67 na rodada com dados cambiáveis somente e .63 na rodada de cambiáveis e ambíguos. Os gêneros de língua escrita apresentam-se relativamente equiparados, embora os *anúncios* revelem-se menos propícios do que os demais para a ocorrência de infinitivo gerundivo, com pesos relativos de .13 e .23 em cada uma das rodadas, respectivamente.

O grupo *tipo sintático de oração* não foi selecionado como relevante em qualquer das duas rodadas e, portanto, não julgamos necessário detalhar seus resultados em tabela.

Em seguida, vemos os resultados com relação ao grupo *estrutura verbal*, que foi selecionado como importante tanto na rodada apenas com dados cambiáveis quanto na rodada com cambiáveis + ambíguos.

ESTRUTURA VERBAL	(SÓ CAMBIÁVEIS) N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL	N° DE OCORRÊNCIAS DE INF. GER. / TOTAL (CAMBIÁVEIS + AMB.)	(SÓ CAMBIÁVEIS) P <small>ERCENTUAL</small>	(CAMBIÁVEIS + AMB.) P <small>ERCENTUAL</small>	(SÓ CAMBIÁVEIS) P <small>ESO RELATIVO</small>	((CAMBIÁVEIS + AMB.) P <small>ESO RELATIVO</small>)
Verbos plenos	38 / 243	44 / 250	15%	17%	.31	.28
Auxiliar <i>estar</i>	63 / 122	66 / 126	51%	52%	.81	.74
Auxiliar <i>andar</i>	0 / 0	0 / 0	0%	0%	-	-
Auxiliar <i>ficar</i>	4 / 13	4 / 13	30%	30%	.42	.38
Auxiliar <i>ir</i>	0 / 24	0 / 24	0%	0%	-	-
Auxiliar <i>ser</i>	0 / 1	1 / 2	0%	50%	-	.70
Auxiliar <i>vir</i>	0 / 0	0 / 1	0%	0%	-	-
Auxiliar <i>continuar</i>	2 / 4	24 / 29	50%	82%	.83	.97
Semilauxiliares	0 / 11	2 / 13	0%	15%	-	.56
Verbos leves	1 / 5	1 / 5	20%	20%	.49	.42
Construções na voz passiva	0 / 5	0 / 5	0%	0%	-	-
Construções com <i>gerúndio</i> ou “ <i>a + infinitivo</i> ” no auxiliar	0 / 5	0 / 5	0%	0%	-	-
<i>Gerúndio</i> ou “ <i>a + infinitivo</i> ”	0 / 7	0 / 7	0%	0%	-	-

em verbos modais						
Expressões fixas	0 / 2	0 / 2	0%	0%	-	-
TOTAL	108 / 442	142 / 482	24%	29%	-	-

Tabela 38: Números absolutos, percentuais e pesos relativos de infinitivo gerundivo das estruturas verbais dos *corpora* de língua escrita e de língua falada do Português Brasileiro e do Português Europeu

Os resultados apresentados na tabela seguem aqueles mostrados nas rodadas anteriores. Os maiores pesos relativos são os das estruturas perifrásticas com os auxiliares *estar* (.81 e .74), e *continuar* (.83 e .97). Da mesma forma, as estruturas com verbos plenos continuam tendo um peso relativo baixo em relação aos demais fatores (.31 e .28), revelando-se resistentes ao avanço do infinitivo gerundivo.

O grupo *tempo* só foi selecionado na rodada com dados cambiáveis e ambíguos. Conforme esperávamos, a mistura de dados de Brasil e de Portugal mostrou o avanço do infinitivo gerundivo nas duas últimas fases “suavizado”, uma vez que os dados do Brasil amenizam a visualização das mudanças encontradas em Portugal. Na rodada selecionada, o peso relativo da fase 7 (de 1970 a 1985) foi de .42, com 28% de ocorrências de infinitivo gerundivo, enquanto o da fase 8 (1986 a 2000) foi de .56, com 30% de ocorrências.

O grupo *tipo semântico do verbo* também só foi selecionado em uma rodada: a com dados exclusivamente cambiáveis. Assim como nas outras rodadas em que esse grupo foi selecionado como relevante, aqui também não podemos dizer que haja um tipo semântico que favoreça fortemente o uso de infinitivo gerundivo. Entretanto, dois deles se mostram menos propícios do que os demais para a ocorrência de “*a + infinitivo*”: os verbos que indicam *processos relacionais*, que apresentam peso relativo igual a .23 e os que indicam *processos*

existenciais, com peso relativo igual a .27. Quanto aos demais, podemos dizer que os *processos comportamentais*, os *materiais* e os *verbais* são aqueles que parecem favorecer ligeiramente o uso de infinitivo gerundivo, com pesos relativos iguais a .60, .60 e .53, respectivamente.

Ao somarmos os dados escritos e falados de Brasil e de Portugal, o grupo *tipo de texto* não foi selecionado, assim como na maioria das outras rodadas. Isso indica que, muito provavelmente, esse fenômeno ocorre nesses quatro gêneros indistintamente ou que a quantidade de dados é insuficiente para que fosse apontada sua relevância.

Esse resultado não quer dizer, dessa forma, que o uso da construção “*a + infinitivo*” não seja sensível a diferentes gêneros textuais, mas apenas que não o é nesses gêneros investigados na presente pesquisa. Acreditamos, por exemplo, que se houvesse no *corpus* letras de música e poemas, esses dois gêneros apresentariam um alto índice de uso de infinitivo gerundivo, ao menos na variante brasileira da Língua Portuguesa, em que muitas vezes encontramos “*a + infinitivo*” nesses “gêneros literários” como forma de estilização.

Expomos, na tabela abaixo, o número total de dados com que trabalhamos nessa pesquisa, somando os dados dos *corpora* escrito e oral, de todas as fases, do Brasil e de Portugal.

DADOS	Nº DE OCORRÊNCIAS DE INFINITIVO GERUNDIVO / Nº TOTAL DE DADOS	PERCENTUAL DE INF. GERUNDIVO / PERCENTUAL TOTAL
Cambiáveis	156 / 1780	8% / 94,4%
Ambíguos	91 / 105	86% / 5,6%
TOTAL	247 / 1885	13% / 100%

Tabela 39: Total de dados da pesquisa: cambiáveis e ambíguos nos *corpora* de língua escrita e de língua falada do Português Brasileiro e do Português Europeu

Como se pode ver, há 1885 dados de formas nominais gerúndio e infinitivo gerundivo nesse *corpus*. Desses, 247 são de infinitivo gerundivo, ou seja, 13%. Dentre os 1885 dados, 105 são ambíguos (cerca de 5,5%) e, dentre esses, a grande maioria é de “*a + infinitivo*” (91 casos, ou 86%).

Após as 18 rodadas de dados e resultados, julgamos pertinente expor um quadro resumindo todos os grupos selecionados como relevantes a cada rodada de dados, de maneira que fique mais fácil visualizar aqueles que foram mais vezes selecionados e que, portanto, podem ser os mais relevantes para o favorecimento do uso de infinitivo gerundivo. Assim, eis o quadro que resume os resultados de seleção:

RODADAS DE DADOS	NAÇÃO	GÊNERO TEXTUAL	DE ORAÇÃO TIPO SINTÁTICO	ESTRUTURA VERBAL	TEMPO	DO VERBO TIPO SEMÂNTICO	TIPO DE TEXTO	FAIXA ETÁRIA
<i>Língua Escrita</i>	-	-	-	-	-	-	-	-
Brasil (só cambiáveis)	* ⁴¹	✗ ⁴²	✓ ⁴³	✗	✗	✗	✗	*
Brasil (camb. + amb.)	*	✓	✓	✓	✓	✗	✗	*
Portugal (só cambiáveis)	*	✗	✗	✓	✓	✓	✓	*
Portugal (camb. + amb.)	*	✗	✓	✓	✓	✗	✗	*
Brasil + Portugal (só camb.)	✓	✗	✓	✓	✓	✗	✗	*
Brasil + Portugal (camb. + amb.)	✓	✗	✓	✓	✓	✗	✓	*
<i>Língua Falada</i>	-	-	-	-	-	-	-	-
Brasil (só cambiáveis)	*	*	✗	✗	✗	✗	✗	✗
Brasil (camb. + amb.)	*	*	✗	✗	✗	✗	✗	✗
Portugal (só cambiáveis)	*	*	✗	✓	✗	✓	✓	✗
Portugal (camb. + amb.)	*	*	✗	✓	✗	✗	✓	✗

⁴¹ Este grupo não se aplica a essa rodada de dados.

⁴² Grupo não selecionado nessa rodada de dados.

⁴³ Grupo selecionado nessa rodada de dados.

Brasil + Portugal (só camb.)	✓	*	✗	✓	✗	✓	✗	✓
Brasil + Portugal (camb. + amb.)	✓	*	✗	✓	✗	✗	✓	✗
<i>Língua Escrita + Língua Falada</i>	-	-	-	-	-	-	-	-
Brasil (só cambiáveis)	*	✗	✗	✗	✗	✗	✗	*
Brasil (camb. + amb.)	*	✗	✓	✓	✓	✗	✗	*
Portugal (só cambiáveis)	*	✓	✗	✓	✗	✓	✗	*
Portugal (camb. + amb.)	*	✓	✓	✓	✗	✓	✓	*
Brasil + Portugal (só camb.)	✓	✓	✗	✓	✗	✓	✗	*
Brasil + Portugal (camb. + amb.)	✓	✓	✗	✓	✗	✗	✗	*

Quadro 10: Grupos selecionados como relevantes para a variação gerúndio x infinitivo gerundivo nas rodadas realizadas

É claro que a seleção ou não seleção de um dado grupo de fatores em uma determinada rodada depende do recorte que é feito no *corpus* devido aos objetivos principais de cada uma das rodadas. Assim, é natural que em cada rodada haja diferenças entre os grupos selecionados. Observando o quadro acima para buscar estabelecer relações entre os resultados em nossa pesquisa, porém, podemos tecer algumas considerações.

Constatamos, por exemplo, que, em todas as rodadas em que contrapusemos dados brasileiros e lusitanos, o grupo *nação* foi selecionado como relevante para a variação, com pesos relativos bastante elevados em Portugal quanto ao uso de infinitivo gerundivo. Isso equivale a comprovar que, quantitativamente, de fato há maior uso dessa construção em terras d'além mar.

O grupo *tempo* foi selecionado em quase todas as rodadas com dados de língua escrita (exceto a rodada com dados só cambiáveis do Português Brasileiro). Não houve seleção desse grupo nas rodadas só com o *corpus* de língua falada e apenas uma seleção dentre as rodadas de língua escrita + língua falada. Esses resultados provavelmente refletem o fato de haver poucos dados de língua falada ou ainda o fato de entre as décadas de 1970 e 1990 não haver diferenças

significativas quanto ao uso da variante *infinitivo gerundivo*, especialmente em Portugal. Os resultados do *corpus* de língua escrita, entretanto, mostram que, em Portugal, o avanço significativo de infinitivo gerundivo se deu a partir da fase 5, ou seja, a partir de 1925.

Percebemos, também, que o grupo *estrutura verbal* é aquele que foi selecionado mais vezes na maioria das rodadas (14 dentre as 18 realizadas). Isso significa que esse elemento muito provavelmente é relevante para a oposição *gerúndio x infinitivo gerundivo* independente se em língua escrita ou em língua falada ou ainda se no Brasil ou em Portugal. Além disso, vale ressaltar que nas rodadas em que havia somente dados de Portugal, que é na verdade o nosso foco primeiro de observação (já que o avanço quantitativo de infinitivo gerundivo se deu lá), esse grupo foi selecionado todas as vezes. Nessas rodadas, os resultados eram sempre os mesmos: as estruturas sintéticas se mostram desfavorecedoras quanto ao uso de “*a + infinitivo*” e, por outro lado, as estruturas perifrásticas com os auxiliares *estar*, *continuar*, *andar* e *ficar* (esses dois últimos em língua escrita, especialmente) favorecedoras quanto ao uso de infinitivo gerundivo, como podemos observar no gráfico abaixo com resultados da rodada de Portugal, língua escrita:

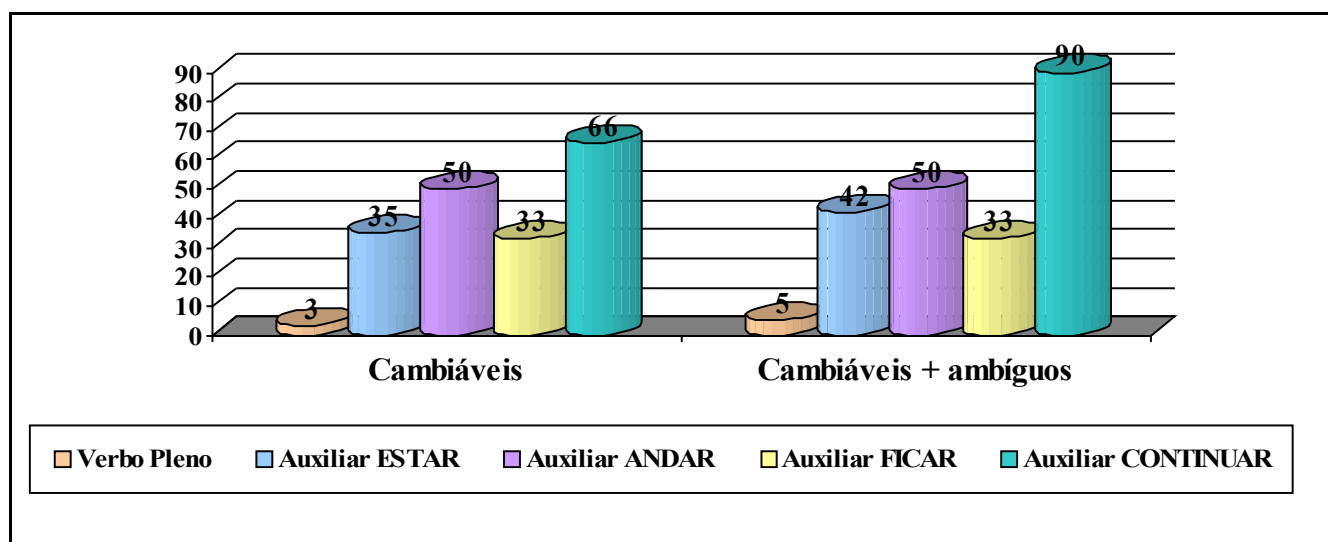


Gráfico 4: Distribuição de infinitivo gerundivo nas diferentes estruturas verbais no corpus escrito do Português Europeu

O grupo *gênero textual* foi selecionado como relevante para a variação apenas em cinco das 18 rodadas de dados. Dessas cinco, quatro foram rodadas em que havia dados de língua escrita e de língua falada reunidos. Isso nos indica que é provável que esse grupo só seja de fato relevante quando há oposição de escrita e fala, e não necessariamente entre os gêneros textuais específicos (ao menos não entre os estudados aqui). A língua falada, nesses casos, sempre se apresentou como muito mais propícia à ocorrência de “*a + infinitivo*”, como já esperávamos, por se tratar de um processo de mudança em curso que, como tal, atinge primeiro a fala para depois ganhar terreno na escrita. Mesmo na rodada em que houve seleção desse grupo somente com o *corpus* escrito, os valores de pesos relativos não eram tão discrepantes entre os três gêneros investigados, à exceção dos *anúncios*, que se mostraram um ambiente não-favorável ao uso de infinitivo gerundivo em todas as rodadas.

Já os grupos *tipo semântico do verbo* e *tipo de texto* foram selecionados apenas em seis rodadas cada um. Dentre as seis, em nenhuma delas esses grupos foram selecionados em rodadas com dados exclusivamente do Português Brasileiro, indicando que, ao alcance dos nossos dados, esses não são fatores que condicionam o uso de “*a + infinitivo*” aquém mar. Nas rodadas em que houve seleção do grupo *tipo semântico do verbo*, os processos que se apresentaram como mais favoráveis ao uso de infinitivo gerundivo foram os *comportamentais*, os *verbais* e os *materiais*. Em contrapartida, os menos favorecedores foram os *relacionais* e os *existenciais*. A respeito dos tipos textuais, os que aumentavam as chances de ocorrência de infinitivo gerundivo eram, essencialmente, os *descritivos* e, vez por outra, os *expositivos* e *narrativos*. Em outras rodadas,

entretanto, os tipos *expositivo* e *narrativo* apareciam como os menos favorecedores ao uso de “*a + infinitivo*”.

Quanto aos dados do Português Brasileiro, não houve grupos selecionados no *corpus* de língua oral devido à pouca quantidade de dados de “*a + infinitivo*”. Pelas rodadas em que havia os dados de língua escrita, porém, podemos concluir que o grupo *tipo sintático de oração* é aquele que mais influencia a ocorrência da variante *infinitivo gerundivo* no Brasil. Os tipos sintáticos que mais parecem favorecer o uso de “*a + infinitivo*” são: as *relativas* do tipo *com + substantivo + forma nominal*, as *comparativas*, as *finais*, as *condicionais*, as *principais* e as *objetivas*. Na verdade, essas orações foram apontadas como favorecedoras da variante *infinitivo gerundivo* tanto no Brasil quanto nas rodadas com dados portugueses em que esse grupo foi selecionado.

A seleção de um determinado grupo de fatores na rodada com dados exclusivamente cambiáveis e a não-seleção desse mesmo grupo na rodada com dados cambiáveis junto aos ambíguos (e vice-versa) pode revelar ou uma correção ou um enviesamento nos resultados decorrente da inclusão dos dados ambíguos. Somente com a ampliação do número de dados cambiáveis (em trabalhos futuros com materiais complementares ao *Corpus VARPORT*) poderemos saber o que vale nesse caso, se a seleção ou não de um determinado grupo de fatores.

OUTRAS PERSPECTIVAS DE ANÁLISE

A análise realizada até então foi de cunho variacionista, baseada na frequência, nos valores percentuais e nos pesos relativos dos dados de nosso *corpus*. Esse tipo é bastante pertinente para levar-nos a uma série de conclusões, como as que acabamos de ver. Há, entretanto, outro tipo de análise, a que chamamos qualitativa. Esta é pautada na observação dos dados a fim de verificar suas características peculiares, as formas como estes se apresentam, a presença e a “ausência” de determinada propriedade num *corpus* de investigação etc. Nos itens 5.1 e 5.2, a seguir, teceremos algumas considerações concernentes a aspectos qualitativos que encontramos em nossos dados: a gramaticalização do infinitivo gerundivo em Portugal; e as orações reduzidas de gerúndio.

5.1 Considerações acerca da gramaticalização do Infinitivo Gerundivo

Para esta seção, que visa esboçar a investigação que se inicia sobre a possível gramaticalização do infinitivo gerundivo, partimos dos princípios propostos por Heine (2003) conjugados à proposta de Bybee (2003) de verificação de **freqüência de tipo** (*type frequency*) – checando a freqüência dos tipos de oração e das estruturas verbais em que aparece o infinitivo gerundivo – e de **freqüência de ocorrência** (*token frequency*) – observando o avanço da freqüência do próprio infinitivo gerundivo ao longo do tempo no Brasil e em Portugal.

Freqüência textual ou de ocorrência é a freqüência de aparecimento de uma unidade, geralmente uma palavra ou morfema em um texto corrido.

Freqüência de tipo se refere à freqüência no dicionário de um determinado modelo, tal como um modelo de tonicidade, um afixo etc. (BYBEE, 2003, 604)⁴⁴

Para tanto, faz-se necessário, primeiramente, definir o conceito de **gramaticalização**:

(...) gramaticalização, isto é, a maneira através da qual formas gramaticais surgem e se desenvolvem no tempo e no espaço, e explicar porque elas são estruturadas da forma que são. Define-se gramaticalização como um processo que, em hipótese, é essencialmente unidirecional.

(...) o processo não é restrito ao desenvolvimento de itens lexicais; mesmo as formas gramaticais podem dar origem a formas ainda mais gramaticais, o que ocorre bastante freqüentemente. (HEINE, 2003, 575)⁴⁵

Segundo Heine (2003), a gramaticalização de uma expressão lingüística envolve quatro “mecanismos” inter-relacionados:

1. **Dessemantização** (bleaching, redução semântica) – esvaziamento de sentido lexical / perda de conteúdo semântico;

⁴⁴ Token or text frequency is the frequency of occurrence of a unit, usually a word or morpheme, in running text. Type frequency refers to the dictionary frequency of a particular pattern, such as a stress pattern, an affix, etc. (BYBEE, 2003, 604)

⁴⁵ (...) grammaticalization, that is, the way grammatical forms arise and develop through space and time, and to explain why they are structured the way they are. Grammaticalization is defined as a process which is hypothesized to be essentially unidirectional. (...) the process is not confined to the development of lexical forms; rather, grammatical forms themselves can, and frequently do, give rise to even more grammatical forms. (HEINE, 2003, 575)

2. **Extensão** (ou generalização de contextos);
3. **Decategorização** – mudança de classe gramatical ou perda de traços de uma dada classe gramatical / perda de propriedades características das formas fonte, incluindo perda de *status* de forma independente (cliticização, afixação);
4. **Erosão** (ou redução fonética) – diminuição da intensidade e/ou de fonemas / perda de substância fonética.

Apesar de não representar um caso típico de gramaticalização (uma vez que não cumpriria integralmente o item três – porque não sofre, ao menos ainda, cliticização ou afixação – e tampouco o quatro proposto por Heine – por não ter mais como sofrer redução fonética, já que já possui originalmente apenas um fone), argumentaremos nesta última seção deste trabalho a favor da gramaticalização, no Português Europeu, da preposição “a” da construção “*a + infinitivo*” que forma o chamado *infinitivo gerundivo*. Para isso, retomaremos os valores absolutos e percentuais do uso de infinitivo gerundivo em nossos *corpora* escrito e oral da variante europeia da Língua Portuguesa.

Igualmente, contaremos, para esse fim, com os princípios de gramaticalização de Hopper (1993) *apud* Thompson & Mulac (1991):

- a) **Divergência**: a forma original e a forma derivada convivem. Assim, a forma original permanece na língua ao lado da forma derivada;
- b) **Camadas**: formas mais antigas permanecem ao lado das formas gramaticalizadas de outras formas (duas formas para expressar a mesma função);
- c) **Especialização**: a forma gramaticalizada passa a exercer a função de outras formas, as escolhas são restringidas;

- d) **Persistência:** traços do sentido da forma original são mantidos na forma derivada;
- e) **Decategorização:** a gramaticalização implica mudança de categoria, de classe.

E, completando a base teórica que fundamentará a questão da gramaticalização do infinitivo gerundivo, pautamo-nos também na importância do papel da frequência no processo, conforme Bybee (2003, 603) afirma:

(...) Eu vou argumentar a favor de uma nova definição de gramaticalização que reconheça o papel crucial da repetição na gramaticalização e que a caracterize como um processo através do qual uma seqüência de palavras ou morfemas frequentemente utilizado se “automatize” e seja processada como uma única unidade.⁴⁶

Citando Haiman, ela diz que “a repetição leva à ‘automatização’ de uma seqüência de unidades e à reanálise dessa seqüência como uma só unidade que antes eram separadas e agora estão perdendo seu significado individual”⁴⁷ (BYBEE, 2003, 603). Sendo assim, observaremos os contextos e as taxas de uso em que o infinitivo gerundivo tem ocorrido em Portugal, principalmente. Isso de modo a verificar se a frequência de uso de infinitivo gerundivo tem aumentado a ponto de dizermos que a construção “*a + infinitivo*” está sendo utilizada “automaticamente”, sem que o falante processe a informação “preposição ‘a’ + infinitivo”, mas sim a informação “aspecto progressivo”. Os princípios mencionados acima serão discutidos e aplicados ao tema do presente trabalho a seguir.

Segundo Heine (2003), o termo gramaticalização é geralmente definido como “a maneira que as formas gramaticais surgem e se desenvolvem no tempo e no espaço”. Além disso,

⁴⁶ (...) I will argue for a new definition of grammaticalization, one which recognizes the crucial role of repetition in grammaticalization and characterizes it as the process by which a frequently used sequence of words or morphemes becomes automated as a single processing unit.

⁴⁷ (...) repetition leads to the *automatization* of a sequence of units, and the reanalysis of the sequence as a single chunk, with formerly separate units losing their individual meaning (...)(BYBEE, 2003, 603)

gramaticalização freqüentemente é caracterizada pelo “desenvolvimento do lexical para o gramatical e de elementos gramaticais para mais gramaticais”. Baseando-nos nessa definição, pretendemos, nesta seção do trabalho, mostrar que a preposição “a” que compõe o infinitivo gerundivo está, possivelmente, em vias de gramaticalizar-se como uma espécie de prefixo aspectual. Deve-se, entretanto, destacar, conforme Barbosa (1999) que:

(...) a despeito das diversidades e convergências de sentido que o termo *gramaticalização* assume na lingüística, sua aplicação ao infinitivo gerundivo não é, de fato, canônica. Note-se que não há um elemento lexical «*perdendo suas potencialidades referenciais de representar ações, qualidades e seres do mundo bio-social (...) ganhando a função de estruturar o léxico na gramática*». A compreensão desse conceito, neste trabalho, contudo, adapta as palavras de LOPES (1999): «*A gramaticalização ocorreria quando um item lexical se torna, em certas circunstâncias, um item gramatical ou quando itens gramaticais se tornam mais gramaticais*». Veja-se que, nos dados de *a + infinitivo* perfeitamente cambiáveis com o gerúndio, um item que já se apresenta com função referente à organização interna do discurso – a *preposição a* – se torna “mais gramatical” na medida em que ela perde sua função original e «*passa a assumir posições mais fixas nas sentenças, tornando-se mais previsível em termos de uso*». De fato, a preposição *a* anteposta ao infinitivo apresenta-se “esvaziada” das propriedades gramaticais de uma preposição e, na circunstância do *aspecto contínuo* torna-se mais restrita.

Assim, em um dado como

*“A Comissão de Trabalhadores dos ferroviários insistiu na tecla, defendida desde a primeira hora, de que a verdadeira origem da catástrofe reside no atraso tecnológico da CP e na ausência de investimentos na modernização da empresa, acusando a administração de, ao apontar culpados, estar **a procurar** bodes expiatórios e **a lançar** uma cortina de fumo para esconder as suas verdadeiras responsabilidades”⁴⁸,*

⁴⁸ (E-P-95-Je-001).

o vocábulo “a” nas expressões grifadas, além de não explicitar relação dativa ou ablativa entre os constituintes oracionais, parece ter sido reanalisado, passando a equivaler, funcionalmente, à forma nominal *gerúndio se*, e somente *se*, em unidade indissolúvel com o infinitivo. Com isso, como afirmam Thompson & Mulac (1991), não seria o caso de uma gramaticalização prototípica, mas o caso de uma estrutura que se torna ainda mais gramatical com passar do tempo.

Como ponto de partida para nossa investigação, observaremos a evolução das taxas de uso de infinitivo gerundivo em Portugal, com o objetivo de checar se de fato houve, ao longo do tempo, o aumento da frequência de ocorrência dessa estrutura. Com esse fim, utilizamos como base de referência os resultados relativos aos dados classificados na pesquisa como exclusivamente *cambiáveis* por gerúndio somados aos dados chamados de *ambíguos*, por serem também construções de “*a + infinitivo*” que podem, em princípio, ser interpretados como gerundiais. Para respaldar a importância de tal amostra, citamos Bybee (2003): “Frequência não é somente o resultado da gramaticalização, mas é também algo que colabora para o processo, uma força ativa que instiga as mudanças que ocorrem na gramaticalização.”⁴⁹.

A tabela abaixo mostra os valores absolutos e percentuais das ocorrências de infinitivo gerundivo ao longo dos séculos XIX e XX no *corpus* escrito do Português Europeu, constituído por anúncios, editoriais e notícias.

FASE	Nº DE OCORRÊNCIAS DE INFINITIVO GERUNDIVO / Nº TOTAL DE DADOS	% DE OCORRÊNCIAS DE INFINITIVO GERUNDIVO
Fase 1 (1808 – 1840)	9 / 107	8%
Fase 2 (1841 – 1870)	14 / 132	10%

⁴⁹ Frequency is not just a result of grammaticalization, it is also a primary contributor to the process, an active force in instigating the changes that occur in grammaticalization.

Fase 3 (1871 – 1900)	11 / 118	9%
Fase 4 (1901 – 1924)	9 / 115	7%
Fase 5 (1925 – 1949)	9 / 64	14%
Fase 6 (1950 – 1969)	9 / 73	12%
Fase 7 (1970 – 1985)	7 / 37	18%
Fase 8 (1986 – 2000)	23 / 64	35%
TOTAL	91 / 710	12%

Tabela 40: Avanço do Infinitivo gerundivo em Portugal (Língua Escrita)

Como vemos, houve, em nosso *corpus* de língua escrita, um aumento de ocorrência de infinitivo gerundivo de 8% (no início do século XIX) para 35% no fim do século XX. Até 1924 (fase 4), a taxa de uso de infinitivo gerundivo em Portugal oscilava entre 7% e 10%, indicando uma variação estável. A partir de 1925, porém, ocorre um aumento significativo nessa taxa: de 7% para 14%, ou seja, a fase 5 apresenta duas vezes mais uso de infinitivo gerundivo do que na fase imediatamente anterior. Na fase seguinte, há um leve decréscimo de dois pontos percentuais e, nas fases 7 e 8, as taxas de uso voltam a subir sensivelmente, chegando a 35% (ou seja, cerca de quatro vezes mais do que a taxa de uso na fase 1).

Em se tratando do período de dois séculos, a mudança parece ter sido pequena, mas isso pode ser devido ao caráter do próprio *corpus*. Sabe-se que toda mudança lingüística alcança primeiro a fala para depois ganhar terreno na escrita. Como nosso *corpus* escrito é composto de textos jornalísticos, material normalmente conservador no reflexo de mudanças lingüísticas, pode ser que estes não fossem os mais adequados para refletir claramente a variação em andamento. Talvez se dispuséssemos de textos escritos mais transparentes a variações na oralidade, nossos resultados fossem ainda mais reveladores. Mas, ainda assim, podemos comparar esses números aos resultados do *corpus* de língua falada:

FASE	Nº DE OCORRÊNCIAS DE INFINITIVO GERUNDIVO / Nº TOTAL DE DADOS	% DE OCORRÊNCIAS DE INFINITIVO GERUNDIVO
Década de 1970	53 / 74	71%
Década de 1990	46 / 58	79%

Tabela 41: Avanço do Infinitivo gerundivo em Portugal (Língua Oral)

Apesar de só contarmos com material gravado das décadas de 70 e 90, os números denunciam com bastante clareza a distância entre a fala e a escrita no que tange a esse fenômeno. Veja que, de 35% de uso de “*a + infinitivo*” na fase 8 (1986-2000) do *corpus* escrito, o emprego da variante *infinitivo gerundivo* salta para 79% na década de 1990. Contudo, vale ressaltar que a amostra escrita não esconde as principais tendências da oralidade. Apesar de só contarmos com dados orais das décadas de 1970 e 1990, o mesmo padrão ascendente no uso de infinitivo gerundivo verificado na diacronia escrita é confirmado na diacronia oral: de 71% na década de 1970, passa-se a 79% nos anos noventa. Portanto, ao que parece, trabalhar com os dados escritos mostrou a distribuição das taxas percentuais, sem errar na identificação dos padrões gerais de mudança observados na modalidade oral. Podemos, também, observar as ocorrências de infinitivo gerundivo em Portugal de acordo com as faixas etárias dos informantes:

FAIXA ETÁRIA	Nº DE OCORRÊNCIAS DE INFINITIVO GERUNDIVO / Nº TOTAL DE DADOS	% DE OCORRÊNCIAS DE INFINITIVO GERUNDIVO
A (25 – 35 anos)	44 / 49	89,7%
B (36 – 55 anos)	35 / 51	68,6%
C (acima de 56 anos)	20 / 32	62,5%
TOTAL	99 / 132	75%

Tabela 42: Avanço do Infinitivo gerundivo nas diferentes faixas etárias

A distribuição das ocorrências de infinitivo gerundivo pelas diferentes faixas etárias também nos ajuda a observar que se trata de um fenômeno ainda em mudança, uma vez que os mais velhos mantêm uma taxa de uso mais baixa do que a dos mais jovens. Como se pode ver na tabela acima, a menor taxa de uso de infinitivo gerundivo é a dos mais idosos, 62,5%; em seguida vem a taxa de uso dos informantes da faixa B (intermediária), com 68,6%; e, por fim, os informantes da faixa A, os mais jovens, com uma taxa de uso de 89,7% de “*a + infinitivo*”.

De fato, o infinitivo gerundivo confirmou aumento tão significativo em Portugal que hoje é, sem dúvida, um dos traços que mais claramente distinguem as variantes luso e brasileira da Língua Portuguesa. Isso também pôde ser observado na seção anterior deste trabalho, de cunho variacionista, de onde retiramos e voltamos a apresentar o quadro, de acordo com nosso *corpus* oral, do peso relativo de infinitivo gerundivo nos dois países:

BRASIL	PORTUGAL
.005	.988

E em porcentagem e números absolutos:

BRASIL	PORTUGAL
2% (3 / 113)	75% (99 / 132)

Esses resultados apontam o fato de que a freqüência de uso de infinitivo gerundivo em Portugal é extremamente maior do que no Brasil, indicando que essa construção tem grandes chances de se gramaticalizar na variante lusitana da Língua Portuguesa, uma vez que é muito freqüente / repetida.

Além da análise da freqüência de ocorrências, podemos fazer referência à análise da *freqüência de tipo* de algumas construções sintáticas e/ou perifrásticas. Na nossa análise

variacionista dos dados, percebemos que, apesar de pouco freqüente em números absolutos, 100% das ocorrências de orações relativas do tipo *com + substantivo + forma nominal* aparece com *infinitivo gerundivo*. O mesmo ocorre de forma ainda mais patente com as construções perifrásticas com os auxiliares *estar* e *continuar*, que são bastante freqüentes na língua e aparecem majoritariamente com “*a + infinitivo*” (cerca de 95% para o auxiliar *estar* e 100% para *continuar*). A repetição dessas construções com “*a + infinitivo*” reflete uma *freqüência de tipo* e é, segundo Bybee (2003), um indício de gramaticalização.

Outro fator que também contribui para a defesa de que o vocábulo “a” estaria se gramaticalizando junto do infinitivo para formar aspecto contínuo é a existência dos casos ambíguos. Este fator também já fora abordado na seção anterior deste trabalho e se baseia em HEINE (2003), que diz que formas em vias de gramaticalizar-se geralmente passam por um modelo de três estágios, o “*overlap model*”:

1. Há uma expressão lingüística A, que é recrutada para cumprir gramaticalização;
2. **Esta expressão adquire um segundo padrão de uso, B, que apresenta ambigüidade em relação a A;**
3. Finalmente A se perde, ou seja, agora há apenas B. (Lembrando que nem toda gramaticalização chega ao estágio 3).

A existência de dados como os abaixo nos mostra que há, muitas vezes, a possibilidade de uma dupla leitura para o vocábulo “a” acompanhado de infinitivo.

“#D (...) mas a partir de certa altura dizia-me "eu já não posso mais, porque estou a fazer uma coisa, mesmo que não tenha importância, levo

três quartos de hora a fazer uma coisa que eu fazia em cinco minutos. os outros inter[...]”

(Oc-P-70-1M-002)

(pode ter o sentido gerundial de “**fazendo**” ou pode ser alternável por “**para fazer**”)

#I2 - é, eu, eu estou absolutamente convencida disto.

*#I - e note, e eu, e eu tenho, uma, uma certa fê, ah, neste aspecto, é que isso está **a mudar**.*

#I2 - também, também me parece que sim. de certa maneira [...].

*#I - e como eu estou velha nem sequer pode ser uma, uma, uma defesa ou, ou um recalçamento, porque é juventude, não. eu tenho a impressão, eu lido muito com gente nova, portanto tenho a impressão que infelizmente não é tanto quanto se poderia desejar mas eu acho que está **a mudar** num sentido melhor, mais positivo.*

#I2 - sim. também estou convencida que sim.”

(Oc-P-70-3F-004)

(as duas ocorrências destacadas podem ter o sentido de aspecto progressivo semelhante a de “**mudando**” ou pode ser alternável por “**para mudar**”, “**por mudar**”, “**prestes a mudar**”)

“#I – (...) quando dei por mim os outros dois gajos que iam comigo estavam completamente a bezerrar. estavam mesmo a bezerrar. não quiseram ir a Tui. e eu assim "fogo, caretas do caneco". viemos para o Porto, pfu, cinco e tal, quase seis da manhã, meu, pfu, escuro, escuro, escuro, escuro. eu bêbado, cheio de sono, o outro comigo, vinha **a falar** comigo [...], já ali a moer as palavras. os outros vinham no porta-bagagens, a rressonar.”

(Oc-P-90-IM-005)

(pode ter o sentido gerundivo como em “**falando**” ou pode ser cambiável por “**para falar**”)

“#D2 - chegaste a descobrir se era a, a ponte, eh, não é a ponte Vasco da Gama?

#I - não é, não deve ser. não acredito. não pode ser a ponte Vasco da Gama, não acredito.

#D - hum hum.

(...)

#I - agora também acho inconcebível porem-se, portanto, colocarem-se, ah, monumentos de

#D - hum hum.

#D2 - hum hum.

#I - de que países forem, eu não sei de que países serão, nas notas e não aparecer, eh, al, eh, uma notazinha **a dizer** é ponte, de não sei de onde

(...)"

(Oc-P-90-1F-008)

(pode indicar aspecto contínuo: “*dizendo*” ou pode ser alternável por “*para dizer*”)

*“O ácido úrico em excesso, poderá ser a causa das dores nas costas sempre que se baixa ou curva. Kruschen, uma combinação de sais minerais, auxiliaram **a suavizar** os seus padecimentos. Principie hoje mesmo **a tomar** Kruschen.”*

(E-P-94-Ja-003)

(as construções “*a suavizar*” e “*a tomar*” podem indicar, respectivamente, o modo como “*auxiliaram*” e a maneira como se deve “*principiar*” o tratamento, sendo assim gerundivos equivalentes a “*suavizando*” e “*tomando*”, ou então podem ser simplesmente o complemento dos verbos “*auxiliar*” e “*principiar*”, que são regidos pela preposição “*a*”)

*“[...] no Vale de Campilhas não é utilizada toda a área, e mesmo assim a água não é suficiente, impondo o recurso à bombagem particular; no Vale do Lis, a obra realizada não fornece às culturas a água necessária; [...] no Vale do Sorraia, onde as obras estão **a ser** concluídas, sendo a previsão de 16.615 hectares, começa a admitir-se a redução da área, pois ela abrange montados de sobro, pinhal e outras culturas, que se*

entende não deverem ser sacrificados, e já se duvida da capacidade dos canais e bocas para a qualidade dos terrenos a submeter à rega”

(E-P-93-Je-003)

(pode ser gerundial equivalendo a “*sendo*” ou pode ser interpretado como “*para ser*”, “*por ser*”, “*prestes a ser*”)

Isso pode indicar que o fenômeno aqui estudado esteja na fase 2 do chamado “overlap model”. Havendo ambigüidade de interpretação da preposição “a” seguida de infinitivo, podemos também dizer, conseqüentemente, que essa construção se enquadra na descrição do que Heine (2003) chama de *dessemantização*, conforme descrito acima, uma vez que estaria deixando de significar “preposição” para passar a indicar aspecto progressivo.

Além disso, ainda há o fato de o infinitivo gerundivo estar sendo usado em novos contextos, o que Heine (2003) chama de *extensão*, o segundo “passo” do processo de gramaticalização. É o caso do infinitivo gerundivo com auxiliar *ir* ou *vir*. A descrição tradicional, para o aspecto progressivo, prevê uso categórico da *forma nominal gerúndio* com os auxiliares *ir* e *vir*. Observamos, porém, especialmente nos dados de língua falada, alguns casos de infinitivo gerundivo com esses auxiliares, como:

“(...) e o polícia embirra connosco e autua-nos se for compras para fazer negócio está a perceber? nós por exemplo vamos a passar ali ao campo grande há ali um mercado não é? se nós passarmos lá ou se nós lá

passarmos e e apanharmos um caixote de fruta ou umas couves ou uma assim umas coisas não é?”

(OP-P-70-2M-001)

“#D – mas de quê? de automóvel?

#I1 – de moto

#I – de moto fiquei entalado entre dois carros

*#D – ai que horror! mas o senhor é q/ **ia a conduzir** a moto ou*

*#I – **ia a conduzi-la***

#D – ai jesus! ih!”

(OP-P-70-2M-004)

*“(...) nunca me deixou passar e aqui a descer são roque que é um sobe e desce - eu sou o senhor do tipo **vou a passar** ao lado dele ele mete-me outra vez o automóvel à frente aí à distância de cem metros bem o homem não teve a culpa (...)”*

(OP-P-70-2M-004)

*“(...) daqui comecei mas os bocadinhos que tinha livres ia precisamente era só utilizados na na na questão do do teatro e era aquilo eu vinha para aqui trabalhava e à noite lá **ia a correr** para a – aquilo era uma paixão e é claro já vê isto é uma coisa que o eu ter uma ideia diferente deste que está aqui explica-se talvez por uma questão de intuição de intuição não é?”*

(OP-P-70-3M-003)

A terceira etapa da gramaticalização, segundo Heine (2003), diz respeito à *deategorização*, que também pode ser chamada de *cliticização* ou *afixação*. Poderíamos dizer que essa fase estaria ocorrendo se verificássemos, por exemplo, que a preposição “a” não tem ocorrido separadamente do infinitivo, ou seja, se não houvesse (ou quase não houvesse) a ocorrência de “a” + *x* + infinitivo (sendo *x* um vocábulo ou expressão qualquer). É claro que esse é o passo mais complexo de provarmos se se cumpre ou não no fenômeno estudado aqui, uma vez que temos de trabalhar com possibilidades. Ainda assim, gostaríamos de ressaltar que não foi encontrado, nem no *corpus* escrito e nem no oral, qualquer caso de infinitivo gerundivo em que houvesse alguma palavra ou expressão entre o vocábulo “a” e o infinitivo do verbo. Ao contrário, encontramos muitos casos em que pronomes, por exemplo, poderiam ter aparecido entre “a” e infinitivo, mas não apareceram. Em casos como:

“Hoje já não somos nós apenas a dizer-vos que o pó de arroz da SERIE B de «RUTHER» é um produto que até ao presente ainda não foi apresentado nada de semelhante por qualquer fabricante do Mundo[...].”

(E-P-92-Ja-015)

(em que poderia ter ocorrido *a vos dizer*)

“ [...] De recordar que a afirmação frequente de que os planetas se movem, leva, com frequência, à suposição de que, olhando para o céu, os veríamos **a moverem-se**, o que não corresponde à realidade, mesmo no caso de Mercúrio ou Vénus, que se deslocam mais rapidamente.”

(E-B-95-Jn-011)

(em que poderia ter ocorrido **a se moverem**)

“#D eu há bocado estava a exagerar!

#D2 - estavas! eu acho que neste caso, eh, ele era mais mulher do que os, do que homem,

#D - [...]

#D2 - quer dizer, se, se, se havia sempre uma opção clínica **a fazer-se**, não é, e, e se ele efectivamente queria ser mulher, [...] por uma questão de, de hábito social, porque se calhar tratava-se efectivamente de uma, de uma mulher.”

(Oc-P-70-2M-002)

(em que poderia ter ocorrido **a se fazer**)

Com isso, apesar de não podermos categoricamente afirmar que a “não-ocorrência” de vocábulos entre “a” e infinitivo seja prova de que o terceiro mecanismo de gramaticalização

proposto por Heine (2003) está se cumprindo com relação ao infinitivo gerundivo, ainda assim vemos como relevante destacar que dentre os 91 dados de língua escrita e 99 de língua falada extraídos de nosso *corpus* do Português Europeu, nenhum apareceu com algo entre as duas palavras que formam a construção aqui estudada.

Resumindo, tudo isso nos permite dizer que a estrutura de infinitivo gerundivo se enquadra seguramente em dois e, possivelmente, em três dos quatro fenômenos propostos por Heine (1993) para identificar quando ocorre gramaticalização. Segundo ele, a gramaticalização de uma expressão lingüística envolve quatro mecanismos inter-relacionados:

1. **Dessemantização** (bleaching, redução semântica) – esvaziamento de sentido lexical / perda de conteúdo semântico (“a” perdendo o sentido de preposição, não indica relação dativa ou ablativa entre os constituintes oracionais);
2. **Extensão** (ou generalização de contextos) – uso em novos contextos (infinitivo gerundivo sendo usado com auxiliares *ir* e *vir*, até então rechaçados pela norma lusitana);
3. **Decategorização** – mudança de classe gramatical ou perda de traços de uma dada classe gramatical / perda de propriedades características das formas fonte, incluindo perda de *status* de forma independente (cliticização, afixação) (“a” parece estar funcionando como um prefixo aspectual, que, acompanhado do infinitivo, forma o aspecto progressivo);
4. **Erosão** (ou redução fonética) – diminuição da intensidade e/ou de fones / perda de substância fonética (embora ao ouvir os inquéritos do *corpus* falado pudessemos perceber que o “a” do infinitivo gerundivo aparece átono, não podemos afirmar que isso seja uma mudança provocada pelo processo de gramaticalização, uma vez que, enquanto

preposição, tal vocábulo também apresenta essa condição. Além disso, “a” não tem como perder massa fônica. O que pode ocorrer é que ele se torne cada vez mais átono até, talvez, desaparecer... mas isso faz parte de investigações futuras...).

Como os itens lingüísticos requerem contextos específicos para cumprir gramaticalização, a teoria da gramaticalização diz respeito a contextos pragmáticos e morfossintáticos em que o processo ocorre. Então, segundo os princípios de gramaticalização de Hopper (1993) *apud* Thompson & Mulac (1991):

- a) **Divergência:** a forma original e a forma derivada convivem. Assim, a forma original permanece na língua ao lado da forma derivada (“a” como preposição e “a” esvaziado de sentido);
- b) **Camadas:** formas mais antigas permanecem ao lado das formas gramaticalizadas de outras formas (duas formas para expressar a mesma função) (“a” como preposição e “a” esvaziado de sentido, além, também, do próprio gerúndio);
- c) **Especialização:** a forma gramaticalizada passa a exercer a função de outras formas, as escolhas são restringidas (infinitivo gerundivo usado com auxiliares *ir* e *vir*);
- d) **Persistência:** traços do sentido da forma original são mantidos na forma derivada (casos ambíguos);
- e) **Decategorização:** a gramaticalização implica mudança de categoria, de classe (preposição > prefixo aspectual).

É por se enquadrarem nesses princípios que acreditamos que a construção de infinitivo gerundivo esteja se gramaticalizando como uma espécie de prefixo de aspecto progressivo no Português Europeu.

5.2 Considerações acerca das orações subordinadas reduzidas de gerúndio

Ao tecermos alguns comentários a respeito do *status* do tema “*gerúndio*”, no capítulo 1, mencionamos que este tem sido alvo de muitas críticas e rechaços ao longo dos anos. Esta seção do trabalho possui o objetivo de fazer uma descrição dos tipos de orações que as gramáticas tradicionais denominam *subordinadas adverbiais reduzidas de gerúndio*. Com esse fim, compararemos o tratamento dado por cinco autores de gramáticas da Língua Portuguesa (Bechara, Cunha & Cintra, Rocha Lima, Kury e Luft), procurando averiguar se há diferença (e quais seriam) entre suas categorizações e o que encontramos em uso efetivo na escrita e na fala.

A descrição das *orações subordinadas adverbiais reduzidas de gerúndio* justifica-se pelo fato de que não há uniformidade entre as cinco gramáticas estudadas. Encontramos em comum a todas quatro tipos dessas orações: *causal*, *condicional*, *concessiva* e *temporal*. No entanto, Bechara (1999) também considera possível a existência de *orações consecutivas reduzidas de gerúndio*; Rocha Lima, Kury e Luft admitem ainda as *modais*. A observação dos dados de que dispomos de língua escrita e de língua falada, entretanto, nos mostrou que as orações reduzidas de gerúndio não parecem ser restritas a esses tipos, conforme já observamos na análise variacionista dos dados. Passemos então a uma revisão bibliográfica sobre as orações reduzidas de gerúndio para, em seguida, contrastarmos com o que encontramos nos dados de nosso *corpus*.

O objetivo é meramente mostrar que na língua em uso há mais tipos de oração que os descritos pelas gramáticas tradicionais estudadas. Justamente por ser uma pesquisa de cunho qualitativo, entendemos que a simples ocorrência de um dado entre nossa amostra já é suficiente para a constatação da lacuna deixada pela descrição gramatical que se tem feito até aqui por algumas das gramáticas mais renomadas publicadas no Brasil. A análise que se segue terá, portanto, a exposição de alguns exemplos para ilustração do que propomos. Não nos restringiremos aqui a mostrar a “semântica” de cada oração, tentando desdobrá-las em orações desenvolvidas, uma vez que nem sempre isto é possível.

A começar por Cunha & Cintra (2001), observamos que os autores dedicam uma seção exclusiva às orações reduzidas. Após descreverem a coordenação e a subordinação em suas formas desenvolvidas (ou seja, “encabeçadas por nexos subordinativos, com verbo sempre na forma finita”), os autores se atêm às orações subordinadas reduzidas (ou, na definição dos próprios, “orações dependentes que não se iniciam por relativo nem por conjunção subordinativa, e que têm o verbo numa das FORMAS NOMINAIS – o infinitivo, o gerúndio, ou o particípio” (2001, 609-610)).

Cunha & Cintra não mencionam a possibilidade de existência de orações que não são “desdobráveis” em forma desenvolvida, sendo somente possível na forma reduzida. A descrição das orações reduzidas na *Nova Gramática do Português Contemporâneo* fica, portanto, restrita somente à demonstração de orações reduzidas que podem ser desenvolvidas.

Com relação às orações reduzidas de gerúndio, os autores afirmam existir apenas as ADJETIVAS e as ADVERBIAIS, sendo que, desta última categoria, somente as *causais*, as *concessivas*, as *condicionais* e as *temporais*. Eles destacam o fato de que, por possuir

“principalmente significado temporal”, o gerúndio geralmente aparece em orações subordinadas adverbiais temporais.

Além disso, Cunha & Cintra (2001) também acrescentam uma observação quanto ao emprego do gerúndio com valor de oração adjetiva, lembrando a questão deste uso ser considerado por muitos gramáticos um “galicismo intolerável”. Os autores, entretanto, apresentam exemplos que mostram sua posição contra essa prescrição no que diz respeito ao uso de gerúndio expressando a idéia de *atividade mental e passageira*. Eles afirmam que essa construção é antiga em Língua Portuguesa e continua sendo empregada no Português do Brasil e, para comprovar tal fato, citam um exemplo desse uso num texto de D. Dinis do fim do século XIII, início do século XIV:

*“Ela tragia na mão
Um papagai mui fremoso,
cantando [= que cantava] mui saboroso...”*

Esse uso ocorre, inclusive, nos dias de hoje, como podemos ver no exemplo retirado do *corpus* Varport:

*“DOC - você pode fazer uma comparação? tipo de shows... tipo de piadas...
LOC - é... o... é... por exemplo... o Nelson da Capitinga... ele interpretava vários personagens né... se vestia de mulher... se vestia de velho... disso... daquilo... o Jô Soares era O Jô Soares **contando** [= a contar, que contava] várias situações né... e o Ari Toledo era ele com um violão*

contando piada... só que coisas inteligentes não... coisas bobas... sem nexo..(?) demais.”

(Oc-B-9C-1F-002)

(Apesar de não mencionarem, este tipo de construção teria sido substituído gradativamente pela construção “*a + infinitivo*” – ou *infinitivo gerundivo* – em Portugal a partir do século XIX (MOTHÉ:2004)).

Diferentemente, nos casos em que o gerúndio aparece em uma oração adjetiva que expressa “um modo de ser ou uma atividade permanente do substantivo a que se refere”, Cunha & Cintra concordam com outros gramáticos afirmando ser este uso “um simples decalque do francês”, ilustrado pelos autores com um exemplo do célebre Fernando Pessoa:

“Meu coração é um pórtico partido /

***Dando** excessivamente sobre o mar. /”*

ao qual acrescentamos um dado do *corpus* desta pesquisa:

“DOC - e o namoro era diferente também o senhor não acha não?...

*LOC – (...) a:... a mais velha que: já é falecida mas hoje seria uma senhora talvez de:... (eh) **beirando** uns cinqüenta anos quarenta e poucos anos...”*

(Oc-B-70-3M-001)

Em Bechara (2001), também encontramos uma seção específica para as orações reduzidas situada após a seção que trata da subordinação, da coordenação e da justaposição. Lá, Bechara define orações reduzidas como aquelas que “apresentam o seu verbo (principal ou auxiliar, este último nas locuções adverbiais) no *infinitivo*, *gerúndio* e *particípio* (*reduzidas infinitivas*, *gerundiais* e *participiais*)” (2001, 513). Ao contrário de Cunha & Cintra (2001), Bechara considera a possibilidade de, em alguns casos, ser impossível reverter as orações reduzidas em desenvolvidas: “As orações reduzidas são subordinadas e ***quase sempre*** se podem desdobrar em orações desenvolvidas” [grifo nosso] (2001, 514).

Para Bechara, as reduzidas de gerúndio só podem aparecer como ADJETIVAS e ADVERBIAIS. Quanto às orações adjetivas, assim como Cunha & Cintra (2001), Bechara também faz a distinção entre adjetivas reduzidas de gerúndio que possuem sentido de 1- atividade passageira e 2- atividade permanente, qualidade essencial, inerente aos seres, próprias das coisas. Em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, Bechara afirma que as orações em gerúndio do tipo 1) são geralmente aceitas pelas gramáticas e são equivalentes à expressão formada por “*a + infinitivo*”. Já as orações do tipo 2) são aquelas que, conforme vimos em Cunha & Cintra (2001), costumam ser condenadas pelas gramáticas clássicas como exemplos de galicismo. Mas, assim como eles, Bechara também discorda desse purismo exacerbado dizendo que se trata de “uma evolução normal, comum a mais de uma língua românica, e não de uma simples influência francesa”.

No que concerne às orações adverbiais reduzidas de gerúndio, Bechara (2001) admite existir as ***causais***, as ***consecutivas***, as ***concessivas***, as ***condicionais***, as ***temporais*** e “**as que denotam**” ***modo***, ***meio*** e ***instrumento***. Vale ressaltar que, conforme constataremos em seguida, Bechara é o único autor (dentre os consultados) a admitir a existência de orações adverbiais ***consecutivas*** reduzidas de gerúndio, exemplificando tal ocorrência com “*Isto acendeu por tal*

modo os ânimos dos soldados, que sem mandado, nem ordem de peleja, deram no arraial do infante, rompendo-o por muitas partes". (Alexandre Herculano. *Fragmentos literários*. Ed. de A. Leite. Rio de Janeiro: Sauer, 1921. p. 97 *apud* Bechara (2001, 523)). O autor afirma que "*rompendo*", neste exemplo, equivale a "*e, como consequência, o romperam*".

Há, ainda, em Bechara (2001, 525), uma subseção denominada "orações reduzidas fixas", que são definidas como um "certo número de orações reduzidas que normalmente não aparecem sob forma desenvolvida". Dentre estas, encontramos as de *meio ou instrumento e modo*, com os seguintes exemplos:

"Salvou-o o senado, segurando-lhe a pessoa até poder sair a bordo de uma nau holandesa a 21 de maio"

(Augusto Rebelo da Silva em *História de Portugal*, 1ª ed. 5 vol. p. 244 *apud* Bechara (2001, 526))

"Procurou este logo estorvar-lhe (a missão) por todos os ombros, prendendo-o ou matando-o."

(Augusto Rebelo da Silva em *História de Portugal*, 1ª ed. 5 vol. p. 244 *apud* Bechara (2001, 526))

"Enfrenta a vida sorrindo dos perigos".

(BECHARA, 2001, 526)

Com relação a este último caso, Bechara cita Said Ali: "Às vezes procura-se desdobrar este tipo de orações em explícitas [= desenvolvidas] temporais iniciadas por *quando* ou *enquanto*."

É mero expediente, pois a noção de *tempo* não é equivalente à de *modo* ou *meio* de fazer alguma coisa”. [Said Ali. *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*. 2ª ed. São Paulo: Melhoramentos, s/d, 183 *apud* Bechara (2001)].

Uma outra fonte de consulta para nossa pesquisa foi a *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Nela, Rocha Lima, desde o início de sua explanação, faz uma distinção entre os dois critérios de classificação das orações subordinadas. Para ele, estas podem ser classificadas quanto à **função** que desempenham (*substantivas, adjetivas e adverbiais*) ou quanto à **forma** e ao modo como se articulam com a oração principal (*desenvolvidas, reduzidas ou justapostas*). Por isso, diferentemente do que encontramos nas duas outras gramáticas, nesta acompanhamos a descrição das orações reduzidas juntamente com as desenvolvidas. Segundo sua definição, as orações reduzidas (ou, noutra terminologia, **implícitas**) “têm o verbo numa das formas infinitas ou nominais: o infinitivo, o gerúndio, ou o particípio” (2002, 262).

Assim como Bechara (2001), Rocha Lima (2002) também menciona a possibilidade de haver orações reduzidas que não podem ser convertidas em desenvolvidas e vice-versa. Acerca das orações subordinadas reduzidas de gerúndio, consoante o que afirmam Cunha & Cintra (2001) e Bechara (2001), Rocha Lima (2002) diz só existirem as ADJETIVAS e as ADVERBIAIS.

Quanto às orações adjetivas reduzidas de gerúndio, Rocha Lima afirma que:

Somente ocorre com o chamado gerúndio progressivo, o qual, preso a um substantivo, ou pronome, da oração principal (e não a um verbo), expressa uma ação em desenvolvimento, um fato que está se passando momentaneamente com o ser representado por este substantivo ou pronome. (ROCHA LIMA, 2002)

Essa postura diverge, portanto, daquela defendida por Cunha & Cintra (2001) e Bechara (2001). Ao contrário destes, Rocha Lima (2002) só admite a existência desse tipo de adjetivas reduzidas de gerúndio, desconsiderando os casos em que o gerúndio seria usado para se referir a um estado permanente do substantivo.

Com relação às orações adverbiais, o autor contempla como passíveis de se apresentarem como reduzidas de gerúndio os seguintes tipos: as *causais*, as *concessivas*, as *condicionais*, as *modais* e as *temporais*. Acerca das *modais*, especificamente, Rocha Lima (2002) afirma existirem SOMENTE sob a forma de oração reduzida de GERÚNDIO.

Em Kury (2004) vemos, mais uma vez, a preocupação em destacar o fato de que “as orações reduzidas devem classificar-se e analisar-se tais como se encontram no período, evitando-se o condenável processo de trabalhar com a equivalente em forma desenvolvida, que se poderá utilizar apenas como confronto, para esclarecimento de alguma dúvida”. Semelhantemente aos outros autores consultados, Kury também nega a existência de orações substantivas reduzidas de gerúndio. Conseqüentemente, as orações reduzidas de gerúndio, também para ele, podem apresentar-se apenas como ADJETIVAS ou ADVERBIAIS.

Segundo Kury (2004), as orações adverbiais reduzidas de gerúndio podem ser as *causais*, as *concessivas* (que podem vir reforçadas das palavras concessivas *mesmo* e *embora*), as *condicionais*, as *modais* e as *temporais*. Quanto às *consecutivas*, ele afirma só existirem em forma reduzida as de infinitivo. Para justificar porque não admite as consecutivas reduzidas de gerúndio, ele menciona justamente o exemplo citado por Bechara (2001) para esse caso em sua classificação. O autor diz que “**não são convincentes** os exemplos de consecutivas reduzidas de gerúndio como o seguinte: ‘Deram no arraial de repente, [*rompendo-o* por muitas partes]’.” [grifo nosso]. Para o autor, “é duvidosa a equivalência *rompendo-o* = *de modo que o romperam*” (Kury,

2004, 98) e, por isso, prefere considerar tal exemplo como um caso de *coordenada aditiva reduzida de gerúndio*.

Com relação às orações adverbiais modais, Kury cita como curioso o fato de estas não serem contempladas pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), principalmente no que diz respeito às reduzidas de gerúndio, pela frequência com que o gerúndio exprime a idéia de *modo* ou *meio*. O autor menciona o argumento daqueles que são contra a classificação das orações adverbiais modais reduzidas de gerúndio. Estes dizem que o gerúndio não forma oração, mas mero adjunto adverbial de modo, uma vez que continua com seu valor de origem: o de ablativo latino. Kury rebate esse argumento dizendo que análise sintática deve se basear na estrutura do período e não na história dos elementos que o compõem.

Com o gerúndio absoluto constituem-se orações implícitas [= reduzidas] de várias espécies... Muitas vezes o gerúndio denota o MODO, meio ou instrumento (...). As proposições de caráter adverbial podem-se expressar pela forma explícita, excetuadas as de MODO, meio ou instrumento, para cuja enunciação nos valem sempre da ORAÇÃO GERUNDIAL. (SAID ALI *apud* KURY, 2004, 102)

Ao fim de sua análise das orações subordinadas, Kury dedica um último parágrafo ao problema da “classificação múltipla de orações de gerúndio” que diz:

Muitas vezes uma oração adverbial reduzida de gerúndio se presta a mais de uma classificação, e nem sempre é possível fixar-nos numa delas como sendo a melhor. Deve o professor aceitar a classificação que revele exame inteligente e compreensivo do texto. (KURY, 2004, 109)

E os exemplos dados são:

“*[Sabendo], ficávamos de alguma maneira sagrados, deificados...*”

(BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, 30 *apud* KURY, 2004, 109)

Aqui, Kury diz ser possível tanto a classificação de *causal* quanto a de *modal*, uma vez que “*Sabendo*” pode ser substituído por “*Por sabermos*” ou por “*Com sabermos*”.

“*[Proporcionando-me esta oportunidade], mereceste a minha gratidão*”.

(Kury, 2004, 109)

Nesse caso, além do valor *causal*, também seriam possíveis as classificações em *modal* ou *temporal*, por serem alternáveis por “*Por me proporcionares*”, “*Com me proporcionares*” e “*Ao me proporcionares*”, respectivamente.

Finalmente, consultamos a *Gramática Resumida*, de Celso Pedro Luft. Nela, o autor também considera haver somente as orações reduzidas de gerúndio ADJETIVAS e ADVERBIAIS. Quanto às adjetivas, para ele também só há reduzidas de gerúndio enquanto restritivas, ou seja, que denotem “qualidade accidental do substantivo”. Já quanto às adverbiais, Luft (1971) aponta existirem gerundivas *causais*, *concessivas*, *condicionais*, *modais* e *temporais*.

As diferenças entre essas gramáticas muitas vezes reside na interpretação ambígua que as orações reduzidas permitem, uma vez que não apresentam nexos conjuntivos. É difícil, por exemplo, diferenciar orações *modais* de *conformativas*, *comparativas*, *consecutivas* e *concessivas*. Observemos o exemplo abaixo:

*O mundo acerta seus ponteiros **olhando** o relógio x.*

A depender da interpretação semântica, a oração destacada acima pode ser classificada como subordinada adverbial *temporal*, *condicional*, *proporcional*, *modal*...

Recorrendo à abordagem funcional de Decat (2001), observamos que, algumas vezes, a decisão sobre qual inferência é predominante “só será possível no nível do discurso, para o que a análise tradicional é, portanto, insuficiente”. Assim, faz-se necessário não apenas o uso de critérios estruturais, mas também o de estratégias semântico-discursivas.

Uma estratégia desse gênero seria, por exemplo, quando possível, tentar substituir a oração reduzida por uma desenvolvida com o conector prototípico de determinado tipo de oração. Exemplo:

*“Em gavetas e armários, | como também em baixo | de móveis, é melhor
usar | Neocid em Pó, que ma- | ta baratas por muitas se - | manas,
deixando-se o pó | nos lugares tratados”.*

(E-B-93-Ja-005)

Como saber se a oração destacada acima se refere, por exemplo, ao *modo* como o pó deve ser deixado ou à circunstância que condiciona as baratas a morrerem? Podemos tentar desenvolvê-la em:

*“(...) **se** deixares o pó nos lugares tratados”.*

A partir dessa substituição, poderíamos dizer que a oração acima seria uma *adverbial condicional*, pois denotaria a idéia de que o pó é capaz de matar baratas por muito tempo “se e somente se” for deixado nos lugares tratados.

Mas, conforme diz Decat “nem sempre será possível achar-se uma correspondência entre cláusula reduzida-cláusula desenvolvida que seja a expressão exata do significado da construção,

da mesma forma como nem sempre a uma cláusula adverbial corresponde um advérbio”. Além disso,

uma mesma configuração externa pode levar a enganos de interpretação sobre a relação mantida pela cláusula reduzida. (...) Evidencia-se, portanto, uma vez mais, a relevância de uma abordagem baseada nas proposições implícitas à articulação das cláusulas, que dará conta não só dos casos claros, como também daqueles que se apresentarem duvidosos. (DECAT, 2001)

Há ainda muito que fazer no campo da descrição das orações subordinadas em Língua Portuguesa. Observamos, neste trabalho, não haver sistematicidade e critérios claros na definição da classificação das orações. Pesquisas e leituras futuras far-se-ão necessárias para melhor delimitação desse objeto de estudo.

Com o que dispomos, entretanto, através da análise dessas cinco gramáticas, podemos sintetizar o que nelas encontramos acerca das orações reduzidas de gerúndio com o seguinte quadro:

	CUNHA & CINTRA (2001)	BECHARA (2001)	ROCHA LIMA (2002)	KURY (2004)	LUFT (1971)
SUBSTANTIVAS	x	x	x	x	x
ADJETIVAS	✓	✓	✓	✓	✓
ADVERBIAIS:	-	-	-	-	-
Causal	✓	✓	✓	✓	✓
Comparativa	x	x	x	x	x
Condicional	✓	✓	✓	✓	✓
Concessiva	✓	✓	✓	✓	✓
Conformativa	x	x	x	x	x
Consecutiva	x	✓	x	x	x
Final	x	x	x	x	x
Modal	x	✓	✓	✓	✓
Proporcional	x	x	x	x	x
Temporal	✓	✓	✓	✓	✓

Quadro 11: Orações subordinadas reduzidas de gerúndio de acordo com as gramáticas tradicionais

Acerca das orações encontradas em nosso *corpus*, começemos por exemplificar as não-adverbiais⁵⁰:

- ***Absoluta:***

“Estão sendo distribuídas em toda a cidade as novas embalagens do maravilhoso pó de arroz da SERIE B de «RUTHER».”

(E-P-92-Ja-015)

- ***Coordenada Assindética:***

“O Dr. Eduardo França responde gra- | tuitamente a qualquer consulta sobre | o uso e modo de aplicação da Lu- | golina, observando a máxima reser- | va.”

(E-B-91-Ja-008)

- ***Coordenada Sindética:***

“Ao que parece, não achou em todo o ministério docilidade bastante para lhe servir de instrumento. Decompondo-o e recompondo-o, esperava achar mais facilidade.”

(E-P-82-Je-001)

⁵⁰ Lembrando que, dessas, as gramáticas analisadas não admitem a existência de qualquer *oração substantiva* sob forma de reduzida de gerúndio.

- **Principal:**

“Reconhecendo o nosso corres/pondente que nada conseguiria/ saber no quartel, pois já havia/ sido informado de que as victimas/ se achavam incommunicaveis,/ dirigiu-se ao becco do Victorino,/ [...].”

(E-B-91-Jn-002)

- **Objetivas:**

*“[...] é houve uma mudança... mas... é...minhas coisas... corta eu não quero mais você **fazendo** isso... eu não vou ter trabalho... aí... fui obrigado a parar... mas eu tomava cafezinho com pão... leite... manteiga... antes de dormir... mas eu acho que agora melhorou muito a alimentação... tem muita variedade né? muita coisa pra comer...”*

(Oc-B-9C-2M-001)

- **Apositiva:**

*“Três audaciosos e perigosos gatunos introduziram-se, esta manhã, numa residência da Amadora, na rua 9 de Abril, 37, cave, e, depois de amarrarem e amordaçarem a locatária, que estava na altura ainda deitada, revolveram toda a casa, apoderando-se de objectos vários, ainda não totalmente inventariados, e da quantia de 2500 escudos. Separaram ainda outros artigos, **incluindo** o aparelho de televisão, um secador de cabelo, uma máquina fotográfica, dois cortes de fato e de vestido e fatos do marido da vítima, mas não os chegaram a levar, talvez*

por, entretanto, se haver intensificado o movimento na rua e terem receio de despertarem suspeitas.”

(E-P-94-Jn-004)

- **Predicativa:**

*“LOC - Ah... sim... bom... porque antigamente a princípio é tempo mítico né... a gente não sabe exatamente como é... bom... com relação a minha... infância... na minha juventude... na minha... na minha infância eu me divertia sobretudo brincando... né... a diversão era essa... e aí era **jogando** futebol...”*

(Oc-B-9C-1M-002)

- **Completiva nominal:**

*“Afinal, são 38 anos de experiência | **vendendo** imóveis | e garantindo a sua tranquilidade.”*

(E-B-94-Ja-005)

- **Adjetiva:**

*“[...] esse tipo de casa antiga... que é na realidade um grande corredor... com quartos **indo** ao lado desse corredor... mas pé-direito alto... janelas todas de grade de ferro... eh... a tábua corrida de pinho-de-riça... bandeira da porta... coisas que hoje em dia não tem mais...”*

(Oc-B-70-2M-002)

*“A visita do Presidente da República ao Nordeste, em um quadro tão diverso daquele que, apenas há algumas semanas, ali existia, com o espantinho da seca **inquietando** as populações e milhares de sertanejos prestes a enfrentarem, pela prolongada falta de chuvas, as incertezas de uma migração compulsória, (...)”*

(E-B-94-Je-002)

Dentre as orações adverbiais **previstas** pelas gramáticas tradicionais, encontramos exemplos de todos os casos. São eles:

- **Causal:**

*“Morrogh Walsh & Companhia, devidamente authorisados pelo Herdeiro do falecido João Diogo Stephens, Proprietario que foi da Fabrica de Vidros da Marinha Grande, **dezejando** liquidar a partida de Vidro de Cristal existente, manufacturado na dita Fabrica, e que se acha armazenado nesta Cidade, fazem publico que elles receberão propostas para a sua venda em globo.”*

(E-P-81-Ja-004)

- **Concessiva:**

*“Mas, comquanto **concorrendo** para diminuir as dificuldades do povo, as feitas livres representam uma intervenção economicamente artificial, havendo queixas de parte do Commercio regular (...)”*

(E-B-92-Je-001)

- **Condicional:**

*“#L- (...) ...e ele é gostoso porque não é muito DOCE...eu não gosto de:: bolo MUITO doce... isso depende da/do paladar individual não é? **querendo** posso RECHEAR também com uma geleinha de AMEIXA...com o que tiver em casa porque a gente tem é que se virar com o que TEM...na COZINHA...(...)”*

(Oc-B-70-2F-001)

- **Consecutiva:** Apesar de este tipo de oração reduzida de gerúndio ser admitido somente por Bechara (2001), o incluímos ainda nesta seção das orações “contempladas pelas gramáticas tradicionais”.

*“(...) as inspirações do travesseiro influem profundamrente nos homens da época; a quadra do somno é para elles um tempo de devoção, e arrependimento, e purificam-se dos máus pensamentos do dia, **elevando** a alma ás cogitações do patriotismo por entre o silencio nocturno.”*

(E-P-82-Je-002)

- **Modal:**

*“Você escolhe os prêmios no catálogo | do programa e faz a troca simplesmente | **apresentando** o cartão Smart Club.”*

(E-B-94-Ja-003)

- **Temporal:**

*“**Entrando** na parte política da sua dissertação, o orador, após considerações em que equacionou sistemas e métodos, disse: (...)”*

(E-P-93-Jn-006)

Dentre as adverbiais **não previstas** pelas gramáticas aqui investigadas estão:

- **Conformativa:**

*“[...]aquelle pois / que [inint.] os partidos, e dando nascimento a fações he inimigo da Patria, do Brasil, e da Constituição. Quando mesmo queirão sup- / pôr, que ainda he crime ter diversa / oppinião, eu lembro, que os liberaes / são generosos; que os Christãos **seguin-** / **do** a seu Mestre J. C., devem perdoar / mais de setenta vezes, como elle orde- / nou a Pedro;”*

(E-B-81-Je-002)

- **Final:**

*“Corremos a outras fontes de informações, **procurando** um índice, uma perspectiva, uma possibilidade, embora remota, de melhora para semelhante situação.”*

(E-B-92-Je-001)

Além dessas, porém, também encontramos em nosso *corpus* alguns tipos de oração subordinada com gerúndio que devem ser comentados: a *oração subordinada substantiva subjetiva* e as *orações subordinadas adverbiais comparativa e proporcional*. Podemos dizer que as orações desses tipos que encontramos POSSUEM gerúndio, mas não são REDUZIDAS de gerúndio. Algumas gramáticas investigadas sequer fazem menção a essa diferença e afirmam somente que a oração reduzida é aquela que possui seu verbo principal em uma das formas infinitas do verbo. Entendemos, porém, assim como Cunha & Cintra (2001) que há uma grande diferença entre esses dois tipos. Nos exemplos encontrados no *corpus*, não temos efetivamente uma *oração substantiva subjetiva reduzida de gerúndio*. O que temos, na verdade, são orações desenvolvidas (que apresentam “nexo subordinativo”, conforme dizem Cunha & Cintra (2001)) ou uma oração reduzida de infinitivo. Vejamos:

- ***Subjetiva:***

*“E é exatamente assim **que** o | Bradesco está se **sentindo**, ao ser indicado pela revista | Carta Capital como a empresa mais admirada no setor | financeiro em pesquisa realizada com empresários | e executivos de todo o Brasil.”*

(E-B-94-Ja-002)

“D.- que atividade... se desenvolve... além do futebol?”

*I.- não não... é isso **que** estava ... **falando** mesmo... por trás do time envolve um esquema muito grande...”*

(Oc-B-70-2M-001)

Como se pode observar, em ambos os casos há nexos subordinativos unindo as orações (a conjunção integrante **que**). Trata-se, portanto, de uma oração que POSSUI gerúndio e não uma REDUZIDA de gerúndio.

- **Comparativa:**

*“ (...) acho que hoje as crianças... de classes médias se divertem muito mais com... com vídeo-games... coisas desse tipo... do que... **jogando** futebol na rua... agora a... situação da rua hoje... também está completamente diferente da situação da rua quando eu era criança... (...)”*

(Oc-B-9C-1M-002)

Nesse caso, a conjunção subordinativa está em “do que...” após “muito mais...”. Logo, também é uma oração que POSSUI gerúndio e não uma REDUZIDA de gerúndio.

- **Proporcional:**

*“[...] ah, o que nos torna diferente, n[...], nada nos torna diferente a não ser o, o, a atmosfera em que vivemos hoje em dia, fruto de convulsões sociais e históricas, mais nada. de resto eu até, ah, quanto mais o tempo vai **passando**, mais, eh, nos tornamos, digamos, uns bichos do mato”*

(Oc-P-90-3M-005)

Por fim, também vemos nesse caso a conjunção subordinativa “*quanto mais...*”, ou seja, é outro caso de oração que POSSUI gerúndio e não uma REDUZIDA de gerúndio.

Mesmo não encontrando orações substantivas subjetivas e adverbiais comparativas e proporcionais reduzidas de gerúndio, verificamos haver sob essa forma outros tipos de orações substantivas e adverbiais não contempladas pelas cinco gramáticas estudadas.

Os resultados que obtivemos mostram mais um caso em que há divergência entre a descrição das gramáticas tradicionais e o uso efetivo da língua. Além das orações já previstas pelas gramáticas consultadas nessa pesquisa, constatamos haver, ainda, pelo menos mais seis tipos de orações reduzidas de gerúndio: as *adverbiais conformativa e final* e as *substantivas apositiva, completiva nominal, objetiva e predicativa*.

Essa discrepância entre as gramáticas e a realidade da língua em uso só ratifica que muito ainda precisa ser feito no campo da descrição da sintaxe de orações em Língua Portuguesa. Além disso, esses resultados retratam não somente a necessidade de pesquisa na área, mas mostram porque muitas vezes em nossas escolas os alunos têm dificuldades em compreender as aulas de análise sintática. Os professores de Ensinos Fundamental e Médio, geralmente “presos” ao que está nos livros, se surpreendem quando um aluno lhe traz um exemplo que contrarie a descrição gramatical. Ao invés de pensar sobre uma possível interpretação para um dado que fuja

aos padrões da descrição junto com o aluno, que também é ele próprio usuário competente da língua, esse professor simplesmente encerra a questão forçando uma classificação dentre as previstas pela “gramática toda-poderosa”. Problemas como esse nos levam a almejar, em pesquisas próximas, ampliar o *corpus* utilizado e aprofundar os estudos sobre o estabelecimento de critérios para a descrição sintática de orações reduzidas em Língua Portuguesa.

CONCLUSÃO

Vemos respondidas as principais questões deste trabalho, ainda que estando conscientes de que será preciso ampliar o *corpus*, pois a pesquisa sempre deve prosseguir. A partir das hipóteses gerais e específicas levantadas, podemos afirmar, de acordo com nossos resultados que:

- a. **O avanço significativo do Infinitivo Gerundivo em Portugal se processou, de acordo com o nosso *corpus*, na primeira metade do século XX, provavelmente a partir do segundo quarto de século, sendo, portanto, um fenômeno bastante recente na língua. Talvez por isso não se tenham fixado regras prescritivas sobre esse uso no Português Brasileiro, uma vez que a nossa Gramática Tradicional baseia-se no uso literário da virada do século XIX para o XX.**
- b. **As estruturas perifrásticas (*verbo auxiliar + verbo principal*), especialmente as constituídas pelos auxiliares *estar, andar, ficar e continuar*, são as que mais favorecem o uso de infinitivo gerundivo. As estruturas sintéticas, ou seja, com verbo pleno, parecem ainda ser um reduto da variante *gerúndio*, mesmo no Português Europeu.**
- c. **Em função de o fator *tipo sintático de oração* ter sido selecionado como relevante pelo programa Goldvarb em algumas rodadas de dados, podemos afirmar, com maior segurança, duas coisas: 1) não foi confirmada a hipótese de que o infinitivo gerundivo teria tido avanço através das orações *temporais e modais*, conforme**

resultados obtidos com dados do século XVIII em Barbosa (1999); e 2) as *condicionais*, entretanto, revelaram-se, assim como concluiu Barbosa (1999), relevantes para o uso de infinitivo gerundivo. Além das *condicionais*, outras orações que se mostraram mais propícias ao uso de infinitivo gerundivo, de acordo com nossos dados e diferente dos resultados de Barbosa (1999) foram: as *relativas* do tipo *com + substantivo + forma nominal*, as *comparativas*, as *finais*, as *principais* e as *objetivas*.

- d. A análise do grupo *faixa etária*, com dados reunidos das décadas de 1970 e 1990 de língua falada culta do Português Europeu, nos revelou que, no recorte de dados que fizemos, a frequência de ocorrências de infinitivo gerundivo se mostra gradiente nas diferentes faixas etárias. Os mais idosos apresentam a menor taxa de uso de infinitivo gerundivo; seguido dos informantes de idade intermediária. Enquanto isso, os falantes mais jovens entre todos apresentam percentuais de uso de infinitivo gerundivo visivelmente mais altos que os demais. Esses resultados de análise em *tempo aparente* podem ser um sinal de mudança lingüística, segundo Labov (1994). Essas conclusões, contudo, não se confirmaram na análise em *tempo real*, ou seja, contrastando os valores da década de 1970 e de 1990. Isso pode ser devido a dois fatores: indica que a variação é *geracional*, ou seja, os mais jovens mantêm sempre uma taxa de uso mais alta do que a dos mais velhos e isso se repete por gerações sem, necessariamente, provocar mudança no sistema lingüístico; ou nossos dados são poucos ou não transparentes o suficiente para retratar a mudança em curso. Além disso, pode ser que a distância entre as décadas de 1970 e 1990 não seja suficiente para retratar a configuração da mudança. Resta-nos, portanto,

afirmar que, de acordo com nossos dados, sincronicamente, vemos que os mais jovens utilizam mais infinitivo gerundivo do que os mais velhos, apesar de isso não se confirmar na diacronia dos dados de que dispomos das décadas de 1970 e 1990.

- e. Nenhum dos gêneros textuais de língua escrita estudados aqui pareceram favorecer o uso de infinitivo gerundivo. Dentre os três gêneros analisados, o único que se distanciava dos demais era o dos *anúncios*, mostrando-se desfavorecedor ao uso da variante mais nova no idioma. Ao contrastarmos os gêneros de língua escrita com nossos dados de língua falada culta, porém, percebemos haver favorecimento à ocorrência da construção “*a + infinitivo*” no *corpus* de língua falada. Esses resultados estão de acordo com a hipótese de que as mudanças lingüísticas atingem primeiro a fala para depois ganharem terreno na escrita.

- f. O grupo *tipo semântico do verbo* não se mostrou tão relevante para a variação entre *gerúndio* e *infinitivo gerundivo*, conforme esperávamos com base em Laca (s.d.). Dentre os tipos que estudamos, os que pareciam favorecer, ainda que com pesos relativos medianos, o uso de “*a + infinitivo*” eram aqueles que indicavam processos *comportamentais*, *verbais* e *materiais*. Em contrapartida, os que se apresentaram menos favorecedores do uso da variante infinitivo gerundivo foram os chamados processos *relacionais* e *existenciais*.

- g. O grupo *tipo textual* também foi selecionado pelo programa como relevante para a variação poucas vezes. O tipo textual que, segundo nossos dados, mais favorece o uso de infinitivo gerundivo é o *descritivo*.

- h. **De acordo com a análise da frequência de ocorrências (BYBEE, 2003) e com a observação de casos que permitem uma “leitura ambígua” (HEINE, 2003), a preposição “a” que constitui o infinitivo gerundivo apresenta a tendência de gramaticalizar-se como prefixo de aspecto progressivo no Português Europeu.**

De maneira geral, nossos resultados revelam que, apesar de ser bastante característico do Português Europeu, o avanço do infinitivo gerundivo é bastante recente e se trata de uma mudança ainda em curso em Portugal. De uma forma ou de outra, os resultados de análise de tempo aparente e o fato de haver muito mais infinitivo gerundivo na fala do que na escrita, indicam que, possivelmente, essa variante ainda venha a penetrar em contextos em que hoje ainda há predomínio do uso de gerúndio em Portugal.

Cabe ressaltar, contudo, que apesar desse avanço do infinitivo gerundivo, nossos dados confirmaram haver ainda determinados contextos em que o gerúndio é usado em Portugal tanto na forma sintética quanto na forma analítica. Isso mostra quão descabida são afirmações como as que vimos, do tipo “não existe gerúndio em Portugal”. Os dados de língua em uso mostram o contrário disso.

Além disso, se a construção “*a + infinitivo*” de fato cumprir seu processo de gramaticalização como prefixo de aspecto contínuo, pode ser que a forma gerúndio fique restrita, em Portugal, aos contextos muito formais e/ou a tentativas de reprodução da língua no passado. É importante que a pesquisa nessa área continue, com novos *corpora*, com dados do século XXI, inclusive, de maneira a continuar observando a evolução desse fenômeno em Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, José Carlos. *Iniciação à sintaxe do português*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BAGNO, Marcos. *Pesquisa na Escola. O que é. Como se faz*. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. *Preconceito lingüístico. O que é, como se faz*. 36ª ed. São Paulo: Loyola, 2005.

BARBOSA, Afranio Gonçalves. *Para uma História do Português Colonial: Aspectos Lingüísticos em Cartas de Comércio*. Tese de doutoramento, Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 1999.

_____. “O contexto dos textos coloniais”. In: ALKMIM, Tânia Maria (org.). *Para a história do português brasileiro, Vol III: novos estudos*. São Paulo: USP/Humanitas, 2002.

_____. “Reflexões e propostas para o ensino de língua portuguesa: as formas nominais do verbo”. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo. *Morfossintaxe e ensino de Português: reflexões e propostas*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, 2004.

_____. “Saberes gramaticais na escola”. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo (orgs.). *Ensino de Gramática: descrição e uso*. Rio de Janeiro: Contexto. p. 31-54. 2007.

BARBOSA, Afranio; LOPES Célia Regina dos Santos; CALLOU, Dinah. “Organização dos corpora diacrônicos do PHPB-RJ na rede mundial de computadores”. In: DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia Duarte; CALLOU, Dinah (org.). *Para a história do português brasileiro, Vol. IV – Notícias de corpora e outros estudos*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras/FAPERJ, 2002.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2001.

BORGES NETO, José. “A incomensurabilidade e a ‘compatibilização’ de teorias”. In: BORGES NETO, José. *Ensaio de filosofia da Lingüística*. São Paulo: Parábola Editorial. cap. 8, p. 195-216. 2004.

BOSQUE, Ignácio; DEMONTE, Violeta (eds.). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa Calpe, 1999.

BRAGA, Maria Luiza. “Tópico e ordem vocabular”. In: MACEDO, Donaldo; KOIKE, Dale. (eds). *Romance linguistics. The Portuguese Context*. Westport: Bergin & Garvey, p. 107-129. 1992.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo; MOTA, Maria Antónia Ramos Coellho da *et alii*. Projeto de Cooperação Internacional Brasil Portugal CAPES / ICCTI nº 63/00 www.lettras.ufjf.br/varport, 2002.

BYBEE, Joan. “Mechanisms of Change in Grammaticalization: The Role of Frequency”. In: Brian D. Joseph and Richard D. Janda (eds.). *The Handbook of Historical Linguistics*. Blackwell Publishing, 2003.

CALLOU, Dinah; MORAES, João; LEITE, Yonne. “Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real”. *DELTA (Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada)*. São Paulo. Vol. 14. p. 61-72. 1998.

CAMACHO, Roberto Gomes. “O formal e o funcional na teoria variacionista”. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (orgs.). *Português brasileiro – contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, p. 55-65. 2003.

CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. 23ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

CASTILHO, Ataliba T. de. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto, 2002.

CEZÁRIO, Maria Maura. “Padrões de freqüência nas construções com cláusulas completivas”. In: *Língua(gem)*. Vol. 1. Número 1. Macapá: ILAPEC, 2004.

CUESTA, Pilar Vázquez & LUZ, Maria Albertina Mendes da. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coleção “Lexis”. Lisboa: Edições 70. 1971.

CUNHA, Celso. *Uma política do idioma*. Coleção “Diagrama”. 4ª ed. atualizada. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1976.

_____. *A questão da norma culta brasileira*. Coleção “Diagrama”. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1985.

_____. “Conservação e Inovação no Português do Brasil”. In: *O Eixo e a Roda*: revista da literatura brasileira. Belo Horizonte: Publicação do Departamento de Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, p. 199-232. 5v. 1986.

_____. *Língua Portuguesa e realidade brasileira*. Coleção “Temas de todo tempo - 13”. 9ª ed. atualizada. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1986b.

CUNHA, Celso & CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariângela Rios de.; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). *Lingüística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento; SARAIVA, Maria Elizabeth Fonseca; BITTENCOURT, Vanda de Oliveira; LIBERATO, Yara Goulart. *Aspectos da Gramática do Português – uma abordagem funcionalista*. Coleção “Idéias sobre Linguagem”. São Paulo: Mercado de Letras, 2001.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia Duarte; CALLOU, Dinah (orgs.). *Para a história do português brasileiro, Vol. IV – Notícias de corpora e outros estudos*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras/FAPERJ, 2002.

HALLIDAY. *An Introduction to Functional Grammar*. 2ª ed. London: Arnold, 1994.

HASPELMATH, Martin. “On directionality in language change with particular reference to grammaticalization”. In: FISCHER, Olga; NORDE, Muriel; PERRIDON, Harry. (eds.). *Up and down the cline: The nature of grammaticalization*. Amsterdam: Benjamins, p. 17-44. 2002.

HEINE, Bernd. “Grammaticalization”. In: JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D.. (eds.) *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford, UK: Blackwell Publishing. P. 575-601. 2003.

HOPPER, Paul & THOMPSON, Sandra. “Transitivity in grammar and discourse”. In: *Language*, v. 56. n. 2, 1980.

HYMES, Dell. “The Scope of Sociolinguistics”. In: COUPLAND, Nikolas; JAWORSKI, Adam (eds.). *Sociolinguistics: a reader and coursebook*. New York: St. Martin’s Press, 1997.

ILARI, Rodolfo. *Lingüística Românica*. São Paulo: Editora Ática, 1997.

KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de Português pela análise sintática*. 9ª ed. São Paulo: Ática, 2004.

LABOV, William. “The study of language in its social context”. (cap. 8). In: _____. *Sociolinguistics patterns*. Oxford: Basil Blackwell, 1972.

_____. “Building on empirical foundations”. In: LEHMANN, Winfred P.; MALKIEL, Yakov. (eds.). *Directions in Historical Linguistics*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1982.

_____. *Principles of linguistic change*. Oxford, Cambridge: Blackwell, 1994.

_____. “Some sociolinguistic principles”. In: PAULSTON, C. B. & TUCKER, G. R. (eds.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Oxford: Blackwell, p. 235-250. 2003.

LACA, Brenda. “Aspect – Périphrase – Grammaticalisation. A propos du ‘Progressif’ dans les langues ibero-romanes”. In : DAHMEN, Wolfgang; HOLTUS, Günter; KRAMER, Johannes; METZELTIN, Michael; SCHWEICKARD, Wolfgang; WINKELMANN, Otto. (orgs.). *Neuere Beschreibungsmethoden der Syntax romanischer Sprachen*. Romanistisches Kolloquium XI. Gunter Narr Verlag Tübingen, p. 207-225. 1998.

_____. “Spanish ‘Aspectual’ Periphrases: Ordering Constraints and the Distinction Between Situation and Viewpoint Aspect”. In: J. GUTIÉRREZ-REXACH (ed.). *From words to discourse. Trends in Spanish Semantics and Pragmatics*. Oxford: Elsevier, 2002.

_____. “La variation interlinguistique dans le domaine des périphrases aspectuelles des langues romanes”. p. 39-51. s.l. s.d..

_____. “Progressive, pluractionals and the domains of aspect”. In: O. CROUZET; H. DEMIDACHE; S. WAUQUIER (eds.) *Domain(e)s, Proceedings of the Journée de Linguistique de Nantes*, p. 87-92. 2004.

_____. “Indefinites, Quantifiers and Pluractionals: What Scope Effects Tell Us about Event Pluralities”. In: VOGELEER, Svetlana; TASMOWSKI, Liliane (eds.). *Non-definiteness and Plurality*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2006.

LAPA, Manuel Rodrigues. *Estilística da Língua Portuguesa*. 11ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. Coleção “Descobrimo o Brasil”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

LOPES, Célia Regina dos Santos. *A inserção de a gente no quadro pronominal do português: percurso histórico*. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 1999.

LUCCHESI, Dante. *Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da lingüística moderna*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

LUFT, Celso Pedro. *Gramática Resumida*. Porto Alegre, Globo, 1978.

MALER, Bertil. *L’infinitif gérondival portugais: quelques notes sur la propagation*. Stockholm: Université. Sep. Stockholm Studies in Modern Philology, p. 250 – 268. 4 vol, 1972.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 4ª ed., São Paulo: Cortez, 2003.

_____. “Gêneros textuais: definição e funcionalidade”. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; Anna Rachel MACHADO; Maria Auxiliadora BEZERRA (orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARTELOTTA, Mário; VOTRE, Sebastião; CEZÁRIO, Maria Maura (orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1996.

MARTELOTTA, Mário; BARBOSA, Afranio; LEITÃO, Márcio Martins. “Ordenação de advérbios intensificadores e qualitativos em –mente em cartas de jornais do século XIX: bases para uma análise diacrônica”. In: DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia; CALLOU, Dinah (orgs.).

Para a história do português brasileiro, Vol. IV – Notícias de corpora e outros estudos. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras/FAPERJ, 2002.

MATEUS, Maria Helena Mira *et alii*. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.

MEIER, Harri. “A formação da língua portuguesa”. In: *Ensaio de filologia românica*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Grifo, 1974.

MOLLICA, Maria Cecília (org.) *et alii*. *Introdução à Sociolinguística Variacionista*. Cadernos Didáticos nº 4. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 1992.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

MOTHÉ, Nubia Graciella Mendes. “A Variação Histórica entre a Forma Nominal Gerúndio e o Infinitivo Gerundivo: o Português Brasileiro e o Português Europeu em Contraste”. In: *Revista Inicia*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras / UFRJ, 2004.

NARO, Anthony. “Modelos quantitativos e tratamento estatístico”. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 2ª ed. São Paulo: Contexto. Cap. 2, p. 15-25. 2004.

NEVES, Maria Helena Moura. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. *A Gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes. Cap. 3, p. 39-53. 1997.

OITICICA, José. *Manual de Análise (léxica e sintática)*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1945.

ORSINI, Mônica Tavares. “Topicalização e deslocamento à esquerda: uma análise em tempo real”. In: Cd-rom do GELNE – Grupo de Estudos Lingüísticos do Nordeste. João Pessoa, 2006.

PAGOTTO, Emilio Gozze. “Norma e condescendência; ciência e pureza”. In: GUIMARÃES, Eduardo; ORLANDI, Eni. *Línguas e Instrumentos Lingüísticos*. Campinas: Pontes Editores, 1999.

PAIVA, Maria da Conceição de., DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. “Mudança lingüística: observações no tempo real”. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 2ª ed. São Paulo: Contexto. Cap. 16, p. 179-190. 2004.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do Português*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Ática, 2002.

RIESMAN, David. “As tradições oral e escrita”. In: CARPENTER, Edmund; McLUHAN, Marshal (orgs.). *Revolução na Comunicação*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 4ed.

ROBINSON, J. S., LAWRENCE, H. R. & TAGLIAMONTE, S. A. *GOLDVARB 2001: a multivariate analysis application for Windows*. 2001.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 42ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

RODRIGUES, Violeta Virgínia. *Para uma descrição da língua padrão: o uso das conjunções subordinativas*. Projeto de pesquisa individual integrado ao Projeto Varport apresentado ao Departamento de Letras Vernáculas para o biênio 2003-2005. Faculdade de Letras / UFRJ, 2002.

_____. “O uso das conjunções subordinativas na língua escrita padrão”. In: BERNARDO, Sandra Pereira; MENEZES, Vanda Cardozo de. *Estudos da Linguagem: renovação e síntese*. Anais do VIII Congresso da ASSEL-Rio, 3-6 de nov. de 1998. Rio de Janeiro, 1999. P. 761-769.

RUMEU, Márcia; BARBOSA, Afranio; CALLOU, Dinah. “Textos coloniais na América portuguesa e seus problemas”. In: ALKMIM, Tânia Maria. (org.). *Para a história do português brasileiro, Vol III -*. São Paulo: USP/Humanitas. p. 433-442. 2002.

SHEIBMAN, Joanne. “Local patterns of subjectivity in person and verb type in American English conversation”. In: BYBEE, Joan; HOPPER, Paul. *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 2001.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. “Reflexões e questionamentos sobre a constituição de *corpora* para o Projeto Para a história do português brasileiro”. In: DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia e CALLOU, Dinah Callou (orgs.). *Para a história do português brasileiro, Vol. IV – Notícias de corpora e outros estudos*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras/FAPERJ, 2002.

SIMÕES, José da Silva. *Variação das Orações Reduzidas de Gerúndio e Orações Desenvolvidas Conjunçãoais: sintaticização, semanticização e discursivização das orações reduzidas de gerúndio no português brasileiro*. Relatório de qualificação para o curso de doutorado em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo. 2004. (Mimeo).

SMITH, K. Aaron. “The role of frequency in the specialization of the English anterior”. In: BYBEE, Joan & HOPPER, Paul. *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Company, 2001.

TARALLO, Fernando. “Por uma sociolinguística românica paramétrica: fonologia e sintaxe”. In: *Ensaio de Linguística 7 (13)*. Belo Horizonte. p. 51-84. dez. 1987.

_____. *Tempos lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.

_____. *A pesquisa sociolinguística*. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2001.

TAVARES, Maria Alice. *A Gramaticalização de e, aí, daí e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da seqüenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. Tese de doutoramento, Florianópolis: UFSC, 2003.

TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. Trad.: Celso Cunha. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

THOMPSON, Sandra A.; MULAC, Anthony. “A Quantitative perspective on the grammaticization of epistemic parentheticals in English”. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Company, 1991.

THOMPSON, Sandra & HOPPER, Paul. “Transitivity, clause structure and argument structure: evidence from conversation”. In: BYBEE, Joan; HOPPER, Paul. *Frequency and emergence of linguistic structure*. Amsterdam, John Benjamins, 2001.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd. *Approaches to grammaticalization Vol 1: Focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Company, 1991.

VASCONCELOS, Yuri & SEGATTO, Cristiane. “O jovem tem a palavra”. *Revista Época*. Rio de Janeiro, ed. 56, p. 80, 14/06/1999.

VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo (orgs.). *Morfossintaxe e ensino de Português: reflexões e propostas*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras / UFRJ, 2004.

_____. *Ensino de Gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007.

WARREN, Beatrice & ERMAN, Britt. “The idiom principle and the open choice principle”. In: *Linguistics: an interdisciplinary journal of the language sciences*. Vol. 39-6 [376]. Berlin / New York: Mouton de Guyter, 2001.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. “Empirical Foundations for a theory of language change”. In: LEHMANN, W.P.; MALKIEL, Y. (eds.). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press. p. 97-195. 1968.

WILLIAMS, Edwin Bucher. *Do Latim ao Português*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1961.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)